

CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA

**INCURSÕES NA BIBLIOTECA DE
FRANCISCO INÁCIO PEIXOTO**

ALCIONE LIDIA ABREU OLIVIERI

**Juiz de Fora
2004**

CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA

Incursões na biblioteca de Francisco Inácio Peixoto

por

ALCIONE LIDIA ABREU OLIVIERI

**Dissertação de Mestrado apresentada à
Comissão de Coordenação do
Programa de Pós-Graduação do Centro
de Ensino Superior de Juiz de Fora.
Mestrado em Letras. Área de
concentração: Literatura Brasileira
Orientadora Acadêmica: Professora
Doutora Eliane Vasconcellos.**

**Juiz de Fora
2004**

EXAME DE DISSERTAÇÃO

OLIVIERI, Alcione Lidia Abreu. *Incursões na biblioteca de Francisco Inácio Peixoto*. Dissertação de Mestrado em Letras, área de concentração: Literatura Brasileira, apresentada ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2004.

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Eliane Vasconcellos

Orientadora Acadêmica

Professora Doutora Thereza da Conceição Aparecida Domingues

Professora Doutora Vânia Pinheiro Chaves

Examinada a Dissertação

Conceito: _____

Juiz de Fora, _____ de _____ de 2004.

UM NOME: O QUE DIZ

Francisco Inácio Peixoto?

*Este nome acende em redor um clarão verde,
do tempo em que o verde não era cor política,
cheia de caras fechadas e interjeições iracundas,
Era só verde - alegria, verde – vinte anos,
verde - festa, verde - algazarra, verde - pau no lombo dos passadistas,
verde - charanga altissonante em devoção de Oswald
e Tarsila e Mário e Guilherme e Ronald e Manuel
- nossos ídolos bem nossos!*

Francisco Inácio Peixoto...

*Nome que lembra índio, os novos audazes cataguás!
invadindo o sono de Meia-Pataca para a conquista de outra espécie de poder:
o poder estético.
Deram duro, brigaram com alta e bela ingenuidade.
Marcaram um minuto mineiro, tão descontraído, tão macunaíma,
que a gente não esquece mais o cauim dessa bebedeira.*

Francisco, eu disse, Francisco Inácio Peixoto!

*Agora o nome abre-se no vasto pátio de um colégio
por sua vez aberto ao vento do mundo, e no centro o painel sangrento
de Portinari grita liberdade aos quatro cantos da Terra.
Podem tirá-lo dali: que importa?
A chama continua, sob as cinzas,
no destino de chama.
E o nome expande-se em museu moderno de arte,
museu que poderia ter sido e que não foi.
Francisco Inácio, usina pessoal de sonhos que se tornam realidade
para voltar depois ao reino escuro de antes do sonho.
Ainda uma vez, que importa?
Na água – espelho dos seten'anos,
a face límpida do criador vence as mesquinhas contingências do tempo*

Carlos Drummond de Andrade, 1979

Pela madrugada, sonhou que se ocultava numa das naves da biblioteca de Clementinum. Um bibliotecário de óculos pretos perguntou-lhe: Que busca? Hladík respondeu-lhe: Busco a Deus. O bibliotecário disse-lhe: Deus está numa das letras de uma das páginas de um dos quatrocentos mil tomos de Clementinum. Meus pais e os pais de meus pais procuraram essa letra; eu me tornei cego buscando-a.
Jorge Luís Borges.

*Às minhas filhas, Bárbara e Brenda,
pela compreensão da ausência
nas longas horas dedicadas do estudo.*

*Ao meu marido, Humberto,
por sempre acreditar em meu possível sucesso.*

À minha Tia Maria, minha mãe de coração.

*Aos meus irmãos, irmãs, cunhadas,
cunhados, sobrinhos e sobrinhas
em nome da amizade que mantemos,
mesmo com a distância física.*

*A minha grande amiga Glaucia,
pelo incentivo de sempre, sempre, sempre.*

AGRADECIMENTOS

A Deus.

Aos meus colegas do Mestrado, pelo estímulo e convivência.

À minha orientadora, Professora Doutora Eliane Vasconcellos.

Aos meus queridos mestres: Therezinha Mucci Xavier, Francis Paulina Lopes da Silva, Luiz Felipe Ribeiro, Nícea Helena de Almeida Nogueira, José Carlos Azeredo, Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, Pedro Pires Bessa, Olívia Gomes Barradas, William Valentine Redmond, e especialmente a Thereza da Conceição Aparecida Domingues, pelo conhecimento e dedicação ao trabalho.

Ao grande escritor e professor, Joaquim Branco, pela eterna disponibilidade em ajudar e ensinar.

À Maria Cristina, filha de Francisco Inácio Peixoto, que nos abriu as portas da biblioteca de seu pai para a realização dessa pesquisa.

A Celina e Murilo, funcionários da residência de Francisco Inácio Peixoto, que sempre nos receberam com amizade e simpatia.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo catalogar as dedicatórias ao escritor Francisco Inácio Peixoto. Para tanto, apresentamos um breve estudo do que é uma dedicatória e porque se faz uma dedicatória. As mesmas são apresentadas no corpo do trabalho, com notas explicativas sobre quem a dedicou.

ABSTRACT

This dissertation has as subject to catalogue the dedications done o he writer Francisco Inácio Peixoto. For that, we present a short study of what a dedication is and why we do a dedication. The same are presented in the body of this writing, accompanied by explanatory notes about who have dedicated them.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
I FRANCISCO INÁCIO PEIXOTO	14
I.1 Francisco Inácio Peixoto, a revista Verde e os modernistas	18
I.2 A obra de Francisco Inácio Peixoto	23
II A BIBLIOTECA	31
III O QUE É DEDICATÓRIA?	35
IV AS DEDICATÓRIAS	38
IV 1 Dedicatórias de intelectuais	44
IV 1.1 Autor para Francisco Inácio Peixoto	44
IV 1.2 Intelectuais em livros de terceiros para Francisco Inácio Peixoto	132
IV 2 Índice onomástico	158
IV 3 Índice de obras	163
V CONSIDERAÇÕES FINAIS	176
VI BIBLIOGRAFIA	179
APÊNDICE - NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS DOS DEDICADORES	187
ANEXO – DEPOIMENTOS	226

INTRODUÇÃO

Os místicos pretendem que o êxtase lhes revele uma câmara circular com um grande livro circular de lombada contínua, que segue toda a volta das paredes; mas seu testemunho é suspeito; suas palavras, obscuras. Esse livro cíclico é Deus.
Jorge Luís Borges

O objetivo deste trabalho é o estudo das dedicatórias dos livros pertencentes à biblioteca do escritor Francisco Inácio Peixoto, um dos principais responsáveis pelo reconhecimento do nome Cataguases em todo o país e até no exterior. Para atingir o nosso intento, elaboramos fichas catalográficas, seguidas da transcrição, na íntegra, dos textos das dedicatórias. Em alguns casos, há informações/observações do autor da dedicatória, que foram devidamente registradas. Cabe aqui ressaltar que o propósito deste trabalho não é crítico, é como se viu acima, a catalogação das dedicatórias da biblioteca do escritor Francisco Inácio Peixoto.

A escolha deste objeto de pesquisa, se deu após a catalogação dos livros existentes na biblioteca do escritor para a elaboração de uma monografia para a disciplina Leitura Crítica de Arquivos Literários, cursada durante o Mestrado em Letras, área de concentração Literatura Brasileira, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, sob a orientação da Professora Doutora Eliane Vasconcellos. Este trabalho se enquadra na linha de pesquisa “Literatura Brasileira: tradição e ruptura”.

Foi imprescindível para a elaboração deste trabalho o apoio de uma das filhas do escritor, Maria Cristina Inácio Peixoto Parreiras Henriques, que nos facilitou o acesso ao material. Durante mais de dois anos, realizamos inúmeras visitas à biblioteca de Francisco Inácio Peixoto e o resultado das pesquisas aí desenvolvidas deu origem à presente dissertação intitulada “Incursões na Biblioteca de Francisco Inácio Peixoto”.

É importante frisar que a aproximação com o universo de Francisco Inácio Peixoto possibilitou-nos a divulgação de sua obra não só para os nossos colegas de mestrado, como também para os demais pesquisadores interessados nas relações de Francisco Inácio Peixoto com a cultura brasileira.

O desenvolvimento do trabalho obedece a um roteiro preliminar proposto pela Professora Doutora Eliane Vasconcellos. Entretanto modificações foram efetuadas no decorrer desse estudo, visando a um melhor aproveitamento do material. A pesquisa iniciou-se em março de 2002 e que terminou em setembro 2004, totalizando um período de 30 meses.

Gostaríamos de ressaltar que um trabalho deste se reveste de algumas dificuldades peculiares, tais como: a dificuldade de reconhecer a letra de alguns dedicadores, o estabelecimento de ligações com escritores e a vigilância no sentido de manter a fidelidade na transcrição das dedicatórias.

Inicialmente, elaboramos um catálogo organizado com a colaboração do professor Humberto Mendonça da Costa, com os 2398 livros da referida biblioteca. Em seguida, reexaminamos cada exemplar, com a finalidade precípua de identificar e transcrever todas as dedicatórias, que é o objetivo primeiro desta dissertação. Verificamos, entretanto, que o *corpus* original era muito extenso, daí limitamos a dissertação às dedicatórias de intelectuais

Nosso trabalho foi assim estruturado:

No capítulo I, há a contextualização de Francisco Inácio Peixoto, seu envolvimento com o Modernismo e suas obras. Uma leitura de Francisco Inácio Peixoto (de sua obra, sua vida e sua contribuição ao panorama cultural de Cataguases) nos permitirá conhecer melhor a sua trajetória literária, bem como compreender não só o conjunto de sua obra (recepcionada pela crítica como uma produção refinada e densa), como sua atuação.

No capítulo II, em virtude de estudarmos um material que se encontra na biblioteca do escritor, tecemos alguns comentários sobre a mesma.

No capítulo III, buscamos explicitar as bases teóricas de que nos valem para compreender o que é dedicatória, tendo por base os textos de Gérard Genett, Jean-Benoît Puech e Jacky Couratier.

No capítulo IV, catalogamos as dedicatórias, com a transcrição de todas e a digitalização de algumas.

Há também dois índices onomásticos: dos dedicadores e das obras dedicadas, que têm por objetivo facilitar a localização dos mesmos no *corpus* do trabalho.

Em apêndice, as notícias bibliográficas¹, onde sistematizamos, em ordem alfabética, os nomes dos dedicadores esclarecendo quem foram.

Em anexo, alguns depoimentos de amigos e escritores que conviveram com Francisco Inácio Peixoto com o intuito de concretizar alguns dados obtidos nas dedicatórias.

Para o estudo do material propriamente dito, sentimos necessidade de conhecer os dedicadores, e naquela oportunidade contactamos alguns escritores/amigos/familiares, que muito gentilmente nos concederam todas os informes os quais foram transcritos em notas junto às dedicatórias. Além dessa valiosa contribuição contamos também com a colaboração pessoal do escritor Joaquim Branco, que em várias oportunidades nos disponibilizou seus arquivos para pesquisa. Tais documentos serviram de fonte para o nosso trabalho, podendo, ainda, ser elemento de consulta posterior para outras pesquisas.

¹ Apesar de termos pesquisado em várias fontes, não encontramos dados de alguns dedicadores/escritores:

ALFREDO D'Elia, Miguel.
ALVES, Cândida A. da Cruz Costa.
COSTA, João Paulo Gonçalves da.
FIUZA, Ricardo Arnaldo Malheiros.
FONSECA, Luis Gonzaga de.
LOPES, Ribamar.
REZENDE, Cezarina de.
SANTOS, Antonio [Correia] dos Santos.
SEUPHOR, Michel.
SILVA, Maria Augusta Machado da.
VELLOSO, Manoel Joaquim Pimenta.

I FRANCISCO INÁCIO PEIXOTO

Vamos Chico,
leva-me nas asas do teu anjo;
tira-me dos livros,
aparta-me do pranto,
pois loucura maior é impassível esperar
estas horas longas,
estas longas horas,
que jamais,
jamais,
poderemos calar.

Ruy Guilherme Barata.

Em 1909, nascia numa fazenda, em Cataguases Francisco Inácio Peixoto, o último filho de Manuel Inácio Peixoto e Francisca Cândida Peixoto, mãe que não chegou a conhecer, pois faleceu horas depois de seu nascimento. Francisco Inácio Peixoto foi criado por uma afillhada de sua mãe, Deucleciana, conhecida como Vovó Dedé, por quem tinha grande estima.

Após concluir o primário e secundário no antigo Ginásio de Cataguases (hoje Escola Estadual Manuel Inácio Peixoto, conhecido como Colégio Cataguases), Chico Peixoto, como era chamado, foi para Belo Horizonte, onde iniciou a Faculdade de Direito, transferindo-se em 1928 para o Rio de Janeiro. Mesmo morando e estudando no Rio, fundou, com grandes amigos e também escritores, a revista *Verde*, da qual foi não só idealizador e escritor, como também patrocinador, isso antes dos 20 anos de idade.

Formado em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1930, chegou a montar escritório nas proximidades da Rua do Ouvidor. Francisco Inácio Peixoto exerceu por apenas 4 anos a profissão de advogado, retornando a Cataguases em 1936, já casado com Amélia Drummond de Carvalho e com o primeiro filho, a quem dera seu nome. Retornou a Cataguases a convite de seu irmão mais velho, José Inácio Peixoto, para tornar-se banqueiro. Só 3 anos mais tarde assumiu a diretoria das Indústrias Irmãos Peixoto, empresa da família.

Mesmo tendo se tornado um grande industrial na década de 40, Francisco Inácio Peixoto ainda se dedicava à vida literária. Como poeta e contista, escreveu uma obra pouco extensa, mas de muito valor. Como grande conhecedor da língua portuguesa, era exigente com o que escrevia; buscava sempre uma forma de melhorar o que já estava ótimo. Lia quase tudo que aparecia e, apesar da timidez, cultivava a amizade com escritores e artistas de renome.

Seus primeiros textos foram publicados na revista *Verde*, entre 1927 e 1929. Sem interromper esse trabalho, publicou em parceria com Guilhermino César o livro *Meia pataca* (1928). Já maduro, formado, casado e industrial, publica o livro de contos *Dona Flor* (1940). Fica 20 anos sem publicar, quando ao retornar de uma viagem à antiga Tcheco-Eslováquia, publica *Passaporte proibido* (1960), livro de viagem; seis anos mais tarde traduz o romance *Oblomov* (1966), de I. A. Gontacharov. No ano seguinte publica *A janela* (1967), um livro de contos. Em 1982, sai seu único livro de poesias *Erótica*, e *Chamada geral*, compilação de contos de *Dona Flor* e *A janela*, e alguns inéditos.

Escritor de poucos e bons livros; lia muito e escrevia pouco. E, do pouco que escrevia, publicava menos ainda. Prosador exigente; seus textos mostram o apuro com que trabalhava a língua, em busca da sobriedade de expressão. Mesmo nos temas que lhes eram mais familiares, nunca se derramava; cultivava uma elegância discreta e usava frases curtas e expressivas.

Tem contos traduzidos para o espanhol e figuram, outros, em várias antologias, inclusive em Portugal e na Argentina. A parte editada, apesar de ser apenas a menor parcela de sua obra, é o suficiente para dar-lhe o título que ninguém lhe nega: o de agente modificador e civilizador de uma cidade que ganhou uma notoriedade nacional com suas iniciativas culturais.

Na década de 40, com o apoio fundamental de seu amigo, o escritor carioca Marques Rebelo, começa a renovar a cidade, com o mesmo entusiasmo do tempo da *Verde*, quando junto com outros jovens revelou Cataguases ao mundo intelectual. Francisco Inácio Peixoto se empenhou em

modernizar a cidade, conseguindo despertar o interesse de escritores, arquitetos e artistas plásticos.

Em 1942, Francisco Inácio Peixoto adquiriu o antigo ginásio fundado por seu pai (Manuel Inácio Peixoto) e começou a construir o Colégio Cataguases, com projeto de Oscar Niemeyer. O novo colégio, que iria desfrutar de grande fama durante muito tempo, tinha no salão de entrada o imenso mural *Tiradentes*, de Cândido Portinari.

Acreditava na educação e, por isso, construiu o Colégio de Cataguases, onde a experiência seria aprender fazendo. A idéia de uma escola e ensino modernos crescia com a arte de Portinari. Por ali passaram Chico Buarque, Dori Caymmi e Pedro de Moraes. O colégio tanto se expandiu que acabou sacrificando a qualidade pela quantidade, até se transformar no Colégio Estadual aberto a todos, conforme as circunstâncias do tempo.

A partir da construção do Colégio, a cidade passa a conviver cotidianamente com a modernidade e a população de maior poder aquisitivo interessa-se em adquirir acervos modernos, iniciando coleções que contribuiriam para o enriquecimento cultural da cidade.

A influência de Oscar Niemeyer na arquitetura foi tão marcante que ainda hoje muitos acham que várias obras da cidade são de sua autoria por serem da mesma época, mas por aqui também estiveram outros grandes arquitetos, que deixaram suas marcas em obras que também embelezam a cidade. Graças a Francisco Inácio Peixoto, Cataguases foi aos poucos formando um grande acervo arquitetônico e artístico: jardins do paisagista Burle Max, esculturas de Jan Zach, painéis e quadros de Portinari e de outros pintores da primeira linha, móveis desenhados por Joaquim Tenreiro começaram a enfeitar as casas dos parentes, amigos ou simples conhecidos.

De Anísio Medeiros e Djanira são os azulejos que se vêem em pontos centrais da cidade. Gente como Tarsila do Amaral, Picasso, Utillo, Di Cavalcanti, Bruno di Giorgi, Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Aldary Toledo e tantos outros, foram a Cataguases graças à amizade que mantinham com Francisco Inácio Peixoto, deixando suas

marcas em obras espalhadas pela cidade ou em dedicatórias registradas em livros presenteados ao amigo.

E, enquanto Cataguases crescia, Francisco Inácio Peixoto continuava divulgando a obra alheia e escondendo a sua. Homem universal e de cultura esmerada levou longe sua sede de conhecimentos: possuía idéias avançadas para seu tempo e foi com essas idéias que deixou marcas profundas na sociedade cataguasense e, em especial, no coração daqueles que diretamente conviveram com ele em sua casa onde passaram, em visita, as mais distintas personalidades da vida artística e literária do país. Tudo isso numa cidade do interior, distante uns duzentos e cinqüenta quilômetros de poeira do Rio de Janeiro.

Sem deixar de lado a fábrica que dirigia com seus irmãos, esboçou uma nova cidade. Com o novo Colégio, onde foi professor e diretor, trouxe uma nova concepção pedagógica, mostrando que para educar não bastava apenas uma sala-de-aula. Fez cinema, praças, esculturas, deixando a arte brotar dentro de cada homem.

Francisco Inácio Peixoto foi escritor, mentor intelectual, educador, além de técnico em tecelagem e administrador de indústria. Sabia mover-se entre máquinas e cifras, apto a tirar do cotidiano fechado aos outros a poesia que o escritor vigilante capta, transformando-a em temas para sua literatura.

Assim é que Francisco Inácio Peixoto – o intelectual que participara de um movimento literário, o colecionador que se cercava dos principais artistas brasileiros e estrangeiros – da mesma forma procurava os novos talentos (da época) da arquitetura nacional, convidando Oscar Niemeyer para também projetar sua residência em Cataguases. Como o terreno apresentava peculiares condições quanto ao solo e o aproveitamento da vista, a planta se abre para a parte posterior através de uma ampla varanda que emoldura a paisagem dos fundos, valorizada por jardins de Burle-Marx. Este detalhe aparentemente sem importância é, porém, fundamental pois caracteriza o rompimento com o esquema tradicional de implantação de residências, até então sempre voltadas para a rua, onde suas fachadas se decoram com mais capricho.

Sua vida discreta, numa cidade do interior, não permitiu a Francisco Inácio Peixoto disputar, como é comum nas cidades grandes, o seu lugar ao sol no plano da vida literária. Desse poeta de sensibilidade e força, desse escritor afinado com o meio em que viveu e atento aos dramas dos seres humanos, disse Marques Rebelo que “quando no Brasil se escrever o estudo do progressismo brasileiro, muito há de se falar nesse personagem pioneiro.” (apud FICÇÃO, 1976, p. 30)

Em janeiro de 1986 partiu, deixando um legado riquíssimo para o lugar onde viveu com a humildade dos sonhadores e sem sobressaltos da vaidade.

I.1 Francisco Inácio Peixoto, a revista Verde e os modernistas

...Já não direi o mesmo do sr. Francisco Inácio Peixoto que de uma cidade do interior de Minas Gerais envia um livro, no seu gênero, como uma das publicações mais importantes deste anos.

Álvaro Lins

Francisco Inácio Peixoto era um jovem de 18 anos, quando, junto com Rosário Fusco, Guilhermino César, Ascânio Lopes, Enrique de Resende, Camilo Soares, Christophoro Fonte-Boa, Martins Mendes e Oswaldo Abritta editou o primeiro número da revista *Verde*, de Cataguases. Foram apenas seis números, publicados entre 1927 e 1929. Os nove amigos começaram o movimento modernista na cidade, dando-lhe uma projeção nova no mapa de Minas e do Brasil. Continuariam a atuação cultural e literária dos componentes da Semana de 22, já mais dispersos no final da década em que teve início seu significativo movimento.

Segundo Francisco Inácio Peixoto, a revista *Verde* não foi, a bem dizer, uma experiência; antes, o resultado da inexperiência de jovens fogosos dados ao “vício impune” e que pretendiam haver compreendido e assimilado as proposições dos que fizeram a Semana de Arte Moderna, vindas até eles quando eram ainda, quase todos, ginásianos que discursavam

inconseqüentemente no Grêmio Literário Machado de Assis. (Cf. TOTEM 12).

Sobre a revista, Francisco Inácio Peixoto declarou em entrevista a Joaquim Branco:

Claro que, à época do lançamento da revista, estávamos convictos da importância de nossa aventura, pois tínhamos a aboná-la a receptividade, às vezes exaltada - dos pioneiros do movimento renovador, expressas nas inúmeras cartas que recebíamos e nas colaborações que nos chegavam de todas as partes. Anos mais tarde, porém, já me encontrava em situação na convicção do pouco mérito do nosso feito. E foi por isso, mais constrangimento que envaidecido, ouvi de Oswald de Andrade esta confiança:

“Vocês não podem calcular o bem que fizeram, nem o que representou para nós a adesão de vocês.” Prosseguem, entretanto, as tentativas de exumar a *Verde* e não é outra coisa o que você agora pretende. É verdade que dela sobraram, principalmente, Enrique de Resende, Guilhermino César e Rosário Fusco. Ascânio Lopes também, embora tenha morrido prematuramente e, para desgraça maior, desaparecesse a maior parte do seu legado poético. (BRANCO, 1979, p. 1).

Os integrantes da *Verde* liam de tudo um pouco, principalmente os “novos” da Semana de Arte Moderna e respectivos seguidores espalhados pelo Brasil. Descobriram Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Ronald de Carvalho, Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, o gaúcho Augusto Meyer, a paraense Eneida, o mineiro-baiano Carlos Chiacchio, o ponta-grossense Brasil Pinheiro Machado. Em Buenos Aires, a revista *Proa*, de Jorge Luís Borges; em Santa Cruz de la Sierra, a revista *La Sierra*; e assim sucessivamente, em Havana, México e Montevideú. E então nasceu *Verde*, a revista de 27, surgida em Cataguases, depois de muito devaneio nos cafés e à sombra das árvores – na mesma quadra em que apareceu Humberto Mauro, o grande pioneiro do cinema brasileiro.

Junto com o terceiro número da revista saiu também um volante verde com o *Manifesto do Grupo Verde* (Novembro de 1927), sobre o qual Rosário Fusco declarou: “Botado pelo Ascânio, com besteiras do Enrique e palpites meus”. (Cf. BRANCO, 2002, p.63).

Mário de Andrade, incentivador e muito amigo, comentou:

Quanto ao Manifesto de fato está besta a valer. Só valeu aquele pedacinho apaixonado em que vocês juram trabalhar pela *Verde*. Achei aquilo de uma lindeza extraordinária. Gozei comigo o diabo. (Carta a Rosário Fusco 23-XII-1927) inédita. (FERREIRA apud BRANCO, 2003, p. 63)

Como era usual, na época das vanguardas, cada movimento ou grupamento de poetas lançava o seu manifesto, que continha a linha mestra de suas idéias e propostas. Os jovens, vocacionados para as letras, escreveram um manifesto modernista. Encontraram apoio e foram aplaudidos por Carlos Drummond de Andrade, João Alphonsus, Emílio Moura e por Pedro Nava. Os paulistas, com Mário e com Oswald de Andrade, não faltaram com seu estímulo.

As diferenças entre os grupos de São Paulo e Cataguases são bem definidas no próprio *Manifesto do Grupo Verde* que rejeita “pais espirituais”, proclama independência e desligamento de críticos e modismos, desprezando aqueles que não conseguem compreender seu idealismo. Mas não ignora a colaboração válida dos que sabem discernir os novos caminhos da literatura e da poesia nacional e, na *Verde*, juntam-se os talentos de Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Emílio Moura, Yan de Almeida Prado, José Américo de Almeida, Murilo Mendes, Ascenso Ferreira, João Alphonsus, Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault e Pedro Nava, entre outros. Ilustradores do porte de Rosário Fusco e Norah Borges (irmã de Jorge Luís Borges) completam esta primeira fase de intensa produção literária que iria ser saudada por Blaise Cendrars, o francês atento e amigo que nunca deixava de reconhecer o valor e a autenticidade das verdadeiras expressões da cultura nacional, mesmo as que surgem longe das grandes capitais.

Mário de Andrade pôs-se a escrever carta após carta, incentivando o primeiro grupo modernista do interior brasileiro. A geração da Rua da Bahia, tendo à frente o poeta Carlos Drummond de Andrade, espantava-se de ver, nos domínios da Mata e da Mantiqueira, uma vertente tão revolucionária do modernismo nascente.

Mário de Andrade ajudava na divulgação da revista *Verde*; comprava ele próprio a revista e conseguia assinaturas. Também ajudaram na divulgação da

revista Antônio de Alcântara Machado e, no Rio de Janeiro, Prudente de Moraes Neto auxiliava na venda.

Se, porém, é efêmera a publicação da *Verde*, nem assim diminuiu o entusiasmo dos seus criadores, cujo trabalho intelectual se ampliava naturalmente através de atividades paralelas, como a dos filmes de Humberto Mauro e do interesse pelas artes plásticas, evidenciado nas coleções que enriquecem as residências de Cataguases, incluindo obras de Portinari, Bruno de Giorgi, Burle-Marx, Cícero Dias, Di Cavalcanti, Segall, Pançetti, Djanira e Heitor dos Prazeres, sem falar em De Chirico, Lurçat, Picasso, Utrillo, Miró e até mesmo Toulouse-Lautrec. Cataguases se enriquecia artística e silenciosamente, à boa moda mineira.

A *Verde* foi uma revista ágil, bem impressa, variada, com preciosa colaboração brasileira. Era também informativa, com numerosa e curiosa propaganda do comércio e indústria da cidade, além de dar publicidade a livros. Publicava poemas, crítica literária e lançamentos de livros. Apresentou-se tão organizada quanto a sua conterrânea mais velha *A Revista* (1925), de Carlos Drummond de Andrade e seus companheiros. A revista *Verde* teve repercussão, andou pelo Brasil de Sul a Norte, recebeu elogios e críticas, deu o seu recado, cumpriu uma tarefa, projetou Cataguases no Brasil e no mundo. “*Verde* tem as suas páginas abertas a todos os novos do Brasil e do mundo” (VERDE, 1928, p. 24).

Francisco Inácio Peixoto abriu as janelas para Cataguases receber as idéias renovadoras dos modernistas de São Paulo, encampando a vertente daquele movimento. Aliando-se a Rosário Fusco, Guilhermino César, Ascânio Lopes, Enrique de Resende, Antônio Martins Mendes, Cristóphoro Fonte-Boa, Camilo Soares, Oswaldo Abritta (signatários do *Manifesto Verde* e alcunhados “os ases de Cataguases”) e outros colaboradores, lançou as bases de uma experiência sem similar nas letras interioranas, cuja importância e ousadia mereceu a adesão de outros nomes da literatura, de tal sorte que Ribeiro Couto, em candente admiração, assim se pronunciou: “Todo o Brasil está surpreso: existe Cataguases!”. (COUTO, 1928, p.10)

E Cataguases projetou-se a partir de seu *insight* e dos lampejos do

pessoal da *Verde*, despertando não só a curiosidade, mas o interesse e a colaboração de escritores de outras regiões. Foi um tempo de grande encantamento cultural, com o que a cidade evoluiu em vários planos. A ligação de Francisco Inácio Peixoto com Marques Rebelo, a quem a cidade também muito deve, e com mestres da pintura, tapeçaria, escultura, mobiliário, arquitetura e paisagismo, bem como filósofos, pintores e poetas, contribuiu para o enriquecimento do patrimônio artístico da cidade, pois recebemos representantes de todas as artes. Portinari, Niemeyer, Di Cavalcanti, Aldary Toledo, Emenc Mercier, Bruno Giorgi, Jan Zach, Djanira, Anísio Medeiros entre outros, impulsionados pela inquietação criadora do escritor e industrial, deixaram na cidade obras, particularizando o município no cenário nacional, com uma verdadeira revolução arquitetônica, que veio abolir o rebuscamento escolástico, com uma proposta baseada numa visão que combinava leveza, humanismo, funcionalidade e prazer, próprios do despojamento dos criadores daquela época.

Em 1945, Francisco Inácio Peixoto, no Primeiro Congresso de Escritores, em São Paulo, esteve com Oswald de Andrade e assim dirigiu-se a ele:

“Oswald, eu não compreendo o interesse” – aliás eu já escrevi até a respeito disso – “que vocês acharam na *Verde*. Ele me respondeu: “Vocês nem calculam o quanto representou para nós a *Verde*, de entusiasmo, de vontade de criar. Eu fiquei espantado. Isso foi-me dito pelo Oswald. (ROMANELLI, 1981, p. 197).

Com a morte de um dos componentes, Ascânio Lopes, o grupo foi se dispersando e acabou a revista, cujo programa era “abrasileirar o Brasil e escrever com liberdade”. Desde então, todos os livros de literatura falam da *Verde*.

Em 1979, foi lançado em Belo Horizonte, juntamente com o filme *Os verdes anos*, uma edição fac-similada da revista. Francisco Inácio Peixoto não foi ao lançamento que por uma feliz coincidência, foi na sala *Humberto Mauro*, do Palácio das Artes, em 13 de julho.

Hoje, a procura da raridade bibliográfica se tornou indispensável para compreender o Modernismo Literário no Brasil, que foi importante momento de glória do interior mineiro, cujas letras, em regra, florescem e morrem.

I.2 A obra de Francisco Inácio Peixoto

Um pouco da terra onde nasci e um pouco
do céu onde me perdi.
Francisco Inácio Peixoto

Ao começar a vida literária, Francisco Inácio Peixoto publicou poesias de grande simplicidade e doçura, voltados para uma perspectiva “penumbriista”. Já os contos, seguindo a melhor linha da prosa brasileira contemporânea, exploram sobretudo o bicho-homem na sua privacidade, o ambiente da juventude, os desconchavos afetivos, a mesmice da vida diária, os ridículos insanáveis, as criaturas emparedadas na solidão.

Depois de algumas publicações sem maior compromisso na revista *Verde*, Francisco Inácio Peixoto editou seu primeiro livro de poesias em parceria com seu grande amigo Guilhermino César: *Meia pataca* (1928) poemas localistas, de versos livres e inovadores, assim como quem não faz nada de mais. O título já é por si mesmo, uma afirmação “municipalista”: é o nome do rio que corta a cidade de Cataguases.

Depois da poesia, vieram os contos, a porção mais expressiva de seu legado, primeiro no livro *Dona Flor* (1940), contados em linguagem límpida. Com capa e ilustrações de Santa Rosa e dedicatória para Amelinha (sua mulher). Nestes contos o autor narra o que conheceu na vida interessante e variada das pensões cariocas, de vários tipos. Isso, porque viveu nelas quando estudava no Rio e conviveu com o seu grande amigo Marques Rebelo.

Em “Dona Flor”, primeiro conto do livro, e em “Pensão Paraíso”, Francisco Inácio Peixoto focaliza ambientes, pessoas e coisas. Os tipos vivem (convivem) conosco, num Juvêncio tímido, numa Jandira tentadora e

audaciosa, na sua tia D. Flor em permanente e aborrecida vigilância sobre a moça.

Terminada a leitura, podemos observar, curiosamente, o pequeno e variado mundo da “Pensão Paraíso”, ouvimos a fala grossa do Sebastião, a voz esganiçada de D. Filó, sentimos um cheiro forte e penetrante de água-de-colônia e vemos a tragédia de Dondona, de borco em cima da cama, a boca enterrada no travesseiro.

“João Tertuliano” retrata uma pedreira onde ele trabalha, dinamitando a rocha e, no final irônico, retrata também o “Centro Espírita Amor de Jesus”. A pedreira deve ser aquela de *Meia pataca*:

Dependurados no espaço
eles ficam ali o dia inteiro
arrancando faíscas
furando buracos na pedreira enorme
que reflete como um espelho
as suas sombras primitivas.

À tarde ouve-se um estrondo
e o eco repete a gargalhada das pedras
que vieram rolando da montanha.
Os homens de pele tostada
descem então dos seus esconderijos
e caminham pras suas casas
vagarosamente
decepcionados
segurando nas mãos cheias de calos
as ferramentas com que procuram
há uma porção de anos
o segredo que lhes dê
uma nova revelação da vida. (PEIXOTO apud BRANCO, 2003, p. 115)

A sessão espírita, para esconjurar o espírito mau de Terto (Tertuliano) é tão real que parece uma crônica, ao vivo.

João Tertuliano, cavouqueiro que trabalhava nas pedreiras, cabeça descoberta ao sol, enlouquece de repente. Certo dia, as zoeiras agravaram-se e Terto passa a gritar, a dar berros e murros, a uivar, ameaçando a esposa, mandando os filhos para o demônio. Não pode haver dúvida alguma de que Terto sofre de uma perturbação mental.

Do quarto fechado, se ouvia a voz rouca de Terto entoando um hino

qualquer, com uma letra doida: “Urinol e urinol e piniicôoo!”

No fim do estribilho, soltava uma gargalhada, parecendo, ele mesmo, gozar a bola. Seu Gama deu uns passos para o quarto e chamou, com a fala mansa e grave:

- Terto! Terto!

Terto respondeu com um nome feio e fincou os pés na porta. Seu Gama recuou amedrontado, insistindo com mais carinho na voz:

- Sou eu, Terto, vim te visitar.

- Abre aqui que eu te mostro visita! Abre, cachorro! respondeu Terto em desatino. (PEIXOTO, 1982, p. 46)

Não levam, porém, o infortunado cavouqueiro, para um manicômio, ele acaba na cadeia:

No dia seguinte, de manhã cedo, Terto foi levado para a cadeia. Quando abriram a porta do quarto, encontraram-no nuzinho em pêlo, dormindo no chão. Acordou, relanceando pelo cômodo os olhos esgazeados de fera acuada e nem teve tempo de reagir. Os soldados grudaram nele. (ibidem)

E, quando um amigo vai visitá-lo no presídio, encontra-o com um riso idiota à flor dos lábios e com o corpo “cheio de manchas roxas” (ibidem). A loucura se apossa por completo do cavouqueiro e a autoridade não tem outro remédio senão transferi-lo para um hospício.

“A fuga” é o melhor conto do livro, segundo Herberto Sales, que o escolheu para o seu *Contos da eterna infância* (1948). A figura de D. Ifigênia, cada vez mais cruel, o menino Artur e suas primeiras audácias sexuais com a empregadinha Guiomar, o ambiente externo, o porão e, sobretudo, o mundo interior do menino que alcança uma alta tensão que resulta na sua fuga, por não agüentar mais a tirania da mãe.

A linguagem despojada acompanha a narrativa do princípio ao fim, sem fazer nenhuma concessão ao sentimentalismo. É um conto triste, ninguém gosta de Dona Ifigênia, uma mãe ruim, mas é um conto bem tramado, bem executado.

Nos “Fragmentos de um caderno de memórias” está um retrato severo da mediocridade, da acomodação que a vidinha de Santa Rita, uma cidade qualquer do nosso interior, impõe irresistivelmente ao Dr. Amarílio. Tudo se amesquinha e se fecha dentro daqueles horizontes extremamente apertados.

Tudo fica pequeno, principalmente a gente. “Minha vida foi desperdiçada e estéril. Não poderei remediá-la e nem vivê-la de novo, de outra forma. É esta uma constatação acabrunhadora.” (ibidem, p. 92) E a solução? Dr. Amarílio aguarda um emprego na Estrada de Ferro.

Em *Passaporte proibido* (1960) título bem achado do seu livro de viagens, surge a mesma prosa insinuantemente convidativa, como se fosse uma reportagem de verdade. Observação e graça, qualidades que se harmonizam, em um livro de memórias. Viajando, vendo e sentindo um pedaço do mundo socialista, o autor nos dá um retrato sincero. Não é o industrial que vê o mundo, mas um homem sensível que vê os outros homens.

Os olhos do autor de *Passaporte proibido* vêem tudo com uma longa e larga simpatia. Não é adesão a governo ou regime, é uma imensa compreensão das coisas, dos bichos e dos homens. O livro não é estatístico, nem tem o jeito de relatório minucioso e monótono. É uma visão humana, um testemunho através de flagrantes de uma viagem à Tcheco-Eslováquia e à União Soviética.

Embora o escritor, na vida e na obra preferisse o isolamento e a austeridade, tinha um coração sentimental e do seu estado de graça poético, no livro *Passaporte proibido*, nasceu uma flor. A flor é Gala, a bailarina. E Gala e a Flor estão juntas na “Cançãozinha para Gala Edelman”.

Gala dança
dança e sorri
na noite branca
de Leningrado.

Que fazes, Gala,
de teu corpo infante
na noite branca
de Leningrado?

Tu o atiras
pela rosa-dos-ventos:
um pouco ao norte
(Norte, Estrela!)
um pouco ao sul.
O resto roubo-os,
que pertencem a mim.

(Tão pura és, tão linda, tão clara
que não distribuis desejos
mas esperanças).
Fico com as mãos
que estas, sim,
espalham messes.

Fico com os olhos
que tingem de azul
(de branco, de branco!)
tudo o que é áspero.

Fico com a graça
de Gala em flor
a quem elejo
do norte, pomba
Estrela da Paz. (PEIXOTO, 1960, p. 120)

Em 1967, quando a revista *Verde* fazia quarenta anos, Francisco Inácio Peixoto publicava *A janela*, segundo livro de contos. A capa trás uma janela antiga por onde olhamos a vida. Uma janela salvadora, muitas vezes, para escaparmos de alguma cilada. É o caso do advogado do primeiro conto, o que dá nome ao livro, diante de uma mulher certamente psicopata. Nesse advogado, o autor deve ter colocado um pouco da experiência que teve no campo jurídico. O conto cria uma atmosfera de suspense no leitor.

Ao visitar uma estranha cliente, num Rio de Janeiro tomado por bondes e trotes ingênuos, possivelmente antes dos meados do século, o jovem Dr. Sófocles com “curso de Direito, feito, cômoda e desonestamente, num velho casarão da Rua do Catete” (PEIXOTO, 1982, p. 95) percebe que “estava preso num cubo de luz” (ibidem, p. 100) e passa por estranha aventura numa casa “enodada de manchas escuras” (ibidem, p. 97) na velha e, na época ainda aristocrática, Rua Paissandu. A linguagem de “A janela” é um perfeito amontoado de jargões jurídicos e palavras pomposas que habitam o estreito mundo dos jovens recém-formados em Direito.

O protagonista do conto, Dr. Sófocles, não era de economizar repertório, por isso mesmo encontramos no conto palavras como: *peremptória*, *regougava*, *deliqüescência*, *engrolar* e frases como “solapar as forças primárias da conservação da espécie” (ibidem, p. 100).

Francisco Inácio Peixoto nunca foi tão “carioca” como em “Embaixada da concórdia”, entremeado de gírias de época, onde ele, como o seu personagem Bidunga, “deixar correr o marfim” (ibidem, p. 108), num delicioso jargão que oscila entre o morro e a malandragem da sinuca. Por outro lado, usa uma linguagem apurada, como: “caindo na noite suburbana que a viração noturna refrescava”, (ibidem, p. 106) e “massa ondulante e policroma do povo se esbaldando acima de todos os preconceitos” (ibidem, p. 111), mas que procura se manter “macha”, como percebemos em: “Tira a mão do meu ombro, duvidoso!” (ibidem, p. 105). Perdido no meio do bloco que “seguia, movendo-se como uma cauda, homogêneo e inconsútil no meio da multidão de curiosos” (ibidem, p. 110), Bidunga atravessa o centro de um Rio antigo, de “bondes apinhados, ônibus incandescentes” (ibidem, p. 109), ainda tomado pelo humor ingênuo dos velhos camelôs anunciando relógios para crianças “a criança anda e o relógio anda” (ibidem, p. 109)

“A dentadura” é uma anedota muito bem contada. Com ironia mordaz, ele passeia à vontade sobre o universo filosófico-bucal do Dr. Clemente-Pé-Frio, um “dentista dos diabos”, um tipo irresistível: “Não acha que devemos colocar sempre a evidência sobre a personalidade exterior?” (ibidem, p. 116). O Dr. Clemente, tal como o Dr. Sófocles do conto “A janela”, também gosta de termos extravagantes da linguagem. Um tipo “serôdio”, segundo seus próprios termos, completamente antiquado, “escarafunchando cáries” em meio a “gorgolejos”, servindo de cobaia para sua “dentadura superanatômica” (ibidem, p. 119). Um achado, uma figura o Dr. Clemente-Pé-Frio, capaz de afirmar com toda a convicção: “Nós caminhamos para a conquista da dentadura integral”. (ibidem, p. 119).

O Dr. Clemente pode ser encontrado na vida real, na rua ou no seu consultório, apesar do leve e venenoso traço caricatural. A intriga do conto é muito simples (um dentista prático que faz propaganda da dentadura dupla e quase morre engasgado com a sua...); a linguagem rápida e expressiva, com ligeiro pedantismo, na boca do dentista; o anedótico, bem aproveitado, a presença do homem diante de nós, fazendo propaganda do seu trabalho.

“Diálogo de amor com Gicelda” é um pequeno cântico dos cânticos, uma história de amor. Gicelda já não é mais o nosso encontro, mas o encontro de outros, de estranhos. No fundo é um desencontro. A história tem um quê de Duília (*Viagens aos seios de Duília*, Aníbal Machado) de impossível retomada do amor ingênuo da infância que se transforma na decepção/recalque do adulto. A menina “Gicelda que se evolara, para aparecer-lhe incômoda e velha” (ibidem, p. 124), uma Gicelda deslocada no tempo. Neste conto o autor mostra sua habilidade no tratamento dos diálogos com uma sólida estrutura interna de toda a narrativa.

Em “Chiquitá”, sentimos um pouco da própria infância povoada, à noite, de sonhos de fada ou de pesadelos, nascidos de obrigações que os adultos sempre impõem. Chiquitá recria um mundo maravilhoso de magia, transformando com uma varinha mágica, as sensações e a realidade. A história de Chiquitá gira entre o catecismo e o exorcismo, com direito a um rápido e nebuloso ato de levitação. Fantasia? Alucinações do universo infantil? Qual a cota do sonho, qual a da realidade?

Aquela esfera, então, se desprende de suas mãos e a outra, a de dentro, a da garganta, num impulso, arrebentou-se, em estilhaços, nos ouvidos. Sem poder dominar as mãos que a asfixiavam, explodiu num grito terrível, que morreu sem ressonância na escuridão do quarto. (ibidem, p. 131).

Morrer era uma imensa incógnita no mundo de Chiquitá. “O sol poente acendia nuvens vermelhas e os sinos batiam e era a morte anunciando. Morrer. Como é que era morrer? Por que é que a gente morria? Chiquitá nem ninguém sabia”. (ibidem, p. 130).

“Chiquitá” é uma volta à infância assim como “Bapo”, palavra polivalente, inventada por uma criança balbuciante, para nomear todas as coisas: a água, o rio, a chuva, o fiozinho de água do tanque e o peixinho de cauda em véu ondulante que, numa manhã fria de julho, “foi descendo lentamente, como um esquifezinho, até mergulhar no lodo a pequenina cabeça vermelha. Quando o tiraram dali, estava morto”. (ibidem, p. 135).

Seu último livro de contos, *Chamada geral*, é a reunião de contos de *Dona Flor e A janela*, incluindo uma série de inéditos.

Seu último livro de poesias foi *Erótica* (1982), obra condensada, uma manifestação do gênero em nossa língua.

Importa ainda mencionar que Francisco Inácio Peixoto também nos deu uma tradução do famoso romance *Oblomov*, de I. A. Gontcharov, o precursor, em meados do século XVIII, da ficção russa. É o romance da imobilidade russa, do estático mundo rural eslavo. A inércia desse mundo se reflete e exprime na passividade de *Oblomov*, o personagem central da narrativa, encarnação da pasmaceira e da preguiça.

Os textos que Francisco Inácio Peixoto escreveu depois de sua última publicação, quando não rasgava, guardava só para si, por ser muito perfeccionista. Há alguns poemas e, quem sabe não deixou, um romance, em condições de sair da gaveta. Sempre preferiu animar os outros a escrever, Como orientador dos novos, dava um conselho para uns, fazia uma observação para outros; discretamente corrigia alguma coisa, em tudo colaborava para a formação de novos escritores em Cataguases.

Sua obra, que já mereceu estudos e alta referência crítica, está consolidada numa unidade narrativa que prima pelo refinamento e densidade. *Meia pataca, Dona Flor, A janela, Passaporte proibido, Chamada geral, Erótica*, além de ensaios, tradução e crítica literária, registram a passagem do intelectual consciente do seu papel social, pois sempre esteve sintonizado com o espírito revolucionário de uma época de transformações velozes e, por isso mesmo, voltado para as angústias de seu tempo, fazendo da literatura um instrumento de interpretação das coisas e de sua relação crítica com a realidade.

II A BIBLIOTECA

Talvez a velhice e o medo enganem-se, mas suspeito que a espécie humana – a única – está por extinguir-se e que a Biblioteca permanecerá: iluminada, solitária, infinita, perfeitamente imóvel, armada de volumes preciosos, inútil, incorruptível, secreta.
Jorge Luís Borges

Durante o curso de letras na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cataguases (FAFIC), hoje Faculdades Integradas de Cataguases (FIC), ao estudar a literatura de Cataguases, o então professor de Literatura Brasileira, Joaquim Branco, prometeu à classe uma visita à antiga residência de Francisco Inácio Peixoto, o que efetivamente acabou não se realizando. Ficou, porém, a vontade de conhecer a biblioteca do escritor. Só mais recentemente, durante o Curso de Mestrado, surgiu a oportunidade de conhecê-la.

Como pesquisadores, pudemos agendar a primeira visita através de um telefonema para a filha de Francisco Inácio Peixoto, Maria Cristina Inácio Peixoto Parreiras Henriques. Esse contato inicial ocorreu em 2002, quando iniciamos a catalogação dos livros existentes na biblioteca.

A escolha de tal material para o trabalho de mestrado se deu ao tomarmos consciência da riqueza do acervo de Francisco Inácio Peixoto. A biblioteca particular de um escritor é de suma importância por nos fornecer informações que contribuem para traçar o seu perfil intelectual, bem como, nos permite descobrir as leituras feitas e as diversas influências recebidas de escritores e poetas da literatura nacional e estrangeira.

Quem tiver o privilégio de conhecer a biblioteca de Francisco Inácio Peixoto, em Cataguases, localizada na Rua Major Vieira, 154, Centro, ficará embevecido com o repositório cultural vastíssimo que iluminou a vida literária de um dos mais importantes nomes da *Verde*. Os livros e objetos de sua biblioteca, sob a guarda de suas filhas Maria Cristina Inácio Peixoto Parreira

Henriques e Maria Inês Peixoto Domingues de Azevedo, por certo não constituem a totalidade de livros acumulados pelo escritor ao longo da sua vida, pois, infelizmente, alguns livros são levados por empréstimo e não retornam.

Conhecer os livros que fizeram parte da vida de um escritor ou poeta é conhecer, também, um pouco a sua própria obra. Conhecer a biblioteca de Francisco Inácio Peixoto é poder estar presente no mundo da arte. Apesar dos diferentes meios de expressão de cada objeto, eles têm em comum o ambiente, por isso, podem conversar entre si. O moderno incorporou-se ao antigo, misturando arquitetura, quadros, esculturas, móveis, retratando a personalidade de vanguarda da arte cataguasense.

Ler os livros da biblioteca de Francisco Inácio Peixoto é saber um pouco sobre filosofia, sociologia, história, folclore, cinema, teatro, arte moderna, além da literatura nacional e estrangeira. As condições dos livros variam muito. Alguns estão em excelente estado, mas os mais antigos precisam de restauração – capas soltas, folhas arrancadas, alguns com furos e outros até desmancham quando manuseados. Muitos livros foram encadernados e tiveram as capas originais mantidas. A maioria das encadernações obedece a um padrão de acordo com o escritor, ou seja, para cada escritor Francisco Inácio Peixoto escolheu um tipo de encadernação que o identificasse. Todas encadernações foram realizadas por Ulysses Rodrigues, como podemos ver pelo selo que as acompanha.

A importância histórica da biblioteca funde-se com a sentimental. De um lado, a fotografia do painel cultural em que se transformou o homem Francisco Inácio Peixoto; de outro lado, os detalhes pessoais do homem Francisco, tais como recortes, fotografias, a mesa de trabalho, a luminosidade do ambiente. Existe também na biblioteca um grande número de fotos, que retratam a família, os amigos e o próprio Francisco Inácio Peixoto, em várias fases de sua vida.

Devemos acrescentar que, na biblioteca, além dos 2398 livros catalogados, há objetos de uso pessoal e mobiliário que pertenceram ao escritor.

Na biblioteca de Francisco Inácio Peixoto, além da quantidade de livros raros que a enriquecem, existe um segundo aspecto que valoriza seus livros: as dedicatórias — de autores, amigos e familiares justapostas às obras.

Examinando os livros que aí se encontram, chamou nossa atenção a importância histórica das dedicatórias. Abundantes, variadas, oferecem informações interessantíssimas sobre o relacionamento de Francisco Inácio Peixoto com os intelectuais/escritores de sua época. Então, encorajados por nossa orientadora, Profa. Eliane Vasconcellos, procedemos à organização das dedicatórias destinadas ao escritor, estabelecido o limite de 1986. A data corresponde ao final da vida do escritor, já que encontramos dedicatória à Biblioteca de Francisco Inácio Peixoto.

O primeiro passo da pesquisa foi numerar as estantes da biblioteca, critério adotado para que pudéssemos localizar um determinado livro sempre que fosse necessário fazer uma pesquisa ou esclarecer alguma dúvida. Ao catalogar os livros, notamos que a ordem dos exemplares nas estantes obedece a vários critérios, ora distribuídos por autor, ora por idioma ou ainda por assunto. Os livros em língua estrangeira, de autores variados, se encontram na mesma estante e estão organizados por assunto.

Uma vez realizado o mapeamento dos livros, fizemos um fichamento bibliográfico e a transcrição das dedicatórias. Cada obra foi registrada segundo as normas bibliográficas, não esquecendo informações sobre capas e ilustrações. Não nos preocupamos em pesquisar o nome completo dos escritores; seus nomes foram transcritos conforme aparecem na folha de rosto. Feita a indicação bibliográfica, seguiu-se a transcrição rigorosa da dedicatória do exemplar (em geral nas páginas de rosto ou ante-rosto) adotando-se a ortografia original. Quando havia palavras ilegíveis, colocamos entre colchetes esta observação. A mudança de linha foi marcada com uma barra vertical.

Inicialmente pretendíamos dar conta de todos os livros com dedicatória, num total de 641, (incluindo bilhetes, cartões e assinaturas). Resolvemos então organizar a catalogação das dedicatórias distribuindo-as de acordo com o dedicador.

A primeira distribuição resultou em um total de 9 itens, assim distribuídos: 1) Autor para Francisco Inácio Peixoto; 2) Escritor em livros de terceiros; 3) Dedicatórias de amigos; 4) Dedicatórias de familiares; 5) Dedicatórias impressas; 6) Dedicatórias de Francisco Inácio Peixoto para terceiros; 7) Dedicatórias a Marques Rebelo; 8) Outros – de terceiros para terceiros; 9) Dedicatórias não-identificadas. Entretanto, como o *corpus* tornou-se muito complexo, optamos por trabalhar apenas com as dedicatórias de escritores/intelectuais, deixando para um segundo momento o restante do material catalogado.

Para facilitar a leitura das dedicatórias, vamos apresentá-las em ordem alfabética de autor, optando por colocar os títulos que dizem respeito a cada autor em ordem cronológica de edição. Elaboramos, como recurso técnico de manuseio, um índice onomástico e um índice de obras.

III O QUE É DEDICATÓRIA?

(...) dedicatória: simples experiência que pretende
representar uma homenagem. Nada mais.
Nisso residirão seu maior, senão único mérito.
Alphonsus de Guimaraes Filho

Segundo Gérard Genette (1987, p. 110), o substantivo francês “dedicatória” designa duas práticas similares, mas importantes de serem distinguidas. Todas as duas consistem em homenagear com uma obra uma pessoa, um grupo real ou ideal, ou a qualquer entidade de uma ordem. Porém, uma refere-se à realidade material de um exemplar simples, onde se consagra em princípio, a doação ou a venda efetiva; a outra é concernente à realidade ideal da obra, onde a posse (cuja cessão gratuita ou não) não pode ser, evidentemente, mais do que simbólica.

Continua o crítico francês afirmando que, se os substantivos são aborrecidamente idênticos, os verbos felizmente distinguem fortemente estas duas ações: dedicar para dedicatória da obra ou dedicação para a dedicatória do exemplar.

Portanto, um livro pode ser revestido de duas espécies de dedicação: uma impressa após o título, a outra manuscrita muitas vezes antes do título. Adotamos aqui a terminologia de Gérard Genette (1987, p. 62) que denomina a primeira “dedicatória de escritor” e a segunda, que realmente nos interessa “dedicatória de exemplar”, sendo que esta dedicatória é um acréscimo ao escrito impresso. A dedicatória escrita se apresenta e se distingue de outros elementos do texto por um certo número de critérios materiais e textuais.

Este acréscimo manuscrito é concretizado em cada exemplar de uma obra, tornando esta característica um fator básico de distinção da dedicação (impressa) da obra. A dedicatória do exemplar é pois, um dos elementos não-impressos que, segundo Gérard Genette, seria o “texto acabado”.

A dedicatória de exemplar do livro é também uma inscrição “liminar” que se distingue de todos ou de outros elementos do texto. Situa-se normalmente na página do primeiro título, muito menos freqüente na página de proteção, ao passo que a dedicatória da obra é reproduzida após a página do título. Este acréscimo manuscrito ou dedicatória é expresso em poucas palavras, raramente ultrapassando uma página. Esta relativa brevidade se explica pelo pouco tempo de que o autor dispõe e como reação de momento, antes de escrever suas dedicatórias e, sobretudo, pela escassez de espaço livre no alto da página dos exemplares.

No texto da dedicatória, a presença ou a identidade do autor se manifesta mais habitualmente pela assinatura. A dedicatória pode ser assinada com o nome ou o sobrenome, só o nome, só o sobrenome e, até mesmo, as iniciais ou monograma – “sigla formada por uma ou várias letras, conjuntas ou entrelaçadas, significando um símbolo ou a inicial, ou iniciais, de um nome” (HOUAISS, 2001, p. 1953) – que possam parecer com o nome impresso do autor.

Um ponto importante que também deve ser citado refere-se ao destinatário: ele deve ser, necessariamente, real e vivo. A dedicatória do exemplar distingue-se da dedicatória da obra, pois a obra impressa, na verdade, pode ter por destinatário uma pessoa já falecida, um personagem imaginário ou hipotético.

As primeiras dedicatórias do autor nos exemplares de um livro são escritas ao final do trabalho de edição em número mais ou menos de 20 exemplares fornecidos pelo editor. O autor escolhe os amigos e críticos mais chegados a ele e lhes envia. Paralelamente, quando o livro entra no mercado, a editora através do seu departamento de divulgação e jornalismo envia exemplares acompanhados de *press release* a todos os críticos de jornais e revistas especializados do país.

O autor pode excepcionalmente dedicar exemplares aos críticos a quem os livros são destinados. Este serviço de imprensa é feito antes de se colocá-los à venda nas livrarias para que os críticos tenham a primazia da obra.

De todas as circunstâncias para as quais o escritor é solicitado a dedicar seus livros, o serviço de imprensa é importante, pois trata-se de uma atividade social que significa o encontro entre o autor e o meio editorial ao qual ele pertence: editores, críticos, confrades que cuidam do livro ao mesmo tempo que o autor.

Uma outra ocasião para se dedicar exemplares de um novo livro pode ser oferecida ao autor pelos livreiros sob a forma de uma “sessão de autógrafos” com a finalidade de um encontro para debate ou de uma leitura pública. Não se trata, nesta ocasião, somente de venda. Pelo preço da venda de um volume, os fregueses da livraria podem obter uma dedicatória na presença do autor. Neste caso, esta prática é a simulação de uma relação íntima, o que não deixa de ser um tanto quanto comercial. Esta prática, no entanto, é reprovada por alguns escritores que consideram que suas obras, nessas sessões, são tratadas apenas como simples mercadorias.

Mesmo assim, todas as práticas referidas têm por função inserir a obra no mundo literário; levar o autor a seus leitores, através de uma situação de comunicação precisa pela dedicatória em um exemplar.

As práticas sociais como o serviço de imprensa e a assinatura em livrarias contribuem para a promoção da obra. O serviço de imprensa tem, evidentemente, por regra, fazer conhecer as críticas e a existência de um novo livro. A assinatura em livraria faz parte igualmente da divulgação do livro, já que a dedicatória nos exemplares funciona como argumento para a venda.

Temos considerado até aqui a dedicatória como um documento que testemunha uma doação e que a justifica, isto é, que ela (a dedicatória) é totalmente subordinada a seu objeto, que se supera no acompanhamento desta função. Entretanto, nós evocamos a possibilidade de a dedicatória conter certa elaboração “literária”, e a assinalamos em certos exemplos. Na verdade, a dedicatória pode tornar-se algumas vezes, aliás, uma pequena obra, ou, pelo menos, um texto com algum valor literário.

IV AS DEDICATÓRIAS

¹O texto da dedicatória tem por função essencial motivar a doação do livro evocando os laços biográficos e/ou literários entre o dedicador e a obra ou seu autor. As dedicatórias tanto podem obedecer a uma forma padrão ou serem originais.

A dedicatória é um elemento que se junta à obra impressa, e se diferencia de outros elementos paratextuais por meio de certos critérios materiais e textuais. Há várias maneiras de se apresentar uma dedicatória.

Jean-Benoît Puech e Jacky Couratier (1987, p. 66) nos falam de formas elementares e entre elas destacam as menções mínimas, que são: nome (a quem se dedica a obra, e do dedicador); menção do nome da obra e a data. As duas últimas podem ser facultativas.

Muitas vezes o autor integra à sua dedicatória o nome impresso do livro, como fez Fernando Sabino, na dedicatória abaixo:

A Francisco Inácio / Peixoto, / esta lembrança do /
novo irmão espiritual, / *Viramundo*, / *O Grande*
Mentecapto, com o afetuoso / abraço e a sempre /
renovadora admiração / do seu Fernando Sabino /
17.3/80.

É interessante notar que nem sempre a data aparece de forma explícita no texto da dedicatória. O dedicador pode usar marcas temporais como “aqui”, “amanhã” ou “o”.

A dedicatória é materializada ainda pelo uso freqüente da proposição “ao” ou “para”, colocada antes da menção do destinatário em sua forma mínima.

¹ Este capítulo e o precedente foram elaborados a partir do texto Jean-Benoît Puech e Jacky Couratier, *Dédicaces exemplaires* publicado em *Poétique*. Paris: Seuil, nº 69. fev. 1987. p. 61 – 82.

A dedicatória também pode ser datada e localizada no padrão habitual. No exemplo seguinte, Álvaro Lins menciona o lugar da redação: a casa de Francisco Inácio Peixoto, em Cataguases. Em *Jornal de crítica* (1947) escreveu:

Amelinha e Peixoto – vocês / dois, e mais seis filhos,
e / os sentimentos nobres a / liga-los, e mais esta
casa / magnífica – ah, isto tem / um velho nome,
felicidade, / que pude contemplar / com a emoção
simples / de quem é igualmente / feliz na sua casa. /
5.4.947. Álvaro.

As dedicatórias podem igualmente evocar as práticas sociais, nas quais elas foram produzidas. Eis aqui duas, onde a menção à casa editorial está presente explicitamente e, logo depois, alusivamente: Laís Corrêa de Araújo dedica *Murilo Mendes e a fase do modernismo* (1972):

Chico, / Não repare: é apenas o / começo do livro
sobre M.M., / aproveitado no número especial / da
Vozes linha Modernismo. / Laís.

E Guilhermino César em *Juca, o letrado* (1975):

Chico: / Veja só a graça de / tudo isto – um clube de /
futebol está editando li- / vros para seus associa- /
dos. / Este romance (ou / novela?) é uma sátira /
deliciosa ao realismo do / boulevard. Zeferino era /
um escritor polivalen- / te, além do mais, / um poeta.
Vovó Musa / é uma delícia. / Saudades letra- / das –
e outras – do / velho / Guilhermino / 20/07/76.

A idéia de presente também está manifesta no texto da dedicatória. A doação por ela mesma (como seu lugar, momento e objeto), pode estar implícita no texto da dedicatória e sua manifestação mínima mais freqüente é a preposição “a” ou “para” precedendo o nome do dedicando, como em *Missão em Portugal* (1960), de Álvaro Lins:

Para Francisco Inácio Peixoto / - companheiro de
vida literária / e amigo de uma hospitalidade / em

Cataguases que jamais / esquecerei - com toda a
estima, o / apreço e a admiração / de / Álvaro Lins /
Janeiro – 1961.

Há certas formas de dedicar que são estereotipadas. Entre elas destacamos as que colocam em evidência o uso de palavras do tipo “o autor”, “seu amigo”, etc., como por exemplo em *A estrela sobe* (1966) do grande amigo/contista Marques Rebelo:

A F.I. P. / o autor...

E Fernando Sabino, em *A vida real: novelas* (1952):

A Francisco Ignácio Peixoto, / com o abraço / amigo
do / Fernando Sabino / 52. / Rua Comendador
Ivantineli, 303 / Leblon – Rio.

As formas estereotipadas de polidez também aparecem com frequência, como em *Alguns contos* (1952) de Clarice Lispector:

Ao Sr. Francisco Ignácio / Peixoto, cordialmente, /
Clarice Lispector.

Outras fórmulas de polidez estereotipadas são igualmente suscetíveis de expansão, para as quais os autores têm freqüentemente muitos recursos. As duas dedicatórias seguintes não passam de desenvolvimento destas. Josué Montello dedica *Caminho da fonte: estudos de literatura* (1959):

Ao Peixoto, com o cordial abraço do / Josué Montello.

E Emilio Moura em *Ingenuidade* (1931):

A Francisco I. Peixoto, / muito cordialmente, o / Emilio
7.8.31.

Algumas dedicatórias chegam a ser mais elaboradas, como esta de Augusto Frederico Schmidt em *Navio perdido* (1930), onde o dedicador elogia Francisco Inácio Peixoto:

Ao Exmo. F I. Peixoto / homenagem pela /sua
valorosa pessoa. / Augusto Frederico Schmidt

Encontramos ainda dedicatórias em forma de agradecimento, como fez a sobrinha de Francisco Inácio Peixoto, Lina Tâmega, em *Algum dia* (1952):

A Tio Francisco / a quem “Algum dia” / deve por estar
publicado / e a dona por escrever versos. / A tia
Amelinha, / braço de ferro, / de sua sobrinha, / braço do
rio, / que a abraça. / Cataguases, 27-set. 1953

A princípio, na dedicatória, dedicador e destinatário são utilizados na terceira pessoa. O recurso desta terceira pessoa é semelhante àquele que se observa nas frases manuscritas nos cartões de visita ou nas fórmulas impressas de participação ou de convites. Todos esses textos referem-se a situações de caráter privado. Outra característica comum nas dedicatórias é o fato de o locutor não se utilizar do pronome “eu” para auto referir-se, nem do pronome de segunda pessoa para designar seu interlocutor. Usa-se nas dedicatórias, quase sempre, o nome próprio e/ou o pronome na terceira pessoa, como se a comunicação fosse dirigida exteriormente, do ponto de vista de um público anônimo.

O fato de o locutor falar de si na terceira pessoa (pronome ou nome) prova que ele não é somente o sujeito de enunciação em presença de um outro assunto na mesma situação de comunicação, mas também objeto da exposição de uma terceira hipótese. Seu texto imagina, ou, se se preferir, antecipa esta posição pelo emprego da terceira pessoa. Mas a utilização da dedicatória na terceira pessoa é freqüentemente transgredida. O dedicador é então representado na primeira pessoa e o destinatário na segunda.

Às vezes, o autor se aproveita do espaço no livro destinado para a dedicatória e alonga-se, transformando-a em carta, mantendo, porém, algumas das formas características de dedicar, como podemos ver em *O contrabando no sul do Brasil* (1978), de Guilhermino César:

Ao querido Chico Inácio, / com a saudade ve- / lha e
revelha - / do / Guilhermino / 4.XI.78./ Ps. Foi lançado
na tarde de / ontem. A revisão da E- / ditora – capa e
contra / capa - / deixou escapar / muitas gralhas.

No exemplo acima trata-se de uma dedicatória no sentido da fórmula “Ao querido...”, mas o autor acrescenta algumas palavras cujo suporte normal seria de uma carta ou cartão de visita.

No exemplo seguinte, o texto se desenvolve de maneira epistolar: *Anteu e a crítica* (1948) de Roberto Alvim Corrêa

Muito prezado Dr. Francisco Inácio / - meu jovem
amigo / Carlos [Avis] no telefone parece / me dizer
que está entusiasmado / com o que viu em
Cataguases / graças a sua extrema gentileza. / Há
muitos anos que venho seguindo / esta sua obra
admirável que está / realizando em Cataguases, e
que / há de immortalizar o seu nome – para / mim o
nome de um amigo o qual / peço aceitar os meus
sentimentos de calorosa e dedicada admiração /
Roberto Alvim Corrêa / Rio 51.

Não se trata de carta, pois conserva princípios básicos que marcam a dedicatória.

As dedicatórias que geralmente aparecerem na obra como produto acabado, vão aparecer também na gênese da obra. Em *Concreções da fala* (1967), de Joaquim Branco:

para o francisco peixoto, / que tão bem criou / Gala
Edelman, / com o abraço de joaquim branco. 16-6-67

Autocomentários também aparecem, como a dedicatória de Walter Benevides, em *Revista Brasileira de Medicina* (1968):

Ao caro Peixoto, / que, como eu, é velho de /
nascença (sem o confessar) / o / Walter / XI-68.

E Rosário Fusco, em *Carta à noiva* (1954):

ao Chico Inácio e / à Amelinha (com / as minhas
escusas para / esta, pela linguagem / pouco...
“acadêmica” / ou “parlamentar”?) / e a estima, e o /
abraço do sempre. / Fusco / Peixoto: este é o / 1º
exemplar. O Simões / ainda não botou o livro na rua.

Muitas vezes para motivar a leitura ou para chamar a atenção para determinada página, o dedicador a menciona na dedicatória, como fez Antonio Fernando de Bulhões Carvalho, em *A imagem de Mário* (1984):

Querido Chico: / Este livro tem v. na / página 155. /
 Abraço afetuoso / Antonio Fernando de Bulhões
 Carvalho / 14.1.85.

A assinatura tem tanta importância que ela mesma pode constituir a parte única da dedicatória. Segundo Joaquim Branco, Marques Rebelo tinha o hábito de apenas assinar o livro para presentear, daí a explicação de tantos livros encontrados apenas com a assinatura de Marques Rebelo. (Cf. BRANCO, 2003).

A dedicatória de uma obra pode também ser coletiva. Em *Discurso na Academia* (1971), os dois autores assinam:

Ao querido Chico Peixoto, / com o nosso bem querer
 / Chico Barbosa / Marques Rebelo / Rio, 1.12.71.

O destinatário pode, igualmente, ser coletivo. Guilhermino César dedica vários livros a Francisco Inácio Peixoto e Amelinha. Transcrevemos a dedicatória de *Arte de matar* (1969):

Aos queridos Chico e Amélia, / o velho / Guilhermino.
 / Set., 1969.

A dedicatória do exemplar pode ter várias dedicações, como ilustra o exemplo seguinte, de Antonio Fernando de Bulhões Carvalho no livro *Que país é este? e outros poemas* (1980):

Para Francisco Inácio Peixoto / símbolo da criação
 mineira, / Afonso Romano de Sant'Anna / 7.7.80
 Querido Chico: Tem / coisas boas aqui. Por / isso fui
 buscar o / autógrafo para você. / Abraços [ilegível] /
 Bulhões / 8.7.80.

No capítulo que se segue, faremos constar as dedicatórias de intelectuais/escritores transcritas na íntegra e algumas digitalizadas.

IV 1 Dedicatória de intelectuais

As dedicatórias têm formas diferentes sendo que o dedicador pode ou não pertencer ao mundo literário, aqui temos dedicatórias de escritores, cartunista, tradutores, artista plástico, pintor e arquiteto.

Os textos das dedicatórias reiteram o reconhecimento de valor que Francisco Inácio Peixoto alcançou, ainda em vida, em âmbito nacional. De vários estados brasileiros e até do exterior chegavam-lhe obras, muitas ligadas a grupos empenhados na implantação e consolidação do Modernismo. Em maior número, provinham do Rio de Janeiro, cidade que o escritor morou e cursou a Faculdade de Direito.

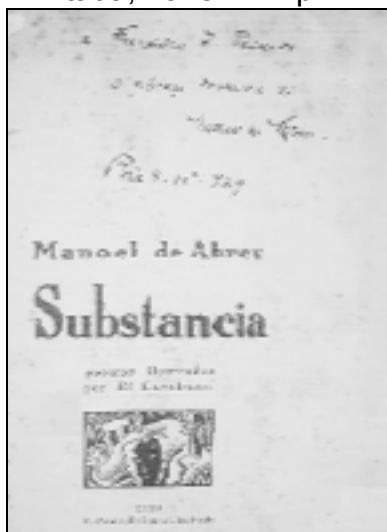
A amizade e o apreço são responsáveis pela existência de dois ou mais exemplares de um mesmo livro, sempre trazendo dedicatórias, na biblioteca do escritor. Exemplo disso é Marques Rebelo que, sempre que reeditava um livro, mandava a nova edição para o amigo; só do livro *Oscarina* encontramos seis exemplares.

IV 1.1 Autor para Francisco Inácio Peixoto

As dedicatórias aqui transcritas são de autores em seus respectivos livros, o que nos permitiu situar Francisco Inácio Peixoto como um nome significativo na crítica literária da época. Interessava, tanto aos companheiros modernistas, como os jovens estreantes, conhecer a opinião do escritor e merecer, talvez, um comentário.

Verificamos que as dedicatórias localizadas somam um total de 325 títulos, dentre os quais, títulos bastante variados no que diz respeito ao assunto, língua e autores. Cremos que um número tão grande de dedicatória se deve ao fato de Francisco Inácio Peixoto ter sido mentor dos jovens e o fato de ter mantido sempre a porta de sua casa aberta para recebê-los.

ABREU, Manoel de. *Substancia*. Ilustração de Di Cavalcanti. São Paulo: Limitada, 1928. 221 p.



“a Francisco I. Peixoto / o abraço modesto do / Manoel de Abreu / Rio 9.10.929.”

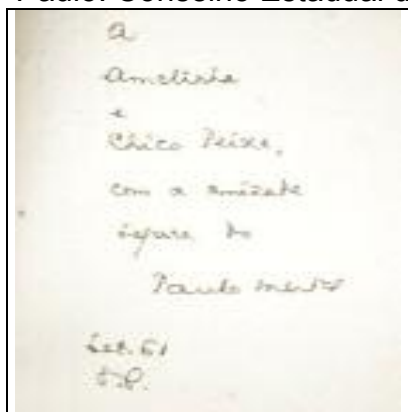
ALFREDO D'ELIA, Miguel. *El sentido de la tierra en la narrativa*. Buenos Aires: Platt Establecimientos gráficos, 1948. 85 p.



“Para Francisco Inácio Peixoto / el grau cuentista de *Dona Flor* / com viva simpatia intelectual / de / Miguel Alfredo d’Eliá / Buenos Aires, novembro de 1948.”

PS: *Dona Flor*, livro de contos editado em 1940 por Francisco Inácio Peixoto.

ALMEIDA, Paulo Mendes de. *De Anita ao museu: comissão de literatura*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura. 1961. 74 p. (Coleção Ensaio).



“A / Amelinha / e / Chico Peixoto, / com a amizade / segura do / Paulo Mendes / Set. 61 / S.P.”

_____. *Ianelli do figurativo ao abstrato*. São Paulo: Arcângelo Ianelli, 1978. 176 p.



“A / Francisco Inácio Peixoto, /
meu velho e querido / Chico
Peixe, / com o apertado
abraço / de seu amigo / Paulo
Mendes / S.P. set. 78 /
Cordialmente, / Ianelli.”

PS: Segue junto a dedicatória um
cartão do amigo Bulhões:

“Querido Chico: / Tive o prazer / de
trazer isto de São Paulo / para você.
A- /braço carinhoso / Bulhões.”

_____. *Fausto*: conto em plaquete. [S.l.: s.n.]. 1980. Não paginado.

“Ao querido / Chico Peixoto (R’S B) / - com um saudoso abraço
/ do / Paulo Mendes (R’S B) / SP dez. 80.”

ALPHONSUS, João. *Galinha cega*: romances. Belo Horizonte: Os Amigos do Livro, 1931. 96 p.

“Ao Chico / velho companheiro / e Amelinha / o / João
Alphonsus / Cataguases, março- 1942.”

_____. *Totonio Pacheco*: romance. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935. 256 p. (Série Grande Prêmio de Romance “Machado de Assis”).

“A Francisco Inácio Peixoto / sempre solidário o / João
Alphonsus / Cataguases, Março 1942.”

_____. *Rola-moça*: romance. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1938. 271 p.



“Ao Francisco I. Peixoto / com a
volga / solidariedade / intelectual
do / João Alphonso / Bh^{te}
1938.”

_____. *A pesca da baleia*: contos. Belo Horizonte: Paulo Bluhm, 1941. 89 p.

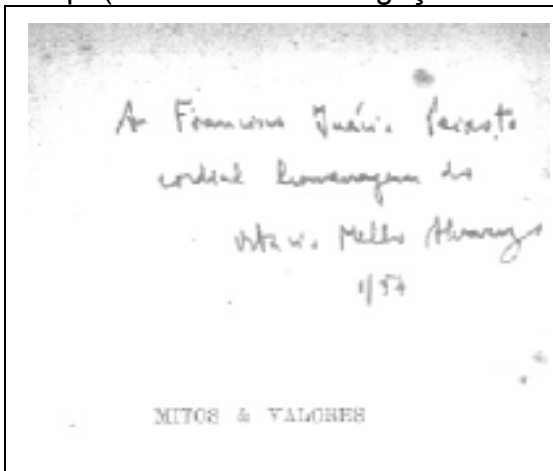
“Para o Chico e Amelinha / o / João Alphonso / B.H. julho
1942.”

_____. *Eis a noite!*: contos e novelas. São Paulo: Martins, 1943. 166 p.

“Exemplar nº 5 / Ao Chico e Amelinha / com a amizade de /
João Alphonso, Titá etc. / B. H^{te} julho 1.943.”

PS: O dedicador se preocupou em enviar um exemplar de número baixo para o amigo Francisco Inácio Peixoto.

ALVARENGA, Octávio Mello. *Mitos & valores*. Rio de Janeiro: MEC. INL, 1956. 230 p. (Biblioteca de Divulgação Cultural).



“A Francisco Inácio Peixoto /
cordial homenagem do /
Octavio Mello Alvarenga /
1/57.”

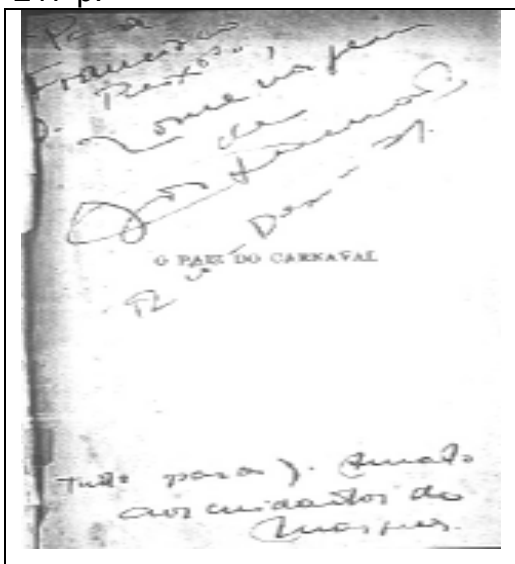
ALVAREZ, Reynaldo Valinho. *O solitário gesto de viver*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: INL – MEC, 1980, 79 p.

“Para / Chico Peixoto, / mestre de todos nós, / a admiração / muito grande / do Alvarez / em 03-XII-80.”

ALVES, Cândida A. da Cruz Costa. *No meio do caminho*: estudo das primeiras obras de Marques Rebelo. (1931 – 1942). 1980. 90 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo.

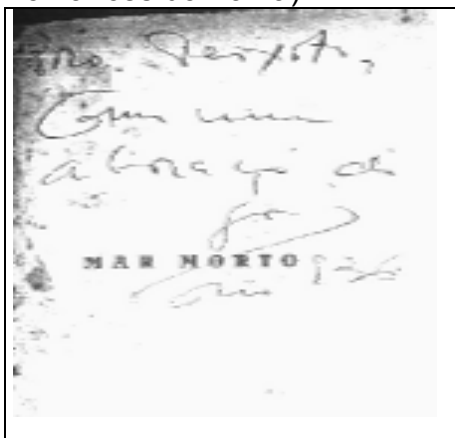
“Para Francisco Inácio / com um abraço de / Cândida / 29/08/80.”

AMADO, Jorge. *O paiz do carnaval*: romance. Rio de Janeiro: Schmidt, 1931. 217 p.



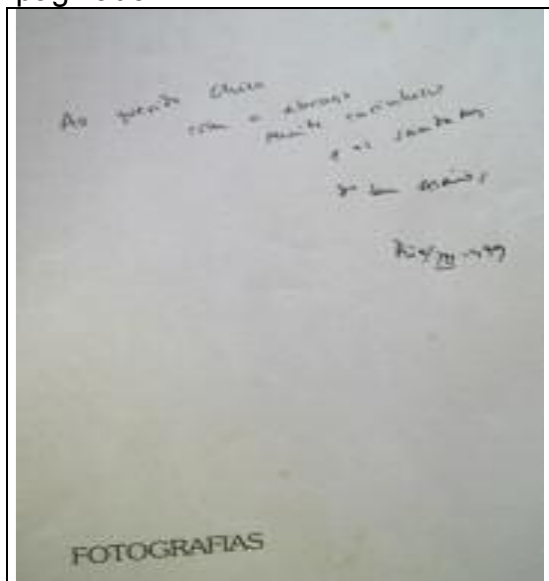
“Para / Francisco / I.
Peixoto / homenagem / de Jorge Amado / Rio –
Dezembro. / Tudo para
J. Amado / aos
cuidados do Marques.”

_____. *Mar morto*: romance. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1936. 346 p. (Os romances do Bahia).



“Pro Peixoto, / com um /
abraço do / Jorge Amado /
Rio - 936”

ANDRADE, Alecio de. *Fotografias*. Paris: Graphos Industrial, 1979. Não paginado.



“Ao querido Chico /
com o abraço / muito
carinhoso / e a
saudades / do seu
Alecio / Rio /
IV.1979.”

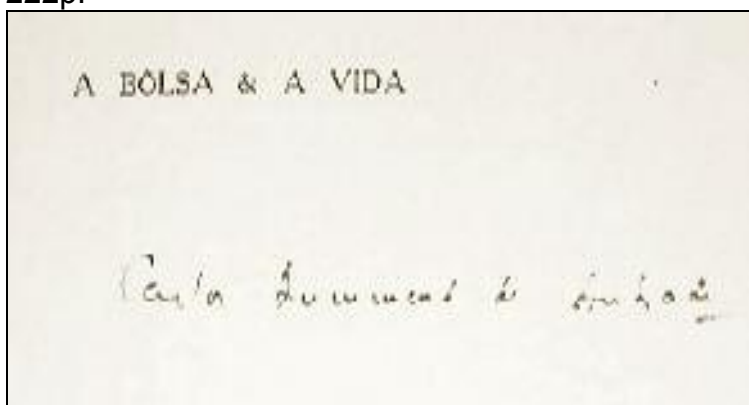
ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*. Belo Horizonte: Pindorama, 1930. 150 p.

“A Francisco I. Peixoto, / venha de lá um abraço. / Carlos D. de
Andrade / BH. 13-5-930. / Rua Silva Jardim, 117.”

_____. *Sentimento do mundo*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1940. 119 p.

“A Francisco Inácio Peixoto, / com a afetuosa admiração de /
Carlos Drummond de Andrade. / Rio, out. 1940.”

_____. *A bolsa & a vida: crônicas*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962. 222p.



Assinatura: Carlos
Drummond de Andrade.

_____. (Org.). *Brasil, terra & alma: Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1967. 250 p.



“Ao caro Francisco Inácio Peixoto, / cuja casa mineira é / devidamente celebrada / neste livro, / com o abraço. / Carlos Drummond / Natal 1967”

ANDRADE, Mário de. *Clan do jaboti: poesia*. São Paulo: Eugenio Cupolo, 1927. 107 p.

“Francisco I. Peixoto, / Aqui vai o livro dado / com todo o coração. Que / desculpe do esqueci- / mento desastrado. Sou / assim mesmo. Feliz- / mente que você não / desconfiou como é cos / tume de mineiro. Nes / te livro tem duas falhas graves. Não falei no / noturno sobre a descon- / fiança do mineiro e / não botei fumo na len / da do Baú. Esta falha / quem me lembrou foi o Ascânio e morri de / raiva. / Com um abraço / do / Mário de Andrade / S. Paulo. 14 Jan.”

_____. *Remate de males: poesia*. São Paulo: Eugenio Cupolo, 1930. 177 p.

“A / F. Inácio Peixoto / boas festas / do / Mário de Andrade. / S. Paulo / 1930.”

_____. *Belazarte: contos*. São Paulo: Piratininga, 1934. 152 p.

“Ao / Francisco Inácio Peixoto, / com um abraço / de / Mário de Andrade. / S. Paulo, / 1934.”

Bilhete colado

“Você saberá que / descobrir algum / endereço do João
Alphosuns e do / Pedro Nava. Tam / bém ainda não / mandei
pra êles. / Vou mandando o / livro aos poucos, / e deles não
tenho a direção / Mário.”

ANDRADE, Oswald de. *Marco zero II: chão*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1945. 462 p.

“Exemplar do / congressista Francisco / Ignácio Peixoto / com o
abraço / do / Oswald de Andrade / 1945-Jan.”

PS: O congresso mencionado na dedicatória foi o I Congresso Brasileiro de Escritores, promovido pela Associação Brasileira de Escritores em 1945.

ANDRADE, Rodrigo M. F. de. *Velórios*. Belo Horizonte: Os Amigos do Livro, 1936. 152 p.

“Ao caro Peixoto, lem- / brança affetuosa do / Rodrigo M. F. de
Andrade. / set. 1936.”

ANJOS, Ciro dos. *O amanuense Belmiro*: romance. Belo Horizonte: J. Olympio, 1937. 293 p. (Os Amigos do Livro).

“A Francisco Ignácio / Peixoto, / cordialmente / Ciro dos Anjos.
B.H^{te} 14.XII.37.”

_____. *Explorações no tempo*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação. Ministério da Educação e Saúde. Departamento de Imprensa Nacional, 1952. 67 p.



“Ao Francisco Inácio /
Peixoto, / com afetuoso
abraço / do / Ciro dos Anjos.
/ Rio, 19.IX.52.”

ANTONUCCI, Alcino Leite. *Leitura & redação*. Itaperuna, RJ: Damadá, 1979. 33 p.

“Ao Francisco Peixoto, o / abraço de / Alcino Leite / 24.11.79.”

ARAÚJO, Laís Corrêa de. *Cantochão*. Belo Horizonte: Imprensa Publicações, 1967. 84 p.



“A Chico Peixoto e Amelinha, / com perdão do atraso e / da palavra, das palavras / o agradecimento da Laís. / BH. 12.2.70.”

_____. Murilo Mendes e a fase do modernismo. Separata de: *Vozes*, Belo Horizonte, n. 1, não paginado, 1972.

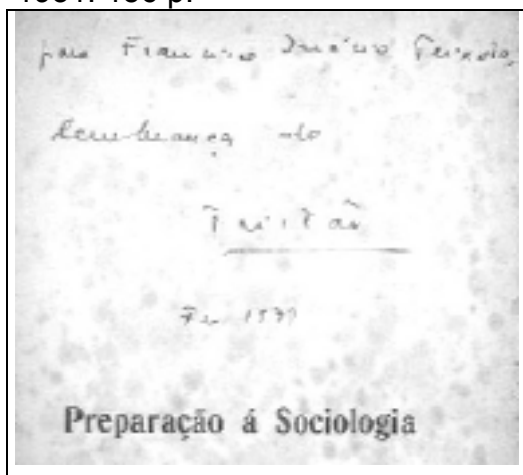
“Chico, / Não repare: é apenas o / começo do livro sobre M.M., / aproveitado no número especial / da Vozes linha Modernismo. / Laís.”

ARAÚJO, Maria Lysia Corrêa de. *Em silêncio*. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL – MEC, 1978. 103 p.



“Para / Francisco Inácio Peixoto, / muito cordialmente, / Maria Lysia Corrêa de Araújo / fev. / 82”

ATHAYDE, Tristão de. *Preparação à sociologia*. Rio de Janeiro: Centro D. Vital, 1931. 156 p.



“Para Francisco Inácio
Peixoto, / lembrança do
/ Tristão / Fev. 1931.”

BARBOSA, Francisco de Assis. *Retratos de família*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1968. 202 p.

“Ao caro amigo Francisco / Inácio Peixoto, seu velho / admirador / Chico Barbosa / Rio, 10-12-68.”

_____; REBELO, Marques. *Discursos na academia*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1971. 37 p. Em sessão realizada a 13 de maio de 1971.



“Ao querido Chico Peixoto, / com
o nosso bem querer / Chico
Barbosa / Marques Rebelo / Rio,
1.12.71.”

BARBOSA, José do Carmo. *Pré-capitalismo ou neocapitalismo brasileiro?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. 209 p.

“A nosso mestre / Francisco Inácio Peixoto / com os
cumprimentos do / autor. / Cataguases, 8-9-79 / José do Carmo
Barbosa.”

BENEVIDES, Walter. O aceno da imortalidade e os perigos da senectude. Separata da: *Revista Brasileira de Medicina*, Rio de Janeiro: Órgão de Divulgação Científica da Academia Nacional de Medicina, v. 25, n. 7, não paginado, 1968.

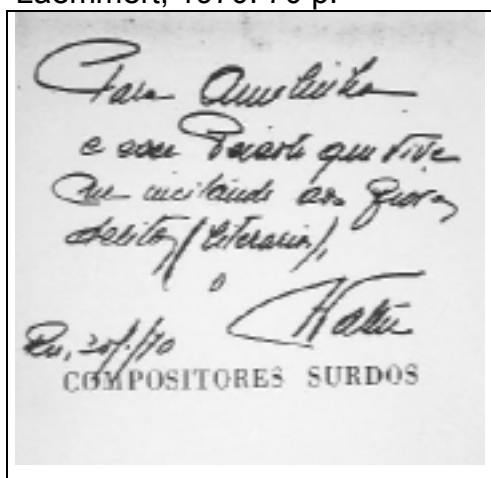
“Ao caro Peixoto, / que, como eu, é velho de / nascença (sem o confessar) / o / Walter / XI-68.”

_____. Da arte de ter clínica. In: *Revista Brasileira de Medicina*, Rio de Janeiro: Órgão de Divulgação Científica da Academia Nacional de Medicina, v. 26, n. 2, não paginado, 1969.



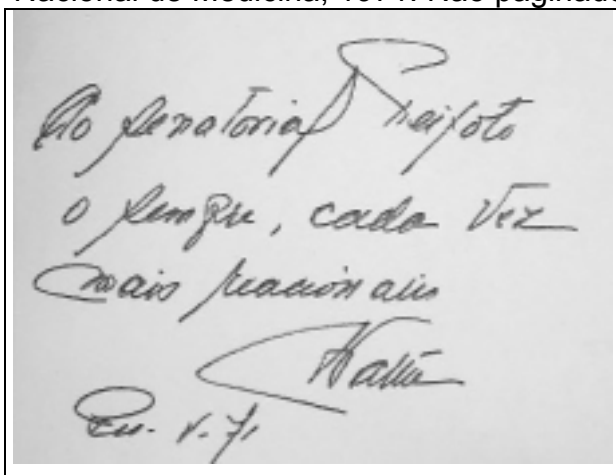
“A Amelinha / e Peixoto / mais estas lucubrações / ociosas / do / Walter / Rio VI-69.”

_____. *Compositores surdos: Beethoven – Smetana - Fauré*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1970. 70 p.



“Para Amelinha / e com Peixoto que vive / me incitando os piores / delitos (literários), / o / Walter / Rio, 30.1.70.”

_____. A nossa vilipendiosa profissão. Separata do: *Jornal Brasileiro de Medicina*, Rio de Janeiro: Órgão de Divulgação Científica da Academia Nacional de Medicina, 1971. Não paginado.



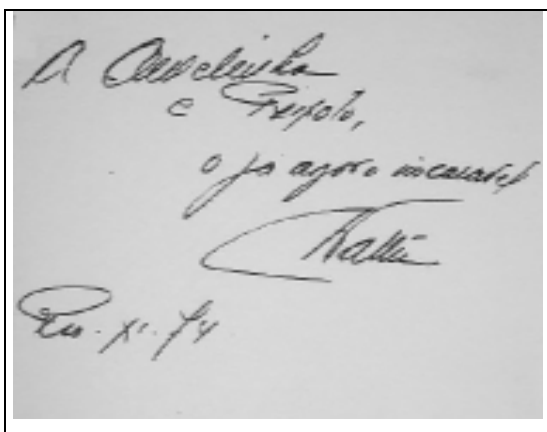
“Ao senatorial Peixoto / o sempre, cada vez / mais nacionais. / Walter / Rio- V-71”

_____. *Sobre Raul de Leoni*: no cinquentenário da “luz mediterrânea”. Rio de Janeiro: São José, 1973. 55 p.



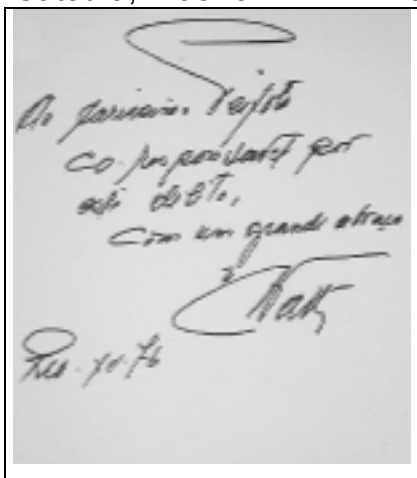
“Aos caríssimos / Amelinha e Peixoto / com um grande abraço / de / Walter / Rio. 17.8.73.”

_____. *Molière e a medicina*. Rio de Janeiro: São José, 1974. 67 p.



“A Amelinha / e Peixoto, / já agora incurável / Walter Benevides / Rio. XI.74”

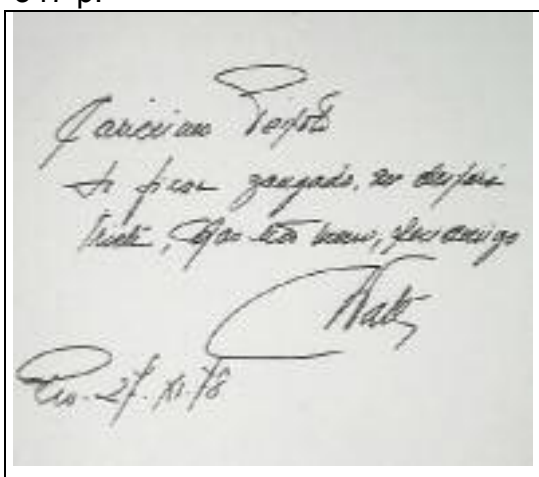
_____. *Rilke: ou a convivência com a morte e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL – MEC, 1976. 135 p.



“Ao caríssimo Peixoto / co-responsável
por / este delito. / Com um grande
abraço / o / Walter Benevides / Rio.

XII.76”

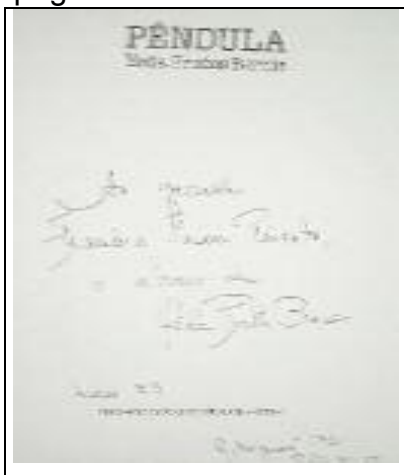
_____. *Visitas de médico*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL – MEC, 1978. 347 p.



“Caríssimo Peixoto / Se ficar
zangado, me deixará / triste,
mas não muito, seu amigo /
Walter Benevides / Rio.

27.XI.78”

BERNIS, Yeda Prates. *Pêndula*. São Paulo: Massao Ohno, 1983. Não paginado.

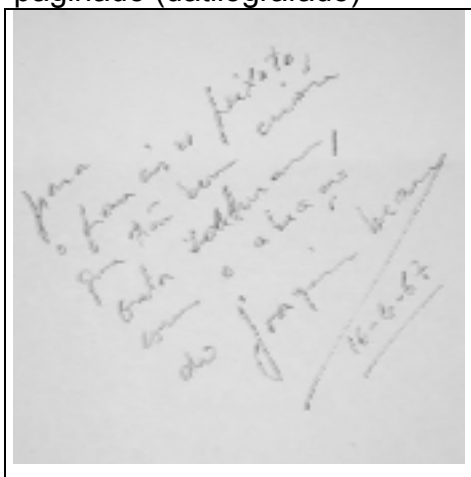


“Ao grande / Francisco Inácio
Peixoto, / o abraço de / Yeda
Prates Bernis. / Maio 83 / R.
Araguari 1720. / B. Hte. 30.550”

BRANCO, Aquiles. *Vôo das cinco*. Cataguases: [s.n.], 1977. Não paginado.

“Para Francisco Peixoto / com a minha estima / e admiração. /
Aquiles Branco.”

BRANCO, Joaquim. *Concreções da fala*. Cataguases, 1962/1967. Não paginado (datilografado)



“para o francisco peixoto, / que tão
bem criou / Gala Edelman, / com o
abraço de joaquim branco. 16-6-67”

PS: “Gala Edelman” citado na dedicatória
é um poema de Francisco Inácio Peixoto
publicado em 1960 no livro *Passaporte
proibido*.

_____. Axioma. In: *Revista ponto 2: poesia concreta*. Guanabara: [s.n.], 1967. Não paginado.

“Ao grande amigo, / um exemplar da revista / da vanguarda
PONTO, prome / tida e agora pronta, com / colaborações
nossas. / Joaquim. 26-11-68.”

_____. *Concreções da fala: poemas & projetos*. Cataguases: *Cataguases*, 1969. Não paginado.



“para / f. peixoto, com / abraço amigo do /
Joaquim. / 9-69.”

_____. *Consumito: poemas & processos*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1975.

“Para Francisco / Inácio Peixoto, / do amigo e admirador. / Joaquim, 6-12-75.”

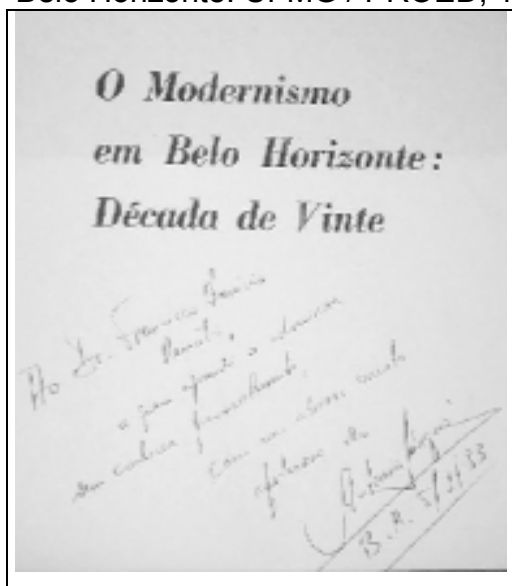
_____. *Laser para lazer: poemas experimentais*. Rio: Totem, 1984. Não paginado.

“Ao Francisco Inácio Peixoto, / grande amigo, esta / maneira de poetar (?) / Com admiração do Joaquim / 7/9/84.”

BRUCKNER, Michael. *Inferno de Katyn: romance*. Rio de Janeiro: Record, 1977. 316 p.

“Ao Dr. Francisco, / Cordialmente, / Michael. / 21.1.81.”

BUENO, Antônio Sérgio. *O modernismo em Belo Horizonte: década de vinte*. Belo Horizonte: UFMG / PROED, 1982. 190 p.



“Ao Dr. Francisco Inácio / Peixoto, / a quem aprendi a admirar / sem conhecer pessoalmente, / com um abraço muito / afetuoso do / Antonio Sérgio. / BH. 5/1/83.”

BULHÕES, Antonio. *Outubro 65*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1966. 83 p.

“Para Amelinha / e Peixoto, / o abraço / afetuoso do / Bulhões / Jan. 67.”

_____. *Outra terra, outro mar*. Rio de Janeiro: Saga, 1968. 137 p.

“Para Amelinha e / Peixoto, o / abraço afetuoso / do amigo / Bulhões / Fev. 69.”

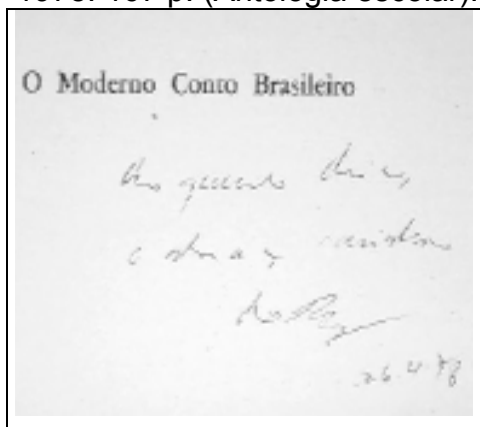
_____. *Outra terra, outro mar*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974. 128 p.

“A Amelinha e Chico / Peixoto, o abraço / afetuoso do Bulhões /
nov 74.”

_____. *Estudos para a mão direita: contos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. 111 p. (Coleção Vera Cruz).

“Ao querido Chico, / o abraço cari- / nhoso do Bulhões / Agosto
1976.”

_____. *O moderno conto brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. 167 p. (Antologia escolar).



“Ao querido Chico, o
abraço carinhoso / do
Antonio Fernando Bulhões
Carvalho / 26.4.78.”

CABRAL, Astrid. *Ponto de cruz: poema*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1979. 197 p.

“A Francisco Inácio Pei / xoto, cordial homenagem / de / Astrid
Cabral, Rio, 8.11.81.”

CABRAL, Francisco Marcelo. *O centauro*. Cataguases: Meia Pataca, 1949. 74 p.

“Para o Dr. Francisco: / “A Francisco Marcelo Cabral,
cordialmente, Francisco / Inácio Peixoto” – seria êste o modelo
para a / minha dedicatória. Sai mais amigo, porém: / deixarei
aqui, junto com estas 30 e / tantas poesias “extraordinárias”,
uma / extra ordinária: / Epigrama: “L’ètoile devient comète, /
devient le blé poesie, / boulanger devient poète / et fait aussi
parir d’ésprit.” / Com um abraço do / Chico Cabral. / Catags.
20/11/49.”

_____. *Inexílio*. 2. ed. Rio de Janeiro: IMPRINTA, 1984. Não paginado.

“Para Francisco Inácio / Peixoto no seu setentenário / mais 5
anos. Afetuosamente / Xico Cabral / Catags.”

CAMPOS, Mário Mendes. *Rubén Darío e o modernismo hispano-americano*. Belo Horizonte: Secretaria da Educação do Estado de MG, 1968. 117 p. (Coleção Cultural).

“Para o Francisco / Inácio Peixoto, / cordialmente / Mário
Mendes Campos / Belo Horizonte – Av. Getulio Vargas 1671.”

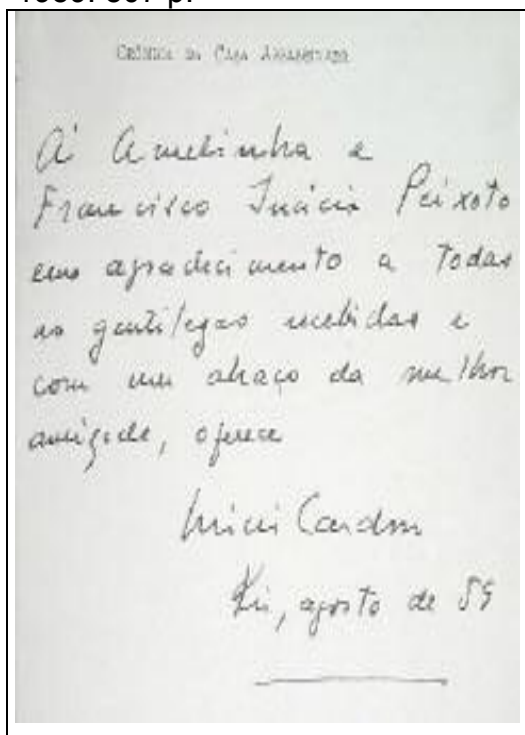
CAMPOS, Paulo Mendes. *Homenzinho na ventura*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962. 214 p.

Assinatura: Paulo Mendes Campos.

CARDOSO, Lúcio. *A luz no subsolo*: romance. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1936. 429 p.

“A / Francisco Ignácio Peixoto, / oferece / Lucio Cardoso.”

_____. *Crônica da casa assassinada*: romance. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1959. 507 p.

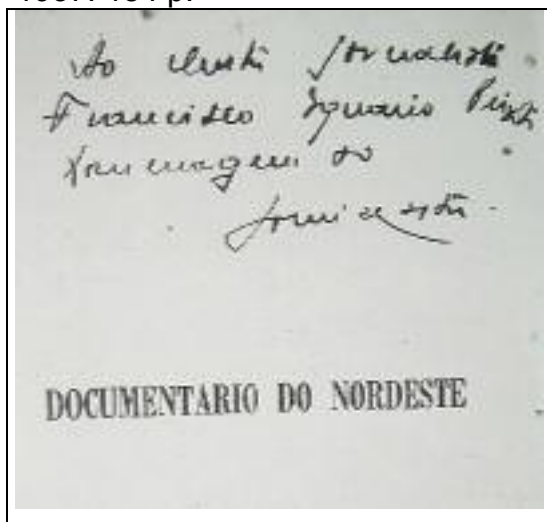


“A Amelinha e /
Francisco Inácio
Peixoto, / em
agradecimento a todas
/ as gentilezas
recebidas e / com um
abraço da melhor /
amizade, oferece /
Lúcio Cardoso / Rio,
agosto de 59.”

CARRANO, Márcia. *Zero/versus*. Juiz de Fora: Esdeva, 1977. 54 p.

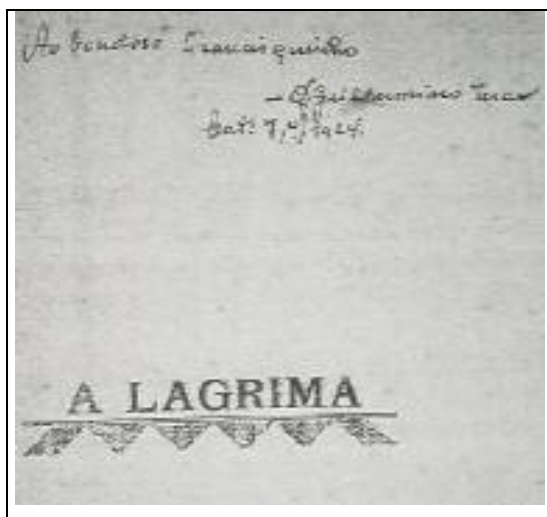
“Para o Dr. Francisco, / amigo muito querido, / que sem saber
já / me ensinou muita / coisa bonita. Márcia / 10-6-1977”

CASTRO, Josué de. *Documentário do nordeste*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1937. 184 p.



“Ao ilustre jornalista /
Francisco Ignacio
Peixoto /
homenagem do /
Josué de Castro.”

CESAR, Guilhermino. *A lágrima*. [S.l.: s.n.] [1924?] 4 p.



“Ao bondoso
Francisquinho / - of.
Guilhermino César. /
Cat.º. 7/4/1924.”

_____. *Sul*: romance. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1939. 224 p.

“Ao querido Peixoto e / Amelinha, / com o coração / do /
Guilhermino / Junho, 939.”

_____. *História da literatura do Rio Grande do Sul: (1737-1902)*. Rio de Janeiro: Globo, 1956. 414 p. (Coleção Província. v. 10).

“Para os queridos amigos / Peixoto e Amelinha, / com grande
saúde, / ofereço êste churrasqui- / to à mineira / Guilhermino.
/ 24-4-56.”

_____. *O messianismo político, no Brasil, e Alexandre Herculano*. Coimbra, 1964. 28 p.



“Aos caros Chico e
Amélia, / com
afetuoso abraço
coimbrão, / o /
Guilhermino /
Coimbra / 15.IX.65.”

_____. *Dona Fernanda, a gaúcha do Quincas Borba*. Coimbra: [s.n.], 1965. 17 p.



“Chico e Amélia:
Aqui vai êste /
sapoti, com a
amizade do
Guilhermino /
2.XII.65.”

_____. *Lira coimbrã e portulano de Lisboa*. Coimbra: Almedina, 1965. 126 p.

“Aos queridos / Chico e Amelinha, / o velho e saudoso /
Guilhermino / Coimbra, 25-7-65.”

_____. *O barroco e a crítica literária no Brasil*. Coimbra: 1965. 18 p. V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros.



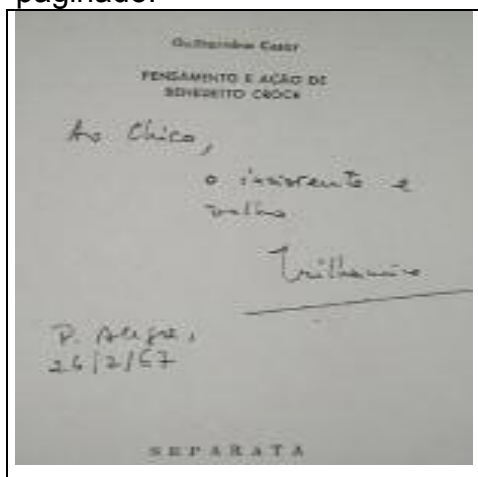
“Para Chico e Amelinha, /
o velho / Guilhermino /
Coimbra, outubro, 1965.”

_____. *O romance brasileiro contemporâneo*. Extrait des Cahiers du Monde Hispanique et Luso-Brésilien. Toulouse – France: Caravelle, 1965. Não paginado.



“Para o Chico, / com
saudades gaúchas /
do Guilhermino / P.
Alegre, 20.4.66.”

_____. *Pensamento e Ação de Benedetto Croce*. Separata de: *Benedetto Croce*, série de conferências sobre o filósofo italiano, por iniciativa da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no centenário do seu nascimento. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1966. Não paginado.



“Ao Chico, / o insistente e
velho / Guilhermino / P.
Alegre, / 26/7/67.”

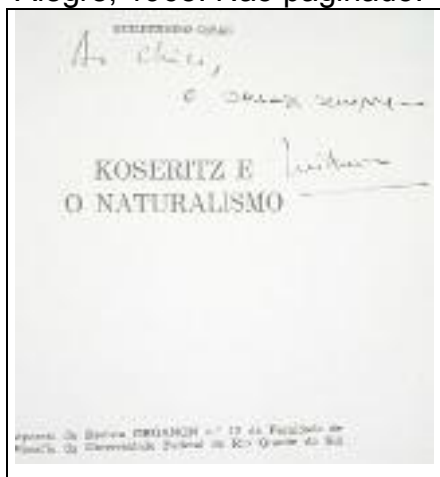
_____; RICCI, Ângelo; ROHDEN, Valério. *Benedetto Croce*. Porto Alegre: Universidade do Rio Grande do Sul, 1966. 79 p.

“Ao caro / Chico e Amelinha, / com afetuoso / abraço, o ve- /
lho / Guilhermino. / P. Alegre, / 24/4/67.”

_____. A visão prospectiva de Euclides da Cunha. Separata de *Euclides da Cunha*, série de conferências sobre o escritor brasileiro, realizadas por iniciativa da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no centenário de seu nascimento. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1966. 53p.

“Ao Chico, / Guilhermino.”

_____. Koseritz e o naturalismo. Separata da: Revista *Organon* nº 12. Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1968. Não paginado.



“Ao Chico, / o seu – ou –
sempre / Guilhermino.”

_____. *O embuçado do erval: mito e poesia de Pedro Canga*. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da UFRGS. 1968. 117 p.

“Aos caros Chico e Amélia, / com saudades, o / Guilhermino /
Agosto, 69.”

_____. *Arte de matar*. Coimbra: Almedina, 1969. (Edições Galaad).

“Aos queridos Chico e Amélia, / o velho / Guilhermino. / Set.,
1969.”

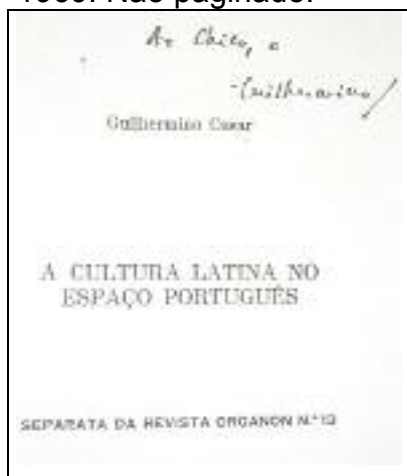
_____. *O “brasileiro” na ficção portuguesa: o direito e o avesso de uma personagem – tipo*. Lisboa: Parreria A M. Pereira, 1969. 155 p.

“Aos caros Chico e Amélia, com / a amizade de sempre, o /
velho / Guilhermino / Coimbra, dez, 1969.”

_____. *Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul: estudo de fontes primárias da história rio-grandense acompanhado de vários textos. 1605-1801*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1969. 231 p.

“Para Chico e Amelinha, / o velhíssimo / Guilhermino / Agosto
69.”

_____. *A cultura latina no espaço português*. Separata da: *Revista Organon* nº13. Faculdade de Filosofia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1969. Não paginado.



“Ao Chico, o / Guilhermino.”

_____. *Antecedentes da fundação do Rio Grande do Sul*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Instituto Histórico Doutor Antônio de Vasconcelos. 1970. Não paginado.



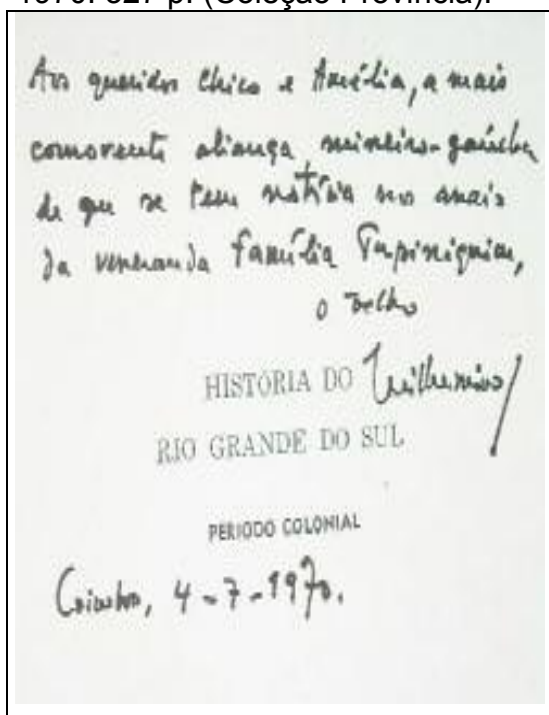
“Ao Chico, o velho /
Guilhermino.”

_____. *Entre Zola e Machado de Assis*. Extrait des Calvers du Monde Hispanique et Luso-brésilien. Caravelle 15, 1970. Não paginado.



“Ao velho Chico, /
com os meus voto
de / um 72
prafrentex! /
Guilhermino.”

_____. *História do Rio Grande do Sul: período colonial*. Porto Alegre: Globo, 1970. 327 p. (Coleção Província).



“Aos queridos Chico
e Amélia, a mais /
comovente aliança
mineiro-gaúcha / de
que se tem notícia
nos anais / da
veneranda família
Tupiniquim, / o velho
/ Guilhermino /
Coimbra, 4-7-1970.”

_____. (Org.). *Minas Gerais terra e povo*. Porto Alegre: Globo, 1970. 336 p.

“Aos queridos Chico e Amé- / lia / o velho / Guilhermino / P.
Alegre, 16-XI-1970.”

_____. *O direito do leitor*. Discurso pronunciado pelo Prof. Guilhermino César em nome da Câmara Rio-Grandense do Livro, por ocasião da abertura da XVIII Feira do Livro de Porto Alegre, a 27 de outubro de 1972, Ano Internacional do Livro, sendo patrono Luis Vaz de Camões.



“Aos queridos Chico e
Amélia, / o velho /
Guilhermino / Março, 73.”

_____. et al. *O teatro São Pedro na vida cultural do Rio de Janeiro*. Porto Alegre: Departamento de Assunto Culturais da SEC/RS, 1975. 408 p.

“Ao Chico, / a imensa sauda- / de do velho / Guilhermino / Porto Alegre, abril, 75.”

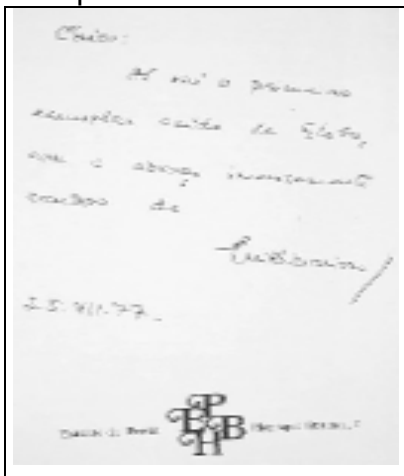
_____. *Estado do Rio Grande do Sul*. Rio Grande do Sul: Bloch Educação, 1976. 80 p. (Coleção Nosso Brasil).

“Ao Chico, para o primeiro / bisneto que vier, com a sau- / dade do / Guilhermino / Porto Alegre, / 2.VI.77.”

_____. *Estado do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Bloch Educação, 1976. 24 p. (Coleção Nosso Brasil. Estudos Sociais).

“Chico: Este opúsculo acompanha a 2ª edição. / A 1ª evaporou- se, felizmente. / Saudoso / e velho / 24/dez/78. / Guilhermino.”

_____. *Sistema do imperfeito & outros poemas*. Porto Alegre: Globo. 1977. 184 p.



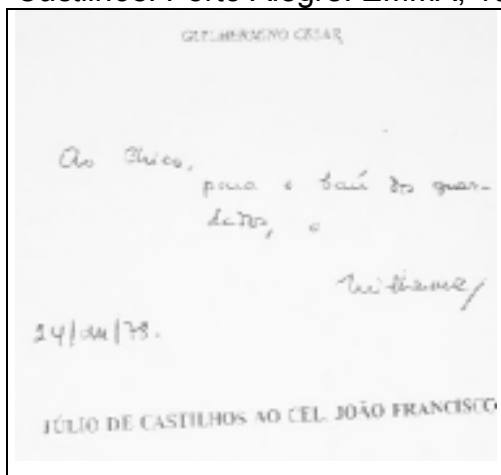
“Chico: / Aí vai o primeiro / exemplar saído da Globo, / com o abraço imensamente / saudoso do / Guilhermino / 25.VII.77.”

_____. (seleção e apresentação). *Historiadores e críticas do romantismo: a contribuição européia: crítica e história literária*. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos. 1978. 193 p. (Biblioteca Universitária de Literatura brasileira).



“Ao Chico Inácio Peixoto, / um
fazendeiro maroto / que faz
contos e poesia / no sertão
cataguarino, / um abraço e a
nostalgia / do caolho. /
Guilhermino. Porto Alegre,
julho, 78.”

_____. Júlio de Castilhos ao Cel. João Francisco. Separata de: *Júlio de Castilhos*. Porto Alegre: EMMA, 1978, p. 85-96.

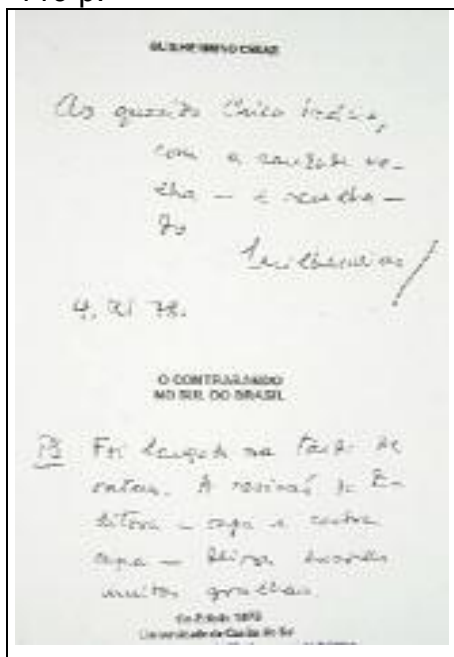


“Ao Chico, / para o baú
dos guar- / dados, o /
Guilhermino / 24/XII/78.”

_____. et al. *Imigração italiana: estudos*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul. Instituto Superior Brasileiro-Italiano de Estudos e pesquisas (ISBIEP). Caxias do Sul: UCS - EST., 1979. 279 p.

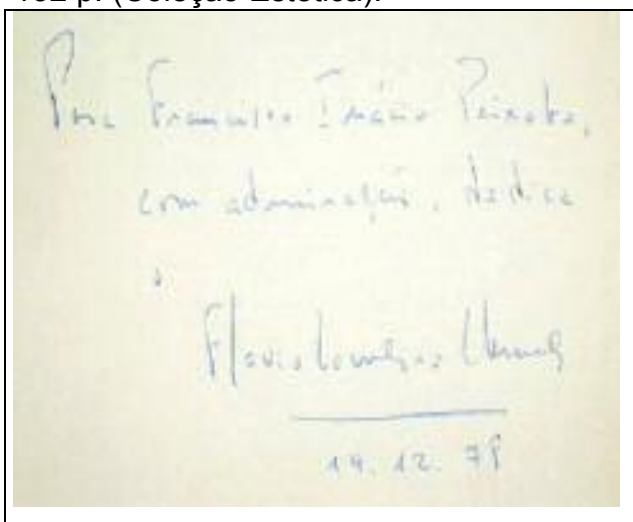
“Ao Chico, com saudades, o / velho / Guilhermino / Janeiro, 17
(de 1980).”

_____. *O contrabando no sul do Brasil*. Porto Alegre: Grafosul, Universidade de Caxias do Sul. Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1978. 119 p.



“Ao querido Chico Inácio, /
 com a saudade ve- / lha e
 revelha - / do / Guilhermino /
 4.XI.78./ Ps. Foi lançado na
 tarde de / ontem. A revisão
 da E- / ditora – capa e contra
 / capa - / deixou escapar /
 muitas gralhas.”

CHAVES, Flávio Loureiro. *O brinquedo absurdo*. São Paulo: W. Roth. 1978. 132 p. (Coleção Estética).

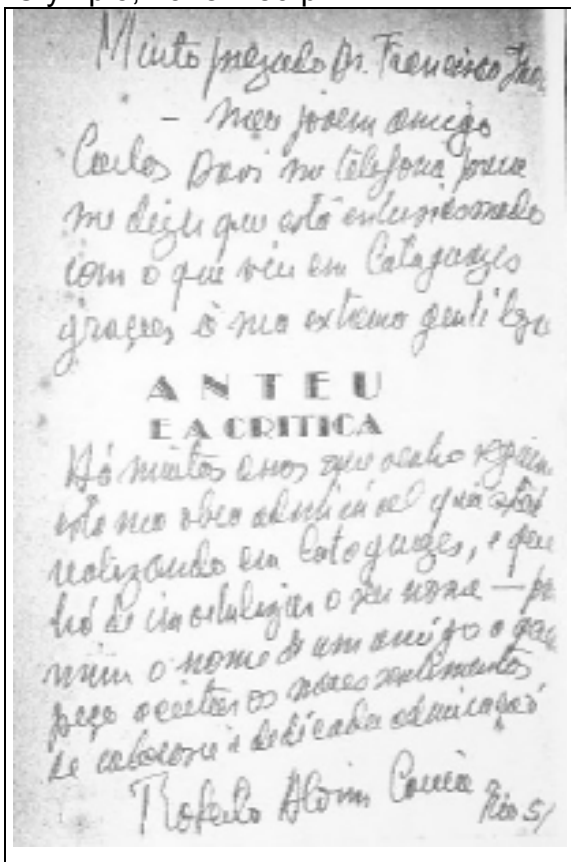


“Para Francisco Inácio Peixoto, /
 com admiração, dedica / o /
 Flávio Loureiro Chaves /
 14.12.78.”

CLAVER, Ronald. *Senhora do mundo*. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 1988. 131 p.

“Para / Chico Peixoto / esta nossa senhora / plena de malícias /
 e carícias. / Até / Ronald / Claver / 27/9/88”

CORRÊA, Roberto Alvim. *Anteu e a crítica*: ensaios literários. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1948. 280 p.



“Muito prezado Dr. Francisco Inácio / -
 meu jovem amigo / Carlos [Avis] no
 telefone parece / me dizer que está
 entusiasmado / com o que viu em
 Cataguases / graças a sua extrema
 gentileza. / Há muitos anos que venho
 seguindo / esta sua obra admirável
 que está / realizando em Cataguases,
 e que / há de immortalizar o seu nome -
 para / mim o nome de um amigo o
 qual / peço aceitar os meus
 sentimentos de calorosa e dedicada
 admiração / Roberto Alvim Corrêa /
 Rio 51.”

_____. *François Mauriac, essayiste chrétien*. Rio de Janeiro: Agir, 1951.
 204 p.



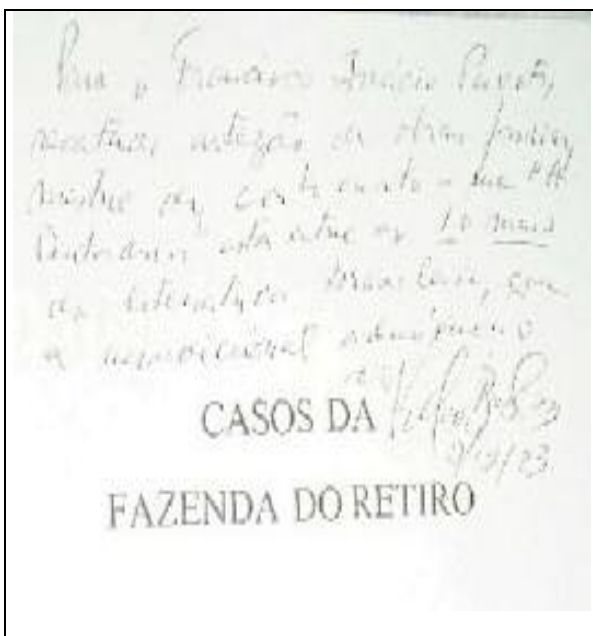
“a. d. Maria Passos
 / respeitosamente
 oferece / Roberto
 Alvim Corrêa.”

CORRÊA, Villas-Bôas. O Noel do Xingu. In: NUTELS, Noel. *Memórias e depoimentos*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974. 148 p.



“Ao / Chico Peixoto / com
um abraço dos / Villas
Boas / Orlando / abril / 74”.

_____. *Casos da fazenda do retiro*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1983. 73 p.



“Para o Francisco Inácio Peixoto, /
recatado artesão de obras primas, /
mestre do conto curto – sua “A /
Dentadura” está entre as 10 mais / da
literatura brasileira, com / a incondicional
admiração / do / Villas-Bôas Corrêa /
2/12/83.”

PS: O conto “A dentadura” de
Francisco Inácio Peixoto foi
publicado em *A janela* (1967) e
reeditado em *Chamada geral*
(1982).

COSTA, João Paulo Gonçalves da. *Cara & coroa*. Sabará: Dubolso, 1984. 93 p.



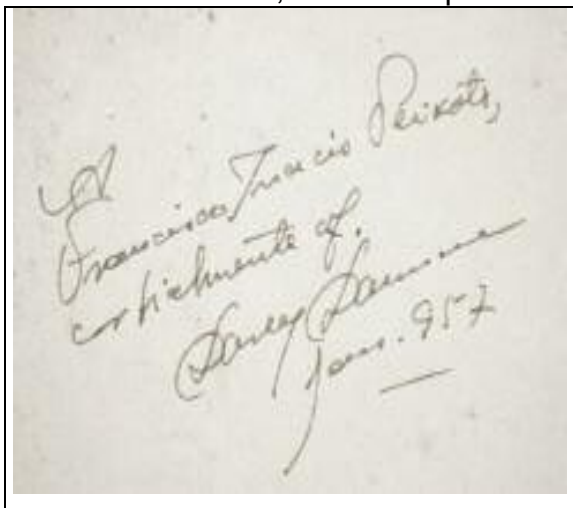
“Ao Francisco Inácio Peixoto /
a admiração de / João Paulo.
Nov/84.”

COSTA, Magalhães da. *Estação das manobras: contos*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985, 79 p.

“Para / Francisco Inácio Peixoto, / contista de mão-cheia, / com vontade de conhecer / o seu “Chamada geral”, que é uma “chama” / - com o abraço fraterno / do / José Magalhães da Costa / Em 26/07/85.”

PS. O livro *Chamada geral* editado em 1982 reúne os contos de dois livros do autor: *Dona Flor* e *A janela* com alguns inéditos.

DAMASCENO, Darcy (Ed.). *Comédias: teatro de Martins Pena I*. Rio de Janeiro: MEC. INL, 1956. 627 p.



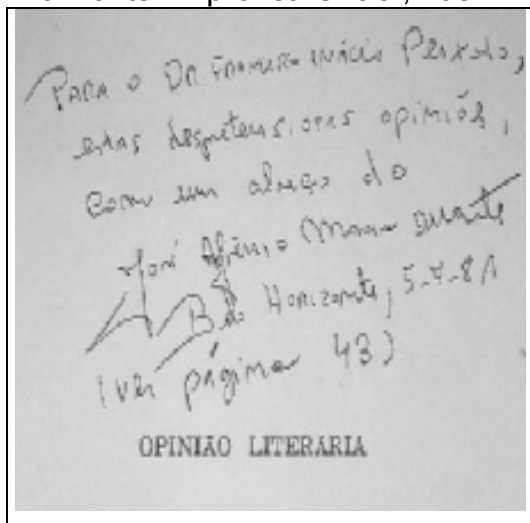
“A / Francisco Inácio Peixoto, / cordialmente of. / Darcy Damasceno. / jan. 957.”

DOYLE, Plínio. *História de revistas e jornais literários*. Rio de Janeiro: MEC – Fundação Casa de Rui Barbosa, 1976. 206 p. v. 1.

“Para Chico Peixoto, / amigo, amigo, / amigo, muito / citado nestas / “Histórias de revistas / e / jornais literários” / o abraço e a / admiração do / Plínio Doyle / Maio 77, em Cataguases.”

PS: O livro acima possui um capítulo sobre a revista *Verde*.

DUARTE, José Afrânio Moreira. *Opinião literária: ensaios e artigos*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1981. 136 p.



“Para o Dr. Francisco Inácio Peixoto, / estas desprentensiosas opiniões, / com um abraço do / José Afrânio Moreira Duarte. / Belo Horizonte, 5-7-81 / (ver página 43)”

PS: A página citada tem um capítulo intitulado “Um dos ases de Cataguases” sobre Francisco Inácio Peixoto.

_____. *Palavra puxa palavra: entrevistas*. São Paulo: Editora do Escritor, 1982. 183 p.

“Para Francisco Inácio Peixoto, / com a estima de sempre / José Afrânio Moreira Duarte / Belo Horizonte, 12-2-83.”

DUARTE, Maria Auxiliadora Moreira. *O mar, o vento...: contos*. São Paulo: Ed. do Escritor, 1980. 99 p.

“Para o Dr. Francisco Inácio Peixoto / muito cordialmente. / Maria Auxiliadora Moreira Duarte / Belo Horizonte, 28/9/80.”

DUTRA, Waltensir. *A evolução de um poeta: ensaio sobre a poesia de Jorge de Lima*. Rio de Janeiro: Tupã, 1952. 67 p.



“A Francisco Inácio Peixoto, / homenagem de / Waltensir Dutra.”

FARIA, Octavio de. *O lodo das ruas: os Paivas I: romance*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1942. 500 p. (Tragédia burguesa III, v. 1).

“a Francisco Inácio Peixoto / sincera homenagem de / Octavio de Faria / Rio – Janeiro, 1942.”

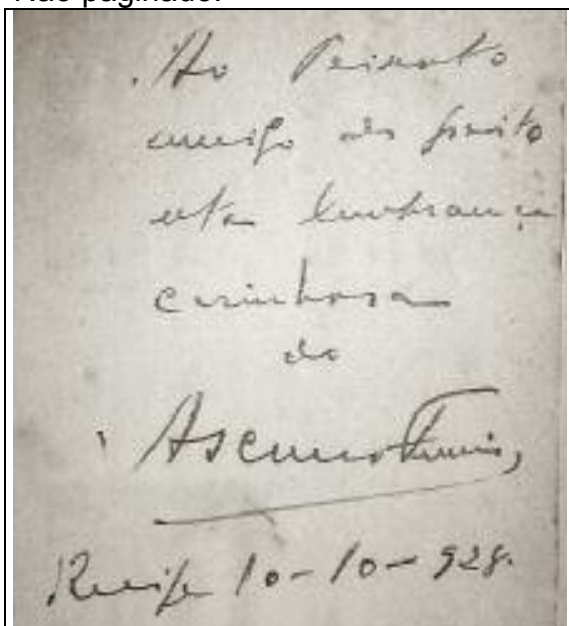
_____. *O anjo de pedra: o senhor do mundo – I: romance*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1944. 659 p. (Tragédia burguesa IV).

“a Francisco Inácio Peixoto, / cordial homenagem de / Octavio de Faria. / Rio Janeiro de 1945.”

_____. *Os renegados: o lodo das ruas – II: romance*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1947. 589 p. (Tragédia burguesa V).

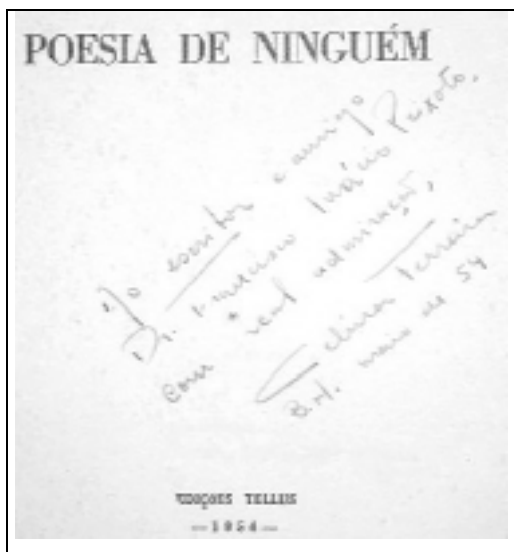
“a Francisco Inácio Peixoto, / cordial homenagem de / Octavio de Faria. / Rio – 31/12/47.”

FERREIRA, Ascenso. *Catimbó: versos*. 2. ed. Recife: Revista do Norte, 1928. Não paginado.



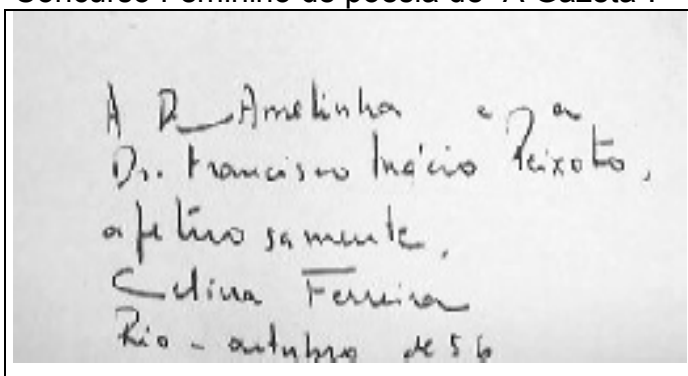
“Ao Peixoto / amigo do peito / esta lembrança / carinhosa / do / Ascenso Ferreira / Recife 10-10-928.”

FERREIRA, Celina. *Poesia de ninguém*. Belo Horizonte: Tellus, 1954. 120 p.



“Ao escritor e amigo / Dr.
Francisco Inácio Peixoto, /
com real admiração, / Celina
Ferreira. / BH. Maio de 54.”

_____. *Nave incorporéa*. São Paulo: A Gazeta, 1956. 93 p. 1º Prêmio no II Concurso Feminino de poesia de “A Gazeta”.



“A D. Amelinha e a / Dr.
Francisco Inácio Peixoto, /
afetuosamente, / Celina Ferreira.
/ Rio – outubro de 56. / Rua
Smith de Vasconcelos, 55 / apto
506 / Cosme Velho.”

_____. *Poesia cúmplice*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959. 67 p.



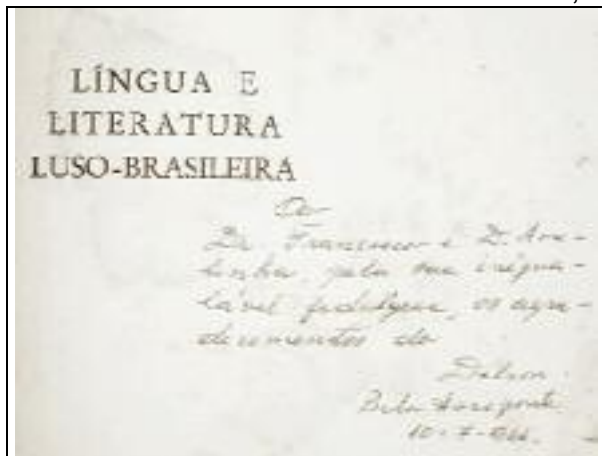
“A D. Amelinha / Ao Dr.
Francisco, / envio meus
cumprimentos, através dê /
te modesto livrinho. / Celina
Ferreira. / Rio- 1959.”

_____. *Hoje poemas*. [Rio de Janeiro]: Imprensa Oficial, 1966. 188 p.



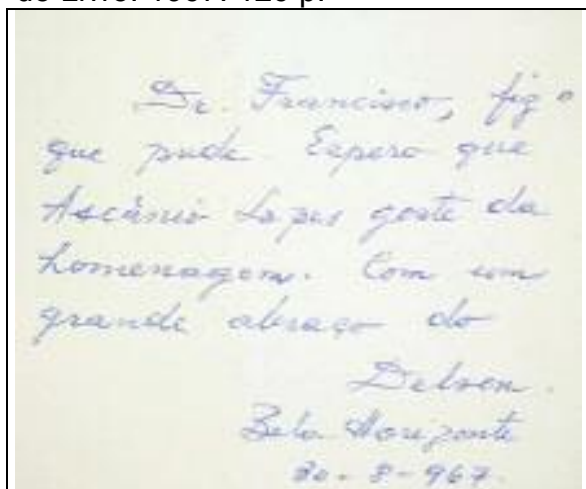
“A D. Amelinha e / Dr. Francisco, / afetuosamente. / Celina, / Rio, outubro de 67.”

FERREIRA, Delson Gonçalves. *Língua e literatura luso-brasileira*. 6. ed. rev. e aum. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1966. 537 p.



“Ao Dr. Francisco e D. Amelinha, pela sua inigualável fidalguia, os agradecimentos do / Delson / Belo Horizonte / 10-7-66.”

_____. *Ascânio Lopes: vida e poesia*. Belo Horizonte: Difusão Pan-Americana do Livro. 1967. 126 p.



“Dr. Francisco, fiz o / que pude. Espero que / Ascânio Lopes goste da / homenagem. Com um / grande abraço do / Delson. / Belo Horizonte / 30-8-67.”

_____. *A estrela sobe de Marques Rebelo*. [S.l.]: Pitágoras, [1977]. 30 p.

“Ao querido amigo, Dr. Francisco, esta pequena homenagem / ao grande Marques Rebelo. / Delson / B.H. 16-12-1977.”

_____. *O Aleijadinho*. Belo Horizonte: Comunicação, 1981. 156 p.

“A / Francisco Inácio Peixoto, / uma sincera admiração / e a / minha pequena, mas / constante amizade. / Delson / Belo Horizonte / 18-2-1982.”

_____. *Cartas chilenas: retrato de uma época*. Belo Horizonte: Lemi, 1982. 256 p.

“Este ensaio foi escrito com / amor e, agora, é oferecido / com / muita amizade ao / querido Francisco Inácio Pei- / xoto / Do / amigo esquivo, / Delson / Belo Horizonte * 16-4-1983.”

FIUZA, Ricardo Arnaldo Malheiros. *O passarinho de Lisboa: escritos de Portugal*. Belo Horizonte: Rona, 1984. 146 p.

“Ao Dr. Francisco Inácio Peixoto, / por intermédio do Dr. Merolino / Corrêa, com o apreço (a / ambos) do autor. / Ricardo Arnaldo Malheiros Fiuza BH. 14-3-85.”

FONSECA, Gondim da. *Que sabe você sobre petróleo?* 5. ed. Rio de Janeiro: São José, 1957. 272 p.

“Ao Dr. Francisco Inácio Peixoto, / ilustre Diretor do Colégio / de Cataguases, homenagem do / admirador / Gondim da Fonseca. / Rio, maio de 57.”

FONSECA, Luís Gonzaga de. *Itaúna humana e pitoresca: coletânea de itaunenses natos e adotivos*. Belo Horizonte: Bernardo Alvarez, 1961. 143 p.

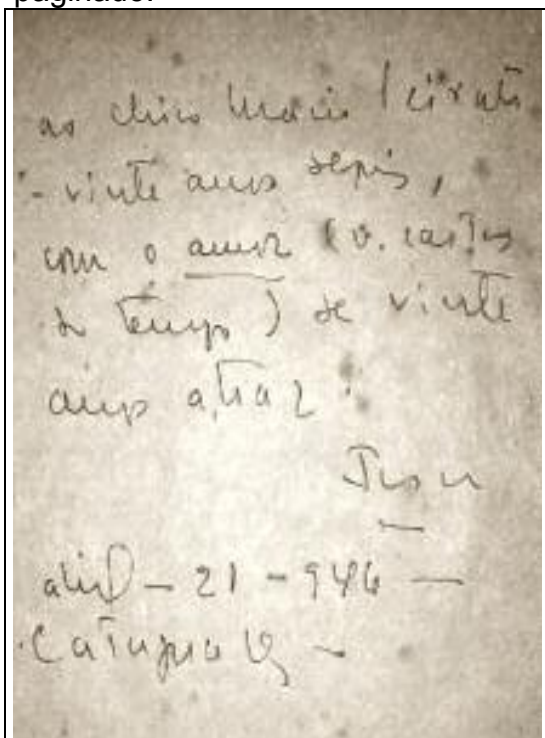
“Ao escritor Francisco Inácio / Peixoto, / homenagem do / Luís Gonzaga da Fonseca / B.Hte, 4-8-61.”

FRIEIRO, Eduardo. *O elmo de Mambrine*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1971. 266 p.



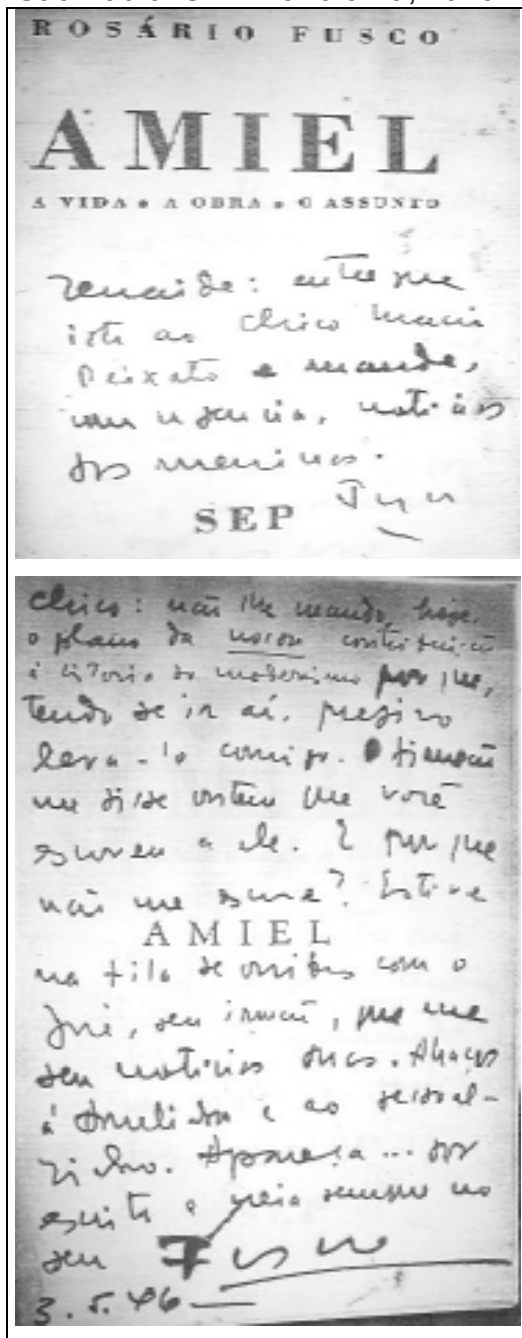
“A / Francisco Inácio Peixoto, /
homenagem cordial de seu
admirador de tantos anos /
Eduardo Frieiro / Belo
Horizonte / 1/Set./71.”

FUSCO, Rosário. *Fruta de conde: poesia*. Cataguases: Verde. 1929. Não paginado.



“Ao Chico Inácio
Peixoto / -vinte anos
depois, / com o amor
(v. cartas / do tempo)
de vinte anos atrás. /
Fusco / Abril-21-1946- /
Cataguazes.”

_____. *Amiel*: a vida, a obra, a assunto: notas à margem do Jornal – Intime. São Paulo: S. E. Panorama, 1940. 141 p.

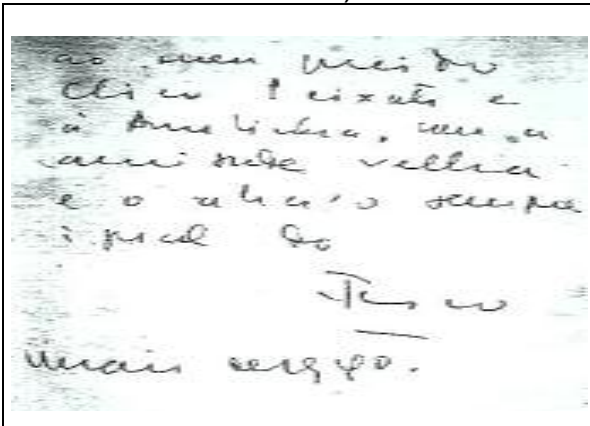


“Zenaide: entregue / isto
ao Chico Inácio /
Peixoto e mande, / com
urgência notícia das
meninas. / Fusco.

Chico: / não lhe mando, hoje, / o
plano da nossa contribuição à
história do Modernismo porque, /
tendo de ir aí, prefiro / leva-lo
comigo. O Simão / me disse
ontem que você escreveu a ele.
E por que / não me escreve?
Estive / na fila de ônibus com o /
José, seu irmão, que me / deu
notícias suas. Abraços / à
Amelinha e ao pessoal- / zinho.
Apareça... por escrito e creia
sempre no / seu Fusco / 3.5.46 –

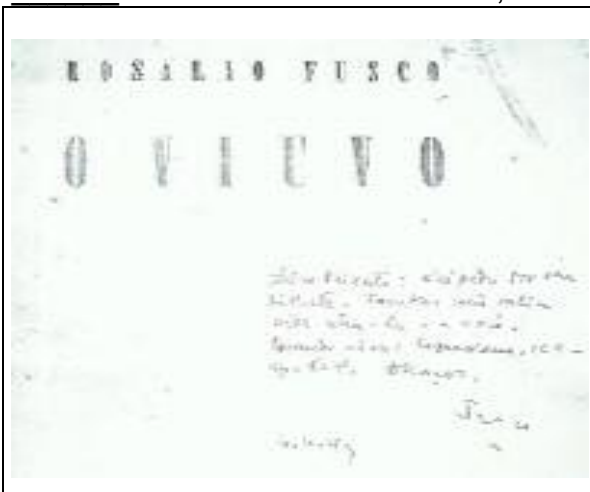
“

_____. *Vida literária*: SEP. São Paulo: Panorama, 1940. 274 p. (Coleção Estudos e Documentos).



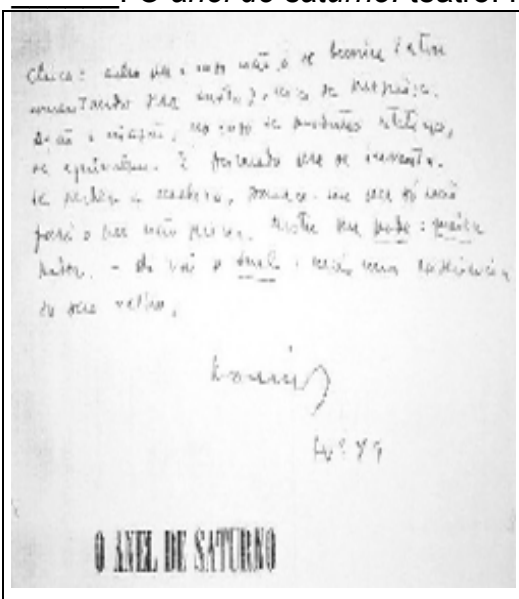
“Ao meu querido / Chico Peixoto e / à Amelinha, com a amizade velha / e o abraço sempre / igual do / Fusco / Maio 1940.”

_____. *O viúvo*: teatro. Rio: L. R., 1948. 74 p.



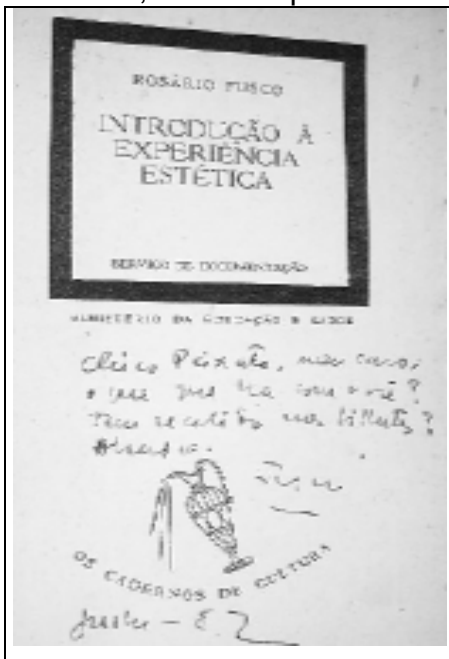
“Chico Peixoto: obrigado por seu / bilhete. Também não sabia / onde achá-lo, a você. / Quando vier: Copacabana, 109- / ap. 504. Abraços / Fusco / 6.6.49”

_____. *O anel de saturno*: teatro. Rio de Janeiro: L.R., 1949. 55 p.



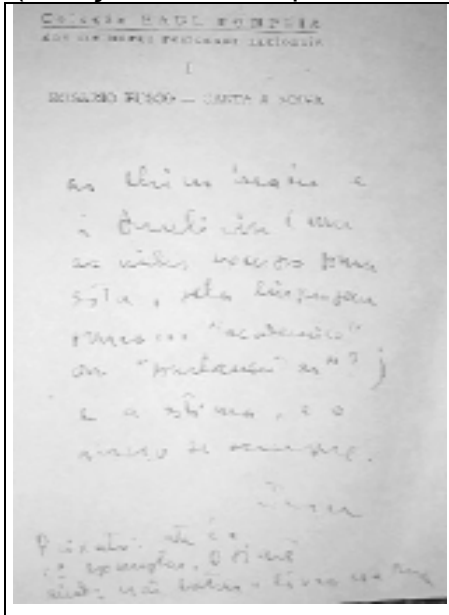
“Chico: acho que o caso não é de burrice (estive / comentando sua carta), mas de preguiça. / Ação e criação, no caso de produtos estéticos, / se equivalem. É fazendo que se inverta / se perder a moleza, parece-me que só não / fará o que não quiser. Mostre que pode: queira / poder. – Ai vai o Anel, mais uma experiência / do seu velho. / Rosário / fev. 79”

_____. *Introdução à experiência estética*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação. Ministério da Educação e Saúde. Departamento de Imprensa Nacional, 1952. 51 p.



Chico Peixoto, meu caro, / o há com você? /
Tem recebido meus bilhetes?
Abraços / Fusco / Julho - 52.”

_____. *Carta à noiva*: romance. Rio de Janeiro: Simões, 1954. 250 p. (Coleção Raul Pompéia dos melhores romances nacionais I).



“ao Chico Inácio e / à
Amelinha (com / as minhas
escusas para / esta, pela
linguagem / pouco...
“acadêmica” / ou
“parlamentar”?) / e a estima,
e o / abraço do sempre. /
Fusco / Peixoto: este é o / 1º
exemplar. O Simões / ainda
não botou o livro na rua.”

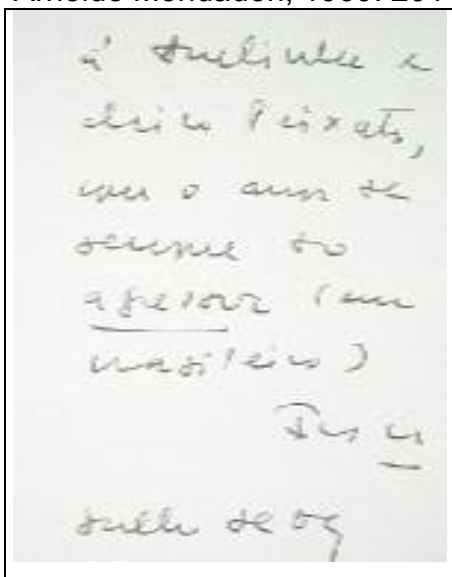
_____. *Dia do juízo*: romance. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1961. 277 p.

“Não entendi sua carta, Chico / Inácio, que me chegou / faltando
(pelo menos) o / começo. Também v. não / me diz se recebeu a

/ que lhe mandei em fins / de outubro, começos de / novembro.
Gostei da no- / ticia que me deu sobre Auta. Escreverei
comprido / depois. Aí vai (aqui meio livro) o produto do parto da
montanha de titica. Abraços gerais. / Fusco / 10.12.61.”

PS: Auta era a mãe de Rosário Fusco.

_____. *L' aggressore*: romanzo. Traduzione di Guiseppe Cintiole. Italy: Arnoldo Mondadori, 1969. 201 p.

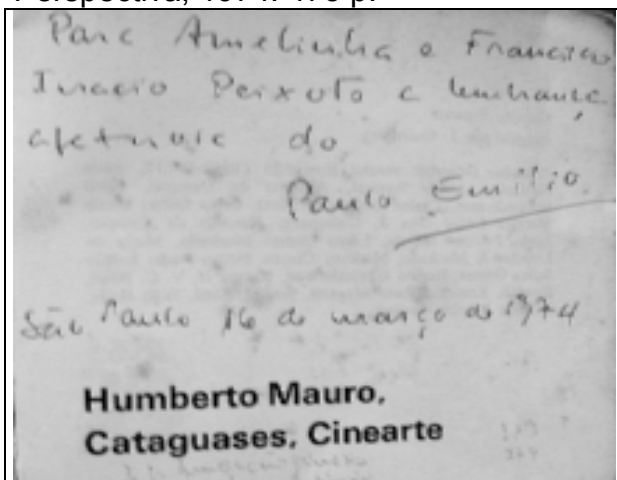


“À Amelinha e / Chico Peixoto, /
com o amor de / sempre do
agressor (em / brasileiro) / Fusco
/ julho de 69.”

GOMES, Dalmo Peixoto. *Carusmas*. Juiz de Fora: Esdeva, 1984. 87 p.

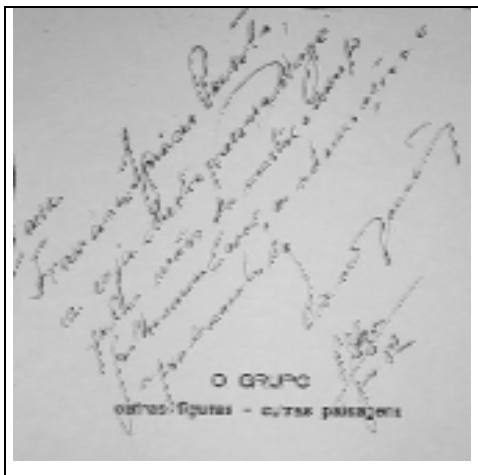
“Ao querido Tio Francisco, / com todo o carinho e afeição / do Dalmo. / 07-09-84.”

GOMES, P. E. Salles. *Humberto Mauro, Cataguases, cinearte*. São Paulo: Perspectiva, 1974. 475 p.



“Para Amelinha e
Francisco / Inácio Peixoto
a lembrança / afetiva do /
Paulo Emilio / São Paulo
16 de março de 1974.”

GOUVÊA, Paulo. *O grupo: outras figuras – outras paisagens*. Porto Alegre: Movimento; INL, 1976. 192 p.



“Para / Francisco Inácio Peixoto, /
na cuja ilustre presença chego /
pelas mãos do mestre e amigo /
Guilhermino César, a admiração e o
/ agradecimento do / Paulo de
Gouvêa / P. Alegre / jun. 82”

GUIMARÃENS FILHO, Alphonsus de. *Antologia da poesia mineira: fase modernista*. Belo Horizonte: Livraria Cultura Brasileira, 1946. 107 p.



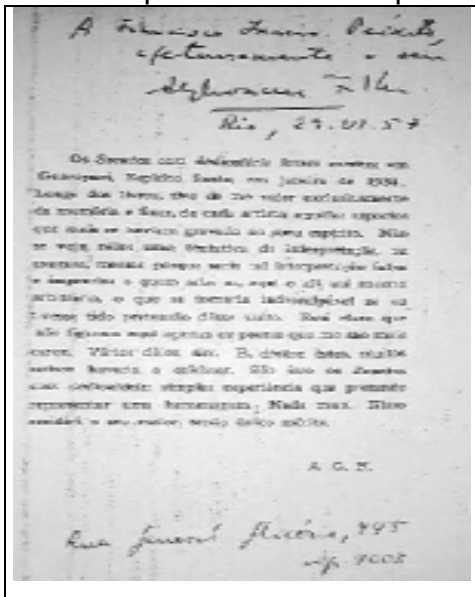
“Ao caro Francisco
Inácio / Peixoto, / o
melhor e mais
afetuoso / abraço do
antologista /
Alphonsus de
Guimaraens Filho. /
B.H. / 28.I.47.”

. *O irmão: poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1950. 109 p.



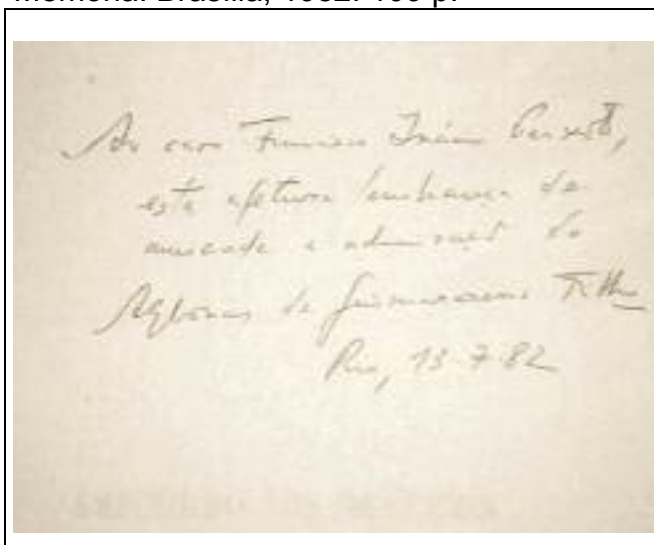
“A Francisco Inácio
Peixoto, / com muita
amizade, / o / Alphonsus
de Guimaraens Filho /
Belo Horizontes, março
de 1950 / Rua Francisco
Descartes, 41.”

_____. *Sonetos com dedicatória*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação. MEC. Departamento de Imprensa Nacional, 1956. 54 p.



“A Francisco Inácio Peixoto,
/ afetuosamente o seu /
Alphonsus Filho / Rio,
29.VI.57. / Rua General
Glicério, 445 / Ap.1003.”

_____. *Discurso no deserto*. Rio de Janeiro: INL. Fundação Nacional Pró-Memória. Brasília, 1982. 109 p.

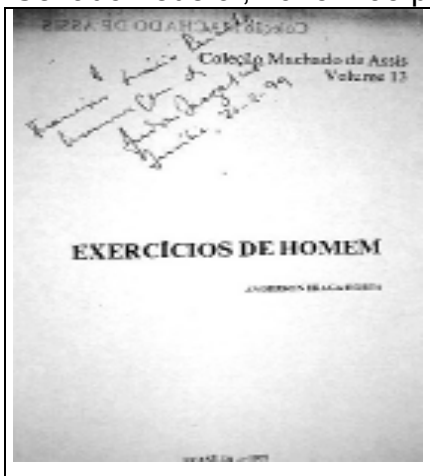


“Ao caro Francisco
Inácio Peixoto, / esta
afetuosa lembrança de
/ amizade e admiração
do / Alphonsus de
Guimarães Filho / Rio,
13.7.82.”

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1959. 412 p. (Coleção Documentos Brasileiros).

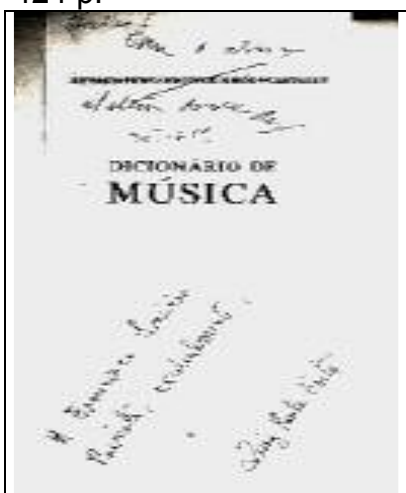
“Para o / Francisco Inácio / Peixoto, com / um grande abraço de
/ Sérgio Buarque de Holanda / Cataguases, novembro 1959.”

HORTA, Anderson Braga. *Exercícios de homem: 1964 – 1967*. Brasília: Senado Federal, 1978. 138 p. (Coleção Machado de Assis, v. 13).



“A / Francisco Inácio Peixoto, /
homenagem de / Anderson
Braga Horta / Brasília, 31-3-
79.”

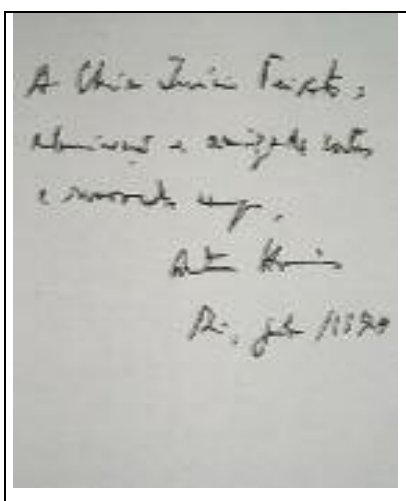
HORTA, Luiz Paulo (Ed.). *Dicionário de música*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. 424 p.



“A Francisco Inácio / Peixoto,
cordialmente, / o / Luiz Paulo
Horta.”

PS: Junto a dedicatória segue um cartão do Bulhões, que sempre buscava dedicatórias para o amigo Francisco Inácio Peixoto.

HOUAISS, Antônio. *A defesa*. Rio de Janeiro: Avenir, 1979. 63 p.



“A Chico Inácio Peixoto, /
admiração e amizade certos / e
renovados amigos, / Antonio
Houaiss / Rio, junho / 1979.”

IVO, Ledo. *Ode e elegia*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1945. 63 p.



“A Francisco Inácio / Peixoto, por
lembran / -ça do demolidor /
Rosário Fusco, oferece / Ledo
Ivo / R. Redentor 218 ap 302
Ipanema / Rio.”

KELLY, Celso. *Valores do espírito: ensaios*. [S.l.]: Edições G.T.L., [19-]. 114 p.



“A Francisco Peixoto, /
lembrança cordial / do / Celso
Kelly / Nº 54.”

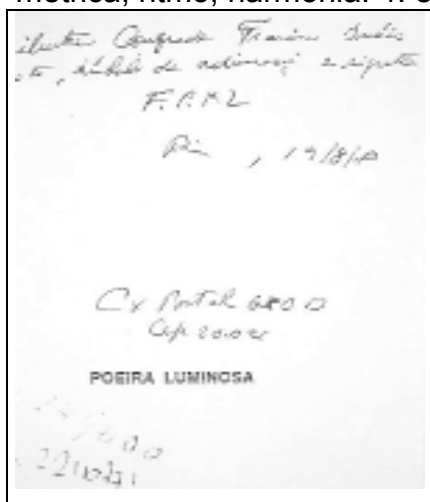
LACERDA, Ayêska Paula Freitas de. *Manchas roxas: contos*. Salvador: Arte Moderna, 1981. 71 p.

“Para Francisco Inácio Peixoto, / a homenagem de Ayêska /
Salvador, fev /82”

LEITE, Sebastião Uchoa. *Isso não é aquilo*. São Paulo: Alternativa, 1982. Não paginado.

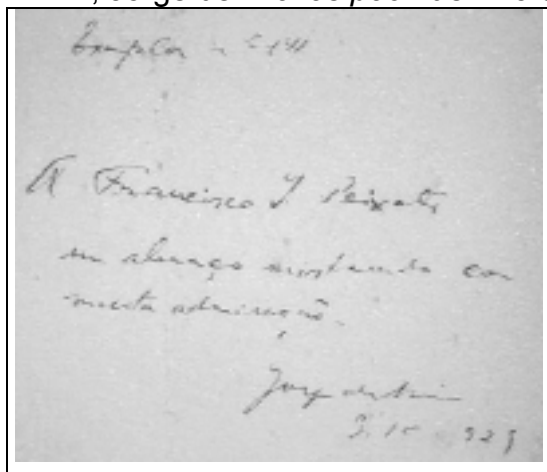
“A Francisco Inácio Peixoto do / Sebastião / RJ/82.”

LESSA, Francisco de Paula Mayrink. *Poesia luminosa: poemas e contos: métrica, ritmo, harmonia*. 4. ed. Rio de Janeiro: Luna, 1982. 187 p.



“Ao ilustre Confrade Francisco Inácio / Peixoto,
símbolo de admiração e simpatia. / F.
P. M. L. Rio, 19/8/82. / Cx. Postal 65013
/ Cep 20.021.”

LIMA, Jorge de. *Novos poemas*. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello, 1929. 58 p.



“Exemplar nº 141 / A Francisco
I. Peixoto / um abraço
misturado com / muita
admiração. / Jorge de Lima /
3.10.929.”

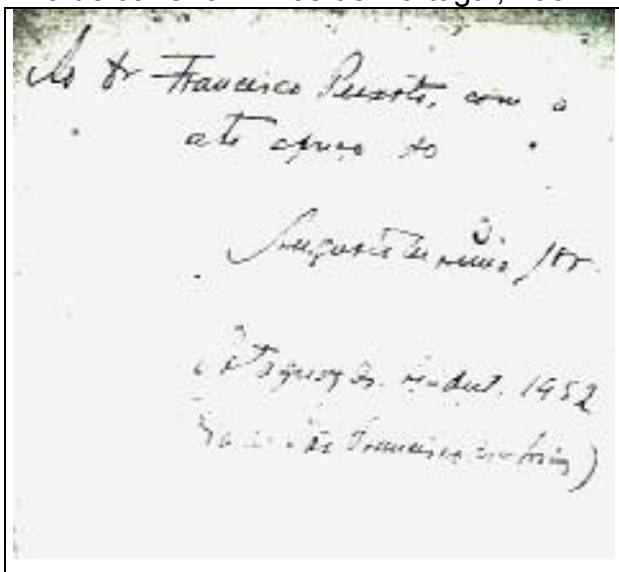
_____. *Dois ensaios*. Maceió: Casa Ramalho, 1929. 138 p.

“A Francisco Ignácio Peixoto / com admiração de / Jorge de
Lima. / 21.11.929. / Comercio 502 / Maceió.”

_____. *Obra poética*. Otto Maria Carpeaux (Org.). Rio de Janeiro: Getulio Costa, 1950. 659 p.

“Ao / Francisco Ignacio Peixoto, / com o maior apreço e / velha
admiração. / Jorge de Lima. 21.3.51 / Praça Floriano Peixoto, 55
/ 11º andar / Rio.”

LIMA JUNIOR, Augusto de. *Serões e vigílias*: páginas avulsas. Primeira Série. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952. 208 p.



“Ao Dr. Francisco Peixoto
com o / certo apreço do /
Augusto de Lima Júnior. /
Cataguases, 4-abril. 1952 /
(Dia de São Francisco de
Assis)”

_____. *Notícias históricas*: de norte a sul. Rio de Janeiro: Rodrigues & Cia, 1953. 351 p.

“Ao Dr. Francisco Inácio Peixoto, / com o abraço do / Augusto
de Lima Jr. / Rio 1954. / Rua Esteves Junior 39 / Laranjeiras.”

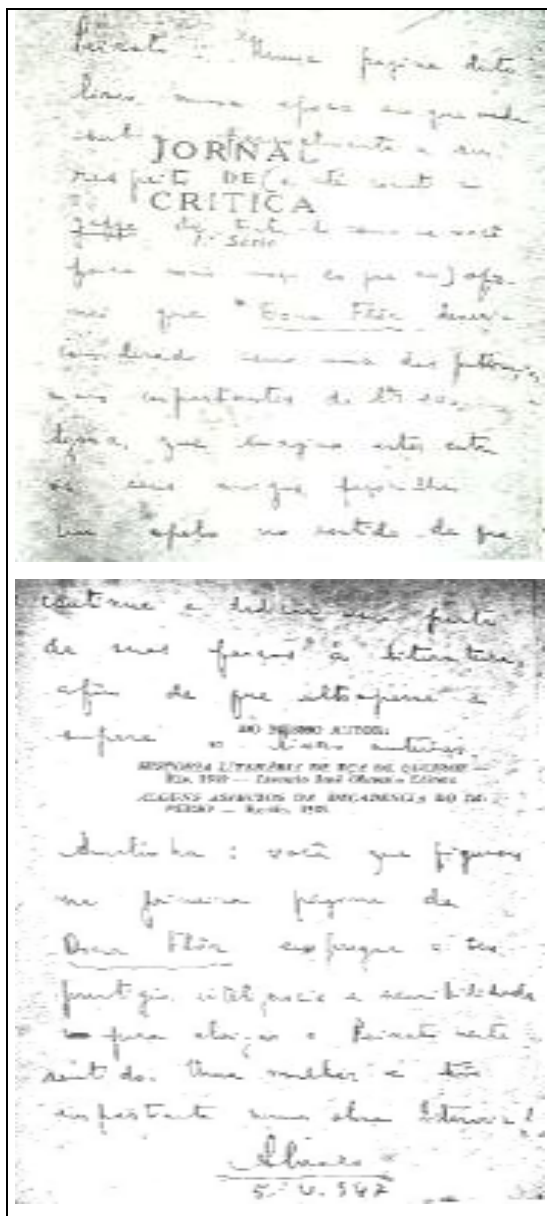
LINHARES, Temístocles. *Antologia do moderno conto português*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. 343 p.

“5/4/971 / Para o velho Francisco, / o velho Linhares.”

LINS, Álvaro. *História literária de Eça de Queiroz*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1939. 134 p.

“Ao Peixoto e Amelinha / afetuosa lembrança / de / Álvaro Lins / 5.4.947.”

_____. *Jornal de crítica*. 1ª série. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1941. 370 p.



“Peixoto: Numa página deste / livro, numa época em que nada / sabia pessoalmente a seu / respeito (e até cometi a / gaffe / [sic] de tratá-lo como se você / fosse mais moço do que eu) afir- / mei que *Dona Flor* deveria / considerado como uma das / publicações / mais importantes de / 1940. / Agora, que imagino estar / entre / os seus amigos, faço-lhe / um apelo no sentido de que / continue a dedicar uma parte / de suas força à literatura, / afim de / que ultrapasse e / supere o livro / anterior. / Amelinha: você que / figurou / na primeira página de / *Dona Flôr* empregue o teu / prestígio, inteligência e / sensibilidade / para obrigar o / Peixoto neste / sentido. Uma / mulher é tão / importante numa / obra literária! / Álvaro / 5.4.947.”

_____. *Jornal de crítica*. 2ª série. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1943. Não paginado.

“Amelinha e Peixoto - / como esquecer a naturalidade, / a bondade e o afeto / com que vocês me / receberam? Mas não / façamos / das nossas relações apenas / uma questão de / memória, / e sim de coração. / É com ele que lhes deixo nesta / página um testemunho de / amizade. / Álvaro.”

_____. *Notas de um diário de crítica*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1943. 186 p.



“Peixoto – No dia dos / seus
38 – ah, que número /
indicativo da plenitude da /
vida! – com os meus votos
de / todas as felicidades para
você / e Amelinha / - 5.4.947.
Álvaro.”

_____. *Jornal de crítica*. 3ª série. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1944. 302 p.

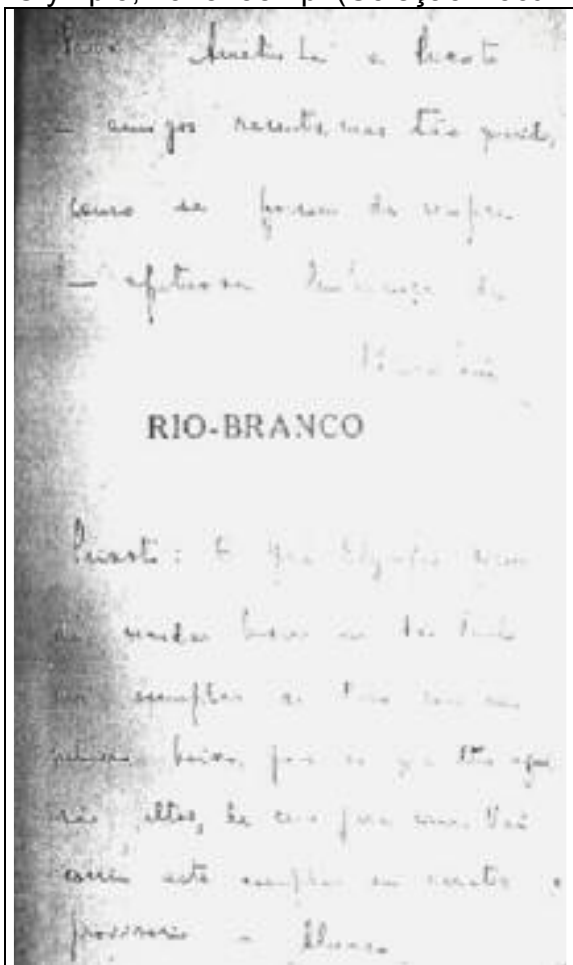
“Amelinha e Peixoto – vocês / dois, e mais seis filhos, e / os
sentimentos nobres a / liga-los, e mais esta casa / magnífica –
ah, isto tem / um velho nome, felicidade, / que pude contemplar
/ com a emoção simples / de quem é igualmente / feliz na sua
casa. / 5.4.947. Álvaro.”

_____. *História literária de Eça de Queiroz*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Globo, 1945. 187 p.



“Para Amelinha e Peixoto / -
afetuosa lembrança dos dias
tão agradáveis que / passei
nesta casa admirável / sob
todos os aspectos - / Álvaro
Lins / 5.4.947.”

_____. *Rio – Branco: o Barão do Rio-Branco. 1845-1912.* São Paulo: J. Olympio, 1945. 381 p. (Coleção Documentos Brasileiros 50, v.1).



“Para Amelinha e Peixoto / - amigos recentes, mas tão queridos / como se fossem de sempre / - afetuosa lembrança de / Álvaro Lins. / Peixoto: O José Olympio ficou / de mandar buscar em São Paulo / um exemplar de livro com um / número baixo, pois os que têm aqui / são altos, de cem para cima. / Vai assim este exemplar em caráter provisório – Álvaro.”

PS: O dedicador prometeu a Francisco Inácio Peixoto um exemplar com número mais baixo, mas não encontramos na biblioteca outro exemplar, provavelmente ficou só na promessa.

_____. *Jornal de crítica. 4ª série.* Rio de Janeiro: J. Olympio, 1946. 338 p.

“Para Peixoto e Amelinha / -amigos de uma semana, / mas parecendo tão antigos / que já nem posso recordar / quando os conheci - / afetosamente, / Álvaro / 5.4.947.”

_____. *Jornal de crítica. 5ª série.* Rio de Janeiro: J. Olympio, 1947. 309 p.

“Para Amelinha e Peixoto / - amigos do coração, lembrando / mais uma vez aqueles dias / para mim tão agradáveis / de março – abril de 1947 - / do seu / Álvaro Lins / Rio 47.”

_____. *A técnica do romance em Marcel Proust*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1950. 128 p.

“Para Amelinha e Peixoto / - com a lembrança sempre / viva
daqueles dias de abril / de 1947, que espero não morrer / sem
repetir – e com / todos os sentimentos de / apreço e amizade do
/ Álvaro / 28.4.50 / (Edição reservada de 300 exemplares).”

_____. *Jornal de crítica*. 6ª série. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1951. 316 p.

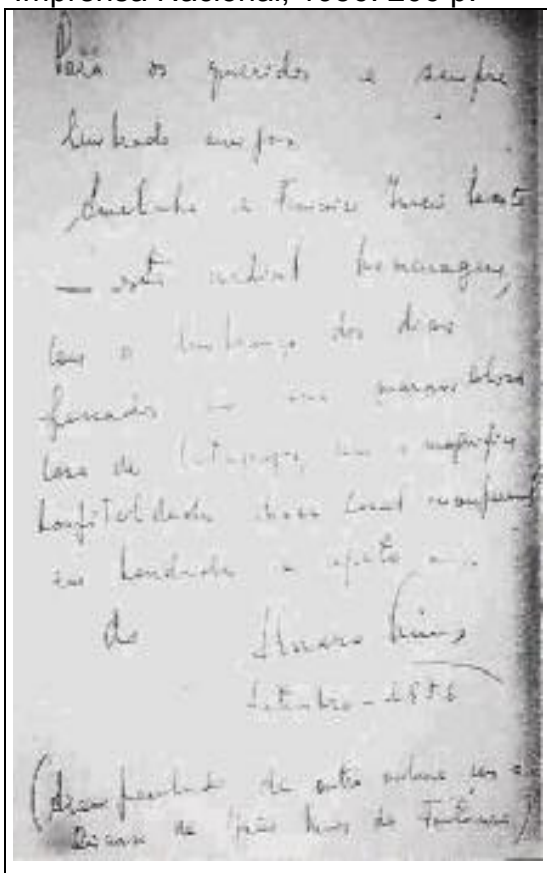
“Para os queridos e inesquecíveis / amigos Amelinha e Chico
Peixoto, / afetuosa lembrança do seu / Álvaro / Agosto 1951.”

_____. *No mundo do romance policial*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação. Ministério da Educação e Saúde. Departamento de Imprensa Nacional, 1953. 26 p.



“Ao caro e admirável /
Francisco Inácio
Peixoto – / nesta sua
casa de Cataguases /
que é um paraíso. /
Álvaro Lins. 12.3.54.”

_____. *Discurso de posse na Academia Brasileira*. (Estudo sôbre Roquette-Pinto). Rio de Janeiro: MEC. Serviço de documentação. Departamento de Imprensa Nacional, 1956. 206 p.



“Para os queridos e sempre /
lembrado amigos / Amelinha e
Francisco Inácio Peixoto / - esta
cordial homenagem, / com a
lembrança dos dias / passados
em sua maravilhosa / casa de
Cataguases, com a magnífica /
hospitalidade desse casal
incomparável / em bondade e
afeto - / do / Álvaro Lins /
Setembro – 1956 /
(Acompanhado de outro volume
com o / Discurso de João Neves
da Fontoura).”

_____. *Discurso sobre Camões e Portugal*. Rio de Janeiro: MEC. Serviço de Documentação. Departamento de Imprensa Nacional, 1956. 83 p.

“Para Amelinha e Chico Peixoto / Meus queridos amigos /
Acreditem que me sentiria feliz / se estas páginas sobre
Portugal / despertassem em vocês o gosto, a / vontade, o
ímpeto de uma ida / a Lisboa, onde a nossa casa / temporária, a
Embaixada do Brasil, / na Rua Antonio Maria Cardoso, nº 8, /
será também a casa de vocês, / embora jamais lhes posso
oferecer / uma hospitalidade comparável / àquela / que recebi,
por duas vezes, na / casa admirável de vocês em Cataguases. /
Com as afetuosas lembranças / de Heloísa, recebam um /
grande e fraternal abraço do / Álvaro / 30-10-56.”

_____. *Missão em Portugal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960. 534 p.

“Para Francisco Inácio Peixoto / - companheiro de vida literária / e amigo de uma hospitalidade / em Cataguases que jamais / esquecerei - com toda a estima, o / apreço e a admiração / de / Álvaro Lins / Janeiro – 1961.”

_____. *A glória de César e o punhal de Brutus: ensaios e estudos – 1939-1959*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962. 322 p.

“Para os queridos e sempre / lembrados amigos / - Amelinha e Francisco Inácio Peixoto / - ah, que saudades de Cataguases, / e, sobretudo da casa e da presença / de vocês com “sendo”, para / mim, Cataguases - / com o afeto, o apreço e / a admiração de / Álvaro Lins / Janeiro – 1963.”

_____. *Jornal de crítica*. 7ª série. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1963. 325 p.

“Para os queridos e / sempre lembrados amigos / Amelinha / e / Francisco Inácio Peixoto / -com a estima, o apreço / e a admiração de / Álvaro Lins / Março – 1963.”

_____. *Literatura e vida literária: diário e confissões: notas de um diário de crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963. 237 p. 2 v.

“Para os queridos amigos, ines- / quecíveis, sempre lembrados / Amelinha e Chico Peixoto - / em nome de Heloisa / e no meu – com a / estima, o apreço e a admiração do seu / Álvaro Lins / Abril – 1963.”

_____. *Da técnica do romance em Marcel Proust: biografia pessoal: teoria literária*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. 162 p.

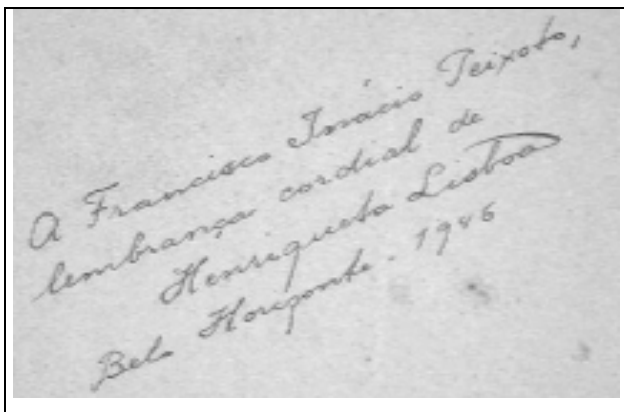
“Meus queridos amigos / Amelinha e Chico Peixoto - / ah! quantas saudades de / vocês e dos dias que ai passamos juntos / justamente mais ou menos há / dez anos atrás! / Como outros fazem filhos, eu / faço livros. Este é antigo, mas / remoçado para uma outra edição, revista e refeita, vestido de roupa / nova como alguém para um dia / de festas no interior, à maneira / do

que diz Graciliano [Ramos] de uma / de suas personagens. /
Álvaro Lins. / Março 1968.”

LISBOA, Henriqueta. *Velário*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de MG, 1936. 131 p.

“A Francisco Inácio Peixoto, / cordialmente oferece / Henriqueta
Lisboa / Belo Horizonte – 1940.”

_____. *A face lívida: poesia 1941/1945*. Belo Horizonte: 1945. 147 p.

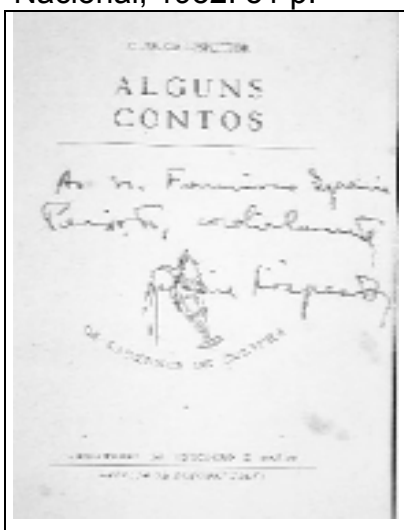


“A Francisco Inácio
Peixoto, / lembrança
cordial de / Henriqueta
Lisboa / Belo Horizonte –
1946.”

_____. *Pousada do ser*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. 113 p.

“Ao poeta Francisco I. Peixoto, / com especial apreço, / Henriqueta Lisboa / B.H.83.”

LISPECTOR, Clarice. *Alguns contos*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação. Ministério da Educação e Saúde. Departamento de Imprensa Nacional, 1952. 51 p.



“Ao Sr. Francisco Inácio / Peixoto, cordialmente, /
Clarice Lispector.”

LOPES, José Leme. *A psiquiatria de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Agir, 1974. 193 p.

Para o veterano Francis.
Co Inácio Peixoto esta prova
do calouro
Leme Lp.
270674

“Para o veterano Francis- / co Inácio
Peixoto esta prova / do
calouro / Leme Lopes / 27 06
74.”

LOPES, Ribamar. *Quinze casos contados*. Fortaleza: Nação Cariri – Livraria Gabriel, 1985. 118 p.

“Para o escritor / Francisco Inácio Peixoto, / com os
cumprimentos de / Ribamar Lopes / Fortaleza, outubro, 1985.”

LOUSADA, Wilson. *O espelho de Orfeu*. Rio de Janeiro: MEC. Serviço de documentação, 1968. 235 p.

“Para Francisco Inácio Peixoto e Amelinha, lembrança / amiga
de / Wilson Lousada / 22-7-70”

LUFT, Lya. *A asa esquerda do anjo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. 141 p.

Para
Francisco Inácio
Peixoto,
a admiração
da gaúcha
Lya Luft
P. Alegre, 28-5-81

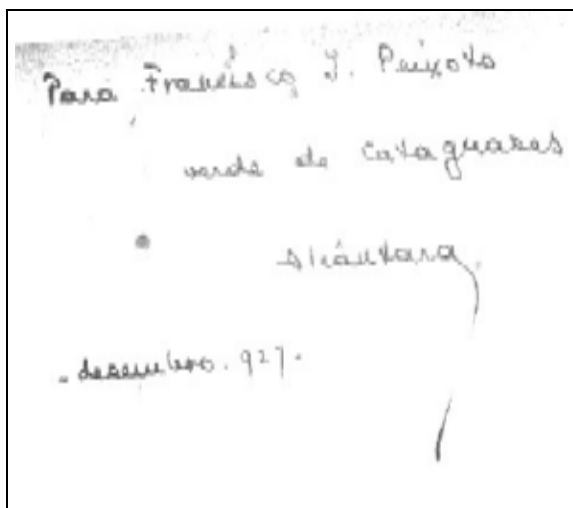
“Para / Francisco Inácio /
Peixoto, / a admiração / da
gaúcha / Lya Luft. / Porto
Alegre, 28-5-81.”

MACHADO, Antônio de Alcântara. *Pathé Baby*. São Paulo: Editorial Hélios, 1926. Não paginado.



“Para Francisco I.
Peixoto / com muita
camaradagem. /
Alcântara / -dezembro
[sic.] 927.”

_____. *Brás, Bexiga e Barra Funda: notícias de São Paulo*. São Paulo: Editorial de São Paulo, 1927. 141 p.

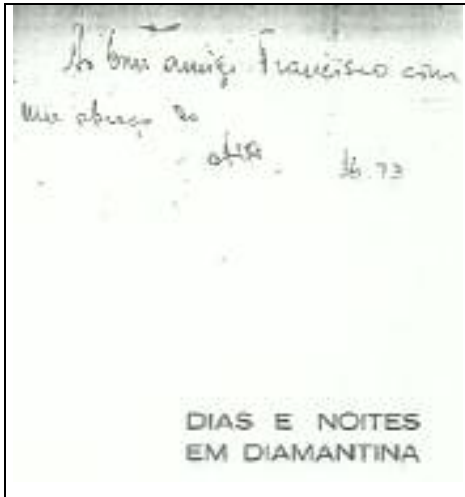


a Francisco I. Peixoto / verde de
Cataguases. / Alcântara / -
dezembro [sic.] 927.”

MACHADO, Brasil Pinheiro. *4 poemas: com algumas palavras de Augusto Frederico Schmidt*. [S.l.: s.n.], 1928. 12 p.

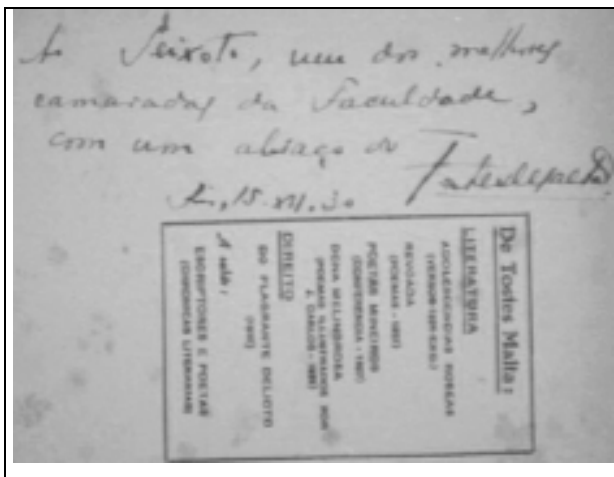
“Ao Francisco Inácio Peixoto / com toda a simpatia. / Brasil
Pinheiro Machado.”

MACHADO FILHO, Aires da Mata. *Dias e noites em Diamantina: folclore e turismo*. Belo Horizonte: Maciel, 1972. 113 p.



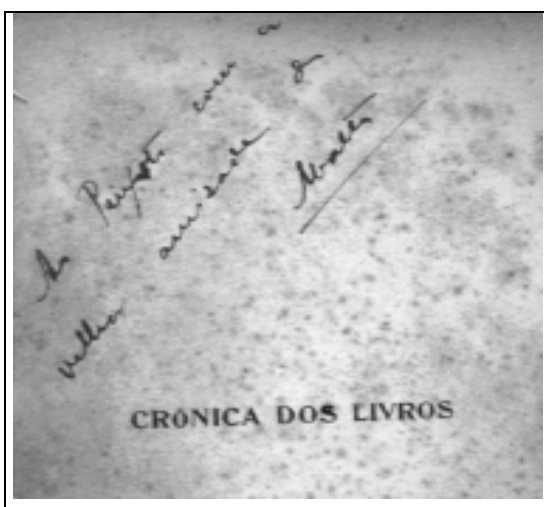
“Ao bom amigo Francisco com / um abraço do /
Aires da Mata / Ab. 73.”

MALTA, Tostes. *Discurso*. Rio de Janeiro: Henrique Velho, 1930, 51 p.



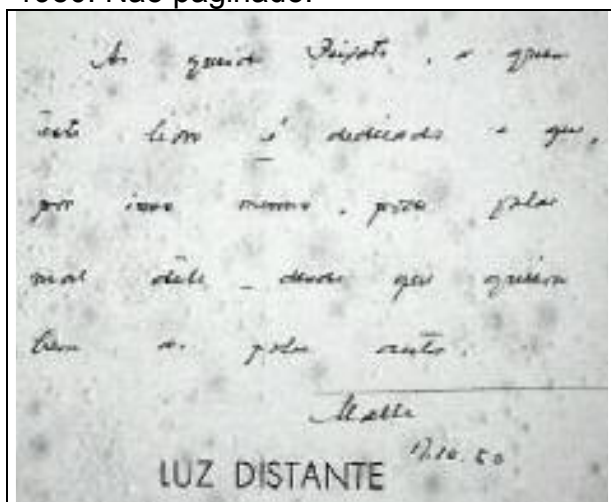
“Ao Peixoto, um dos
melhores / camaradas da
Faculdade, / com um
abraço do / Tostes Malta /
Rio, 15-XII-30.”

_____. *Crônica dos livros*. Rio de Janeiro: A Noite, 1932. 313 p.



“Ao Peixoto com a /
velha amizade de /
Malta.”

_____. *Luz distante*: poemas. Rio de Janeiro: Serviço gráfico do I.B.G.E., 1950. Não paginado.



“Ao querido Peixoto, a quem / êste livro é dedicado e que, / por isso mesmo, possa falar / mal dêle – desde que queira / bem o pobre autor. / Malta / 17.10.50.”

_____. *Novos julgamentos*. Rio de Janeiro: Trabalhistas, 1973, 284 p.



“A / Francisco Inácio Peixoto, / amigo de todos os tempos, / afetuosamente, o / Malta / 31 [março] 73.”

PS: Este livro traz a dedicatória impressa ao escritor Francisco Inácio Peixoto.

_____. *O processo no Tribunal Superior do Trabalho*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1974. 153 p.

“Ao querido Peixoto, com / um abraço de / Malta / 6 set 74.”

_____. *Comentários à consolidação das leis do trabalho*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1975. 208 p.

“Ao querido Peixoto, / com o abraço do Malta / Rio 75.”

_____. *Cantiga ao vento*. Rio de Janeiro: Folha Carioca. 1977. 96 p.



“Peixoto / o livrinho ficou diferente / do
que eu queria – e os / versos possuem
ainda piores. / Mas as epígrafes são
boas / - e a da fl. 70 é ótima. /
Afetuosamente, o / Malta / 22.nov.77”

PS: A epígrafe da página 70 é de Francisco
Inácio Peixoto.

_____. *Controvérsias trabalhistas*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1977. 241 p.

“Para o Peixoto não / se esqueça de / Malta.”

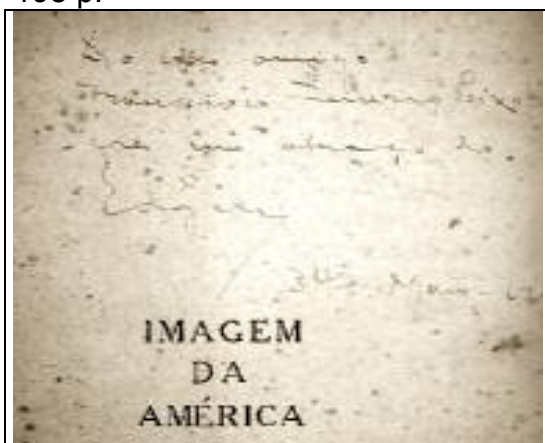
MARANHÃO, Haroldo. *A estranha xícara: crônicas e estórias curtas*. Rio de Janeiro: Saga, 1968. 219 p.

“Ao caro Chico Peixoto, / o abraço, muito cordial, / do / Haroldo Maranhão.”

MARTINS, Cristiano. *Rilke: o poeta e a poesia*. Belo Horizonte: Movimento Editorial Panorama. 1949. 187 p.

“A / Francisco Inácio Peixoto - / com a admiração de / Cristiano
Martins / fev. 1949. / Rua Leopoldina, 584 – B. H^{te}.”

MATA-MACHADO, Edgar de Godoi da. *Imagem da América: notícias e notas de uma excursão aos EE. UU.* Belo Horizonte: Livraria Cultura Brasileira, 1944. 198 p.

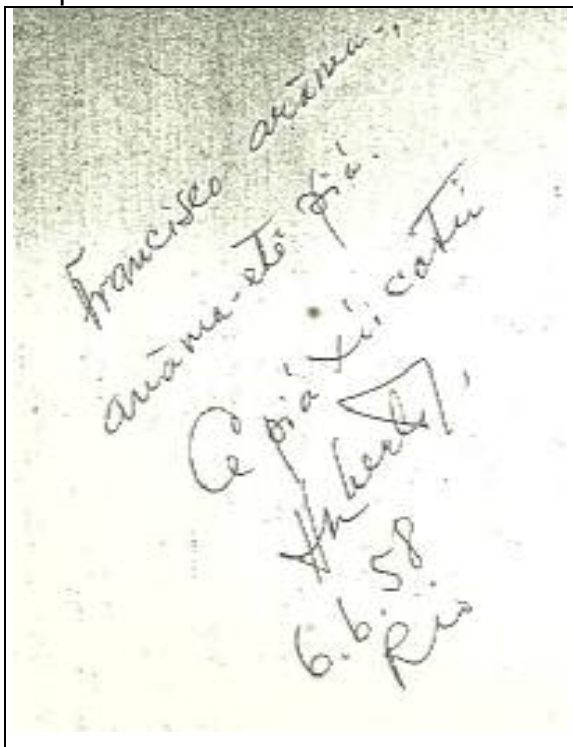


“Ao caro amigo /
Francisco Inácio
Peixoto / com um
abraço do / Edgar /
Bh^{te}. Maio-44.”

_____. *Memorial de idéias políticas*. Belo Horizonte: Vega, 1975. 533 p.

“Ao caro Francisco I. Peixoto / com a velha admiração / e a constante amizade / do / Edgar de Godoi da Mata-Machado / Bhte. 28.IX.75.”

MAURO, Humberto. *Vocabulário dos termos tupis de “O selvagem”, de Couto de Magalhães*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1957. 56 p.



PS: O dedicador escreveu em tupi, e devido ao fato de não conhecermos a língua ou alguém que pudesse transcrevê-la, apenas digitalizamos a dedicatória, sem a transcrição.

MELO NETO, João Cabral de. *O engenheiro*. Rio de Janeiro: Amigos da Poesia, 1945. 55 p.

“A Francisco Inácio Peixoto, / homenagem de / João Cabral de Melo Neto / Rio, 1945.”

_____. *Joan Miró*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação. Ministério da Educação e Saúde. Departamento de Imprensa Nacional, 1952. 48 p.

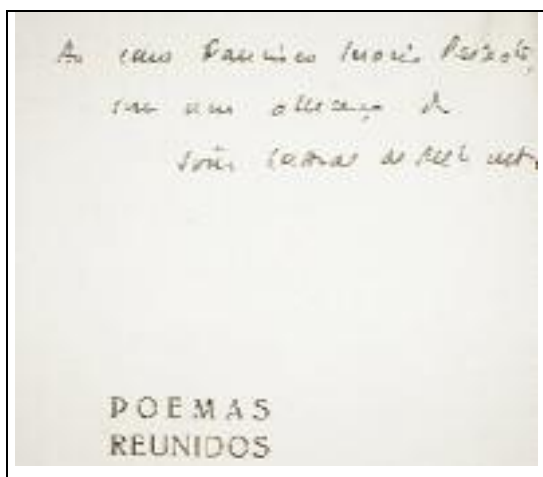


“A Francisco Inácio Peixoto, no / dia da fabulosa descoberta de / Cataguases e do amigo, of. / João Cabral de Melo Neto / Cataguases, 12.10.953.”

_____. *O rio*: ou relação da viagem que faz o Capibaribe de sua nascente à cidade de Recife. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo. Serviço de Comemorações Culturais, 1954. Não paginado.

“Ao caro Francisco Inácio Peixoto, / com a antiga admiração / de / João Cabral de Melo Neto.”

_____. *Poemas reunidos*. [S.l.]: Orfeu, 1954. 126 p.



“Ao caro Francisco Inácio Peixoto, / com um abraço do / João Cabral de Melo Neto.”

_____. *Terceira feira*: poesia. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1961. 214 p.

“A Francisco I. Peixoto, / com a melhor amizade / do / João Cabral de Melo Neto.”

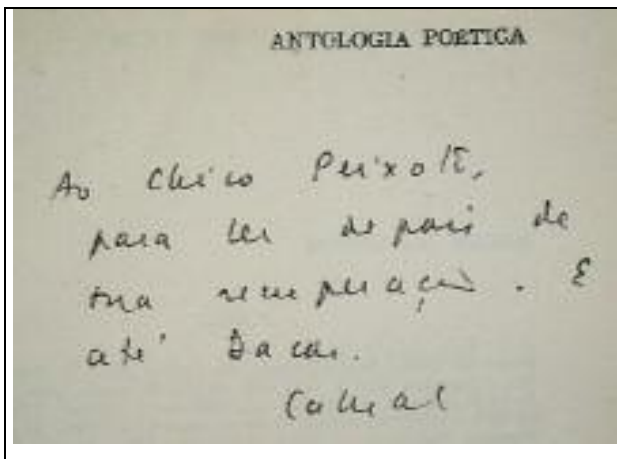
_____. *Morte e vida Severina* e outros poemas em voz alta. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966. 153 p.



“Ao querido Chico Peixoto, /
esperando vê-lo em / breve em
Cataguases. / João Cabral de Melo
Neto.”

PS: A assinatura acima do título do livro é de
Francisco Inácio Peixoto.

_____. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1967. 278 p.



“Ao Chico Peixoto, / para
ler depois de / sua
recuperação. E / até
Dacar. / Cabral”

_____. *Museu de tudo*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975. 96 p.



“Ao caro Francisco
Inácio / Peixoto, / com
a velha admiração / de
/ João Cabral de Melo
Neto / Rio, 1976.”

_____. *Auto do frade: poemas para vozes*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1984.
89 p.

Ao caro Francisco Inácio
Peixoto, com a velha
admiração de
João Cabral de Melo Neto
1984

“Ao caro Francisco Inácio /
Peixoto, com a velha /
admiração de / João Cabral de
Melo Neto / 1984.”

MENDES, Murilo. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: Ariel, 1932. 151 p.

Ao Francisco Inácio Pei-
xoto, com um afetuoso
abraço do
Murilo M.
Rio 1933
15/X.
HISTORIA DO BRASIL

Francisco Inácio Pei- / xoto, com
um afetuoso / abraço do /
Murilo M. / Rio 1933 /
15/X.”

MONTEIRO, Ézio Pinto. *Chico*. Rio de Janeiro: MEC. Serviço de Documentação, 1963. Não paginado.

Ao Peixoto
com um abraço
do Ézio
Toneleiros, 12/6/808
37-5072

“Ao Peixoto / com um abraço /
do / Ézio. / Toneleiros, 186/808
/ 37-5072”

MONTELLO, Josué. *Caminho da fonte: estudos de literatura*. Rio de Janeiro: MEC. INL, 1959. 401 p.

“Ao Peixoto, com o cordial abraço do / Josué Montello.”

MORAES, Vinicius de. *Novos poemas*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1938. 102 p. (Coleção Documentos vivos.)



Ao Chico Ignácio, / nesta casa tão amiga /
dentro desta cidade tão /
simpática / o Vinicius / Rio de
Janeiro / 13 – março – 1939”

Ps: junto à dedicatória, há também uma assinatura de Francisco Inácio seguido da data “Cataguases 28.3.58”

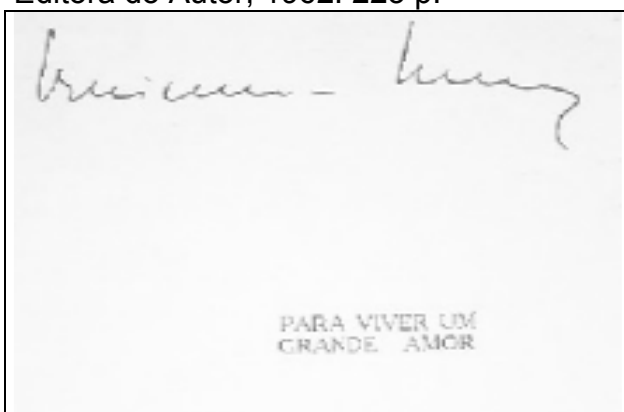
_____. *5 elegias*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1943. 42 p.

“Ao Chico Peixoto, / com um grande abraço / do seu velho / Vinicius / Cataguases
28/3/88.”

_____. *Poemas sonetos e baladas*. São Paulo: Gaveta, 1946. 142 p.

“A Francisco Inácio Peixoto, / com a minha amizade / e
admiração. / Vinicius / Cataguases 28/3/58.”

_____. *Para viver um grande amor: poemas e crônicas*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962. 223 p.



Assinatura: Vinicius de
Moraes.

MOREIRA, Vivaldi. *Amenidades camonianas*. Brasília: [s.n.] , 1972. 18 p. (Conferência pronunciada no Auditório Nereu Ramos da Câmara dos Deputados, no dia 21 de setembro de 1972, na Semana de Camões.)

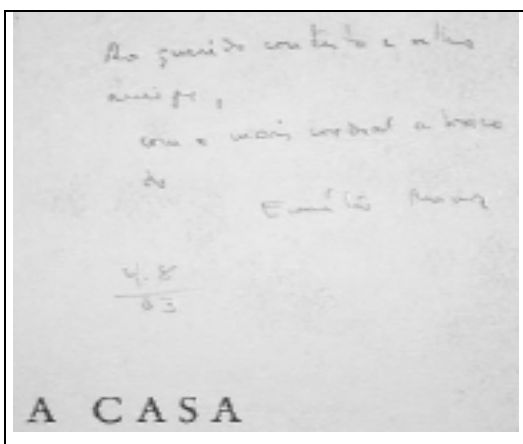


“Ao caro Chico Peixoto, / com a velha admiração / do / Vivaldi.”

MOURA, Emilio de. *Ingenuidade*. Belo Horizonte: Os Amigos do Livro: 1931. 130 p.

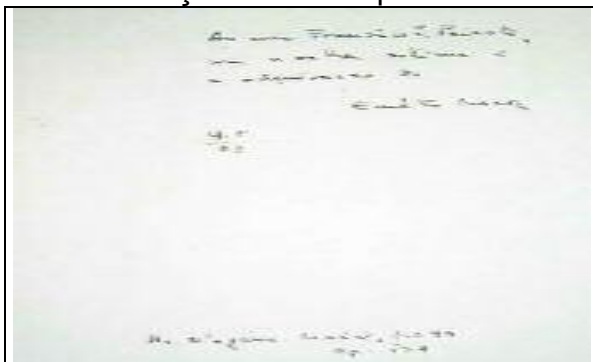
“A Francisco I. Peixoto, / muito cordialmente, o / Emilio 7.8.31.”

_____. *A casa*: poema. Belo Horizonte: Tendência, 1961. 44 p.



“Ao querido contista e velho / amigo, / com o mais cordial abraço do / Emílio Moura. 4.8.63.”

_____. *50 poemas*: escolhidos pelo autor. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação. MEC. Departamento de Imprensa Nacional, 1961. 96 p.



“Ao caro Francisco I. Peixoto, / com a velha estima e / a admiração do / Emílio Moura / 4.8.63. / Av. Olegário Maciel, 1099 / ap. 501.”

NAVA, Pedro. *Galo das trevas: as doze velas imperfeitas*. Memórias/5. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1981. 489 p.

“A Francisco Inácio Peixo- / to, pagando a visita de / *Erótica*,
com a velha admiração de / Pedro Nava / Rio, 29-9-81.”

PS: O livro de poemas *Erótica* de Francisco Inácio Peixoto foi editado em 1981.

NEVES, Manuel das. *Reta da saudade*. Cataguases: Prefeitura Municipal de Cataguases. Departamento de Promoção e Turismo. 1981. 96 p.



“Ao Francisco, com o / muito
obrigado do / Manuel das Neves. /
Catags. 4-9-81.”

NIEMEYER, Oscar. *A forma na arquitetura*. Rio de Janeiro: Avenir, 1978. 54 p. (Coleção Depoimentos, 1 v).

“Para Francisco Peixoto, / com um abraço do velho / amigo /
Oscar.”

NOLL, João Gilberto. *O cego e a dançarina: contos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. 135 p. (Coleção Vera Cruz).



“A Francisco Inácio Peixoto, / o abraço de
admiração / João Gilberto Noll / Rio,
24/6/80. / End. – r. José Linhares,
117/209 – Leblon / tel.- 239-2325.”

“Ao querido Chico, esta obrinha / bastante
importante que teve muito / estímulo meu. Com o
abraço amigo / do (Bulhões)”

NOVAES, Israel Dias. *Papel de jornal*. Brasília: Revista de poesia e crítica, 1980. 121 p.

“A F. Inácio Peixoto, / homenagem de / Israel Dias Novaes / ag.
1980.”

NUNES, Sebastião. *Papéis higiênicos: estudos sobre guerrilha cultural e poética de provocação*. Sabará: Dubolso, 1985. Não paginado.

“Ao mestre / Francisco Inácio Peixoto, / com afetivo abraço / do Sebastião Nunes. /
10/3/85.”

OLIVEIRA, José Osório de (Org.). *Contos do Brasil*. Lisboa: Portugália, 1947. 285 p. (Antologia Universal).

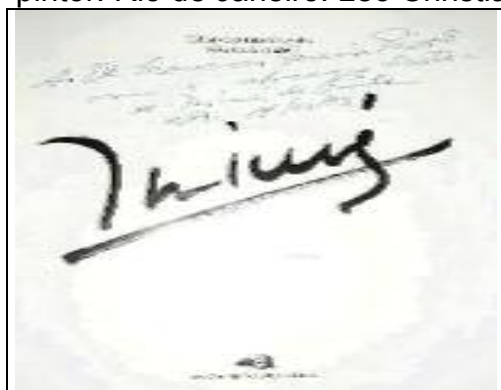
“Para Francisco Inácio / Peixoto / com a minha estima. / José
Osório de Oliveira. / Rio, VIII-947.”

PALMÉRIO, Mário. *Vila dos confins*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1956. 407 p.



“A Francisco Inácio
Peixoto, / cordialmente, /
oferece / Mário Palmério.
/ Rio, 12-12-56.”

PAULA, Inimã de. *Frederico Moraes*. Edição comemorativa dos 70 anos do pintor. Rio de Janeiro: Léo Christiano, 1987. 117 p.



“Ao Dr. Francisco Inácio
Peixoto / com o abraço
fraterno / de Inimã de
Paula / RJ, 14/10/93.”

PEIXOTO, Karla Santiago. *Vermelho, profissão: sofrer*. Juiz de Fora: Esdeva, 1977. 54 p.

“Ao senhor / querido Tio, com / um beijo bem / carinhoso,
esperando / que brevemente nos / encontremos pela / mesma
razão. / Obrigada. / Karla Santiago Peixoto / 31 X 77”

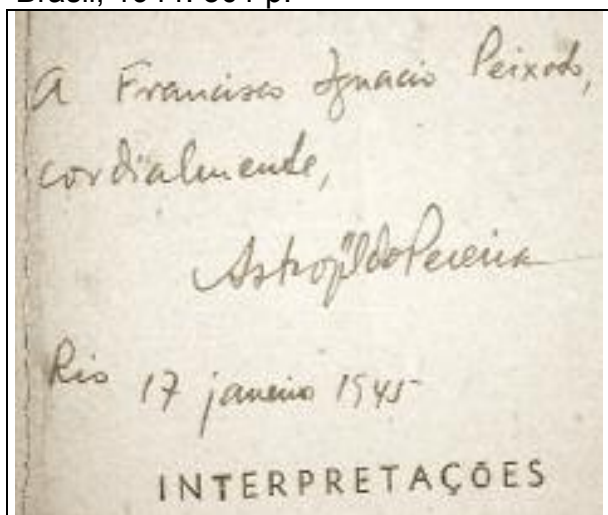
PEIXOTO, Lina Tâmega. *Algum dia*. Niterói: Hipocampo, 1952. Não paginado.

“A Tio Francisco / a quem “Algum dia” / deve por estar
publicado / e a dona por escrever versos. / A tia Amelinha, /
braço de ferro, / de sua sobrinha, / braço do rio, / que a abraça.
/ Cataguases, 27-set. 1953”

PELOSO, Lina Tâmega. *Entretempo*. Rio de Janeiro: Record, (INL – Fundação Nacional Pró-memória), 1983. 109 p.

“A Tio Francisco, a quem devo, / desde menina, o sentimento /
da poesia, o carinho e a / admiração da sobrinha. / Lina /
Brasília, 26, set. 83.”

PEREIRA, Astrogildo. *Interpretações*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1944. 301 p.



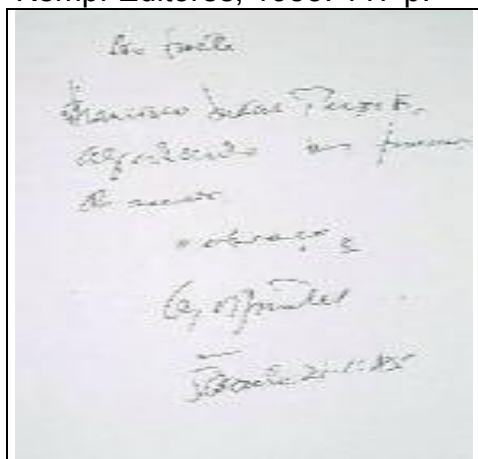
“A Francisco Ignacio Peixoto,
cordialmente, / Astrogildo Pereira /
Rio 17 janeiro 1945.”

PEREIRA, Geraldo Santos. *Plano geral do cinema brasileiro*: história, cultura, economia e legislação. Rio de Janeiro: Borsoi, 1973. 357 p.



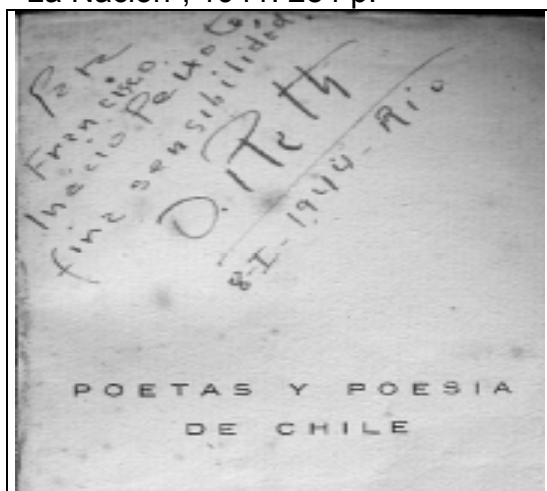
“A Francisco Inácio / Peixoto,
escritor ilustre, / com a cordial
home- / nagem do / Geraldo
Santos Pereira / Rio, 8.11.74”

PIMENTEL, Cyro. *Paisagem céltica*: antologia poética. São Paulo: Roswitha Kempf Editores, 1985. 117 p.



“Ao poeta / Francisco
Inácio Peixoto, /
agradecendo seus poemas
/ de amor, / o abraço de /
Cyro Pimentel / São Paulo,
21.11.85”

PLATH, Oreste. *Poetas y poesia de Chile*. Santiago de Chile: Talleres Graficos “La Nacion”, 1941. 284 p.



“Para / Francisco /
Inácio Peixoto, / fina
sensibilidade. / O.
Plath. / 8-I-1944 –
Rio.”

POLÉVOÏ, B. *Un homme véritable*. Prix Staline, 1946. Moscou: Éditions en Langues Étrangères, 1954. 407 p.



“Tradução: / Para
 Francisco Inácio Peixoto
 / como recordação do
 encontro no Palácio dos
 condes de Rostov (no
 estábulo) / B. Polévoï”.

“Tradução: / A Francisco Inácio
 Peixoto e / à sua melhor
 metade, com / um recado
 cordial, recordação / de nosso
 encontro em Moscou. / B.
 Polévoï”.



Ps: Na foto ao lado podemos ver que a dedicatória foi escrita em russo, mas devido a impossibilidade de transcrevê-las, apenas a retratamos. A segunda dedicatória está nas costas de uma fotografia.

O estábulo mencionado é citado no livro *Passaporte proibido* de Francisco Inácio Peixoto, no capítulo intitulado “Na união dos escritores soviéticos da URSS”, em que o autor escreveu: “Bóris Polevoí, na dedicatória que nos fez de um de seus livros, datou-a do “Palácio dos Condes de Rostov (no estábulo)”. (PEIXOTO, 1960, p. 129).

PORTINARI. Exposição de sua obra de 1920 até 1948. Museu de Arte de São Paulo: IPÊ, 1948. 29 p.



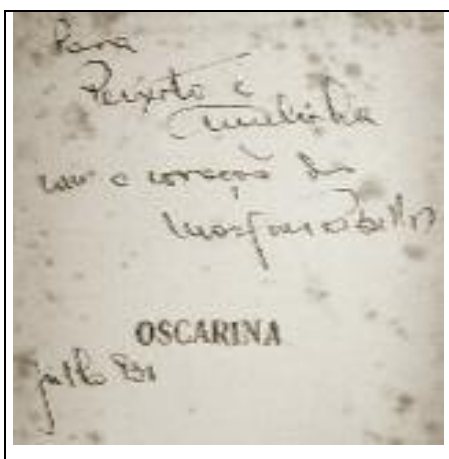
“Para, / Francisco Peixoto, /
meu velho amigo / com o
abraço / de / Portinari / Rio
1948.”

PRETA, José Catta. *Camapuã*: romance. Belo Horizonte: LEMI, 1979. 342 p.



“Ao Dr. Francisco I Peixoto, / que
manteve e passou intacto o / Espírito
de “Verde” a todas as gerações, / com
o mais afetuoso abraço, oferece / o
discípulo e amigo / José Catta Preta. /
Cataguases, 7 de setembro de / 1979,
data do lançamento em Mirai / deste /
- Camapuã -”

REBELLO, Marques. *Oscarina*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1931. 193 p.



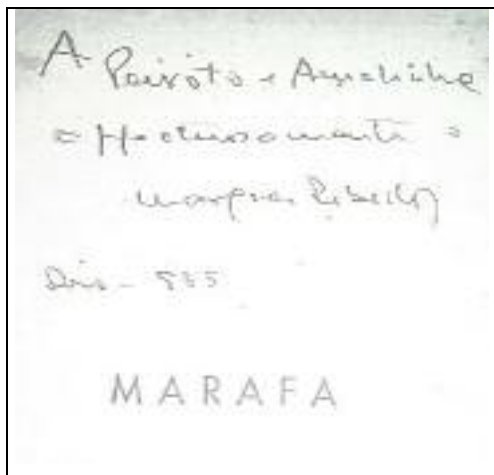
“Para / Peixoto e Amelinha / com o coração do /
Marques Rebello / julho 931”.

PS: O dedicador ao assinar o nome faz variações, como podemos observar na dedicatória acima em que o nome Rebello aparece com dois “l”.

_____. *Três caminhos*. Rio de Janeiro: Ariel, 1933. 152 p.

“Ao Peixoto e / Amelinha - / o coração do Marques Rebello. / Rio 26.6.33.”

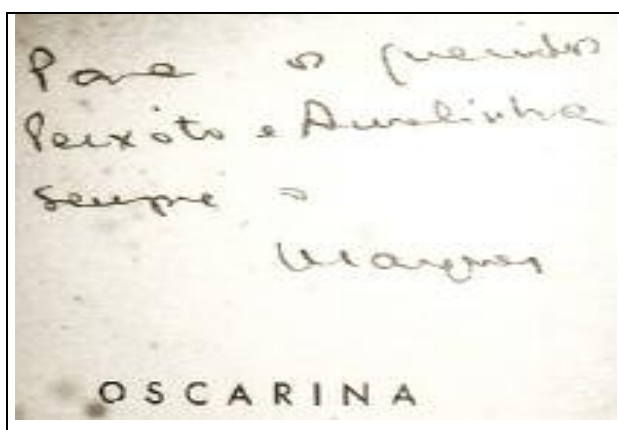
_____. *Marafa*. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 1935. 215 p.



“Ao Peixoto e Amelinha / o affectuosamente o / Marques Rebello / Rio-935.”

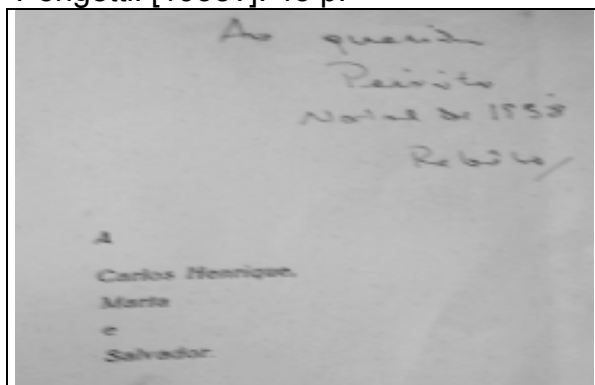
Ps: Nesta dedicatória, como em algumas já observadas, o dedicador assina o sobrenome com dois “l”.

_____. *Oscarina: contos*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio. 1937. 218 p.



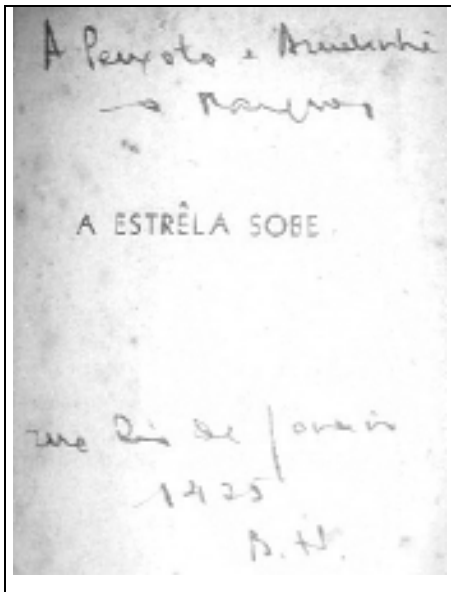
Para os queridos / Peixoto e Amelinha / sempre o / Marques.”

_____; TABAIÁ, Arnaldo. *Aventuras de Barrigudinho*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti. [1938?]. 45 p.



“Ao querido / Peixoto / Natal de 1938 / Rebêlo.”

_____. *A estrêla sobe*: romance. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1939. 260 p.



"A Peixoto e Amelinha / o Marques / Rua Rio de Janeiro / 1425 / B.H."

_____. *Rua Alegre, 12*. Curitiba: Guairá, 1940. 108 p.

"Aos queridos / Peixoto e / Amelinha / o mesmo afeto / Marques."

_____. *Stela me abriu a porta*: contos. Porto Alegre: Globo, 1942. 171 p.

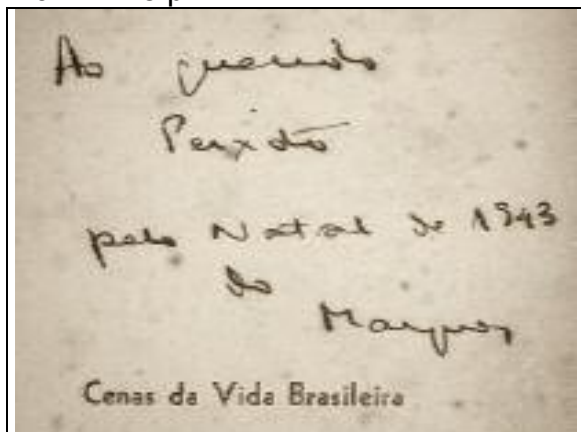


"A / Peixoto e Amelinha / sempre o / Marques."

_____. *Vida e obra de Manuel Antonio de Almeida*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Saúde. INL, 1943. 129 p. (Coleção B3 – Biografia I).

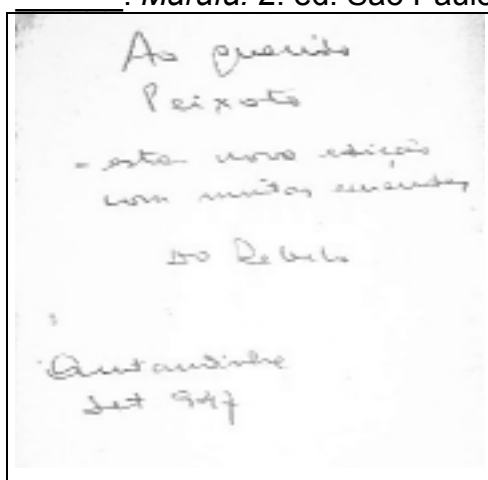
"Querido Peixoto / seu Marques."

_____. *Cenas da vida brasileira I*: suíte nº1. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1944. 148 p.



“Ao querido / Peixoto / pelo Natal de 1943 / do / Marques.”

_____. *Marafa*. 2. ed. São Paulo: Martins, 1947. 217 p.

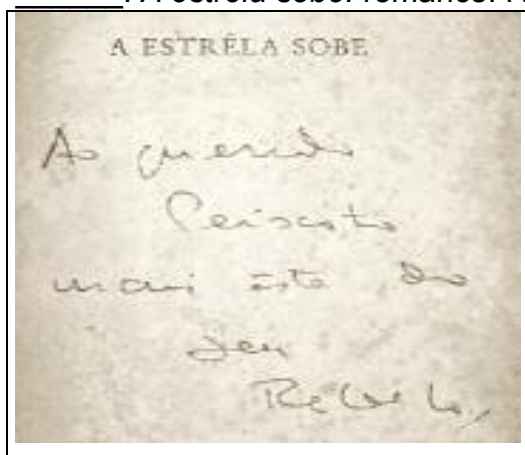


“Ao querido / Peixoto / -
esta nova edição / com
muitas emendas / M.
Rebelo / Quitandinha /
Set. 947.”

_____. *Oscarina*. 3. ed. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1948. 212 p.

“Ao Peixoto / mais este: / Do Rebelo.”

_____. *A estrela sobe*: romance. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1949. 244 p.

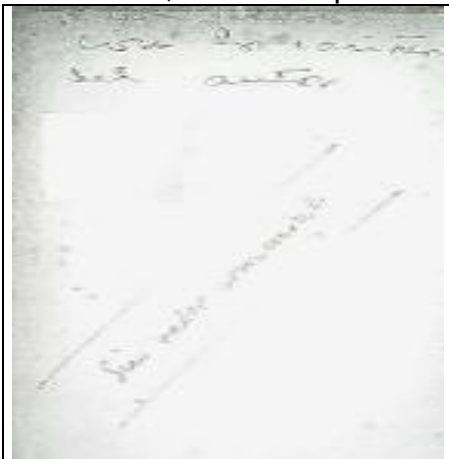


“Ao querido / Peixoto / mais êste do / seu /
Rebelo.”

_____. *Bibliografia de Manuel Antonio de Almeida*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Saúde. INL, 1951. 167 p. (Coleção B1 – Biografia VII).
 “Ao querido / Peixoto o / seu / Rebelo.”

_____. *Cenas da vida brasileira: suítes nº1 e 2*. Rio de Janeiro. O Cruzeiro, 1951. 154 p.
 “Ao querido / Peixoto / seu / Rebelo.”

_____. *La estrella sube*. Tradução de Raul Navarro. Buenos Aires: Editorial Hemisfério, 1952. 206 p.



“A Dom Peixoto / com los carinõs / del autor / sin
 valor comercial.”

_____. *Marafa*. 3. ed. São Paulo: Martins, 1955. 218 p.



“Peixoto / você será capaz / de ler a terceira /
 versão dessa [charcraí]? /
 Rebelo.”

_____. *Cortina de ferro*. São Paulo: Martins, 1956. 307 p.

“Ao querido / Chico / seu / Rebelo.”

_____. *A estrêla sobe*. 3. ed. São Paulo: Martins, 1957. 225 p.

“Para o / Chico, o / Rebelo / Set. 1957.”

_____. *Correio europeu*. São Paulo: Martins, 1959. 213 p.

“Ao / Peixoto / o seu / Marques / Set. 59.”

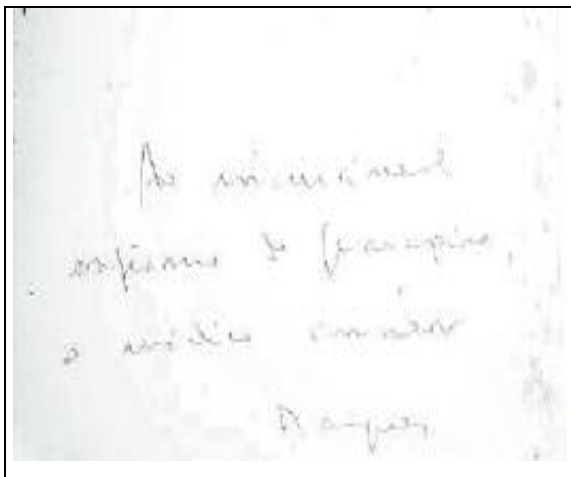
_____. *O trapicheiro: o espelho partido*. São Paulo: Martins, 1959. 471 p.

“Ao / Francisco Inácio / o / Marques / Nov. 59.”

_____. *Oscarina e três caminhos*. 4. ed. São Paulo: Martins, 1960. 250 p.

“Ao querido / Peixoto / mais arte do / Marques.”

_____. *A mudança: o espelho partido*. São Paulo: Martins, 1962. 587 p.



curável / enfêrmo de Guarapira, / o médico
amador / Marques.”

Ps: Guarapira mencionado na
dedicatória está no romance *A
mudança*, página 423.

_____. *Vida e obra de Manuel Antônio de Almeida*. 3. ed. São Paulo: Martins, 1963. 147 p.

“Ao querido / Peixoto / o seu / Rebelo.”

_____. *A estrêla sobe*. Rio de Janeiro: Ouro, 1966. 247 p. (Clássicos brasileiros).

“A F. I. P. / o autor...”

_____. *Marafa*. Rio de Janeiro: Ouro, 1966. 236 p.

“Ao Peixoto, / o Rebelo.”

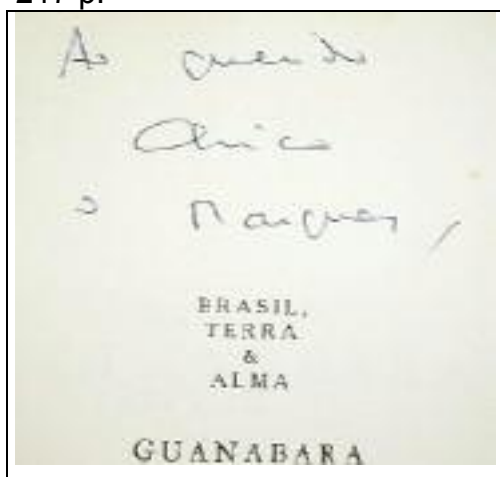
_____. *Antologia escolar brasileira*. Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Educação. MEC, 1967. 365 p.

“Ao / Chico / o / Marques / Natal 67.”

_____. *O simples Coronel Madureira*. Rio de Janeiro: BUP - Biblioteca Universal Popular, 1967. 174 p.

“Ao Chico / o Marques.”

_____. (Org.). *Brasil, terra & alma*: Guanabara. Rio: Editora do Autor, 1967. 217 p.



“Ao querido / Chico / o Marques.”

_____. *A guerra está em nós*. São Paulo: Martins, 1968. 474 p.

“Ao / Chico / o Rebelo.”

_____. *Antologia escolar portuguesa*. Rio de Janeiro: FENAME – Fundação Nacional de Material Escolar. MEC, 1970. 408 p.

“Ao / Chico / o / Marques.”

_____; BIANCO, Enrico. *Rio*. [S.l.]: Agência Jornalística Image, 1970. 136 p.

“Ao Chico / o Marques.”

_____. *Oscarina e três caminhos*. Rio de Janeiro: Tecnoprint. Ouro, 1971, 273 p. (Clássicos brasileiros).
 “Ao Chico / o Marques.”

_____. *Cenas da vida brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro, [1972?] 203 p. (Clássicos brasileiros).

“Ao Chico / o Marques.”

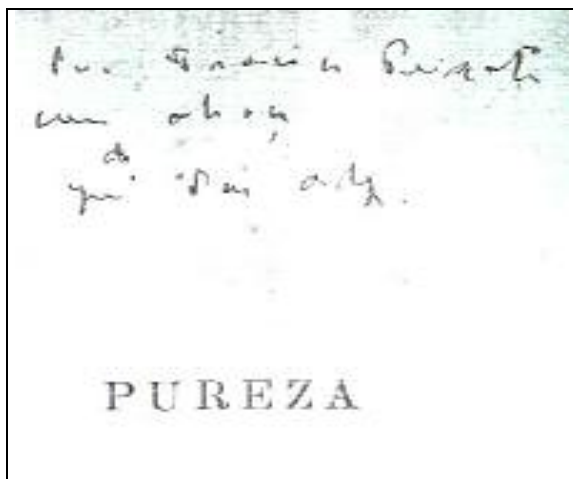
_____. *Oscarina*. São Paulo: Clube do Livro, 1973. 159 p.
 “Ao querido / Chico / o Marques.”

_____. *Para conhecer melhor Antônio de Almeida*. Rio de Janeiro: Bloch, 1973. 137 p.
 “Ao / Chico / o seu / Marques.”

_____; SALES, Herberto. *Encontro na academia*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, [19-]. 45 p. Discursos sucessão de Aníbal Freire.
 “Ao Chico / o Rebelo.”

REGO, José Lins do. *Usina: romance*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1936. 392 p.
 “Para Francisco Peixoto / com um abraço de / José Lins do Rego.”

_____. *Pureza: romance*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1937. Não paginado.



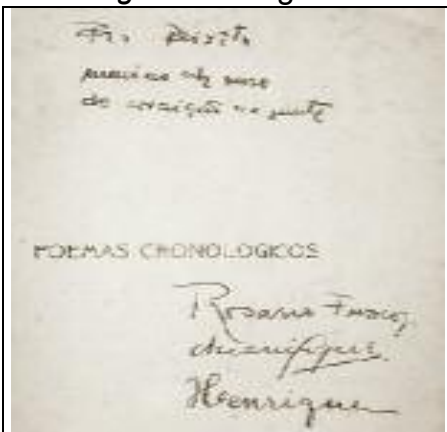
“Para Francisco Peixoto / com abraço / de José Lins do Rego.”

_____. *Cangaceiros*: romance. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1953. 315 p.



“Para o caro amigo Francisco /
Inácio Peixoto, do / admirador, /
José Lins do Rego, 1953.”

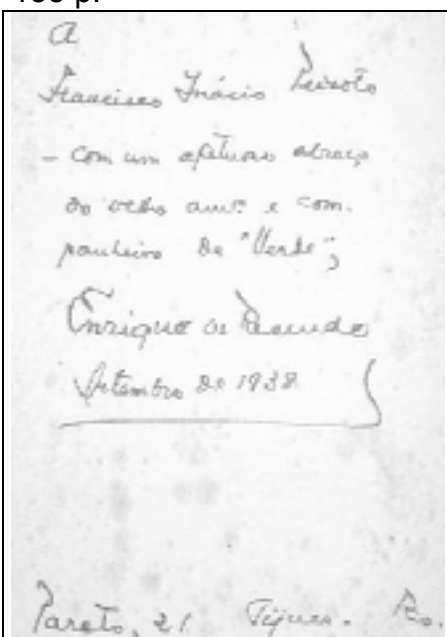
RESENDE, Henrique de; FUSCO, Rosário; LOPES, Ascânio. *Poemas cronológicos*. Cataguases: Verde, 1924. Não paginado.



“Ao Peixôto / menino de ouro / do coração da gente.
/ Rosário Fusco, Ascânio Lopes /
Henrique.”

PS: Nesta época, o escritor Henrique ainda usava a letra “H” em seu nome.

_____. *Retrato de Alfonsus de Guimaraens*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1938. 133 p.



“A / Francisco Inácio Peixoto / -
com um afetuoso abraço / do
velho amigo e com- / panheiro
de “Verde”, / Enrique de
Resende / Setembro de 1938. /
Pareto, 21. Tijuca – Rio.”

PS: Aqui o dedicador assina o nome sem a letra H, segundo o escritor Joaquim Branco, o dedicador tirou a letra H do nome em obediência a numerologia.

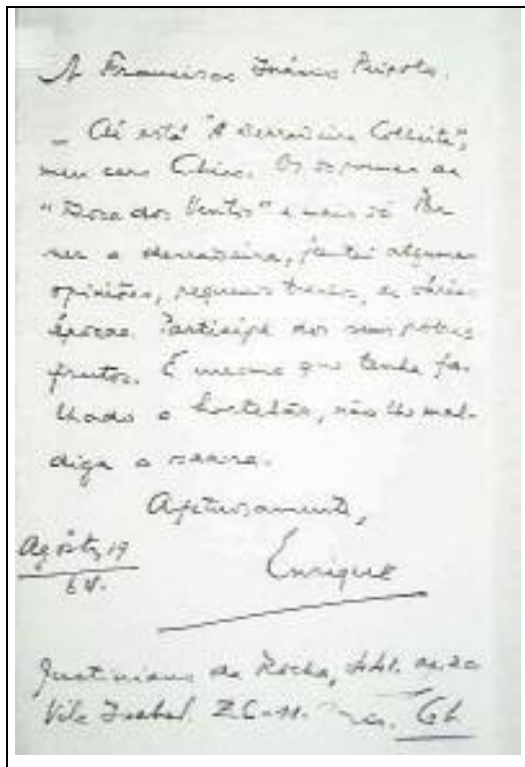
_____. *Retrato de Alfonsus de Guimaraens*. 2. ed. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1953. 77 p.

“Ao meu querido Francisco Inácio Peixoto / a 2ªed. do
“Retrato”, ligeiramente retocado, / com a velha e inalterada
admiração, / a simpatia intelectual / e a particular estima do
Enrique. / Set^{bro} 953. / Justiniano da Rocha, 96 / Vila Isabel –
Rio.”

_____. *Rosa dos ventos*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional. 1957. 94 p.

“A / Francisco Inácio Peixoto. / “Rosa dos ventos” resume poe /
mas de tempos vários. Verá / você, entre êles, os do tem / po
da Verde. Guarde-os, pois, / ao menos por isso. Guarde-os / e
lembre-se do velho amigo / que os subscreve, ainda com E... /
Afetuosamente, Enrique / Em set^{bro}. / 1957. / Justiniano da
Rocha, 194. / Vila Izabel [sic.] – Rio.”

_____. *A derradeira colheita*. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1964. 192 p.



“A Francisco Inácio Peixoto. / - Aí está “A
Derradeira Colheita”, / meu caro Chico.
Os 50 poemas de / “*Rosa dos Ventos*” e
mais 50. Por / ser a derradeira, juntei
algumas / opiniões, pequenos trechos,
de várias / épocas. Participe dos seus
pobres / frutos. E mesmo que tenha fa- /
lhado o hortelão, não lhe mal / diga a
seara. / Afetuosamente, / Enrique.
Agosto, 19 / 64. / Justiniano da Rocha,
441. ap.201. / Vila Isabel. ZC - 11. Rio.

G.b.”

_____. *Pequena história sentimental de Cataguases*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1969. 164 p.

“A Amelinha / e ao Chico, / estê roteiro sentimental de Cata- / guases, para quem já traz Catagua- / ses no coração. / Afetuosamente, / Enrique. / Nov. 969.”

_____. *Estórias e memórias*. Rio de Janeiro: Olímpica, 1970. 164 p.

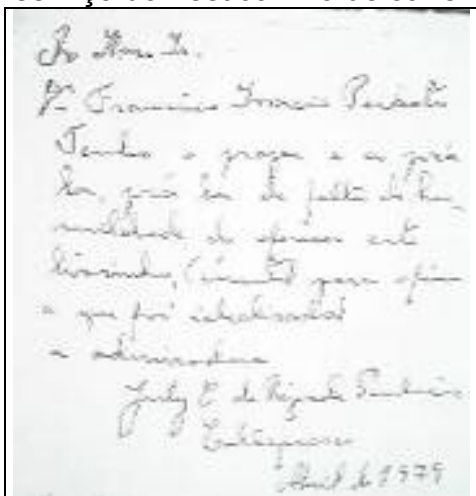


ro Chico: / Com êste volumezinho de estórias / e memórias, recebam - Amelinha, / você e tôda a tribo, os meus votos / de felicidade neste alvorecer de 1971. / Muito afetuosamente. / Enrique, / Rua Viveiros de Castro, 119. Ap.301 / Copacabana, ZC - 07. Rio. GB.”

_____. *Obras completas: poesia*. Rio de Janeiro: Olímpica, 1977. 258 p.

“Ao Dr. Francisco Inácio / Peixoto, com a estima / e o cordial apreço da / família do Enrique / de Resende. Em 3/9/77.”

REZENDE, Cezarina de. *Manual da boa empregada: noções elementares do serviço doméstico*. Rio de Janeiro: Irmãos Di Giorgio, 1954. 116 p.



“Ao Ilmo Sr. / Dr. Francisco Inácio Peixoto / Tenho o prazer e a prá la, prá la de falta de hu- / mildade, de oferecer este / livrinho, (inútil para o fim / a que foi idealizado) / a admiradora / July C. de Rezende Pinheiro / Cataguases / Abril de 1979.”

RIBEIRO, Joaquim. *História da romanização da América*. Rio de Janeiro: MEC. Serviço Nacional de Teatro, 1959. 322 p.

“Ao esclarecido espírito / de Francisco Peixoto / homenagem do
velho / colega da Faculdade / Joaquim Ribeiro / 1962. / R. São
Vicente 114 / Tijuca / Rio / Guanabara.”

RICARDO, Cassiano. *Martim Cererê: o Brasil dos meninos, dos poetas e dos heróis*. 8. ed. Rio de Janeiro: A Noite, 1945. 134 p.

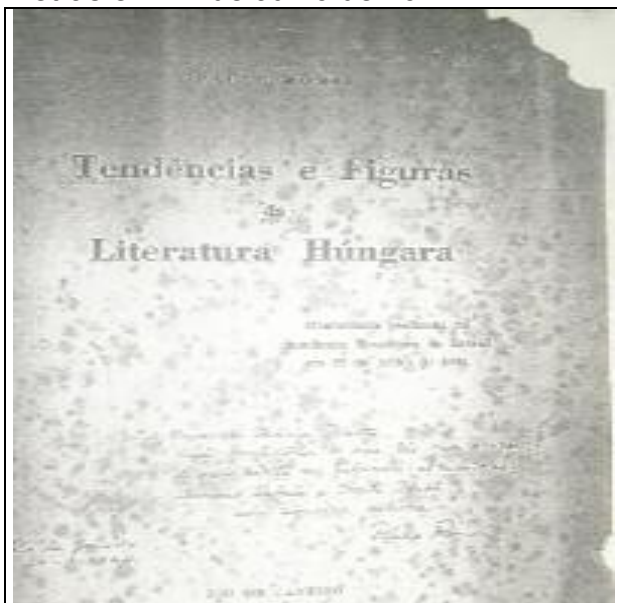
Assinatura: Cassiano Ricardo

ROMANELLI, Kátia Bueno. *Revista VERDE: contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. 1981, 265 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

“Para o / Prof. F. I. Peixoto / com meus sinceros /
agradecimentos. / Kátia Romanelli / SP/26/11/82.”

RÔMULO, Romério. *Anjo tardio*. Ouro Preto: Rona, 1979. 82 p.
“Para Francisco Inácio, do / Romério Rômulo / agosto / 83.”

RÓNAI, Paulo. *Tendências e figuras de literatura húngara*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1943. Não paginado. Conferência realizada na Academia Brasileira de Letras em 22 de Julho de 1941.



“A Francisco Inácio Peixoto /
cuja *Dona Flor* li com tão
vivo prazer, e / de quem
tanto me falaram os amigos /
Marques Rebelo e Oreste
Plath, / com sincera estima. /
Paulo Rónai. / Rio de
Janeiro, / 24-1-1944.”

_____. *Encontros com o Brasil*. Rio de Janeiro: MEC. INL, 1958. 249 p. (Biblioteca de Divulgação Cultural).



“E agora, Chico? /
Quem é que é fogo,
hein? / Viva você, viva
os 70! / Paulo Rónai,
amigo / 05/04/79.”

ROSA, J. Guimarães. *Com o vaqueiro Mariano*. Niterói: Hipocampo, 1952.

Assinatura: Guimarães Rosa.

RUBIÃO, Murilo. *O ex-mágico: contos*. Rio de Janeiro: Universal, 1947. 190 p.

“A Francisco Inácio / com um abraço / muito afetuoso, / oferece / o / Murilo Rubião. /
B.H. 31-10-47.”

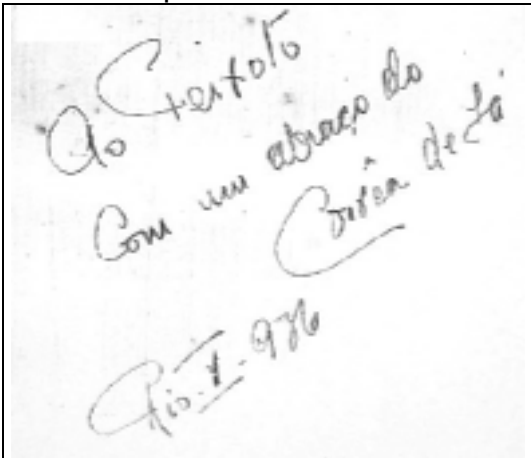
_____. *Os dragões e outros contos*. Belo Horizonte: Movimento – Perspectiva, 1965. 188 p.

“Ao Francisco Inácio, / com o abraço do / Murilo / Belo
Horizonte, julho de 65. / Rua do Ouro, 777 / 204 / B.H^{te}.”

_____. *O pirotécnico Zacarias*. São Paulo: Ática, 1974. 62 p. (Coleção Nosso Tempo).

“A Francisco Inácio Peixoto, / com o abraço afetuoso, a admiração e / a
amizade / de Murilo Rubião. / B.H. nov. 74.”

SÁ, Corrêa de. *Poemas concêntricos*. Rio de Janeiro: Typografia Sant'Anna, 1936. 127 p.



“Ao Peixoto / com um
abraço do / Corrêa de
Sá. / Rio. X-936.”

SABINO, Fernando. *A marca*. Rio de Janeiro: J. Olímpio, 1944. 184 p.

“A Francisco Inácio Peixoto, / com muita / simpatia, of. / Fernando Sabino / 19/4/44”

_____. *A vida real: novelas*. Rio de Janeiro: A Noite, 1952. 232 p.

“A Francisco Ignácio Peixoto, / com o abraço / amigo do /
Fernando Sabino / 52. / Rua Comendador Ivantini, 303 /
Leblon – Rio.”

_____. *O grande mentecapto: romance*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1979. 236 p.



“A Francisco Inácio / Peixoto, /
esta lembrança do / novo irmão
espiritual, / Viramundo, / O
Grande Mentecapto, com o
afetuoso / abraço e a sempre /
renovadora admiração / do seu
Fernando Sabino / 17.3/80.”

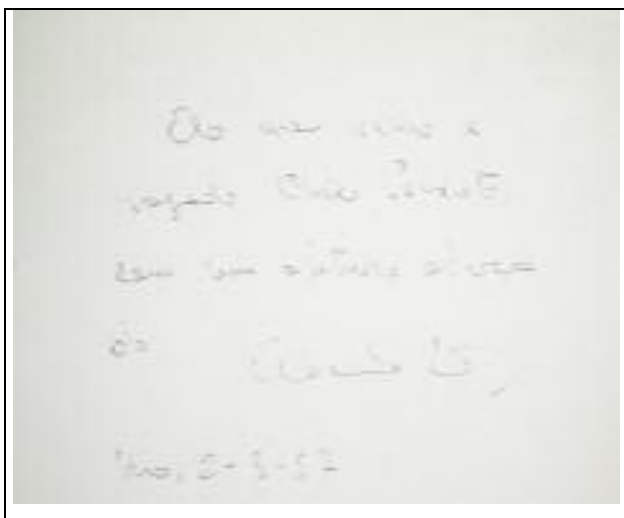
SALES, Herberto. *Baixo relêvo*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1954. 134 p.



nigo / Francisco Inácio Peixoto, êste / modesto trabalho onde você encontrará / algo a seu respeito, com um abraço / muito afetuoso do / Herberto Sales / Rio, 19-7-54.”

PS: Na página 99/100, capítulo LXXI, o autor fala sobre o contista mineiro Francisco Inácio Peixoto.

_____. *Cascalho*: romance. 3. ed. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1956. 418 p.

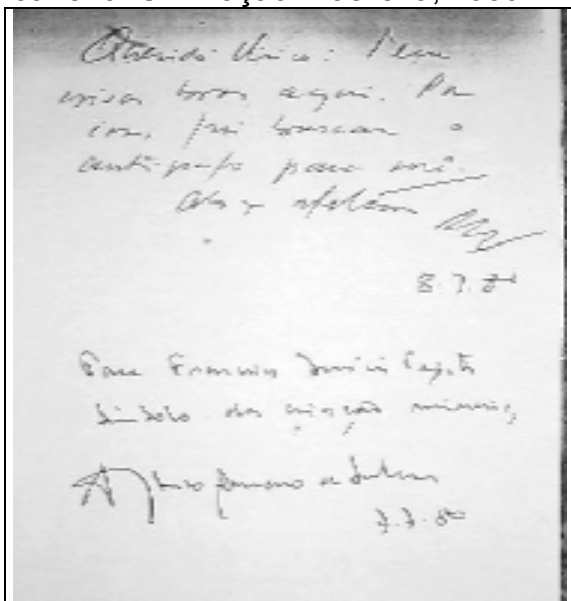


meu velho e / invejado Chico Peixoto, / com um afetuoso abraço / do Herberto Sales. / Rio, 2-3-57.”

SALVADO, António. *Interior à luz*. Castelo Branco: S. José, 1982. 54 p.

“Para Francisco Inácio Peixoto, / ao grande Escritor, / homenagem profunda / do António Salvado. / Av. Nuno Álvares, 4-A, 3º D / 6000 Castelo Branco / Portugal.”

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Que país é este?: e outros poemas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. 175 p.



“Querido Chico: Tem / coisas boas aqui. Por / isso fui buscar o / autógrafo para você. / Abraços [ilegível] / Bulhões / 8.7.80.”

“Para Francisco Inácio Peixoto / símbolo da criação mineira, / Afonso Romano de Sant'Anna / 7.7.80”

SEUPHOR, Michel. *Alicia Penalba*. Bodensee – Verlag Amriswil, 1960. 24 p.

“A Chico y Amelinha / in los albores de una / amistad que espero sea / tan grande como la simp- / tia que me inspiram / Alicia Penalba / Paris 5-5-61”

SCHMIDT, Augusto Frederico. *Canto do brasileiro Augusto Frederico Schmidt: poema*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1928. 19 p.

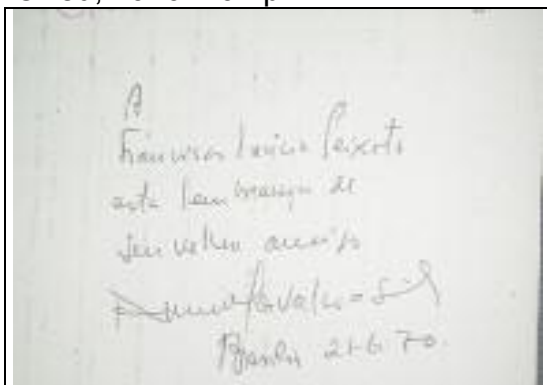


Francisco Ignacio / Peixoto / com muita (ilegível) do / Augusto Frederico Schmidt. / Rio / 13/8/1928.”

_____. *Navio perdido: poemas*. Rio: Cysneiros, 1930. 106 p.

“Ao Exmo. F I. Peixoto / homenagem pela /sua valorosa pessoa. / Augusto Frederico Schmidt.”

SILVA, Domingos Carvalho da. *Gonzaga e outros poetas*. Rio de Janeiro: Orfeu, 1970. 202 p.



“A / Francisco Inácio Peixoto
/ esta lembrança de / seu
velho amigo / Domingos
Carvalho da Silva / Brasília /
21-6-70.”

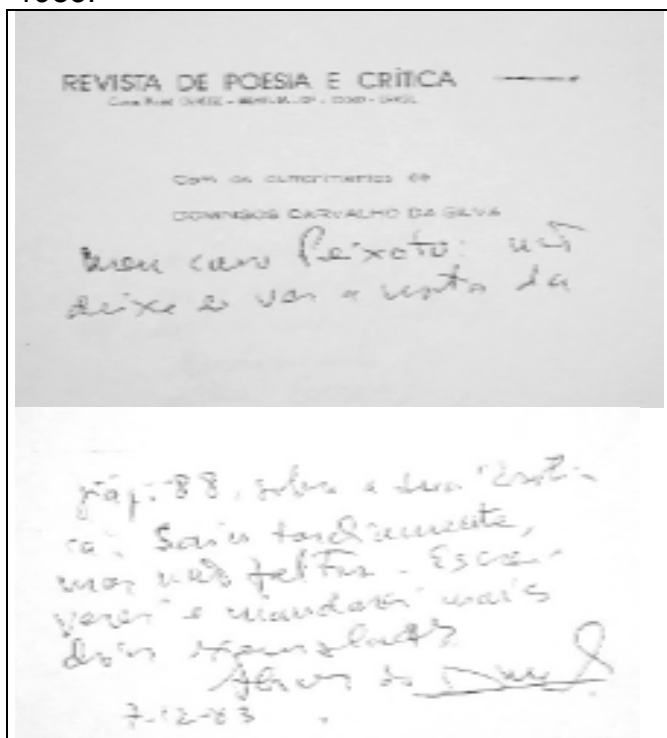
_____. *À margem do tempo: poemas*. 2. ed. Brasília: Clube de Poesia e Crítica, 1979. 43 p.

“A / Francisco Inácio Peixoto, / com a velha / admiração do /
Domingos Carvalho da Silva / 1979.”

_____. (Tradutor). CRESPO, Ángel. *Poemas necessários*. Brasília: Clube de Poesia e Crítica, 1979. 74 p.

“A / Francisco Inácio Peixoto, / oferta cordial do tradutor. / Domingos Carvalho da Silva
/ 1979.”

_____. Erotismo sem nódoas. In: *Revistas de poesia e crítica*. Brasília: [s.n.], 1983.



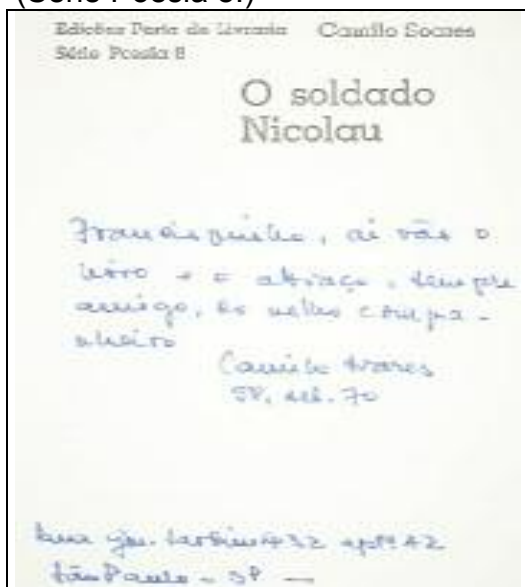
“Meu caro Peixoto; não /
deixe de ver a nota da
pág.88, sobre a sua Éro /
tica”. Saiu tardiamente, /
mas não faltou. Escre /
verei e mandarei mais /
dois exemplares. Abraços
do Domingos Carvalho da
Silva / 7-12-83”

PS: Na página 88, tem um
artigo de Domingos Carvalho
da Silva intitulado “Erotismo
sem nódoas”.

SILVA, Maria Augusta Machado da. *Ex-votos e orantes no Brasil: leitura museológica*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1981. 92 p. (Coleção “Estudos e Documentos”. v. 6).

“Para Francisco Inácio Peixoto, / com a admiração de / Maria Augusta Machado da Silva / Dez. 1981.”

SOARES, Camilo. *O soldado Nicolau*. São Paulo: Porta da livraria, 1970. 129 p. (Série Poesia 8.)

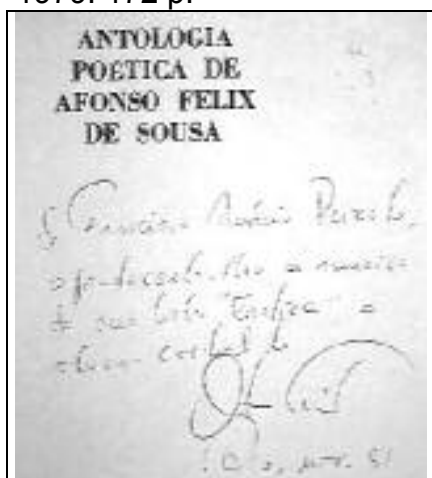


“Francisquinho, ai vão o / livro e o abraço,
sempre / amigo, do velho
compa- / nheiro. / Camilo
Soares. / SP, Abril 70. / Rua
Gen. Jardim 432 apto 42 / São
Paulo – SP – “

SOUTO, Alexandrino de. *Teatro: já é noite em Pedra Altas / A ovelha negra*. Rio de Janeiro: AS., 1963. 89 p.

“a Francisco Inácio Peixoto, / afetuosa lembrança do / Alexandrino. / Rio-Janeiro 64.”

SOUZA, Afonso Felix de. *Antologia poética*. 2. ed. rev. e ampl. Goiás: Oriente, 1979. 172 p.



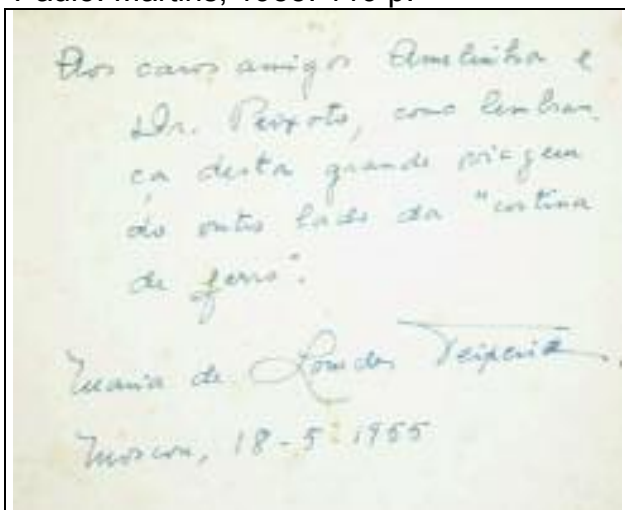
“A Francisco Inácio Peixoto, / agradecendo-lhe a
remessa / de sua bela “Érotica”, o /
abraço cordial do / Afonso Felix de
Souza / Rio, Nov. 81”

PS: *Erótica* é um livro de poemas de Francisco Inácio Peixoto editado em 1981.

SUSSEKIND, Carlos & Carlos. *Armadilha para Lamartine*. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1975. 300 p.

“Para / Francisco Inácio Peixoto, / oferece / Carlos Sussekind / 15.6.76.”

TEIXEIRA, Maria de Lourdes. *Alfeu e Aretusa: as apaixonadas de Goethe*. São Paulo: Martins, 1955. 119 p.



“Aos caros amigos Amelinha
e / Dr. Peixoto, como
lembran- / ça desta grande
viagem / do outro lado da
“cortina / de ferro” / Maria de
Lourdes Teixeira / Moscou,
18-5-1955.”

VELLOSO, Manoel Joaquim Pimenta. *Comunidade ou comunismo?* carta aos brasileiros. Rio de Janeiro: Agir, 1946. 151 p.

“A Francisco Inácio Peixoto / com a admiração e um / forte
abraço do A. / Rio 15.2.946. / Manoel Joaquim Pimenta
Velloso.”

WERNECK, Ronaldo. *Selvaggia: um cine poema*. Rio de Janeiro: Poemação Produções, 1976. 185 p.

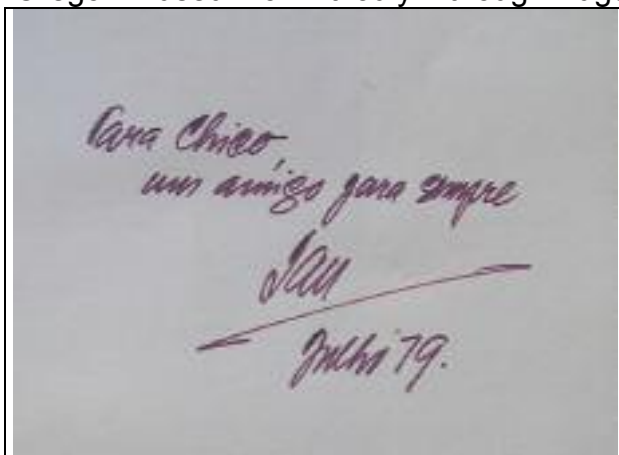
“Para Francisco Inácio Peixoto, / c/ admiração, / de / Ronaldo / Junho/76”

_____. *Pomba poema*. Rio de Janeiro: Borsoi, 1977. 101 p.



“Dr. Francisco: acho / que está tudo aí. / Não
sei se valeu o / esforço. /
Abraços / c/ admiração de /
Ronaldo / Agosto 77”

ZACH, Jan. *Sculpture: a retrospectiva*. An Exhibition at the University of Oregon Museum of Art. July 1 though August 12, 1979. 60 p.



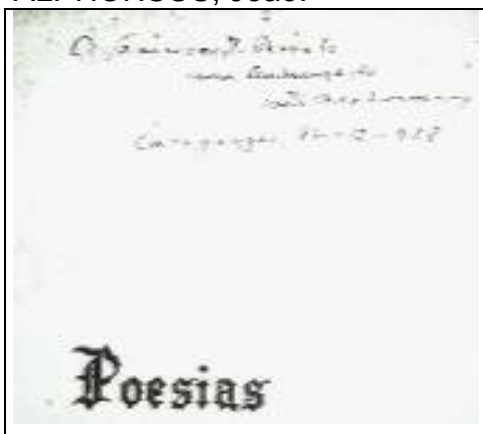
Chico, / um amigo para sempre
/ Jan / Julho 79.”

IV 1.2 Intelectuais em livro de terceiros para Francisco Inácio Peixoto

As dedicatórias que compõem esta parte do quarto capítulo vão mostrar que os escritores gostam de enviar/presentear o escritor com livros de terceiros, e que alguns até repassam já com uma dedicatória.

Nas dedicatórias encontramos o comparecimento praticamente integral de escritores ligados a Francisco Inácio Peixoto por laços de estreita amizade – Guilhermino César, Marques Rebelo, Antonio Fernando de Bulhões Carvalho, comparecem com um grande número de dedicatórias.

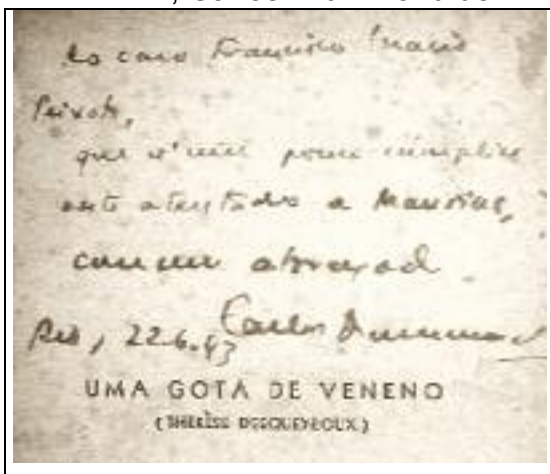
ALPHONSUS, João.



“A Francisco I. Peixoto / uma lembrança do / João Alphonsus / Cataguazes, 17-12-938.”

In: GUIMARAENS, Alphonsus de. *Poesias*. Edição dirigida e revista por Manuel Bandeira com retrato do poeta e matéria biográfica e notas por João Alphonsus. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1938. 460 p.

ANDRADE, Carlos Drummond de.



“Ao caro Francisco Inácio / Peixoto / que é um pouco cúmplice / neste atentado a Mauriac / com um abraço de / Carlos Drummond / Rio, 22-6-43”.

In: MAURIC, François. *Uma gota de veneno: Tereza Desqueyroux*. Tradução de Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1943. 148 p.

BARBOSA, Francisco de Assis.

“Para Chico Peixoto e Ameli- / nha, com admiração do / Chico Barbosa / 10-12-68”.

In: BROCA, Brito. *Memórias*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1968. 243 p. (Coleção Documentos Brasileiros).



“Ao caro amigo Francisco Inácio Peixoto / esta homenagem ao seu grande amigo / e companheiro que procurei na / modéstia de minha capacidade, diária / Rio 74 / Carlos Chagas / Chico Barbosa”.

In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Elogio de Marques Rebelo*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974. 43 p. Discurso de posse de Carlos Chagas Filho. Resposta de Francisco de Assis Barbosa.



“Ao querido Chico Peixoto, / como testemunho da nossa, / velha amizade, afetuosamente / Chico / Yolanda / abril, 1983”.

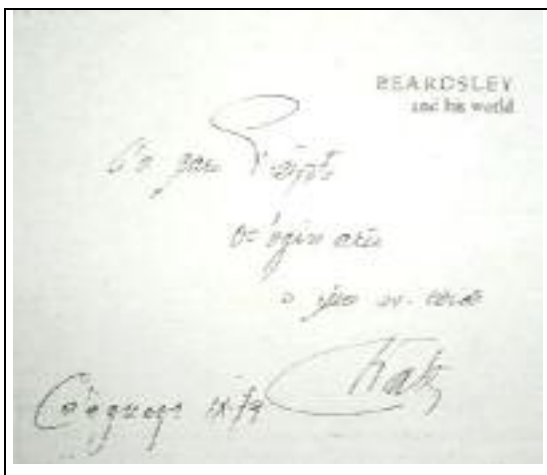
In: 50 PEÇAS DO MUSEU DE ARTE SACRA DA BAHIA. [S.I.]: Dow Química, 1981. 124 p.

BENEVIDES, Walter.



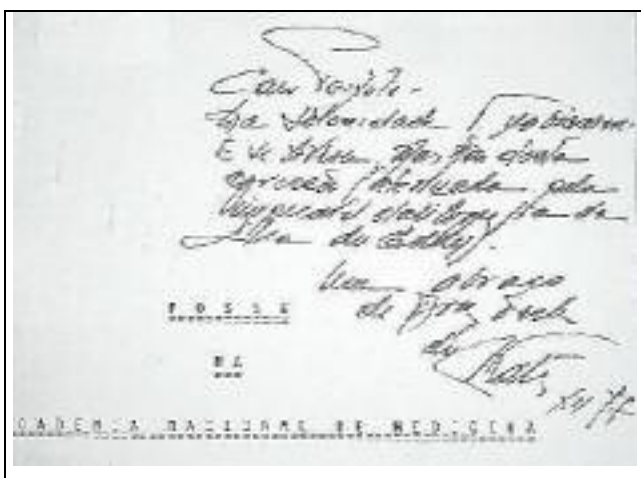
“Ao caro Peixoto / para
aproveitar a voga da Grecia /
com um abraço / do Walter
Benevides / Cataguases- VII-
68”.

In: D'ATHÈNES, École Française – *DELPHES HACHETTE* – ARTS
DU MONDE – France, 1957. 331 p.



“Ao caro Peixoto / octoginário
/ o [seu] ex-corde / Walter
Benevides. / Cataguases
IX.79”.

In: BROPHY, Brigid. *Beardsley and his world*. London: Thames and
Hudson, 1976. 128p.



“Caro Peixoto – / Na
solenidade v sabiamen / te se
livrou. Mas não desta /
agressão (atenuada pela /
impecável datilografia da / Elza
do Eddy). / Um abraço / de
Boas Festas / do Walter
Benevides / XII.77”.

In: LOPES, José Leme. *Posse na Academia Nacional de Medicina*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1977. Não paginado. Discurso do Acadêmico Prof. José Leme Lopes.

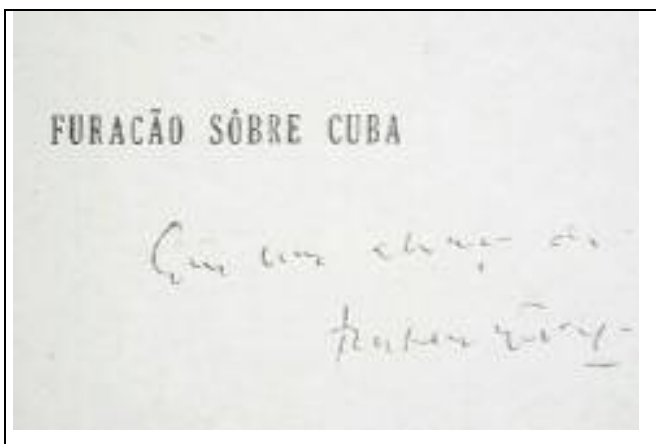
BERNIS, Yeda Prates.



“Para Francisco Inácio Peixoto, - O Chico Peixoto tão / famoso - / com muito amor. / Yeda / Nov. 83”.

In: HARRIS, Nathaniel. *A Arte de Toulouse: Lautrec*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981. 80 p.

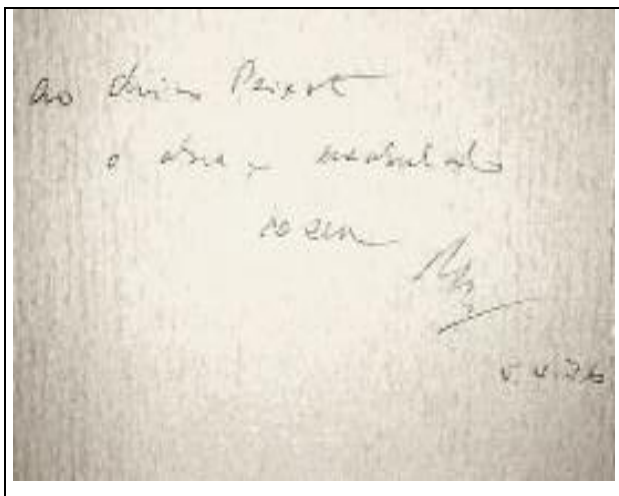
BRAGA, Rubem.



“Com um abraço do / Rubem Braga”.

In: SARTRE, Jean Paul. *Furacão sobre Cuba*. E depoimentos de Rubem Braga e Fernando Sabino. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960. Não paginado.

BULHÕES, Antônio Fernando de B. Carvalho.



“Ao Chico Peixoto / o abraço encabulado / do seu / Antonio Fernando de Bulhões Carvalho / 5.4.76”.

In: FROTA, Lélia Coelho. *Mitopoética de 9 artistas brasileiros: vida, verdade e obra*. Rio de Janeiro: Fontana, 1975. 177 p.

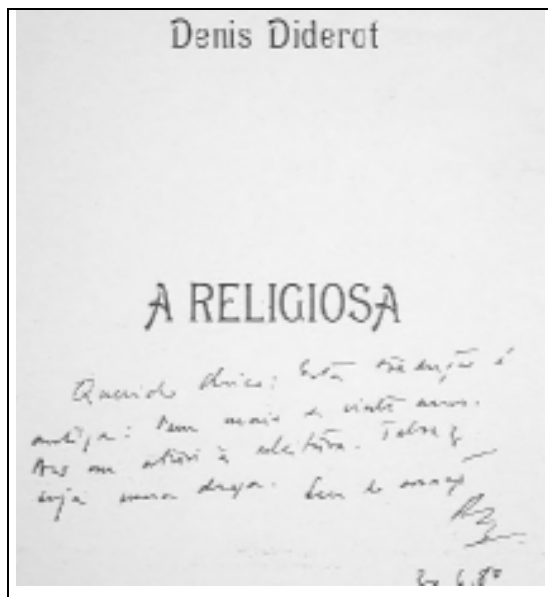
“Ao querido Chico, / no primeiro setentênário, / o abraço carinhoso / do seu Antonio Fernando de Bulhões Carvalho / 5-4-1979”.

In: LÓPEZ, Cándido; RICCI, Franco Maria; BASTOS, Roa. *Imagens da Guerra do Paraguai com um texto de Augusto Roa Bastos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. 181 p.



“Ao querido Chico / - que mais do que / ninguém merece - com / o abraço amigo do / Antônio Fernando de Bulhões Carvalho / 24.3.87”.

In: YOURCENAR, Marguerite. *Mémoires d'Hadrien*. Paris: Gallimard, 1979. 356 p.



“Querido Chico: Esta tradução é /
antiga: tem mais de vinte anos. /
Mas me atrevi à releitura. Talvez /
seja uma droga. / Seu de coração /
Antônio Fernando de Bulhões
Carvalho / 30.6.80”.

In: DIDEROT, Denis. *A religiosa*. Tradução de Antonio Bulhões e Miécio Tati. São Paulo: Victor Civita, 1980. 197 p.

“Querido Chico: / Achei tão bonito / este livro, que não re- / siste à tentação de / te mandar. / Abraço carinhoso / Bulhões / 11.11.83”.

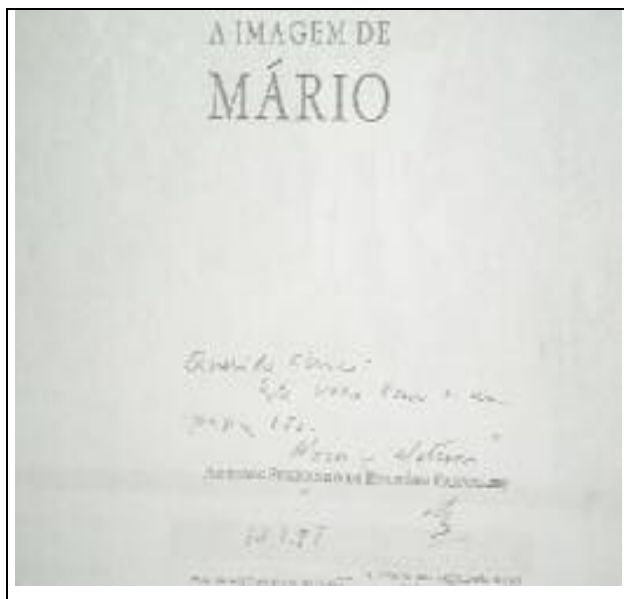
In: JUNQUEIRA, Ivan. *A rainha arcaica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. 119 p. (Coleção Poesis).

“Querido Chico. / Espero que v. / goste. Seu Antonio Fernando de Bulhões Carvalho / Rio- 82 / Novo endereço: / R Assembléia 10, grupo 3801”.

In: BÈLKIOR, Silva; ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carmina Drummondiana*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1982. 143 p. Edição comemorativa dos 80 anos de poeta.

“Meu querido Chico: / Este livro fala várias vezes em Cataguases e até na indústria Irmãos Pei / xoto. Não resisti à reda- / ção. Abraço, afetuoso / Antonio Fernando de Bulhões Carvalho / 24.4.84”.

In: SOUZA, Maria das Graças Nogueira de et al”. *Patápio: músico erudito ou popular?* Rio de Janeiro: Funarte. Instituto Nacional de Música. Divisão de Música Popular, 1983. 55 p. (Coleção MPB, 8).

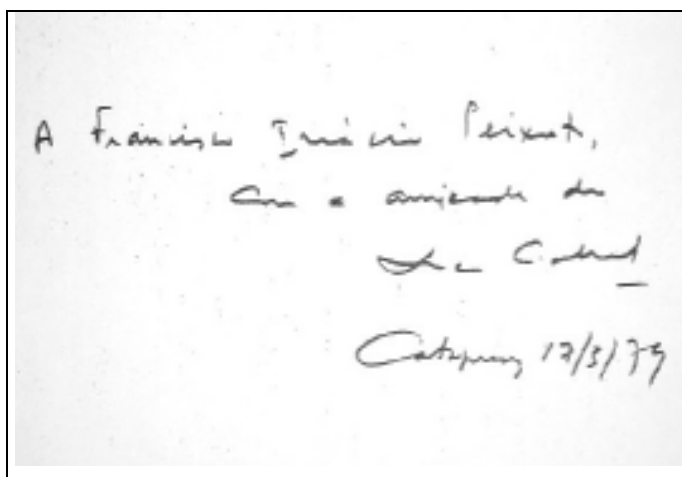


“Querido Chico: / Este livro tem v. na / página 155. / Abraço afetuoso / Antonio Fernando de Bulhões Carvalho / 14.1.85”.

PS: Na página 155 tem 2 fotos: as de números “159 e 160 – Visita dos universitários cariocas, entre os quais Marques Rebello, a São Paulo, 7 setembro 1928.”

In: ANDRADE, Mário de. *A imagem de Mário*: fotobiografia de Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Alumbramento, 1984. 184 p.

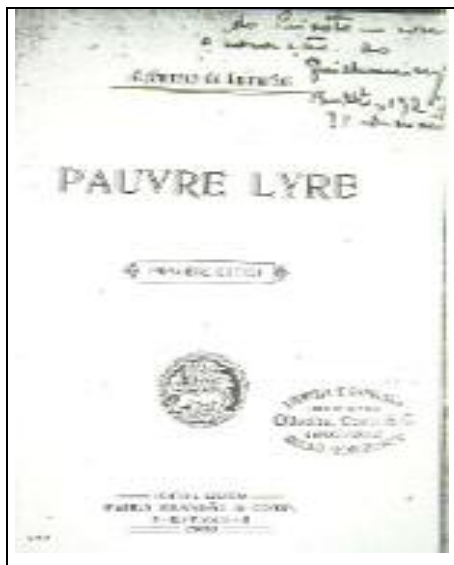
CABRAL, Francisco Marcelo.



“A Francisco Inácio Peixoto, / com a amizade do / Xico Cabral / Cataguases, 17/3/79”.

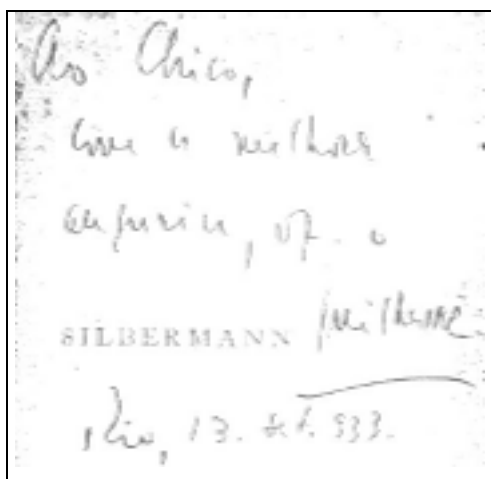
In: EULALIO, Alexandre. *A aventura brasileira de Blaise Cendrars*: ensaio – cronologia – filme – depoimento – antologia. São Paulo: Quiron, 1978. 301 p.

CÉSAR, Guilhermino.



“Ao Peixoto – com / o coração do /
Guilhermino / B. Hte, 1927 / 31 de maio”.

In: GUIMARÃES, Alphonsus de. *Pauvre Lyre*. Belo Horizonte: Paulo Brandão, 1921. 62 p.



“Ao Chico, / com o melhor /
augúrio, of. o / Guilhermino. /
Rio, 13.set. 933”.

In: LACRETELLE. J. de. *Silbermann*. Paris: Gallimard, 1922. 255 p. (Collection Suiccès).

“Para o Peixoto / Guilhermino. / Rio – Santa Tereza – 1927”.

In: COUTO, Ribeiro. *A cidade do vício e da graça: vagabundagem pelo Rio nocturno*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1924. 195 p.

“Ao Chico, / com um abraço / do Guilhermino”.

In: ANDRADE, Mário de. *O losango cáqui: ou afetos militares de mistura com os porquês de eu saber alemão*. São Paulo: A. TISI, 1926. Não paginado.

“Ao Peixoto, / o Guilhermino / 23.7.933”.

In: LACRETELLE, Jacques de. *Aparté*. Paris: Gallimard, 1927. 221p.

“Ao Chico / o / Guilhermino / Cataguases, 14.II.76”.

In: ARAGON. *Le crève-coeur*. Canadá: Gallimard, 1941. 72 p. (Collection Métamorphoses XI).

“Ao camarada Chico, / com algumas re- / servas. / Guilhermino / Cataguases, Fevereiro, 46”.

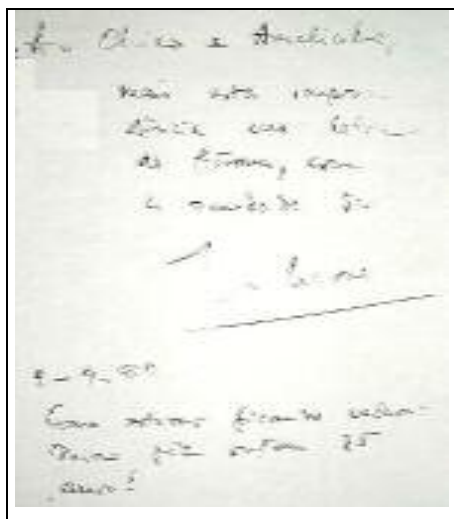
In: HAYER, Friedrich A. *O caminho da servidão*. Tradução de Leonel Vallandro. Rio de Janeiro: Globo, 1946. 335 p.

“Ao querido Peixoto, / digo, Francisquinho, / seu / Guilhermino / Cataguases, 5.3.52”.

In: MALLEA, Eduardo. *Todo verdor perecerá*. Tradução de José Lins do Rego e Henrique de Carvalho Simas. Rio de Janeiro: Globo, 1949. 187 p.

“Ao Chico, / o velho. / Guilhermino”.

In: MAETERLINCK, Maurice. *A intrusa*. Tradução de Guilhermino César. Porto Alegre: Centro de Arte Dramática. Faculdade de Filosofia, 1967. 56 p. (Série TEXTOS. Caderno 2.)



“Ao Chico e Amelinha, / mais esta
impru- / dência em letra de fôrma,
com / a saudade do / Guilhermino /
9-9-69 / Como estamos velhos: /
Mino fez ontem 35 anos!”

PS: O *Mino* é filho de Guilhermino
César.

In: LEÃO, José Joaquim de Campos. *Qorpo Santo*: as relações naturais e outras comédias. Fixação do texto, estudo crítico e notas por Guilhermino César. Porto Alegre: Edições da Faculdade de Filosofia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1969. 298 p.

“Ao Chico, o velho / Guilhermino / 2/abril/69”.

In: RAMOS, Maria Luiza. *Fenomenologia da obra literária*. Rio de Janeiro: Forense, 1969. 198 p.

Chico
 Veja só a graça de
 tudo isto – um clube de
 futebol está editando li-
 vros para seus associa-
 dos.
 Este romance (ou
 novela?) é uma sátira
 deliciosa ao realismo
 do / boulevard. Zeferino era
 um escritor polivalen-
 te, além do mais, / um poeta. Vovó
 Musa / é uma delícia. / Saudades letra-
 das – e outras – do
 velho.
 Leithner /
 20/07/76.

“Chico: / Veja só a graça de / tudo isto – um
 clube de / futebol está editando li- / vros para
 seus associa- / dos. / Este romance (ou /
 novela?) é uma sátira / deliciosa ao realismo
 do / boulevard. Zeferino era / um escritor
 polivalen- / te, além do mais, / um poeta. Vovó
 Musa / é uma delícia. / Saudades letra- / das –
 e outras – do / velho / Guilhermino / 20/07/76”.

PS: Vovó Musa é uma personagem do
 livro.

In: BRAZIL, Zeferino. *Juca, o letrado: estudo de psicologia mórbida: romance*. 2. ed. Porto Alegre: Fundação de Educação e Cultura do S. C. Internacional, 1975. 145 p.

Ao Chico,
 com o velho
 abraço do
 Leithner /

“Ao Chico, / com o velho /
 abraço do / Guilhermino”.

In: CHAVES, Flávio Loureiro. *Érico Veríssimo: realismo e sociedade*. Porto Alegre: Globo. SEC (Secretária de Educação e Cultura), 1976. 185 p.

“Ao Chico, / as saudades mi- / neiras do / Guilhermino / 1/XI/78”.

In: LEÃO, José Joaquim de Campos. *Qorpo Santo: as relações naturais e outras comédias*. 2. ed. Fixação do texto, estudo crítico e notas por Guilhermino César. Em convênio com Instituto do livro.

Departamentos de Assuntos Culturais. Secretária de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul: Movimento, 1976. 246 p.

“Ao Chico, / o abraço sal-/ doso do / Guilhermino”.

In: QUINTANA, Mário. *Apontamentos de história sobrenatural*. Porto Alegre: Globo, 1976. 167 p.

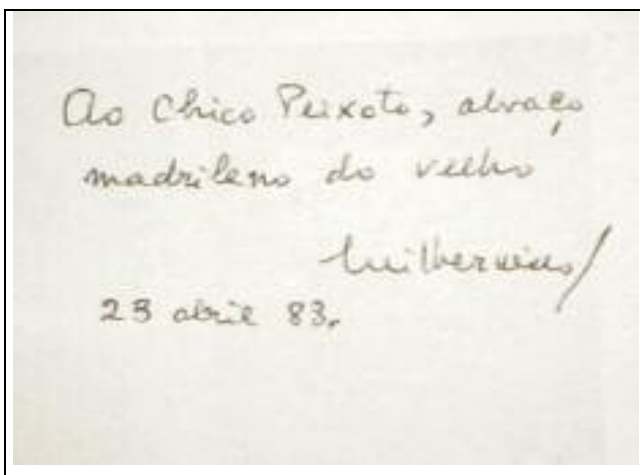


“Ao Chico, / o velho / Guilhermino / 30.07.76 / Ps. / Saí ontem cedo e voltei / ontem mesmo de Laguna, onde / falei aos “infiéis”. Estou / cansadíssimo, mas sairei as- / sim mesmo – para pôr este / no correio, comprar jornais, / espalhar. / Guilhermino / 30/07/76”.

In: SCLIAR, Moacyr. *O carnaval dos animais*. 2. ed. Porto Alegre: Movimento, Instituto Estadual do Livro, 1976, 74 p. (Coleção Rio Grande. v. 2).

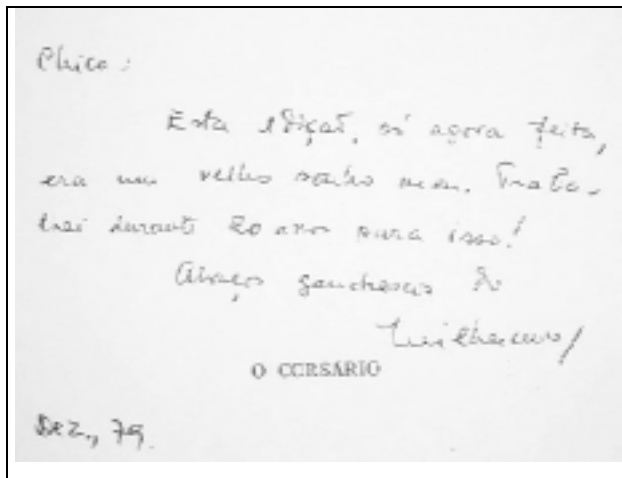
“Ao Chico, / Guilhermino”.

In: PRÊMIO APESUL REVELAÇÃO LITERÁRIA 78. Poesias – Contos – Crônicas. Porto Alegre: Instituto Estadual do livro. DAC / SEC, 1978, 154 p.



“Ao Chico Peixoto,
abraço / madrileno do
velho / Guilhermino / 23
abril 83”.

In: DALI, Salvador. *El mito tragico del "Angelus" de Millet*. Barcelona: Tusquets, 1978. 169 p.



“Chico: / Esta edição, só agora
 feita, / era um velho sonho
 meu. Traba- / lhei durante 20
 anos para isso! / Abraços
 gauchescos do / Guilherme /
 Dez. 79.”

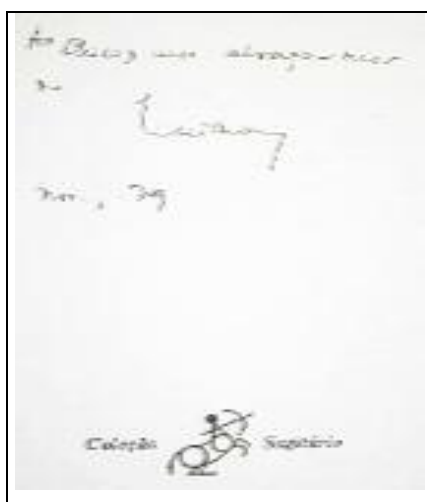
In: FIÃO, José Antônio do Vale Caldre e. *O Corsário*: romance rio-
 grandense. Nota preliminar de Guilhermino César. Porto Alegre:
 Movimento, 1979. 262 p.

“Ao Francisco, I e único, / o velho / Guilhermino. / outubro, 79”.

In: FERREIRA, Athos Damasceno. *Poesias reunidas*. Porto Alegre:
 Globo, 1979. 208 p.

“Chico: / Diga-me algo sobre / este livro, se tiver oca- / sião e vontade. /
 Guilhermino”.

In: RODRIGUES, Jaime. *Phutatorius*. Porto Alegre: Globo, 1979. 205
 p. (Coleção Sagitário).



“Ao Chico, um abraço-mor / do /
 Guilherme / Nov., 79”.

In: SPALDING, Tassilo Orpheu. *Sete candelabros de ouro*. Porto
 Alegre: Globo, 1979. 160 p. (Coleção Sagitário).

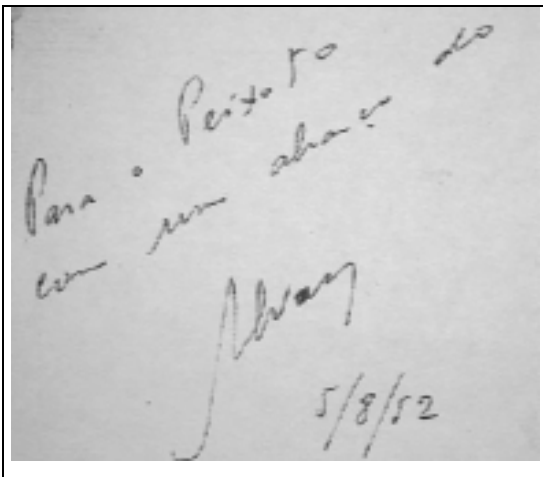
“Ao Chico, / mais esta imper- / tinência do velho / Guilhermino / Maio, 81”.

In: LEÃO, José Joaquim de Campos. *Qorpo santo: teatro completo*. Fixação do texto, estudo crítico e notas por Guilhermino César. [S.l.]: Ministério da Educação e Cultura. Serviço Nacional de Teatro. Fundação Nacional de Arte, 1980. 404 p.

“Ao grão Chico, ao fa- / buloso Chico, saudades / imemoriais do / Guilhermino / 19.03.82”.

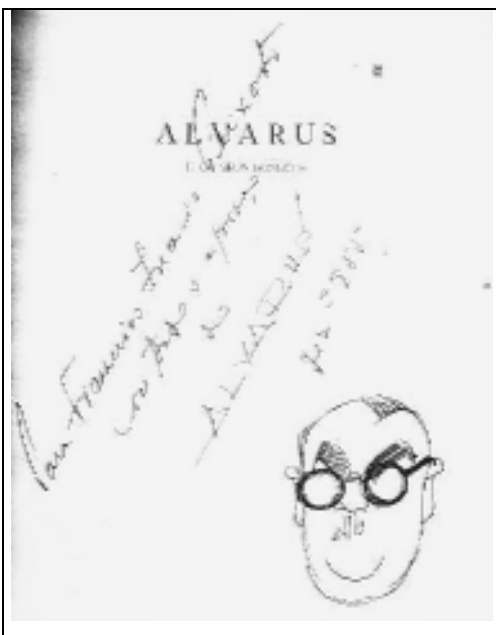
In: VELHINHO, Moysés. *Aparas do tempo*. Porto Alegre: Companhia União de Seguros Gerais, 1981. 180 p.

COTRIM, Álvaro.



“Para o Peixoto / com o abraço / do / Álvaro / 5/8/52”.

In: ALONSO, Amado. *Poesia y estilo de Pablo Neruda: interpretación de una poesía hermética*. Buenos Aires: Sudamericana, 1951, 235 p.

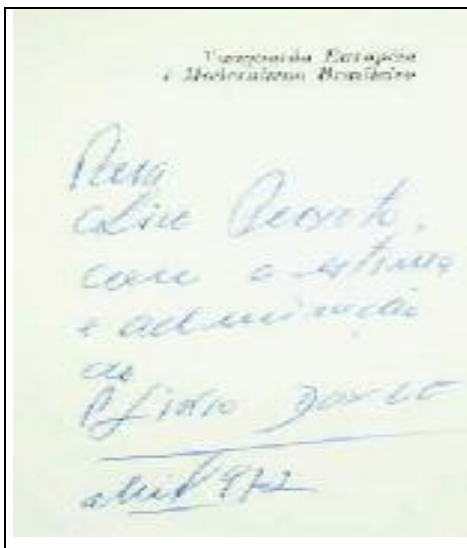


“Para Francisco Inácio Peixoto / com todo o apreço do / Alvarus / dez. 1955”.

PS: A caricatura junto a dedicatória foi desenhada pelo cartunista, e é o retrato do escritor Francisco Inácio Peixoto.

In: LIMA, Herman. *Alvarus e os seus bonecos*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação. MEC, 1954. Não paginado. (Coleção “Artistas Brasileiros”).

DOYLE, Plínio.



“Para / Chico Peixoto, / com a estima / e admiração / do / Plínio Doyle / abril 972”.

In: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Vozes, 1972. 271 p.



“Para Chico Peixoto, / com estima, / admiração / e amizade / o Plínio Doyle / Cataguases, 7/9/79”.

In: HISTÓRIA DA TIPOGRAFIA NO BRASIL. Museu de Arte de São Paulo: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Governo de São Paulo, 1979. 277 p.

FERREIRA, Delson Gonçalves.

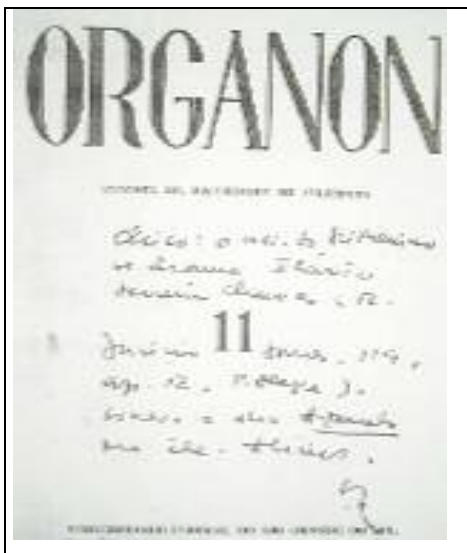
“Ao / Dr. Francisco com a / minha admiração / e toda a cordialidade. / Delson / Belo Horizonte. / 25-8-966”.

In: ANJOS, Cyro dos. *Explorações no tempo: memórias*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1963. 226 p.

“Ao Dr. Francisco, / agradecendo a per- / manente cordialidade. / Delson. / Belo Horizonte / 8-2-967”.

In: DIAS, Fernando Correia. *João Alphonsus: tempo e modo*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 1965. 212 p.

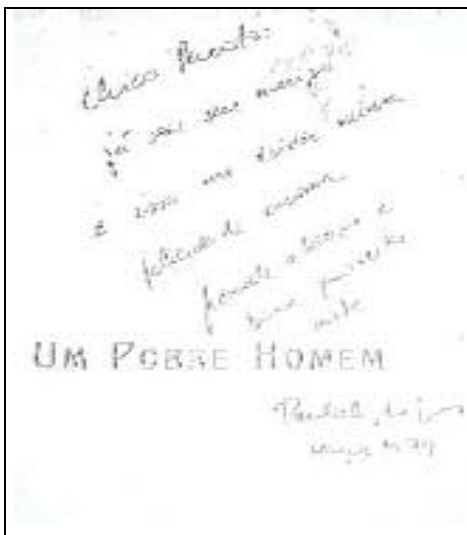
FUSCO, Rosário.



“Chico: o ass. do Guilhermino / se chama Flávio / Severino Chaves (R. / Jacinto Gomes, 119, / ap. 12, P. Alegre). / Escreva e abra A Janela / para ele. Abraços / Rosário”.

In: *Revista Organon*. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n. 11, 1966-. 188 p.

GOMES, Paulo A. M.



“Chico Peixoto: / já sou seu amigo / e isso me deixa numa / felicidade enorme / grande abraço e / bom proveito / neste / Paulo Augusto Gomes / Março 1979”.

In: MACHADO, Dyonélio. *Um pobre homem*. Porto Alegre: Globo, 1928. 165 p.

314. 03/09/84

Querido Chico,

Não sei se você conhece esta publicação – uma coletânea dos primeiros textos escritos por Drummond na imprensa de B.H., sob pseudônimo. Se não, espero que goste. / Como espero receber, em breve, notícias suas; que possam ser mais alegres / e animadoras que as da última vez em que nos falamos.

Todos mandam abraços e beijos e eu deixo o meu abraço amigo de sempre.

Paulo

“BHte. 03/09/84 / Querido Chico, / Não sei se você conhece esta publicação – uma coletânea dos primeiros / textos escritos por Drummond na imprensa / sa de B.H., sob pseudônimo. Se não, / espero que goste. / Como espero receber, em breve, notícias suas; que possam ser mais alegres / e animadoras que as da última vez / em que nos falamos. / Todos mandam abraços e beijos e eu / deixo o meu abraço amigo de sempre. / Paulo A. M. Gomes”.

In: *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte: [s.n.], 1984-.

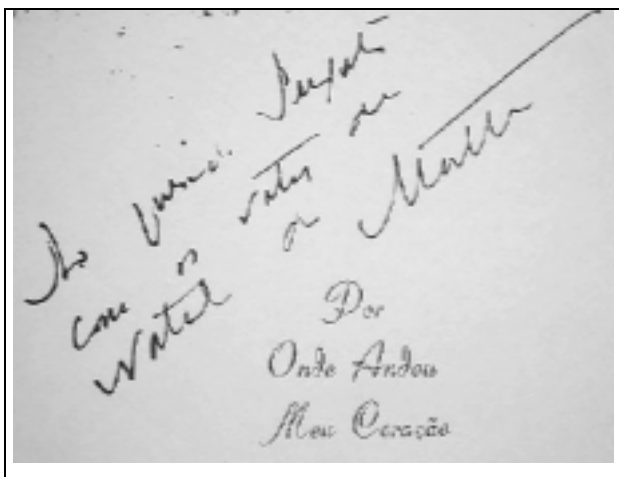
MALTA, Tostes.

Para o Velho Peixoto,
com as boas festas de
Natal de 40

Malta

“Para o velho Peixoto, / com as boas festas de / Malta / Natal de 40”.

In: *L'INITIATION A LA MUSIQUE*. A l'usage des amateurs de musique et de radio. Paris: Éditions du Tambourinaire, 1935. 399 p.



“Ao querido Peixoto / com os votos de / Natal / de / Malta”.

In: CARDOSO, Maria Helena. *Por onde andou meu coração: memórias*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1967. 458 p.

MENDES, Murilo.



“Ao meu caro / (e invisível) / Francisco Inácio Peixoto, / afetuosamente. / Murilo Mendes / Rio 1-9-72”.

In: ARAÚJO, Laís Correia de. *Murilo Mendes*. Rio de Janeiro: Vozes, 1972. 222 p. (Coleção Poetas modernos do Brasil / 2.)

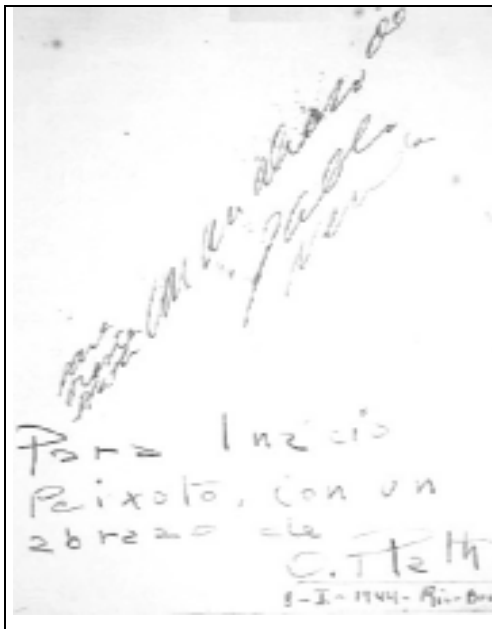
PAIVA, Ataulfo de.



“Ao brilhante candidato / a Academia Mineira de / Letras oferece / Ataulfo de Paiva”.

In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Rio de Janeiro: ANUÁRIO, 1942. 270 p.

PLATH, Oreste.



“Para / Oreste Plath / com um abraço de / Pablo Neruda. / Para Inácio / Peixoto, com un abraço de / O Plath / 8-I-1944 – Rio – Brasil”.

PS: Orestes Plath dedica o livro com dedicatória de Pablo Neruda para Francisco Inácio Peixoto.

In: NERUDA, Pablo. *Las furias y las penas II: cancionero de la sirena*. [S.l.]: Ediciones del Angel Gulab: 1939. 23 p.

REBELO, Marques.

“Ao / Francisco Inácio / lembrança do / 6 janeiro 1960 / do / Marques”.

In: CHAMPFLEURY. *Histoire de la caricature antique*. Paris: E. Dentu, 1867. 332 p.

Assinatura: “Marques Rebelo”.

In: DICKENS, Charles. *Barnabé Rudge: roman anglais*. Paris: Libraire Hachette, 1871. 391 p. v.1. Traduit avec l'autorisation de l'autur.

Assinatura: “Marques Rebelo”.

In: DICKENS, Charles. *Barnabé Rudge: roman anglais*. Paris: Libraire Hachette, 1873. 386 p. v. 2. Traduit avec l'autorisation de l'autur.

Assinatura: “Marques Rebelo”.

In: DICKENS, Charles. *Bleak house: roman anglais*. Paris: Libraire Hachette, 1876. 383 p. v. 1. Traduit avec l'autorisation de l'autur.

Assinatura: “Marques Rebelo”.

In: DICKENS, Charles. *Bleak house*: roman anglais. Paris: Libraire Hachette, 1876. 404 p. v. 2. Traduit avec l'autorisation de l'autur.

Assinatura: “Marques Rebelo”.

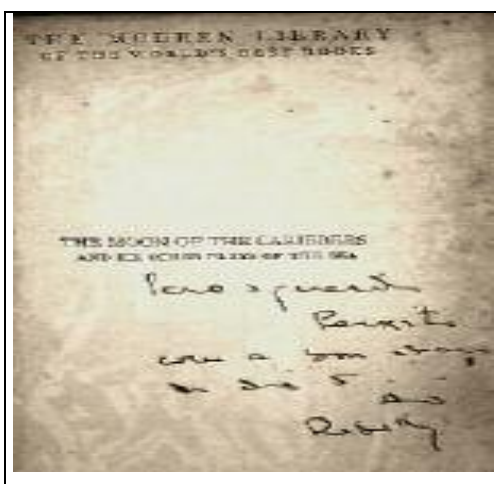
In: DICKENS, Charles. *Dombey et fits*: roman anglais. Paris: Libraire Hachette, 1881. 332 p. v. 1. Traduit avec l'autorisation de l'autur.

Assinatura: “Marques Rebelo”.

In: DICKENS, Charles. *Dombey et fits*: roman anglais. Paris: Libraire Hachette, 1881. 274 p. v. 2. Traduit avec l'autorisation de l'autur.

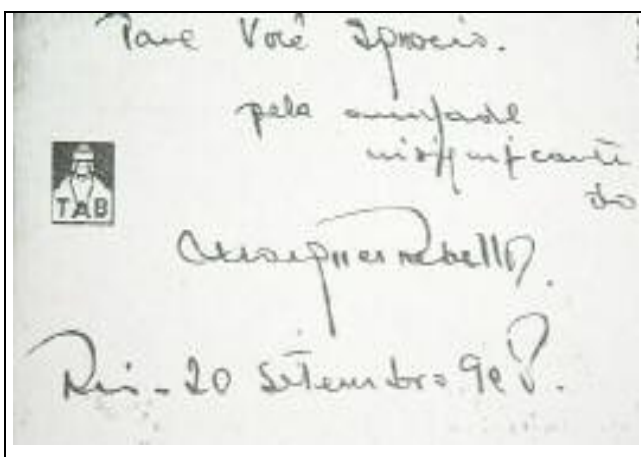
Assinatura: “Marques Rebelo”.

In : DICKENS, Charles. *Dombey et fits*: roman anglais. Paris: Libraire Hachette, 1881. 371 p. v. 3. Traduit avec l'autorisation de l'autur.



“Para o querido / Peixoto / como meu abraço / do dia 5. / Rebelo”.

In: O'NEILL, Eugene G. *The moon of the Caribbees: and six other plays of the sea*. New York: Boni and Liveright, 1923. 217 p.



“Para você Ignácio, / pela amizade / insignificante / do / Marques Rebelo / Rio – 20 setembro 928”.

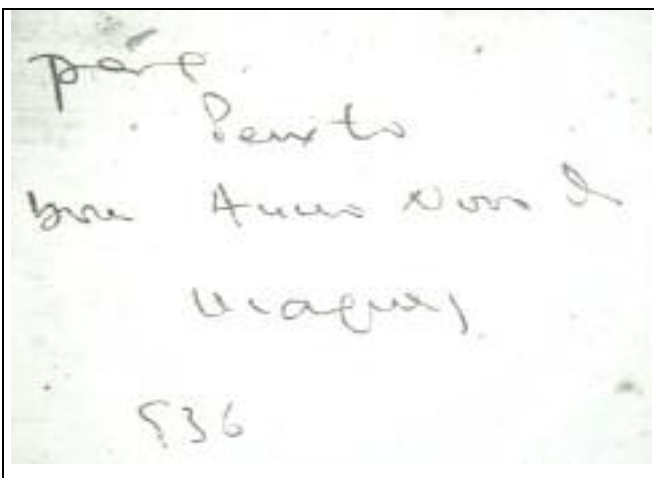
In: LEONI, Raul de. *Luz mediterrânea*. 2. ed. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1928. 188 p.

Assinatura: “Marques Rebelo”.

In: KIPLING, Rudyard. *Souvenir de France*. Paris: Bernard Grasset, 1933. 134 p.

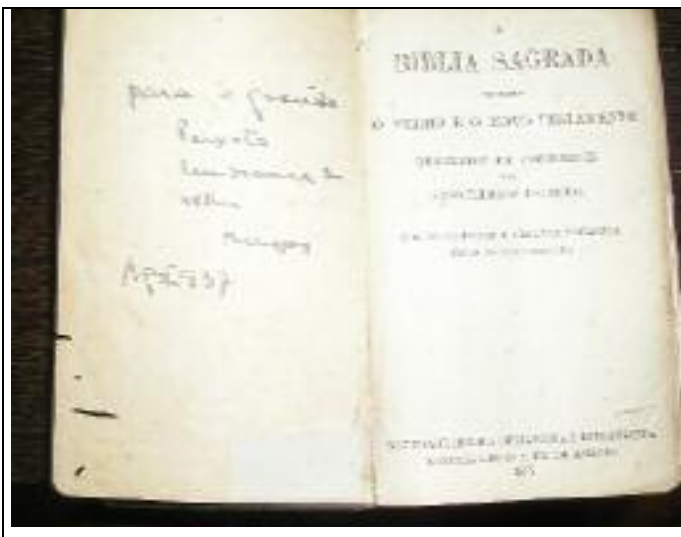
Assinatura: “Marques Rebelo”.

In: FARIA, Octavio de. *Dois poetas: Augusto Frederico Schmidt e Vinicius de Moraes*. Rio de Janeiro: Ariel, 1935. 343 p.



“Para / Peixoto / bom
Ano Novo do / Marques
/ 936”.

In: Boletim da Sociedade Felipe D'Oliveira. *Lanterna Verde*. Rio de Janeiro: Officina Graphica MAUÀ, n. 4, nov. 1936-. 125 p.



“Para o querido /
Peixoto / lembrança
do / velho / Marques
/ Agosto 937”.

In: ALMEIDA, João Ferreira d' (Trad.). *Bíblia sagrada*. Londres: Sociedade Bíblica Britannica e estrangeira, 1937. 235 p.

Assinatura: “Marques Rebelo”.

In: CARNEIRO, Edison. *Negros Bantus*: notas de ethnographia religiosa e de folk-lore. Dirigida pelo Prof. Dr. Arthur Ramos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. 187 p. (Biblioteca de Divulgação Científica. v. XIV).

“Ao Peixoto / lembrança do / Marques”.

In: BANDEIRA, Manuel. *Antologia dos poetas brasileiros da fase parnasiana*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1938. 286 p.

“Marques Rebêlo / para o / Francisco Inácio Peixoto”.

In: RIBEIRO, Aquilino. *Mônica*: romance. 2. ed. Lisboa: Bertrand, 1938. 311 p.

“Ao / Peixoto / Natal de 63 / do Rebelo”.

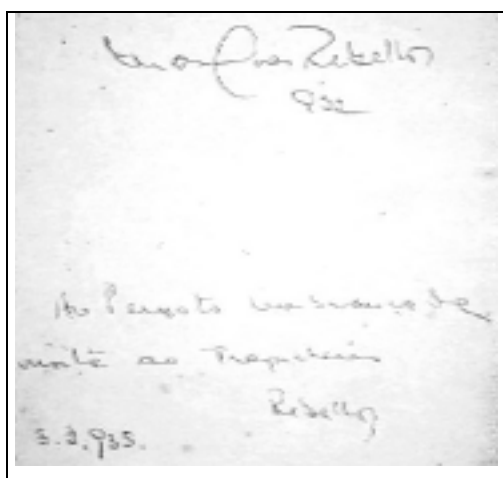
In: ARAGON. *Aureliano*: romance. Lisboa: Arcádia, 1944. 611 p.

“Ao Peixoto / o Marques / jan. 945”.

In: ALMEIDA, Manoel Antonio de. *Memórias de um Sargento de Milícias*. Prefácio de Marques Rebêlo. Ministério de Educação e Saúde. INL. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944. 286 p. (Biblioteca Popular Brasileira XIX.)

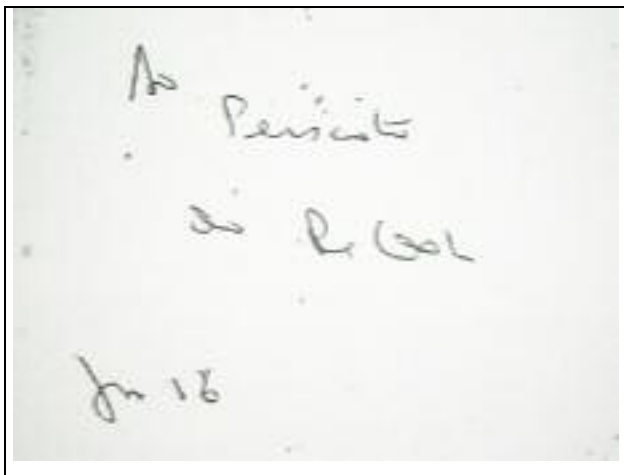
“Ao Peixoto / lembrança do / Rebelo”.

In: HAMILTON and FAHS (Org.). *Contos do Brasil*. New York: F. S. Crofts & CO, 1944. 332 p.



“Ao Peixoto lembrança de / vinte
do Trapicheiro / Rebello /
3.2.935”.

In: ANJOS, Cyro dos. *Abdias*: romance. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1945. 313 p.



“Ao Peixoto / do Rebelo.
/ jan 56”.

In: PRIESTLEY, J. B. *Llegaron a una ciudad*. Musica en la noche. Traducción de Berta Yussen. Buenos Aires: Lautaro, 1946. 332 p.

“Chico: Há uns poemas / bem bom do Guilhermino nota sobre “Verde”, em cartas do / Mário / seu / Rebelo”.

In: Revista de Difusão Literária e Cultural. *Província de São Pedro*. Rio de Janeiro: Globo, n. 4. mar. 1946-. 176 p.

“Ao Chico / Natal de 78 / Rebelo”.

In: MOISSE, Charles. *Poésie: Tchecoslovaque contemporaine*. Prague: Artia, 1950, 192 p.

“Ao querido / Chico / com o abraço do / Rebelo. Ver pág. 34 e 59”.

PS: Os poemas das páginas mencionadas tem o nome *Chico* mencionado várias vezes, mas apesar de termos procurador informações para afirmarmos que os poemas foram escritos para Francisco Inácio Peixoto, não obtivemos dados que afirmassem tal opinião.

In: BARATA, Ruy Guilherme. *A linha imaginária: poemas*. Belém: Norte, 1951. 71 p.

Ao Chico, prometendo
que irei espaçar mais as
minhas visitas a Cataguases.
Marques /
25 junho 1960

“Ao Chico, prometendo / que
irei espaçar mais as / minhas
visitas a Cataguases./
Marques / 25 junho 1960”.

PS: Segundo a filha de
Francisco Inácio Peixoto, Maria
Cristina, o contista Marques
Rebello ia muito a Cataguases.

In: BUTOR, Michel. *A modificação*. Tradução de Oscar Mendes. Belo Horizonte: Itatiaia, 1958. Não paginado. (Coleção Rosa dos Ventos).

Ao Peixoto
pelo dia 5 de
abril de 1960, o
seu Marques

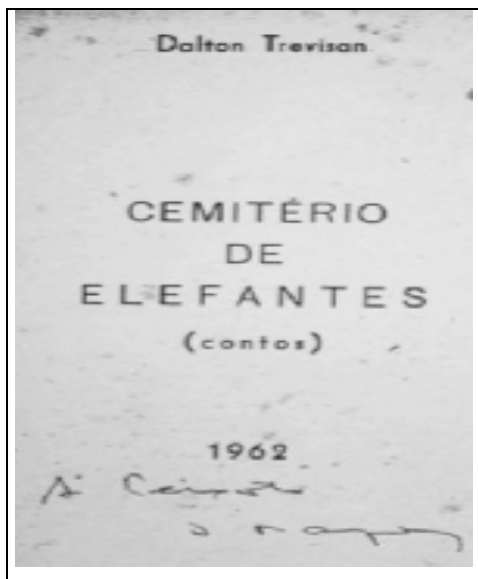
“Ao Peixoto / pelo dia 5 de
/ abril de 1960, o / seu /
Marques”.

In: RENARD, Jules. *Poil de Carotte*. Paris: Flammarion, [1960?]. 321p.

Dalton Trevisan
Minha Cidade
(contos)
Ao Peixoto
o Marques
1960

“Ao Peixoto / o Marques”.

In: TREVISAN, Dalton. *Minha cidade*. Curitiba: Requião, 1960. 138p.



“Ao Peixoto / o Marques”.

In: TREVISAN, Dalton. *Cemitério de elefantes: contos*. Curitiba: Requião, 1962, 135 p.

“Ao Chico / o Marques / set. 64!”

In: ALMEIDA, Manuel Antonio de. *Memórias de um Sargento de Milícias*. Rio de Janeiro: (BUP) Biblioteca Universal Popular, 1964. 268 p.

“Ao Peixoto / afeto do / Rebelo / 24 jan. 65”.

In: CONY, Carlos Heitor et al. *Os dez mandamentos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. 306 p. (Coleção Vera Cruz.)

“A Peixoto / com o abraço / do Rebelo”.

In: RAMOS, Graciliano. *Seleção de contos brasileiros*. Rio de Janeiro: Ouro, 1966. 333 p.

“Ao querido Chico / lembrança do Marques / Paris / Natal 1966”.

In: SADE, Marques de. *Les infortunes de la vertu: suivi de la Marquise de Gange*. Paris: Renaissance, 1966. 486 p.

“Ao Chico / por mais um 5 de abril / o velho / Marques”.

In: PAZ, Octavio. *Constelação: pequena antologia*. Tradução de Haroldo de Campos. Rio de Janeiro: MHJ, 1972. 77 p.

“Ao Peixoto / o acadêmico / Rebelo”.

In: ADONIAS FILHO et al. *A cidade e as ruas: novelas cariocas*. Edição Comemorativa do IV Centenário da cidade do Rio de Janeiro: Lidoador, [19-]. 273 p.

Assinatura: “Marques Rebelo”.

In: BYRON, Lord. *Le pèlerinage de Childe-Harold*: roman. Traduction complète de Amédée Pichot revue, corrigée et augmentée de nombreuses notes. Paris: Edition et Libraire Henri Beziat, [19-]. 220 p.

SALES, Herberto.

“Ao Herberto Sales, homenagem / do / Thiago de Mello / outubro, 1951”.

“Passo-o ao Peixoto, para / ver como são as Edições Hipocampo / Rio, 14-7-51 / Herberto Sales”.

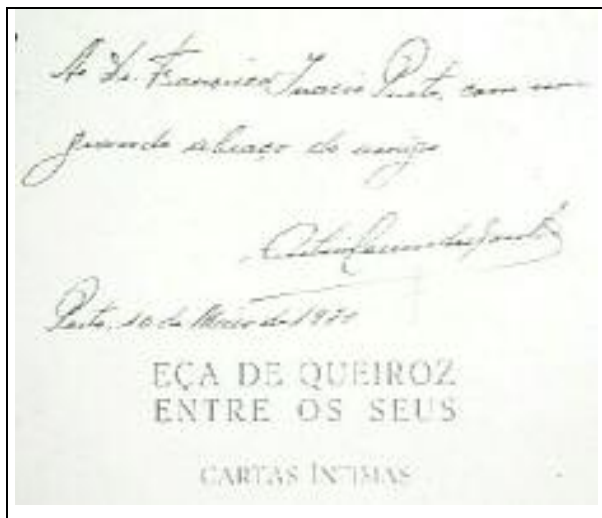
In: MELLO, Thiago de. *Silêncio e palavra*. Rio de Janeiro: Hipocampo, 1951. 78 p.



“Peixoto: / Já conhecia esta / edição? / Seu Herbert / Rio, 29-8-65”.

In: LOUZADA, Wilson (Org.) *Contos de carnaval: antologia de grandes autores brasileiros*. Rio de Janeiro: Ouro, 1965. 366 p.

SANTOS, Antonio C. dos.



“Ao Dr. Francisco Inácio Peixoto, com um / grande abraço do amigo / Antonio [Correia] dos Santos / Porto, 10 de Maio de 1970”.

In: EÇA DE QUEIROZ ENTRE OS SEUS: apresentado por sua filha. Cartas íntimas. 4. ed. Porto: Lello & Irmão, 1965. 441 p.



“Ao Exmo. Senhor Dr. Francisco Inácio Peixoto / com um abraço amigo / Antonio [Correia] dos Santos”.

In: CAMÕES, Luis de. *Os lusíadas*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1972. 186 p. (Edição Comemorativa).

IV 2 Índice onomástico

Não fizemos nenhuma atualização na grafia dos nomes dos autores e das respectivas obras, eles foram grafados como aparecem na folha de rosto.

ABREU, Manoel de 45, 187
ALFREDO D'ELIA, Miguel 45
ALMEIDA, Paulo Mendes de 45, 46, 187
ALPHONSUS, João 46, 47, 132, 187
ALVARENGA, Octávio Mello 47, 187
ÁLVAREZ, Reynaldo Valinho 48, 187, 188
ALVES, Cândida A. da Cruz Costa 48
AMADO, Jorge 48, 188
ANDRADE, Alécio de 49, 188
ANDRADE, Carlos Drummond de 49, 50, 132, 188, 189
ANDRADE, Mário 50, 189
ANDRADE, Oswald 51, 189
ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de 51, 189, 190
ANJOS, Ciro 51, 190
ANTONUCCI, Alcino Leite 52, 190
ARAÚJO, Laís Corrêa de 52, 190
ARAÚJO, Maria Lysia Corrêa de 52, 190
ATHAYDE, Tristão de 53, 190, 191
BARBOSA, Francisco de Assis 53, 133, 191
BARBOSA, José do Carmo 53, 191
BENEVIDES, Walter 54, 55, 56, 134, 191, 192
BERNIS, Yeda Prates 56, 135, 192
BRAGA, Rubem 135, 192
BRANCO, Aquiles 57, 192, 193
BRANCO, Joaquim 57, 58, 193
BRUCKNER, Michel 58, 193

BUENO, Antônio Sérgio 58, 193
BULHÔES, Antonio Fernando de B. Carvalho 46, 58, 59, 136, 193, 194
CABRAL, Astrid 59, 194
CABRAL, Francisco Marcelo 59, 60, 138, 194
CAMPOS, Mário Mendes 60, 194, 195
CAMPOS, Paulo Mendes 60, 195
CARDOSO, Lúcio 60, 195
CARRANO, Márcia 61, 195
CASTRO, Josué 61, 195, 196
CÉSAR, Guilhermino 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 196
CHAVES, Flávio Loureiro 69, 196, 197
CLAVER, Ronald 69, 197
CORRÊA, Roberto Alvim 70, 197
CORRÊA, Villas-Bôas 71, 197
COSTA, João Paulo Gonçalves da 71
COSTA, José Magalhães da 72, 198
COTRIM, Alvaro 144, 198
DAMASCENO, Darcy 72, 198
DOYLE, Plínio 72, 145, 198, 199
DUARTE, José Afrânio Moreira 73, 199
DUARTE, Maria Auxiliadora Moreira 73, 199
DUTRA, Waltensir 73, 199
FARIA, Octávio de 74, 199, 200
FERREIRA, Ascenso 74, 200
FERREIRA, Celina 75, 76, 200
FERREIRA, Delson Gonçalves 76, 77, 145, 200
FIUZA, Ricardo Arnaldo Malheiros 77
FONSECA, Gondim da 77, 200, 201
FONSECA, Luís Gonzaga de 77
FRIEIRO, Eduardo 78, 201
FUSCO, Rosário 78, 79, 80, 81, 82, 146, 201

GOMES, Dalmo Peixoto 82, 201
GOMES, Paulo Augusto 146, 202
GOMES, Paulo Emílio Salles 82, 202
GOUVÊA, Paulo 83, 202
GUIMARAENS FILHO; Alphonsus de 83, 84, 202
HOLANDA, Sérgio Buarque de 84, 202, 203
HORTA, Anderson Braga 85, 203
HORTA, Luiz Paulo 85, 203, 204
HOUAISS, Antônio 85, 204
IVO, Ledo 86, 204
KELLY, Celso 86, 204
LACERDA, Ayêska Paula Freitas de 86, 205
LEITE, Sebastião Uchoa 86, 205
LESSA, Francisco de Paula Mayrink 87, 205
LIMA, Jorge de 87, 205
LIMA JÚNIOR, Augusto de 88, 205, 206
LINHARES, Temístocles 88, 206
LINS, Álvaro 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 206
LISBOA, Henriqueta 95, 206, 207
LISPECTOR, Clarice 95, 207
LOPES, Ascânio 120, 207
LOPES, José Leme 96, 207
LOPES, Ribamar 96
LOUSADA, Wilson 96, 208
LUFT, Lya 96, 208
MACHADO, Antônio de Alcântara 97, 208
MACHADO, Brasil Pinheiro 97, 208
MACHADO FILHO, Aires da Mata 98, 209
MALTA, Tostes 98, 99, 100, 147, 148, 209
MARANHÃO, Haroldo 100, 209
MARTINS, Cristiano 100, 209
MATA-MACHADO, Edgar de Godói da 100, 210

MAURO, Humberto 101, 210
MELO NETO, João Cabral de 101, 102, 103, 104, 210
MENDES, Murilo 104, 148, 211
MONTEIRO, Ézio Pinto 104, 211
MONTELLO, Josué 105, 211
MORAES, Vinicius de 105, 211, 212
MOREIRA, Vivaldi 106, 212
MOURA, Emílio de 106, 212
NAVA, Pedro 107, 212
NEVES, Manuel das 107, 213
NIEMEYER, Oscar 107, 213
NOLL, João Gilberto 107, 213, 214
NOVAES, Israel Dias 108, 214
NUNES, Sebastião 108, 214
OLIVEIRA, José Osório de 108, 214
PALMÉRIO, Mário 108, 214, 215
PAIVA, Ataufo de 148, 215
PAULA, Inimã de 108, 215
PEIXOTO, Karla Santiago 109, 215
PEIXOTO, Lina Tâmega – Ver PELOSO, Lina Tâmega Peixoto del 109, 215
PELOSO, Lina Tâmega Peixoto Del 109, 215
PEREIRA, Astrogildo 109, 216
PEREIRA, Geraldo Santos 109, 216
PIMENTEL, Cyro 110, 216
PLATH, Oreste 110, 149, 216
POLÉVOI, Boris 111, 216
PORTINARI, Cândido 112, 216, 217
PRETA, José Catta 112, 217
REBELLO, Marques 53, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 149, 150,
151, 152, 153, 153, 154, 155, 156, 217
REGO, José Lins do 119, 120, 217
RESENDE, Enrique de 120, 121, 122, 217

REZENDE, Cezarina de 122
RIBEIRO, Joaquim 123, 218
RICARDO, Cassiano 123, 218, 219
ROMANELLI, Kátia Bueno 123, 219
RÔMULO, Romério 123, 219
RÓNAI, Paulo 123, 124, 219
ROSA, João Guimarães 124, 219, 220
RUBIÃO, Murilo 124, 220
SÁ, Corrêa de 125, 220
SABINO, Fernando 125, 220, 221
SALES, Herberto 126, 156, 221
SALVADO, Antonio 126, 221
SANTOS, Antonio C. dos 157
SANT'ANNA, Afonso Romano de 127, 221
SEUPHOR, Michel 127
SCHMIDT, Augusto Frederico 127, 222
SILVA, Domingos Carvalho da 128, 222
SILVA, Maria Augusta Machado da 129
SOARES, Camilo 129, 222, 223
SOUTO, Alexandrino de 129, 223
SOUZA, Afonso Feliz de 129, 223
SUSSEKIND, Carlos 130, 223
TEIXEIRA, Maria de Lourdes 130, 223, 224
VELLOSO, Manoel Joaquim Pimenta 130
WERNECK, Ronaldo 130, 131, 224
ZACH, Jan 131, 224

IV 3 Índice de obras

- A asa esquerda do anjo 96
- A arte de Toulouse: Lautrec 135
- A aventura brasileira de Blaise Cendrars 138
- A bolsa & a vida: crônicas 49
- A casa: poema 106
- A cidade do vício e da graça: vagabundagem pelo Rio nocturno 139
- A cidade e as ruas: novelas cariocas 156
- A cultura latina no espaço português 65
- A defesa 85
- A derradeira colheita 121
- A estranha xícara: crônicas e estórias curtas 100
- A estrela sobe de Marques Rebelo 77
- A estrêla sobe: romance 114
- A evolução de um poeta: ensaio sobre a poesia de Jorge de Lima 73
- A face lívida: poesia 1941/1945 95
- A forma na arquitetura 107
- A glória de César e o punhal de Brutus: ensaios e estudos – 1939-1959 94
- A guerra está em nós 118
- A imagem de Mário: fotobiografia de Mário de Andrade 138
- A intrusa 140
- A lágrima 61
- A linha imaginária: poemas 153
- A luz no subsolo: romance 60
- A marca 125
- À margem do tempo: poemas 128
- A modificação 154
- A mudança: o espelho partido 117
- A nossa vilipendiosa profissão 55
- A pesca da baleia: contos 47

A psiquiatria de Machado de Assis 96
A rainha arcaica 137
A religiosa 137
A vida real: novelas 125
A visão prospectiva de Euclides da Cunha 64
Abdias: romance 152
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Elogio de Marques Rebelo 133
Alfeu e Aretusa: as apaixonadas de Goethe 130
Alguma poesia 49
Algum dia 109
Alguns contos 95
Alicia Penalba 127
Alvarus e os seus bonecos 145
Amenidades camonianas 106
Amiel: a vida, a obra, a assunto: notas à margem do Jornal – Intime 79
Anjo tardio 123
Antecedentes da fundação do Rio Grande do Sul 65
Anteu e a crítica: ensaios literários 70
Antologia da poesia mineira: fase modernista 83
Antologia do moderno conto português 88
Antologia dos poetas brasileiros da fase parnasiana 152
Antologia escolar brasileira 118
Antologia escolar portuguesa 118
Antologia poética 103
Aparas do tempo 144
Aparté 140
Apontamentos de história sobrenatural 142
Armadilha para Lamartine 130
Arte de matar 64
Ascânio Lopes: vida e poesia 76
A técnica do romance em Marcel Proust 92
Aureliano: romance 152

Auto do frade: poemas para vozes 104
Aventuras de Barrigudinho 113
Axioma 57
Baixo relêvo 126
Barnabé Rudge: roman anglais 149
Beardsley and his world 134
Belazarte: contos 50
Benedetto Croce 63
Bíblia sagrada 151
Bibliografia de Manuel Antonio de Almeida 116
Bleak house: roman anglais 149
Boletim da Sociedade Felipe D'Oliveira. Lanterna Verde 151
Brás, Bexiga e Barra Funda: notícias de São Paulo 97
Brasil, terra & alma: Guanabara 118
Brasil, terra & alma: Minas Gerais 50
Camapuã: romance 112
Caminho da fonte: estudos de literatura 105
Cangaceiros: romance 120
Cantiga ao vento 100
Canto do brasileiro Augusto Frederico Schmidt: poema 127
Cantochão 52
Cara & coroa 71
Carmina Drumondiana 137
Carta à noiva: romance 81
Cartas chilenas: retrato de uma época 77
Carusmas 82
Cascalho: romance 126
Casos da fazenda do retiro 71
Catimbó: versos 74
Cemitério de elefantes: contos 155
Cenas da vida brasileira 119
Cenas da vida brasileira I: suíte nº1 115

Cenas da vida brasileira: suítes nº1 e 2 116
Chico 104
Cinco elegias 105
Cinqüenta poemas: escolhidos pelo autor 106
Clan do jaboti: poesia 50
Comédias: teatro de Martins Pena I 72
Comentários à consolidação das leis do trabalho 99
Com o vaqueiro Mariano 124
Compositores surdos: Beethoven – Smetana – Fauré 54
Comunidade ou comunismo? carta aos brasileiros 130
Concreções da fala 57
Concreções da fala: poemas & projetos 57
Constelação: pequena antologia 155
Consumito: poemas & processos 58
Contos de carnaval: antologia de grandes autores brasileiros 156
Correio europeu 117
Cortina de ferro 116
Crônica da casa assassinada: romance 60
Crônica dos livros 98
Contos do Brasil 108
Controvérsias trabalhistas 100
Da arte de ter clínica 54
Da técnica do romance em Marcel Proust: biografia pessoal: teoria literária 94
De Anita ao museu: comissão de literatura 45
Delphes Hachette – Arts du Monde 134
Dia do júizo: romance 81
Dias e noites em Diamantina: folclore e turismo 98
Dicionário de música 85
Discurso 98
Discurso de posse na Academia Brasileira. (Estudo sôbre Roquette–Pinto) 93
Discurso no deserto 84
Discurso sobre Camões e Portugal 93

Discursos na academia	53
Documentário do nordeste	61
Dois poetas: Augusto Frederico Schmidt e Vinicius de Moraes	151
Dombey et fits: roman anglais	150
Dona Fernanda, a gaúcha do Quincas Borba	62
Dois ensaios	87
Eça de Queirós entre os seus: apresentado por sua filha. Cartas íntimas	157
El mito tragico del “Angelus” de Millet	143
Elogio de Marques Rebelo	133
El sentido de la tierra en la narrativa	45
Em silêncio	52
Encontro na academia	119
Encontros com o Brasil	124
Entretempo	109
Entre Zola e Machado de Assis	66
Eis a noite!: contos e novelas	47
Érico Veríssimo: realismo e sociedade	141
Estação das manobras: contos	72
Estado do Rio Grande do Sul	67
Estórias e memórias	122
Estudos para a mão direita: contos	59
Exercícios de homem: 1964 – 1967	85
Explorações no tempo: memórias	51
Ex-votos e orantes no Brasil: leitura museológica	129
Fausto: conto em plaquete	46
Fenomenologia da obra literária	141
Fotografias	49
François Mauriac, essayiste chrétien	70
Frederico Moraes	108
Fruta de conde: poesia	78
Furacão sobre Cuba	135
Galinha cega: romances	46

- Galo das trevas: as doze velas imperfeitas 107
- Gonzaga e outros poetas 128
- Histoire de la caricature antique 149
- História da literatura do Rio Grande do Sul: (1737-1902) 62
- História da romanização da América 123
- História da tipografia no Brasil 145
- História de revistas e jornais literários 72
- História do Brasil 104
- História do Rio Grande do Sul: período colonial 66
- História literária de Eça de Queiroz 88, 90
- Historiadores e críticas do romantismo 68
- Hoje poemas 76
- Homenzinho na ventura 60
- Humberto Mauro, Cataguases, cinearte 82
- lanelli do figurativo ao abstrato 46
- Imagem da América: notícias e notas de uma excursão aos EE. UU. 100
- Imagens da Guerra do Paraguai com um texto de Augusto Roa Bastos 136
- Imigração italiana: estudos 68
- Inexílio 60
- Inferno de Katyn: romance 58
- Ingenuidade 106
- Interior à luz 126
- Interpretações 109
- Introdução à experiência estética 81
- Isso não é aquilo 86
- Itaúna humana e pitoresca: coletânea de itaunenses natos e adotivos 77
- João Alphonsus: tempo e modo 146
- Joan Miró 102
- Jornal de crítica. 1ª série 89
- Jornal de crítica. 2ª série 89
- Jornal de crítica. 3ª série 90
- Jornal de crítica. 4ª série 91

- Jornal de crítica. 5ª série 91
- Jornal de crítica. 6ª série 92
- Jornal de crítica. 7ª série 94
- Juca, o letrado: estudo de psicologia mórbida: romance 141
- Júlio de Castilhos ao Cel. João Francisco 68
- Koseritz e o naturalismo 64
- L' aggresore: romanzo 82
- La estrella sube 116
- Las furias y las penas II: cancionero de la sirena 149
- Laser para lazer: poemas experimentais 58
- L'initiation a la musique 147
- Le crève-coeur 140
- Le pèlerinage de Childe-Harold: roman 156
- Les infortunes de la vertu: suivi de la Marquise de Gange 155
- Leitura & redação 52
- Língua e literatura luso brasileira 76
- Lira coimbrã e portulano de Lisboa 62
- Literatura e vida literária: diário e confissões: notas de um diário de crítica 94
- Llegaron a una ciudad. Musica en la noche 153
- Luz distante: poemas 99
- Luz mediterrânea 55
- Manchas roxas: contos 86
- Manual da boa empregada: noções elementares do serviço doméstico 122
- Marafa 113
- Mar morto: romance 48
- Marco zero II: chão 51
- Martim Cererê: o Brasil dos meninos, dos poetas e dos heróis 123
- Mémoires d'Hadrien 136
- Memorial de idéias políticas 101
- Memórias 133
- Memórias e depoimentos 71
- Memórias de um Sargento de Milícias 152, 155

- Minas Gerais terra e povo 66
- Minha cidade 154
- Missão em Portugal 94
- Mitopoética de 9 artistas brasileiros: vida, verdade e obra 136
- Mitos & valores 47
- Molière e a medicina 55
- Mônica: romance 152
- Morte e vida Severina e outros poemas em voz alta 103
- Murilo Mendes 148
- Murilo Mendes e a fase do modernismo 52
- Museu de tudo 103
- Nave incorporéa 75
- Navio perdido: poemas 127
- Negros Bantus: notas de ethnographia religiosa e de folk-lore 152
- No meio do caminho: estudo das primeiras obras de Marques Rebello 48
- No mundo do romance policial 92
- Notas de um diário de crítica 90
- Notícias históricas: de norte a sul 88
- Novos julgamentos 99
- Novos poemas 105
- O aceno da imortalidade e os perigos da senectude 54
- O Aleijadinho 77
- O amanuense Belmiro: romance 51
- O anel de saturno: teatro 80
- O anjo de pedra: o senhor do mundo – I: romance 74
- O barroco e a crítica literária no Brasil 63
- O “brasileiro” na ficção portuguesa: o direito e o avesso de uma personagem 65
- O brinquedo absurdo 69
- O caminho da servidão 140
- O carnaval dos animais 142
- O cego e a dançarina: contos 107
- O centauro 59

- O contrabando no sul do Brasil 69
- O Corsário: romance rio-grandense 69
- O direito do leitor 67
- O elmo de Mambrine 78
- O embuçado do erval: mito e poesia de Pedro Canga 64
- O engenheiro 101
- O espelho de Orfeu 96
- O ex-mágico: contos 124
- O grande mentecapto: romance 125
- O grupo: outras figuras – outras paisagens 83
- O irmão: poesia 83
- O lôdo das ruas: os Paivas I: romance 74
- O losango cáqui: ou afetos militares de mistura com os porquês de eu saber alemão 139
- O mar, o vento...: contos 73
- O messianismo político, no Brasil, e Alexandre Herculano 62
- O modernismo em Belo Horizonte: década de vinte 58
- O moderno conto brasileiro 59
- O país do carnaval: romance 48
- O passarinho de Lisboa: escritos de Portugal 77
- O pirotécnico Zacarias 124
- O processo no Tribunal Superior do Trabalho 99
- O rio: ou relação da viagem que faz o Capibaribe de sua nascente à cidade de Recife 102
- O romance brasileiro contemporâneo 63
- O simples Coronel Madureira 118
- O soldado Nicolau 129
- O solitário gesto de viver 48
- O teatro São Pedro na vida cultural do Rio de Janeiro 67
- O trapicheiro: o espelho partido 117
- O viúvo: teatro 80
- Os dez mandamentos 155

- Os dragões e outros contos 124
- Os lusíadas 157
- Os renegados: o lôdo das ruas – II: romance 74
- Obra poética. [Jorge de Lima] 87
- Obras completas: poesia. [Enrique de Resende] 122
- Ode e elegia 86
- Opinião literária: ensaios e artigos 73
- Oscarina e três caminhos 117, 119
- Oscarina 112, 113, 115, 119
- Outra terra, outro mar 58
- Outubro 65 58
- Paisagem céltica: antologia poética 110
- Palavra puxa palavra: entrevistas 73
- Papel de jornal 108
- Papéis higiênicos: estudos sobre guerrilha cultural e poética de provocação 108
- Para conhecer melhor Antônio de Almeida 119
- Para viver um grande amor: poemas e crônicas 105
- Patápio: músico erudito ou popular? 137
- Pathé Baby 97
- Pauvre Lyre 139
- Peças do Museu de Arte Sacra da Bahia 133
- Pêndula 56
- Pensamento e ação de Benedetto Croce 63
- Pequena história sentimental de Cataguases 122
- Phutatorius 143
- Plano geral do cinema brasileiro: história, cultura, economia e legislação 110
- Poemas concêntricos 125
- Poemas cronológicos 120
- Poemas necessários 128
- Poemas reunidos [João Cabral de Melo Neto] 102
- Poemas, sonetos e baladas 105
- Poesia cúmplice 75

- Poesia de ninguém 75
- Poesia luminosa: poemas e contos: métrica, ritmo, harmonia 87
- Poesia y estilo de Pablo Neruda: interpretación de una poesía hermética 144
- Poesias [Alphonsus de Guimaraens] 132
- Poesias reunidas [Athos Damasceno Ferreira] 143
- Poésie: Tchecoslovaque contemporaine 153
- Poetas y poesia de Chile 110
- Poil de Carotte 154
- Pomba poema 131
- Ponto de cruz: poema 59
- Portinari. Exposição de sua obra de 1920 até 1948 112
- Por onde andou meu coração: memórias 148
- Posse na Academia Nacional de Medicina. Discurso do Acadêmico Prof. José Leme Lopes 135
- Pousada do ser 95
- Pré-capitalismo ou neocapitalismo brasileiro? 53
- Prêmio APESUL Revelação literária 78. Poesias – Contos – Crônicas 142
- Preparação à sociologia 53
- Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul 65
- Pureza: romance 119
- Qorpo Santo: as relações naturais e outras comédias 140
- Qorpo santo: teatro completo 144
- Quatro poemas: com algumas palavras de Augusto Frederico Schmidt 97
- Que país é este?: e outros poemas 127
- Que sabe você sobre petróleo? 77
- Quinze casos contados 96
- Remate de males: poesia 50
- Reta da saudade 107
- Retrato de Alfonsus de Guimarens 120
- Retratos de família 53
- Revista de Difusão Literária e Cultural. Província de São Pedro 153
- Revistas de poesia e crítica 128

Revista do Arquivo Público Mineiro	147
Revista Organon	64
Revista VERDE: contribuição para o estudo do modernismo brasileiro	123
Rilke: o poeta e a poesia	100
Rilke: ou a convivência com a morte e outros ensaios	56
Rio	118
Rio – Branco: o Barão do Rio-Branco. 1845-1912	91
Rola-moça: romance	47
Rosa dos ventos	121
Rua Alegre, 12	114
Rubén Darío e o modernismo hispano-americano	60
Sculpture: a retrospectiva	131
Seleção de contos brasileiros	155
Selvaggia: um cine poema	130
Senhora do mundo	69
Sentimento do mundo	49
Serões e vigílias: páginas avulsas	88
Sete candelabros de ouro	143
Silbermann	139
Silêncio e palavra	156
Sistema do imperfeito & outros poemas	67
Sobre Raul de Leoni: no cinqüentenário da “luz mediterrânea”	55
Sonetos com dedicatória	84
Souvenir de France	151
Substancia	45
Sul: romance	61
Stela me abriu a porta: contos	114
Teatro: já é noite em Pedra Altas / A ovelha negra	129
Tendências e figuras de literatura húngara	123
Terceira feira: poesia	102
The moon of the Caribbees: and six other plays of the sea	150
Todo verdor perecerá	140

Totonio Pacheco: romance 46
Três caminhos 113
Uma gota de veneno: Tereza Desqueyroux 133
Um pobre homem 146
Un homme véritable. Prix Staline 111
Usina: romance 119
Vanguarda européia e modernismo brasileiro 145
Valores do espírito: ensaios 86
Vermelho, profissão: sofrer 109
Velario 95
Velórios 51
Vida e obra de Manuel Antonio de Almeida 114
Vida literária 80
Vila dos confins 108
Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil 84
Visitas de médico 56
Vocabulário dos termos tupis de "O selvagem", de Couto de Magalhães 101
Vôo das cinco 57
Zero/versus 61

V CONSIDERAÇÕES FINAIS

Francisco Inácio Peixoto tinha vocação e competência para abrir caminhos. Sem sair de Cataguases, conquistou prestígio como figura da cultura brasileira. Da arquitetura às artes plásticas, da literatura ao ensino, Francisco Inácio Peixoto desafiou os limites provincianos de uma cidade de vocação industrial e agrária, inserindo Cataguases num contexto que se anunciava, após a Semana de Arte Moderna de 22, como arauto de uma profunda ruptura conceitual em nosso país.

Conhecendo o gosto de Francisco Inácio Peixoto pelos livros, os escritores, quando publicavam (mesmo reedições), enviavam-lhe um exemplar. Um dos escritores mais presentes na biblioteca foi Guilhermino César. Nota-se, também, a presença de dedicatórias de novos escritores, alguns ligados a Francisco Inácio Peixoto por afeição. Outros livros lhe são dedicados como forma de agradecimento, por seu espírito empreendedor e estimulador das letras nacionais.

É inegável que a dedicatória valoriza consideravelmente o livro, uma vez que estabelece uma ligação entre a obra e o autor. Aquela pode ser vista como marca pessoal, que estabelece a representação de práticas sócio-culturais que permitem aos interlocutores uma possível interação. Ao recebê-la, o escritor deixa de lado seu papel de escritor e ocupa a posição de leitor. A peculiaridade apresentada por cada dedicatória demonstra não só indícios de amizade, carinho, admiração, como também tratam de assuntos como a luta pela profissionalização do escritor.

Outro fator proeminente relativo às dedicatórias é a questão fraternal instalada entre autor e leitor. Francisco Inácio Peixoto, na posição de leitor, recebia nos livros a ele dedicados com apreço de seus contemporâneos de escrita. Esses traços afetivos confirmavam uma amizade já existente ou que, de alguma forma, ainda estaria para acontecer.

Muitos escritores iniciantes declararam a Francisco Inácio Peixoto uma explícita admiração. Para esses, a maestria do autor baseava-se em um reflexo de paixão pelas letras, pela arte de escrever, as quais o “contista de mão cheia”, assim designado por alguns, soube realizar muito bem. Algumas das dedicatórias transcritas são exemplos de amizade entre o autor da obra e Francisco Inácio Peixoto como leitor.

Talvez em vida não se tenha avaliado a exata dimensão de Francisco Inácio Peixoto e a verdadeira grandeza de sua ação na cidade. Sua paixão pelos livros, pelos suplementos literários publicados em jornais fez com que hoje fosse possível a realização deste trabalho. Mecenas moderno, alocou em sua residência obras importantes da produção da história cultural nacional e, entre elas demos destaque aos livros recebidos. Por isso, as dedicatórias, mais do que marcas pessoais, muitas vezes descrevem ideais de consolidação de uma literatura engajada. Quando nos referimos à expressão “literatura engajada”, entendemos que o escritor contemporâneo afirma sua escrita de forma mais consciente, preocupando-se com o papel que desempenha na sociedade.

Pragmático e visionário, Francisco Inácio Peixoto fez de sua terra um permanente laboratório de experiências culturais, seja como intelectual, dando novos contornos à plasticidade rude e provinciana, seja como educador, quando ergueu um Ginásio moderno, implantando uma filosofia educacional e pedagógica modelar no Brasil, transformando o velho educandário da Chácara da Granjaria num templo de peregrinação turística. Mais tarde, doou o estabelecimento ao Estado, revelando uma visão social abrangente, permitindo aos filhos dos operários das indústrias locais o acesso a um ensino público de boa qualidade.

Ressaltamos, ainda, que o objetivo da pesquisa na biblioteca de Francisco Inácio Peixoto limitou-se ao levantamento das dedicatórias de escritores/intelectuais. O acervo de livros com dedicatória na biblioteca é bastante vasto, inviabilizando, no prazo proposto, o trabalho completo, razão pela qual tivemos de fazer um corte no nosso corpus.

Verificamos que as dedicatórias localizadas somam um total de 641 livros, neles as dedicatórias variam no que diz respeito à extensão, ao tom e à situação em que foram escritas. Tão grande quantidade se deve basicamente ao fato de Francisco Inácio Peixoto ter sido mentor dos jovens e de ter mantido sempre a porta de sua casa aberta para recebê-los.

VI BIBLIOGRAFIA

De Francisco Inácio Peixoto

PEIXOTO, Francisco Inácio. Ternura. *Verde*, Cataguases, n.1, p. 25, 1927.

_____. Berceuse. *Verde*, Cataguases, n. 2, p. 18, 1927.

_____. Carta-telegrama pra Martins de Oliveira. *Verde*, Cataguases, n. 4, p. 13, 1927.

_____. Antologia. *Verde*, Cataguases, n. 4, p. 18, 1927.

_____. Uiará. *Verde*, Cataguases, n. 4, p. 5, 1928.

_____. Maria Lavadeira. *Verde*, Cataguases, n. 4, p. 21, 1928.

_____. Ascânio. *Verde*, Cataguases, n. 1, fase 2, p. 25, 1928.

_____; CÉSAR, Guilhermino. *Meia-pataca*. Cataguases: Verde, 1928.

_____. Variação. In: *Anuário Brasileiro de Literatura*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1933. n. 3. p. 392.

_____. *Dona Flor*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1940.

_____. As palavras de Francisco Inácio Peixoto no grande comício do “dia do trabalho”. *Jornal Cataguases*. Cataguases, 1945.

_____. A fuga. In: SALES, Herberto (Org.). *A eterna infância*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1948. p. 168 – 178.

_____. Canto do afogado. *A Ordem*. n. 10. v.LXIII, fev. 1957.

_____. *Passaporte proibido*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1960.

_____. (Tradutor). *Oblomov*. GONTCHAROV, I. A. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966. (Coleção Romances Eternos).

_____. *A janela*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1967.

_____. Dedicatória, quase nênia. In: COSTA, Levy Simões da. *Cataguases centenária: dados para sua história*. Cataguases: [s.n], 1977. p. 126.

_____. Apresentação. In: AYALA, Walmir (Org.). *Poetas novos no Brasil*. Rio de Janeiro: INL – MEC, 1969. p. 209.

_____. Bapo. In: PÓLVORA, Hélio; MATTOS, Cyro de (Orgs.). *Antologia de contos brasileiros*. Rio de Janeiro: Block, 1970. p. 207 – 211.

_____. Um chefe de família. In: Ficção, histórias para o prazer da leitura. Abr. 1976. n. 4. p. 30-33.

_____. *Erótica*. Rio de Janeiro: Imprinta, 1981.

_____. *Chamada geral*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1982.

_____. *Pedreira*. Disponível em:
<<http://www.secrel.com.br/jpoeisa/fip01.htm1>> Acesso em: 17 ago. 2002.

Sobre Francisco Inácio Peixoto

ARAÚJO, Laís Corrêa de. Jogando verde. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 5 abr.1979. p. 8.

BENEVIDES, Walter. Peixoto e seus bovarismos. In: *Visitas de médico*. Rio de Janeiro: INL – MEC, 1978. [f.p.].

BRANCO, Joaquim. Bapo ou a transparência da linguagem. *Tribuna da Mata*. Cataguases, 14 jan. 1968. (LiterArte)

_____. É preciso lutar com as palavras. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 5 abr.1979. p. 1.

_____. Depoimento. 2003. Entrevistadora: Alcione Lidia Abreu Olivieri. Cataguases. Entrevista concedida para a Dissertação de Mestrado.

_____. (Ed.) Cataguarte. *Cataguases*, Cataguases, 26 nov. 1995. Suplemento Especial.

_____. Francisco Inácio Peixoto. In: _____. *Passagem para a modernidade: transgressões e experimentos na poesia de Cataguases – década de 20*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002, p. 112 - 119.

BRITO, Lemos de. O crime e os criminosos na literatura brasileira. In: _____. *O crime e os criminosos na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1946. [f.p.].

BRITO, Mário da Silva. Francisco Inácio Peixoto. In: _____. *Poesia do modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 121 – 122.

CAGIANO, Ronaldo. Literatura, vanguarda e mecenato em Francisco Inácio Peixoto. In: _____. *Prismas. literatura e outros temas*. Brasília: Thesaurus, 1997, p. 43 - 47.

CARRANO, Márcia. Historinha pra ninar setenta anos. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 5 mai. 1979. [f.p.]. (Suplemento Literário).

_____. *Silêncio e palavra em Erótica de Francisco Inácio Peixoto*. 2004. 126 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2004.

CÉSAR, Guilhermino. Francisco Inácio Peixoto. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 31 mar.1979. [f.p.]. Caderno de Sábado.

_____. Um mineiro exemplar. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 30 jan. 1986. [f.p.]. Recorte.

COUTO, Ribeiro. A descoberta de Cataguases. *Verde*, n. 5, p. 10. jan. 1928.

DUARTE, José Afrânio Moreira. Um dos ases de Cataguases. In: _____. *Opinião literária: ensaios e artigos*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1981. p. 43 – 46.

FERREIRA, Delson Gonçalves. Os verdes anos. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, (Suplemento literário) Nº 687, 1 dez. 1979. [f.p.].

_____. Francisco Inácio Peixoto: retrospectiva. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 5 mai.1979. [f.p.].

FILHO, Campomizzi. Chico Peixoto e o grupo da revista Verde. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 31 jan.1986. [f.p.].

GOMES, Paulo Augusto. A alma de uma cidade. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 5 abr. 1979. p. 8.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. Sonho e ação. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 5 abr. 1979. p. 1.

MACIEL, Vera Lúcia. Entrevista Aldary Toledo: Tudo o que aconteceu deve-se a Francisco Peixoto. *Zona da Mata: Cataguases*, set. 2000. [f.p.]. (republicada).

MELLO, Suzy de. Uma arquitetura moderna para Cataguases. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 5 abr. 1979. p. 8.

MOREIRA, José Afrânio. Um dos ases de Cataguases. In: _____. *Opinião literária: ensaios e artigos*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1981. p. 43 – 46.

OLIVEIRA, Franklin de. Também tivemos o nosso Gontcharov. Literatura soterrada (III). *O Globo*. Rio de Janeiro, 10 out. 1967. p. 16.

OLIVEIRA, José Aparecido de. O poeta verde e Brasília. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 13 mar. 1986. [f.p.].

OLIVIERI, Alcione Lidia Abreu. Francisco Inácio Peixoto. *Cataguases*, 29 set. 2002. Caderno C.

REBÊLO, Marques. Cataguases 1937. *Cataguases*, Cataguases, 1967. [f.p.].

ROMANELLI, Kátia Bueno. Entrevista e depoimento. In: *Revista Verde: contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 1981. p. 192 – 207.

SALES, Herberto. LXXI. In: _____. *Baixo relevo*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1954. p. 99 – 100.

SANT'ANA, Rivânia Maria Trotta. *Acervo-virtual dos escritores do Grupo Verde, de Cataguases – MG*. Disponível em: <<http://www.UFOP>> Acesso em: 31 ago. 2002.

TOTEM 12. Francisco Inácio Peixoto: O ÀS DE CATAGUASES. Ed. especial. 5. abr. 1979. Suplemento Literário do Cataguases.

WERNECK, Ronaldo. Balada para Chico Peixoto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 15 mai. 1979. [f.p.]. (Suplemento Literário).

_____. *Viver com dentaduras integrais e muito perigoso*. Disponível em: <http://www.tanto.com.br/ronaldowerneck-viver.htm> Acesso em: 22 mai.2002.

Geral

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Viola de bolso: novamente encordoad*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1955.

_____. As dedicatórias “diferentes”. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 24 mar. 1983. [f.p.].

_____. Dedicatórias: cinco palavras. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 19 jul. 1973. p. 5.

_____. Dedicatórias & alcunhas. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. 18 nov. 1975. [f.p.].

_____. Dois em um. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: 11 nov. 1975. [f.p.].

_____. Nada além de cinco palavras. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 2 out. 1975. [f.p.].

_____. Sobre museus, coitados. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 8 dez. 1983. p. 5.

ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 2000.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Teoria da literatura*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1973.

BANDEIRA, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*. Rio de Janeiro: Jornal de Letras, 1954.

_____, *Mafuá do malungo: versos de circunstância*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1954.

BARTHES, Roland. *Fragments d'un discours amoureux*. Paris: Éditions du Seuil. p. 89 - 94.

_____. S/Z. São Paulo: Martins, 1970. (Coleção Signos).

BRASIL, Assis (Org.). *A poesia mineira no século XX: antologia*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

BORGES, Jorge Luis. *A Biblioteca de Babel*. Disponível em: http://biblioteconomia.objectis.net/lit/babel/sendto_form. Acesso em: 14 ago. 2004.

CERASOLLI, Luiz; FREIRE, J. E. de Faro. *Revolução permanente na arte. Diário da Noite*. São Paulo, 13 jun.1968. p. 11.

COSTA, Levy Simões da. *Cataguases centenária: dados para sua história*. Cataguases: [s.n], 1977.

COUTINHO, Afrânio, SOUSA, J. Galante de. *ENCICLOPÉDIA de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: FAE, 1990. 2 v.

DUCHESNE, Alain; LEGUAY, Thierry. *Qu'est-ce qu'un écrivain? Petits secrets de la création littéraire*. Paris: Mots et Cie, 2002. p. 158 – 162.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

FRIEIRO, Eduardo. *Os livros nosso amigos*. 2. ed. Belo Horizonte: Inconfidência, 1945.

Fronteiras da criação. VI Encontro Internacional de pesquisadores do manuscrito. Associação de Pesquisadores do manuscrito literário – APML.

Universidade de São Paulo. 31 de agosto a 3 de setembro de 1999. p. 139 – 162.

GARCIA, Celina Fontenele. A biblioteca de Padro Nava, como metáfora de sua identidade. In: *2º Congresso Abralic. Literatura e Memória Cultural*. Belo Horizonte: Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1991. p. 128 – 131.

GENETTE, Gerard. *Seuils*. Paris: Éditions du Seuil. p. 110 – 135.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MIRANDA, Selma Melo. *Cataguases: um olhar sobre a modernidade*. Disponível em: <http://www.asminasgerais.com.br/Zona%20da%20Mata/UnivlerCidades/modernismo/>> Acesso em: 12 dez. 2002.

MODERNISMO. Monumentos modernistas. Disponível em: <http://www.cataguasesnet.com.br/monumentos.htm> Acesso em: 18 ago. 2002.

MORAIS, Rubens Borba de. *O bibliófilo aprendiz*. 3. ed. Brasília: Briquet de Lemos/Livros: Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1998.

NEVES, José Alberto Pinho (Org.) *Baú de letras: antologia poética de Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage – FUNALFA, 2000.

PUECH, Jean-Benoît; COURATIER, Jacky. Dédicaces exemplaires. In: GENETTE, Gérard (Présentation). *Poétique*. Paris: Seuil, 1987. p. 61 – 82.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de narratologia*. Coimbra: Almedina, 1987. p. 84 - 87.

RESENDE, Enrique de. *Pequena história sentimental de Cataguases*. Belo Horizonte - São Paulo: Itatiaia, 1969.

ROGEL, Samuel (Org.) et al. *Manual de teoria literária*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

RUFFATO, Luiz. *Os ases de Cataguases: uma história dos primórdios do modernismo*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002.

SILVA, Beatriz Folly e; LESSA, Maria Eduarda de Almeida Vianna. (Org.) *Inventário do arquivo de Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. Centro de Literatura Brasileira, 1989.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. *Teoria da literatura*. 8. ed. Coimbra: Almedina, 1992.

SIMÕES, Neusa Quirino. Dedicatórias a Mário de Andrade. In: *Boletim bibliográfico*: biblioteca Mário de Andrade. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, v. 42, n.4, out – dez 1981. p. 15 – 59.

SMIT, Johanna. *O que é documentação*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

TELES, Gilberto Mendonça. *Caixa-de-fósforos: dedicatórias em versos: poemas circunstanciais*. 1955 – 1999. São Paulo: Giordano, 1999.

_____. *Retórica do silêncio I: teoria e prática do texto literário*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

VASCONCELLOS, Eliane (Org). *Dedicatórias: falam os amigos*. Homenagem a Plínio Doyle. Memória literária XIV. Ministério da Cultura. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1994.

_____. (Org). *Inventário do Arquivo de Pedro Nava*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

_____. *Inventário do Arquivo de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1994.

Outras fontes de consulta:

Arquivo Pessoal do escritor Joaquim Branco.

APÊNDICE

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS DOS DEDICADORES

ABREU, Manoel de. (São Paulo, 1894 – Rio de Janeiro, 1962). Poeta, ensaísta, médico. Dedicou-se a melhorar os recursos para o diagnóstico tardio da tuberculose, criando a tomografia simultânea, conhecida desde 1936 como abreugrafia. Colaborou em *Lanterna verde*, Rio de Janeiro, 1934 - 1943 e publicou vários livros de poesia, entre eles *Substância* (1928).

ALMEIDA, Paulo de Tarso Mendes de. (São Paulo, 1905 - 1985). Poeta, contista, biógrafo e, sobretudo, crítico de artes e cinema. Participou da organização de várias bienais, da fundação da Sociedade Pró-Arte Moderna (1932) e colaborou em diversos jornais de São Paulo. Publicou, entre outras obras, um estudo de grande importância para a compreensão do período de transição nas artes brasileiras, o ensaio *De Anita ao museu* (1961).

ALPHONSUS, João. (Conceição do Mato Dentro, MG, 1901 – Belo Horizonte, MG, 1944). Contista, romancista e advogado. Foi um dos fundadores de *A Revista* ao lado de Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura e Aníbal Machado, pertencendo ao movimento modernista de Minas. Publicou os livros de contos *Galinha cega* (1931); *A pesca da baleia* (1941) e *Eis a noite!* (1943); e os romances *Totônio Pacheco* (1934) e *Rola-moça* (1938).

ALVARENGA, Octávio Mello. (Belo Horizonte, 1926). Poeta, romancista, ensaísta e advogado. Publicou, entre outras obras, *Gesto e palavra* em 1946 (poesia); *Mitos e valores* em 1956 (ensaio); e os romances *Doralina* (1963) e *Judeu Nuquim* (1967).

ÁLVAREZ, Reynaldo Valinho. (Rio de Janeiro, 1931). Diplomado em Letras (1953), Ciências Econômicas (1966), Administração (1969) e Direito (1967), Reynaldo além de poeta, contista, romancista, ensaísta, romancista, jornalista é também professor, economista, advogado, publicitário, técnico de administração, escritor de livros infantis Reynaldo Valinho Álvarez, vice-presidente da União Brasileira dos Escritores, foi o ganhador do Prêmio Especial Internacional da XII Edição do Prêmio Literário Camaiore de Poesia de 1999, instituído e promovido pela Prefeitura de Camaiore – cidade italiana da Toscana, na província de Lucca.

AMADO, Jorge. (Itabuna, BA, 1912 – Salvador, 2001). Formado em Direito (1935), jamais exerceu a advocacia. Ainda jovem começou a trabalhar em jornais participando da vida literária, formando com um grupo de jovens a Academia dos rebeldes, na década de 20. Participou ativamente na luta política, por isto esteve preso e viveu exilado em vários países, (1941 – 1952). Escritor profissional, viveu exclusivamente dos direitos autorais de seus livros. O tema mais freqüente em suas obras é a Bahia com suas crenças, tradições e fazendas de cacau. Foi membro da ABL e ganhador de diversos prêmios nacionais e estrangeiros.

ANDRADE, Alécio de. (Rio de Janeiro, 1938). Cursou Direito na Universidade Católica do Rio de Janeiro, dedicando-se a partir de então às atividades literárias. Escreve principalmente poesias, tendo sido premiado na Sétima Semana de Arte Contemporânea do Rio. Em 1965 foi para Paris onde iniciou colaboração para várias revistas tendo permanecido longo período na sucursal da Manchete. Em 1970 foi contratado por Henri-Cartier Bresson para a Agência Magnum. Colaborador das revistas *Elle*, *Photo-Cinéma*, *Nouvel Observateur*. Já expôs no Rio de Janeiro, Lisboa, Berlim, Roma, Bonn, Heidelberg.

ANDRADE, Carlos Drummond de. (Itabira, 1902 – Rio de Janeiro, 1987). Diplomado em Farmácia, profissão pela qual não demonstrou grande interesse, preferiu ser professor, jornalista e foi funcionário público por muitos anos. Em

1925 fundou com Emílio Moura e outros escritores mineiros o periódico modernista *A Revista*. Suas obras abordam temas como a problema social, a política, o cotidiano, o transcendental, o perene e o efêmero, o humor, a ironia e uma visão crítica do homem. Foi mestre na crônica, retratando a realidade cotidiana do homem moderno com senso de humor e ironia. Drummond, em vida, já era considerado um dos melhores poetas de todos os tempos.

ANDRADE, Mário de. (São Paulo, 1893 - 1945). Formado pelo Conservatório Dramático e Musical, exerceu o magistério por alguns anos. Foi poeta, ficcionista, musicista, folclorista e crítico de artes e letras. Autor de *Há uma gora de sangue em cada poema*, e de vários outros livros, foi também grande pesquisador da cultura nacional, exerceu vários cargos ligados a atividades culturais. O que impressiona em Mário de Andrade é o grande número de atividades culturais a que se dedicou. Foi o espírito mais vasto do Modernismo, o mais culto e versátil, o que maior influência exerceu pelos escritos, pela atuação pessoal e pela enorme correspondência.

ANDRADE, Oswald. (São Paulo, 1890 - 1954). Homem polêmico, irônico, gozador, teve uma vida atribulada, não só no que diz respeito às artes, como também à política e aos sentimentos. Foi o idealizador dos principais manifestos modernistas, militante político, teve profundas amizades e inimizades, rumorosos casos de amor e vários casamentos. Diplomado em Direito, poeta, teatrólogo, romancista, jornalista, ensaísta, crítico, memorialista, foi uma das figuras máximas do movimento modernista brasileiro. Iniciou-se na vida literária através de *O piralho*, jornal de crítica e humor, fundado por ele próprio. Fez viagens à Europa, onde entrou em contato com as vanguardas artísticas européias, tornando-se em 1922 uma das figuras centrais do Modernismo. Esquerdistas militante a partir de 1930, foi ainda professor na Universidade de São Paulo.

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. (Belo Horizonte, MG, 1898 – Rio de Janeiro, 1969). O livro *Velórios* dedicado a Francisco Inácio Peixoto foi o único

livro de contos do autor, conseguindo com o mesmo lugar definitivo em nossa literatura, no mesmo ano da edição (1936) foi nomeado Diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, onde permaneceu até o fim da vida. Formado em Direito, prestou serviços de advocacia, foi crítico, historiador de arte, escritor e jornalista.

ANJOS, Ciro dos. (Montes Claros, MG, 1906 – Rio de Janeiro, 1994). Romancista, ensaísta, poeta, memorialista, jornalista, diplomado em Direito, professor universitário e funcionário público. Excelente representante da prosa de Minas. O livro com a dedicatória a Francisco Inácio Peixoto, *O amanuense Belmiro* (1937), tem uma narrativa bem estruturada, que lembra Machado de Assis.

ANTONUCCI, Alcino Leite. (São João Nepomuceno, MG, 1944). Professor de Língua portuguesa, Literatura brasileira e Lingüística na Faculdade de Cataguases. Livros publicados: *Leitura e redação* (1979); *Zeze, espectro homem-mulher*.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. (Campo Belo, MG, 1929). Poeta e ensaísta, além de ter escrito um importante ensaio sobre Murilo Mendes (1972), publicou textos sobre literatura infanto-juvenil. Com livros importantes editados, na área de poesia, publicou ainda *Decurso de prazo* (1988) e *Pé de página* (1955), onde seu lirismo está mais descarnado, a linguagem mais concisa. Durante muitos anos foi professora de literatura, tendo também escrito crônicas, peças para teatro e colaborado em vários jornais do estado de Minas Gerais.

ARAÚJO, Maria Lysia Corrêa de. (Campo Belo, MG, 1927). Diplomada em Arte Dramática. Contista, cronista, romancista e jornalista. Como escritora recebeu vários prêmios. Além do livro de contos *Em silêncio* (1978), escreveu literatura infantil e colaborou em diversos periódicos.

ATAYDE, Tristão de. (Rio de Janeiro, 1893 – Petrópolis, RJ, 1983). Pseudônimo de Alceu Amoroso Lima. Crítico literário, professor de literatura, pensador religioso, líder católico, polígrafo. Formado também em sociologia e direito, exerceu a profissão de advogado, por algum tempo. Considerado como um dos grandes intelectuais do Brasil. Exerceu uma grande influência na vida cultural brasileira. Foi o responsável, junto com Graça Aranha, da renovação literária do Brasil, que desabrochou no Modernismo, do qual foi crítico literário e intérprete. Ocupou a cadeira de número 40, da Academia Brasileira de Letras. Entre suas obras principais, destacam-se: *Estudos* (5 séries, 1927-35); *Preparação à sociologia* (1931); *Problemas da burguesia* (1932).

BARBOSA, Francisco de Assis (Guaratinguetá, SP, 1914 – São Paulo, 1991). Formado em Direito, foi também jornalista, biógrafo, historiador e ensaísta, exerceu cargos administrativos, técnicos e de assessoria editorial. Foi um dos organizadores do I Congresso Brasileiro de Escritores, realizado em São Paulo (1945), encontro de repercussão nacional e no qual Francisco Inácio Peixoto também participou. Em 1977 entrou para a diretoria da Fundação Casa de Rui Barbosa, na chefia do Centro de Estudos Históricos. Autor de uma obra em que se evidencia o rigor da pesquisa, da análise e da interpretação, seus livros trazem os assuntos e problemas brasileiros, os quais constituem verdadeiros ensaios.

BARBOSA, José do Carmo. (Cataguases, MG, 1932). Formado em Economia pela Antiga Faculdade de Ciências Econômicas do Estado da Guanabara, quando se transferiu para a França. Gerente do Branco do Brasil em Bruxelas, na Bélgica. Com curso de pós-graduação no Institut d' Étude du Developpement Économique et Social na Universidade de Paris. Autor de *Pré-capitalismo ou neocapitalismo brasileiro?* (1979).

BENEVIDES, Walter Corrêa de Sá e. (Rio de Janeiro, 1908 – 1981). Formado em Medicina, foi também poeta, ensaísta, ficcionista, memorialista, crítico, poliglota, professor universitário. Benevides é autor de numerosas crônicas,

ensaios, conferências e apreciações críticas dispersos em revistas e jornais, textos reveladores de incomum poder de síntese. Escreveu algumas obras de medicina, colaborou em periódicos e foi membro do Pen Clube do Brasil. Com nome de Corrêa de Sá, publicou *Poemas concêntricos* (1936); ocupou-se da seção de música do *Boletim de Ariel*, servindo a outra paixão sua; estudou a vida e a obra de Raul de Leoni; colaborou com no dicionário *Aurélio*, no famoso dicionário; publicou outros ensaios como *Raul de Leoni no cinquentenário da luz mediterrânea* (1973); *Molière e a medicina* (1974), *Visitas de médico* (1978). Enfim, Walter Benevides permaneceu fiel à sua vocação para as letras, sem deixar de ser médico.

BERNIS, Yeda Prates. (Belo Horizonte, MG, 1926). Poeta, diplomada em Letras Neolatinas pela Faculdade de Filosofia Santa Maria, atual Pontifícia Universitária Católica de Minas Gerais. Sempre teve seus livros de poesia apreciados por críticos e poetas. Foi diretora cultural da Sociedade Amigos da Cultura, de Belo Horizonte. Obras: *Grão de arroz* (1986 – Menção especial no Prêmio Jorge de Lima da União Brasileira de Escritores); *O rosto do silêncio* (1991 – Prêmio Olavo Bilac da ABL). Obteve vários outros prêmios e títulos, entre os quais a condecoração “Ordem do cedro”, pelo governo do Líbano, por textos poéticos sobre aquele país, divulgados no mundo árabe.

BRAGA, Rubem. (Cachoeiro do Itapemirim, ES. 1913 – Rio de Janeiro, 1990). Diplomado em Direito, foi também jornalista, percorrendo vários países como correspondente de guerra na Europa e embaixador em Marrocos. Fez a cobertura da Revolução Constitucionalista (1932) para os Diários Associados. No Rio de Janeiro, fundou o jornal *Folha do povo*. É um dos nossos maiores cronistas. A variedade típica de sua arte é a crônica poética, com um estilo próprio inspirado pelos acontecimentos cotidianos, pelas paisagens, pelos estados de alma, pelas pessoas e pela natureza. Tudo isso associado à linguagem coloquial, a temática simples, o estilo direto, o lirismo, tornam sua obra mais atraente e popular, que foi reunida em vários volumes sucessivamente esgotados.

BRANCO, Aquiles. (Cataguases, MG, 1943). Um dos poetas representantes da vanguarda de Cataguases (Poema-processo), Aquiles Branco integra o grupo *Totem* de Cataguases desde o início das atividades, com a fundação do jornal *O Muro* em 1961; também participou da I Exposição de Poesia Concreta em 1967, ampliando suas pesquisas e experimentações já na linha do poema visual. Participou do I Festival Audiovisual de Cataguases, de música popular e poema-processo. Em 1977, Aquiles publicou o livro *Vôo das cinco*, com poemas no código lingüístico e na área das artes plásticas, em que mais concentra a experiência do poema-processo.

BRANCO, Joaquim. (Cataguases, MG, 1940). Poeta, crítico, professor universitário, diplomado em Letras e Direito, um dos corifeus do poema/processo em Minas Gerais, Joaquim Branco tem enriquecido a sua criação com os recursos plásticos visuais – sem abandonar, no entanto, em muitos poemas, a linguagem verbal – e com uma posição participante de crítica social e política. Participante da I Exposição de Poesia Concreta de Cataguases (1967); criou o Festival Audiovisual de Cataguases (1969-1970), foi editor dos jornais *O Muro*, *SLD*, *Totem* e *Tabu*, as duas últimas revistas de tendência poético-experimental. Entre suas principais obras contam-se: *Concreções da fala* (1969), *Laser para lazer* (1984), *Passagem para a modernidade* (2002).

BRUCKNER, Michel. (Dombrova, Polônia, 1921). Romancista, contista e relojoeiro. Obras: *Legião dos mutilados*, 1971 (romances); *O sacrilégio*, 1973 (contos); *O homem com cicatriz*, 1974 (romance) dentre outras.

BUENO, Antônio Sérgio. Mestre em Literatura Brasileira, professor assistente do Departamento de Letras vernáculas da Faculdade de Letras da UFMG. Autor de *O modernismo em Belo Horizonte* (1982).

BULHÕES, Antonio Fernando de B. Carvalho. (Petrópolis, RJ, 1925). Contista, tradutor, cronista. Formado em Direito, Bulhões militou na advocacia a vida inteira. Trabalhou em jornal, traduziu romances, peças de teatro (*Diderot, Artur Miller, Howard Fast*), redigiu programas de rádio, *scripts* de televisão, inclusive de algumas novelas, e contos teatralizados. É autor dos livros *Rio de Janeiro do bota abaixo* (com Marques Rebelo); *Os deuses mortos*; *Outubro 65*, 1966 (crônicas de viagem); *Outra terra, outro mar*, 1968 contos; *Estudos para a mão direita*, 1976 (contos), escreveu também obras jurídicas.

CABRAL, Astrid. (Manaus, AM, 1936). Poetisa, crítica, romancista e tradutora. Começou a publicar artigos e crônicas aos dezesseis anos na imprensa de Manaus. cursou Letras Neolatinas no Rio de Janeiro e Língua e Literatura Inglesa pela Universidade de Cambridge. Ganhou vários prêmios de literatura, entre eles, em 1987 o prêmio Olavo Bilac, da ABL. Publicou várias obras, entre as quais: *Ponto de cruz*, 1978; *Zé-Pirulito*, (história para crianças, 1982). Seus poemas figuram em diversas antologias, no Brasil e no exterior.

CABRAL, Francisco Marcelo. (Cataguases, MG, 1930). De uma geração de poetas intermediária entre o grupo da revista *Verde*, pioneira no Modernismo em Minas, e os poetas concretistas, Francisco Marcelo Cabral conviveu com todos, principalmente com Francisco Inácio Peixoto e Joaquim Branco. Poeta, diplomado em Direito, fundador-editor da revista *Meia-pataca* (1948) com Lina Tâmega. Dirigiu o jornal *O Democrata*, (1963). Publicou em 2003 seu *Livro de poemas*, considerado pelo autor como seu primeiro livro, já que este foi editado, composto, impresso e lançado segundo todos os ritos e costumes; porque segundo Francisco Cabral, seus livros anteriores, *O Centauro* (poesia, 1949) foi uma edição (do pai) do Autor; *Inexílio* (poesia, 1979) foi impresso na gráfica de um amigo para ser distribuído aos convidados na festa de aniversário de Francisco Inácio Peixoto, a quem é dedicado. *Baile de câmara* foi composto e impresso pelo autor, em papel importado, que só deu para 45 exemplares e o *Poema em 3 cantos*, também impresso pelo autor, foi

distribuído aos amigos presentes à festa de 70 anos de Francisco Marcelo Cabral.

CAMPOS, Mário Mendes. (Tocantins, MG, 1894). Poeta, ensaísta, formou-se em Farmácia em 1913 e Medicina em 1923, foi sanitarista e professor. Como membro da Academia Mineira de Letras ganhou a Grande Medalha da Inconfidência em 1980 e Medalha Santos Dumont em 1979. Além de ter escrito poesias e ensaios publicou obras de medicina e colaborou em diversos periódicos e na *Revista da Academia Mineira de Letras*.

CAMPOS, Paulo Mendes (Belo Horizonte, MG, 1922 – 1991). Poeta, jornalista e cronista. Iniciou-se na Faculdade de Odontologia, Veterinária e Direito, não chegando a concluir nenhuma. Ingressou na vida literária como participante da geração mineira ao lado de Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Murilo Rubião entre outros. Dirigiu o suplemento literário da *Folha de Minas* e colaborou em *O Jornal*, *Correio da Manhã* e *Diário Carioca*.

CARDOSO, Lúcio. (Curvelo, MG, 1913 – Rio de Janeiro, 1968) Poeta, romancista e pintor. Seu primeiro romance foi *Maleita* (1934); sua obra mais importante é a *Crônica da casa assassinada* (1959), escreveu também poemas e peças de teatro. Recebeu o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra.

CARRANO, Márcia. (Cataguases, MG) Poeta, contista, cronista e advogada. Tem diversos contos e poemas publicados em suplementos e revistas literárias (Suplemento do Minas Gerais, Boletim Luso-Brasileiro da Universidade do Colorado – Boulder – Estados Unidos, *Totem*, *Cataguarte*, *Pensaminto* e outros). Em 1977 publicou *Zero versus* (poemas); em 1985, participou de *Marginais do Pomba* (antologia de contos) e em 2003 publicou *Porção de tintas* (contos), premiado pela FUNALFA. Participou da revista *Totem*, na década de 70, junto com Joaquim Branco. A revista nº 1 estampava uma entrevista com Francisco Inácio Peixoto, já muito conhecido, não só por ter participado da

revista *Verde*, mas também por ter continuado incentivando a evolução cultural de Cataguases.

CASTRO, Josué de. (Recife, PE, 1908 – Paris, França, 1973). Escritor, sociólogo e político. Formado em Medicina e Filosofia, teve grande destaque no mundo inteiro por seus trabalhos científicos sobre o problema da fome no mundo. Foi professor de Geografia humana; presidente do Conselho da Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas; do comitê da Campanha de luta contra a fome, formada por sua iniciativa (ONU, 1960) dentre outros. Foi também professor em Paris, onde se exilou depois do golpe militar de 1964. Obteve diversos prêmios: Instituto da Paz, José Veríssimo da ABL, dentre outros. Foi sepultado no Rio de Janeiro. Obras: *Documentário do nordeste*, 1937 (contos e crônicas); *Geografia da fome*, 1948 (com inúmeras edições e traduções); *Função social das universidades*, 1948 (discurso) etc.

CÉSAR, Guilhermino. (Eugenópolis, MG, 1908 – Porto Alegre, RS, 1993). Guilhermino mudou-se para Cataguases em 1920, e logo se torna amigo de Francisco Inácio Peixoto, futuro companheiro da revista *Verde*, com quem editaria em 1928 o livro de poemas *Meia pataca*. Aos 19 anos foi um dos mais ativos participantes da revista *Verde*, que marcou história como uma das mais importantes vertentes do movimento modernista de 22, em Minas Gérias. Em 1929, foi um dos fundadores da revista *Leite crioulo*. Formado em Direito, foi jornalista, professor universitário e um dos fundadores da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de MG, da qual foi também diretor. Transferiu-se para Porto Alegre (RS) em 1943, vindo a exercer cargos públicos do alto escalão naquele estado. Na década de 60, lecionou na Universidade de Coimbra, onde recebeu o título de doutor “honoris causa”. Morando no Rio Grande do Sul por mais de 50 anos, Guilhermino César cresceu nacionalmente como poeta, escritor, jornalista, advogado e respeitadíssimo professor universitário. Em sua obra destacam-se vários títulos de cunho jornalístico e pesquisa histórica sobre o Rio Grande do Sul.

CHAVES, Flávio Loureiro. (Porto Alegre, RS, 1944). Ensaísta, crítico, tradutor, doutor em Letras e Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo, professor do Departamento de Letras da Universidade de Caxias do Sul, onde leciona História do Regionalismo Brasileiro, Literatura e Regionalidade no Sistema Literário Brasileiro. Ganhador do prêmio Estado Rio Grande do Sul (1973), categoria ensaio. Obras: *Ficção latino-americana*, 1973 (ensaio); *O mundo social do Quincas Borba*, 1974 (crítica); *Érico Veríssimo: realismo e sociedade*, 1976 (crítica) etc.

CLAVER, Ronald. (Belo Horizonte, MG, 1946). Poeta, formado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais e professor naquela universidade, diretor do Colégio Técnico, o Centro Pedagógico, e coordenador de Jornadas culturais. Teve seus primeiros poemas publicados na *Revista Literária da UFMG*, e depois no Suplemento Literário do *Minas Gerais*. Seu primeiro livro *Matemágica* (poesia, 1972), ganhou o Prêmio Fernando Chinaglia, da UBR/Rio e Augusto Meyer (1977). Depois vieram outros livros de poesia, mas foi com *Senhora do mundo* (1984) que conquistou o prêmio Cidade de Belo Horizonte e repetiu o mesmo prêmio com *Os fuzis da minha amada* (1984), na época ainda inédito.

CORRÊA, Villas-Bôas. Jornalista, acompanha, como repórter, a vida política do país desde 1948. Portanto, são 38 anos de ininterrupta atividade jornalística, desde os começos na extinta *A Notícia*, em seguida no também desaparecido *Diário de Notícias*, em *O Dia*, na sucursal carioca de *O Estado de S. Paulo* e em vários jornais e revistas. Simultaneamente participou de diversos programas jornalísticos em rádio e televisão, sempre como analista político, inclusive no pioneiro e premiado *Jornal de Vanguarda*, depois no *Abertura*. Atualmente exerce atividades regulares no *Jornal do Brasil*, na Rádio Jornal do Brasil e na Rede Manchete de televisão. Publicou *Casos da fazenda do retiro*, 1983 (memórias) e *O país que nós queremos – constituinte* (1985.)

CORRÊA, Roberto Alvim. (Bruxelas, Bélgica, 1901-1983). Crítico literário brasileiro, ensaísta e professor de Literatura Francesa na Faculdade da Universidade do Brasil, das Universidades Católicas do Rio de Janeiro e Petrópolis. Publicou *Anteu e a crítica*, 1948 (crítica); *O mito de Prometeu*, 1951 (ensaio); *François Mauriac, essaie chrétien* (crítica); *Diário 1950-1960*, 1979 (memórias) e um *Dicionário escolar da língua francesa*.

COSTA, José Magalhães da. (Piracuruca, Teresina, 1937). Fez seu curso de Direito na Universidade Federal do Ceará, terminado no ano de 1964. Ainda como acadêmico iniciou sua colaboração literária publicando contos nos jornais de Fortaleza, conquistando prêmios na época. Em Teresina, idealizou e fundou a União Brasileira de Escritores do Piauí (UBE – PI), da qual foi o primeiro Presidente, e manteve, por muito tempo, a coluna Estante de Livros. Poeta bissexto e crítico literário. E membro da Academia Parnaibana de Letras.

COTRIM, Álvaro. (Alvarus). (Rio de Janeiro, 1904). Embora formado em Direito foi traçando rodapés alusivos a acontecimentos da semana, como colaborador d'*A Pátria*, em 1925, que seu nome se projetou como caricaturista nacional. Em 1927, passou a colaborar no *Para todos...*, sob a direção de Alvaro Moreira e J. Carlos, quando teve ocasião de publicar excelentes *portraits-charges de* artistas e homens de letras do Brasil, ingressando na caricatura pessoal, na qual se tornaria um mestre.

DARCY, Damasceno. (Niterói, RJ, 1922). Diplomado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica. Escreveu poesias, ensaios literários e fez traduções. Dirigiu a revista *Ensaio*, com Fausto Cunha e Afonso Feliz de Sousa e foi diretor da seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional. Como poeta, pertenceu a Geração de 45, destacando-se como um dos líricos mais expressivos.

DOYLE, Plínio. (Rio de Janeiro, 1906 - 2000). Bibliófilo, advogado. Fundador e diretor do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Criador do Sabadoyle, nome dado por Raul Bopp, reunião que

acontecia aos sábados, em sua residência, da qual participavam amigos ligados às Letras e aos livros. Frequentaram estas reuniões nomes como: Carlos Drummond de Andrade, Ciro dos Anjos, Pedro Nava, Alvarus, Afonso Arinos, Gilberto Mendonça Telles, Alfonsus de Guimaraens, Walter Benevides entre tantos outros nomes ilustres. Ressalta-se em Plínio Doyle a vocação do colecionador. Conheceu os segredos da história editorial deste país, que contava em palestras informais com que mais prazerosamente participava. O que Plínio Doyle muito escreveu foram notas que deixou espalhadas nas entrefolhas dos milhares de livros que reuniu.

DUARTE, José Afrânio Moreira. (Alvinópolis, MG, 1931). Poeta, contista, ensaísta, crítico, jornalista, formado em Direito, nunca exerceu a profissão. Sua estréia na literatura se deu com a publicação em 1950, do conto “Vingança de caboclo”, no suplemento literário do *Diário Mercantil* de Juiz de Fora. Colaborou em diversos jornais, teve contos e poemas traduzidos para o espanhol, italiano, francês, inglês e húngaro, publicados em jornais e revistas de mais de 15 países. Participou de diversas antologias, em prosa e verso. Já ganhou 32 prêmios literários, com destaque para o Sílvio Romero da Academia Brasileira e Letras, conferido em 1983 a seu livro *Opinião literária*. É membro da Academia Mineira de Letras, Academia Municipalista de Minas Gerais, e da Casa do Escritor. Como viver de literatura no Brasil é difícil, José Afrânio foi funcionário do IBGE por muitos anos.

DUARTE, Maria Auxiliadora Moreira. (Alvinópolis, MG, 1938). Contista, membro da União Brasileira de Escritores, escreveu *O mar, o vento*. (contos) em 1980. Colaborou em diversos periódicos e tem obras de literatura infantil.

DUTRA, Waltensir. (Ubá, MG, 1926 – Salvador, BA, 1994). Ensaísta, tradutor, e professor. Lecionou no Colégio Cataguases. Crítico literário do *Diário de Minas* e de *Letras e Artes*. Publicou: *A evolução de um poeta* (1952); *Biografia crítica das letras mineiras* (1956), em colaboração com Fausto Cunha. Nos últimos anos tem se dedicado à tradução.

FARIA, Octávio de. (Rio de Janeiro, 1908 – 1980). Tradutor, crítico de cinema e literatura, cronista, diplomado em Direito, não seguiu a carreira, preferindo a literatura. Colaborou em *A Ordem*, órgão do Centro D. Vital, e em *Literatura*, revista dirigida por Augusto Frederico Schmidt, onde fez crítica literária e de cinema. Colaborou em diversas revistas literárias e políticas, e em alguns jornais. Apaixonado por cinema, fundou o Chaplin Clube, com o objetivo de estudar os problemas do cinema. Ingressou na Academia Brasileira de Letras em 1972.

FERREIRA, Ascenso. (Palmares, PE, 1895 – Recife, PE, 1965) Poeta, participante do movimento modernista de 22 como integrante da *Revista do Norte*. Colaborou, enviando poemas para a revista *Verde* de Cataguases em 1927, época em que publica *Catimbó*, livro bem recebido pelos críticos da época. Em 1951 reúne em *Poemas* os livros anteriores e mais inéditos: *Xenhenném* (com disco e prefácio de Manuel Bandeira). Em 1977, em edição comemorativa, a editora Cátedra publica 50 anos de *Catimbó*, em homenagem ao poeta.

FERREIRA, Celina. (Santana de Cataguases, MG, 1928) Poeta, contista, jornalista, radialista e funcionária pública. Faz parte de uma geração intermediária entre a *Verde* e vanguarda concreta/processo cataguasense. Surgindo no final da década de 1940, publicou seus primeiros poemas no jornal *Cataguases*. Mais tarde, mudou-se para o Rio, onde trabalhou na Rádio MEC por muitos anos, fez carreira literária com a publicação de vários livros, inclusive na área infantil e juvenil. Obras: *Poesia de ninguém* (1954); *Nave incorpórea* (1955); *Poesia cúmplice* (1959); *Invenção do mundo* (poemas para crianças, 1975), dentre outras.

FERREIRA, Delson Gonçalves. (Mirai, MG, 1928) Ensaísta, professor universitário. Formado em Direito pela UFMG em 1957, preferiu ser professor, e o foi a vida inteira, de 1948 – 1987. Lecionou Língua e Literatura Luso-

Brasileira em muitos colégios e na universidade. Escreveu vários artigos sobre a vida e a obra de Francisco Inácio Peixoto. Obras: *Língua e literatura luso-brasileira* (ensaio); *Ascânio Lopes: vida e poesia* (1967); *Cartas chilenas: retrato de uma época* (1983) entre outras.

FONSECA, Gondim da. (Rio de Janeiro, 1899 – 1977). Jornalista, poeta, biógrafo, ensaísta, teatrólogo, historiador, tradutor, bancário, diplomado em Letras pela Universidade de Coimbra. Obras: *Poemas de angústia alheia* (1931); *Arame farpado* (1934); *Biografia do jornalismo carioca* (1941) e outras obras.

FRIEIRO, Eduardo. (Matias Barbosa, MG, 1889 – Belo Horizonte, MG, 1982). Romancista, crítico literário, fundador da Sociedade Editora Amigos do Livro, em Belo Horizonte. Escreveu artigos literários para o *Estado de Minas* e para o *Diário de São Paulo*. Foi diretor da Biblioteca Pública de Minas Gerais. Publicou, entre outros, *Páginas de crítica e outros ensaios* (1956); *O diabo na livraria do cônego e outros temas mineiros* (1957).

FUSCO, Rosário de Souza Guerra. (São Gonçalo, município de Rio Branco, MG, 1910 – Cataguases, MG, 1977). Romancista, dramaturgo, poeta, jornalista, radialista, crítico literário. Formado em Direito, foi Secretário da Universidade do Distrito Federal e Procurador do Estado do Rio de Janeiro. Apesar de muitos cargos, poderíamos apenas dizer que Rosário Fusco foi escritor, porque ele foi o primeiro brasileiro a ser reconhecido como tal pelo antigo INPS. Começou sua vida literária aos 15 anos colaborando em jornais da cidade de Cataguases. Aos 17 anos, foi um dos criadores da revista *Verde*, cuidava de toda a correspondência da revista, bem como de toda sua diagramação e fez inúmeras ilustrações. Aos 18 anos, publica *Poemas cronológicos* (1928), em parceria com Enrique de Resende e Ascânio Lopes. Fusco publicou inúmeros títulos em vários gêneros: *Fruta de conde*, poesia, 1929; *Amiel*, ensaio, 1940; *O livro de João*, 1944, *Carta à noiva*, 1954, *O dia do juízo*, 1961, romances; *Vida literária*, crítica, 1940, etc.

GOMES, Dalmo Peixoto. (Visconde do Rio Branco, MG). Formado em medicina pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil. Exerceu a profissão desde o dia seguinte ao da formatura. Clinicou no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte, em Juiz de Fora, em Rolândia (norte do Paraná) e foi para Cataguases em 1965. Autor de *Carusmas* (1984).

GOMES, Paulo Augusto. Cineasta, autor de *Os verdes anos* e *Idolatrada*.

GOMES, Paulo Emilio Salles. (São Paulo, 1916 – São Paulo, 1977). Historiador e crítico do cinema brasileiro. Coursou a Faculdade de Filosofia da USP, onde fundou o primeiro Clube de Cinema. Organizou e dirigiu a Fimoteca do Museu da Arte Moderna de São Paulo, depois chamada de Cinemateca Brasileira. Organizou na Universidade de Brasília o primeiro curso superior de cinema. Professor de História do Cinema e Cinema Brasileiro na Escola de Comunicação e Artes da USP, é autor de, entre outros, *Jean Digo* (1957); *70 anos de cinema brasileiro* (1966); *Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte* (1974), além da obra de ficção *Três mulheres de três PPPês*, colaborou em diversos periódicos nacionais e estrangeiros.

GOUVÊA, Paulo Afonso de. (São Vicente, RS, 1901). Poeta, humorista, teatrólogo, crítico teatral, jornalista, membro da Academia Rio-Grandense de Letras. A obra de Paulo é bastante diversificada: *Mansamente*, 1927 (poesia); *Porto Alegre em grande gala*, 1931; *A bela adormecida*, 1939 (ópera-balé com Ovídio Chaves); *Alceu Wamosy*, 1949 (discurso) etc.

GUIMARAENS FILHO, Alphonsus Henriques de. (Mariana, MG, 1918). Poeta, jornalista, funcionário público. Formado em Direito, membro da Academia Mineira de Letras. Exerceu o jornalismo desde 1937 como redator e diretor da Rádio Inconfidência, de Belo Horizonte. Já na publicação de seu primeiro livro *Lume de estrelas*, recebeu o Prêmio de Literatura da Fundação Graça Aranha e Prêmio Olavo Bilac da Academia Brasileira de Letras. Outras obras e prêmios

vieram depois, tais como: *A cidade do sul* (1948); *Absurda fábula* (1973). A obra de Guimaraens Filho é situada pela crítica como integrante da terceira geração do Modernismo.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. (São Paulo, 1902 – 1982). Historiador e sociólogo. Cursou a Faculdade de Direito no Rio de Janeiro. Participou da revista *Klaxon* e da Semana de Arte Moderna de 1922. Com Prudente de Moraes Neto, fundou a revista *Estética*. Sérgio Buarque foi professor e chefe da seção de publicações do Instituto Nacional do Livro, diretor de divisão da Biblioteca Nacional, diretor do Museu Paulista, crítico literário do *Diário de Notícias*, colaborou em diversos órgãos da imprensa e membro da Academia Paulista de Letras e de várias instituições culturais. É considerado um dos maiores historiadores literários. Principais obras: *Raízes do Brasil* (1936); *Cobra de vidro* (1944); *Monções* (1945); etc.

HORTA, Anderson Braga. (Carangola, MG, 1934). Poeta, contista, crítico, formado em Direito. Foi professor de português e jornalista. Membro da Academia Brasiliense de Letras, da Academia de Letras do Brasil e da Associação Nacional de Escritores. Ganhador de diversos prêmios literários, entre os quais o Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, SP, em 2001. Participa de várias antologias e estreou em livro com *Altiplano e outros poemas* (1971), a que se seguiram *Marvário* (1976), *Incomunicação* (1977) e outros.

HORTA, Luiz Paulo. (Rio de Janeiro, 1943). Começou em jornalismo aos 20 anos, no *Correio da Manhã*, logo se transferindo para o *Jornal do Brasil*, onde trabalhou por muitos anos, primeiro no Departamento de Pesquisa, depois como redator, editorialista e crítico de música. Fez seus estudos musicais na Pró Arte do Rio de Janeiro. Em 1990 transferiu-se para o *Globo*, como editorialista e crítico de música. Mais tarde, foi encarregado do treinamento da redação do *Globo*, função que desempenha atualmente. Em 1983 publicou seu primeiro livro - *Caderno de música*, crônicas musicais. Em 1994, dirigiu a edição do *Dicionário de música Zahar*, adaptação de um dicionário inglês (da

Hamlyn). Dez anos depois, faria o mesmo com a edição brasileira do *Grove Concise dictionary of music*. De 1986 a 1990, fundou e dirigiu a seção de música do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Em 1987, ano do centénário de Villa-Lobos, publicou *Villa-Lobos, uma introdução*. Em 1997, publicou o *Guia da música clássica em CD*, seguido, em 1999, por uma coletânea de artigos - *Música das esferas* - e por um estudo sobre os estilos musicais (*Sete noites com os clássicos*). No momento, está escrevendo um estudo sobre a *Bíblia*. Deu aulas (sobre a Bíblia) no Centro Loyola da PUC- RJ. Em 1997, foi eleito membro titular da Academia Brasileira de Música.

HOUAISS, Antônio. (Rio de Janeiro, 1915 - 1999). Filólogo, crítico, humanista e ensaísta. Foi professor do ensino secundário; examinador de concursos públicos; diplomata por concurso, exerceu carreira em diversos postos e funções no Brasil e no exterior. Foi redator-chefe das enciclopédias *Delta-Larousse* (1960) e *Mirador* (1975). Publicou, entre outras obras, *Tentativa de descrição do sistema vocálico do português culto na área dita carioca* (1959); *Seis poetas e um problema* (1960), além de textos críticos, antologias, estudos e traduções. Membro da Academia Brasileira de Letras desde 1971, tornou-se seu presidente em 1995.

IVO, Ledo. (Maceió, AL, 1924). Poeta, romancista, ensaísta, contista, cronista e jornalista. Considerado um dos representantes da chamada Geração de 45, começou ainda jovem a escrever para os órgãos de imprensa de **seu estado**. Em 1943 transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde continuou a atividade jornalística. Formado pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, nunca advogou. **Estreou** em 1944, com *As imaginações*, livro de poemas a que se seguiram *Ode e elegia* e outros. Ganhador de muitos prêmios, foi também eleito o Intelectual do Ano pela União Brasileira de Escritores (Troféu Juca Pato). Membro da Academia Brasileira de Letras desde 1986.

KELLY, Celso Otávio do Prado. (Niterói, RJ, 1906 – 1979). Contista, teatrólogo, ensaísta, jornalista crítico de artes. Embora fosse formado em Direito, sobressaiu-se pela intensa atividade como professor e pesquisador de artes plásticas no Brasil. Em 1965 foi presidente da Associação Brasileira de Imprensa e 1972 foi secretário de Educação do Estado da Guanabara. Publicou *Educação artística* (ensaio, 1930); *Educação social* (ensaio, 1934); *Temperamentos* (contos, 1951), e outras.

LACERDA, Ayêska Paula Freitas de. (Rio de Janeiro, 1948). Contista, cronista, publicitária, formada em Engenharia (1977). Escreveu *Manchas roxas* (1981, contos); colabora em periódicos.

LEITE, Sebastião Uchoa. (Timbaúba, PE, 1935 – Rio de Janeiro, 2003). Poeta, ensaísta, crítico, jornalista, radialista. Diplomado em Direito e Filosofia, muda-se para o Rio de Janeiro e trabalha com traduções, edições de livros e como professor universitário. Publicou doze livros, entre poemas e ensaios, estreou na poesia em 1960, com *Dez sonetos sem matéria*. Colaborou no *Suplemento literário* do principal jornal pernambucano, *O Jornal do Comércio*. Ganhou o prêmio Jabuti de Poesia, pelos livros *Antilogia*, prêmio que ganhou outras duas vezes, na categoria tradução.

LESSA, Francisco de Paulo Mayrink. (Rio de Janeiro, 1919). Contista, biógrafo, genealogista. Francisco é membro da Sociedade Homens de Letras do Brasil; Academia Cearense de Letras entre outras. Ganhou vários prêmios literários. Publicou entre muitas obras *Corvo e colibri*, 1930; *Gotas de orvalho*, 1941; *Vida e obra do Conselheiro Mayrink*, 1975.

LIMA, Jorge de. (União de Palmares, AL, 1895 – Rio de Janeiro, 1953). Poeta, romancista, jornalista, ensaísta, crítico. Iniciou a faculdade de Medicina no nordeste, concluído-a no Rio de Janeiro. Participou do movimento modernista no nordeste. Publicou em 1910 o seu mais famoso poema *O acendedor de lampiões*; em 1928 *Essa Néga Fulo*, isto antes de se mudar para o Rio de

Janeiro, onde exerceu a medicina e se tornou professor universitário de Literatura Brasileira. A obra de Jorge de Lima compreende poesias, romances, ensaios, conferências e crítica, mas, é sobretudo como poeta que mais se destacou.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. (Leopoldina, MG, 1889 – Belo Horizonte, MG, 1970). Romancista, contista, historiador, jornalista. Formado em Direito, Lima Júnior foi membro da Academia Mineira de Letras e de outras agremiações culturais. Obras: *Mariana*, 1932 (novela); *Mansuetude*, 1933 (romance); *Canção da Grupiara*, 1935 (poesia); *Histórias e lendas*, 1935, etc.

LINHARES, Temístocles. (Curitiba, PR, 1905). Crítico literário e professor universitário. Lecionou Literatura Brasileira e História na Universidade de Coimbra (1965-1966). Atuou na imprensa, colaborando em suplementos literários. Escreveu ensaios: *Eça de Queirós, um caso de ressentimento*; *Gêneros poéticos*; *Introdução ao mundo do romance*; antologias: *Raul Pompéia*; *Contos escolhidos de Machado de Assis*; *Antologia do moderno conto português*; críticas: *Diálogos sobre o conto brasileiro atual*; *A poética de Carlos Nejar*; história literária: *Primado do nacional (A problemática das literaturas hispano-americanas)*; *Introdução ao mundo do romance*.

LINS, Álvaro. (Caruaru, PE, 1912 – Rio de Janeiro, 1970). Jornalista, crítico literário, ensaísta, diplomata e professor. Em Recife, escreveu o primeiro livro, *História literária de Eça de Queiroz*. Ao se mudar para o Rio de Janeiro, fica conhecido por fazer crítica literária. Colaborou em diversos suplementos literários, foi professor de Literatura Brasileira no Brasil e em Lisboa; presidente da Associação Brasileira de Escritores; chefiou a Casa Civil da presidência da República durante o governo de Juscelino Kubitschek. Membro da Academia Brasileira de Letras em 1955. **Obras:** *História literária de Eça de Queirós* (1939); *Notas de um diário crítico* (1943); *A técnica do romance em Marcel Proust* (1950) etc.

LISBOA, Henriqueta. (Lambari, MG, 1901 – Belo Horizonte, MG, 1985). Poetisa, professora. Seu primeiro livro foi *Fogo fátuo* (1925), logo após ter se formado no Curso Normal. Em 1929, ganhou o Prêmio Olavo Bilac de Poesia com *Enternecimento*, nos anos seguintes publicou *Velário* (1936), *Prisioneira da noite* (1941), *O menino poeta* (1943), *A face lívida* (1945). Nesta época torna-se professora de Literatura Hispano-Americana na Universidade Católica de MG e começa a escrever livros de ensaios sobre literatura brasileira e estrangeira, a fazer traduções, obras poéticas e alguns dos melhores poemas infantis brasileiros. Henriqueta foi a primeira mulher eleita membro da Academia Mineira de Letras.

LISPECTOR, Clarice. (Ucrânia, 1920 – Rio de Janeiro, 1977). Romancista, contista, cronista, jornalista. Formada em Direito. Com *Perto do coração selvagem*, ganhou o prêmio da Fundação Graça Aranha; em 1946, publica *O lustre*; em 1949, *A cidade sitiada*; em 1961, *A maçã no escuro*, dentre outras obras as quais podemos incluir livros de literatura infantil. Muda-se para o Rio de Janeiro e passa a colaborar com jornais e revistas, como contista e cronista. Seu último livro *A hora da estrela*, foi adaptado para o cinema.

LOPES, Ascânio L. Quatorzevoltas. (Ubá, MG, 1906 – Cataguases, MG, 1929). Poeta, funcionário público em Belo Horizonte, onde começou a estudar Direito. Ascânio publicou seus primeiros escritos no jornal *O eco*, em 1923, e, em 1927, foi um dos fundadores e o mais atuante de *Verde*, revista que representou o modernismo em Cataguases. Em prosa, o único texto conhecido de Ascânio é *As sete trombetas misteriosas*. Publicou em 1928, com Rosário Fusco e Enrique de Resende, *Poemas cronológicos*, o primeiro lançamento de “Verde”, a nova editora criada em Cataguases. Em 1967, após minuciosa pesquisa, Delson Gonçalves Ferreira organizou uma coletânea de trabalhos que o poeta deixou dispersos vários artigos em jornais e revistas da época.

LOPES, José Leme. (Rio de Janeiro, 1904 - 1990). Formado pela Faculdade Nacional de Medicina em 1926, de onde foi diretor no período de 1966 a 1970.

Empossado em 1958 como Professor Catedrático da Psiquiatria da UFRJ, é considerado o pai da moderna psiquiatria nacional. Dedicou-se à vocação literária de ensaísta, escrevendo análises histórico-sociológicas e filosóficas como *A psiquiatria e o velho hospício*, de 1965; escreveu um pequeno livro de poemas, *Tarda poesia*, atingindo ápice no ensaio *A psiquiatria de Machado de Assis* (1981).

LOUSADA, Wilson de Almeida. (Rio de Janeiro, 1914 – 1979). Poeta, contista, ensaísta, crítico, tradutor, jornalista. Fundador do Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro e Casa Cultura Lima Barreto. Obras: *Antologia de carnaval*, 1945; *Cancioneiro do amor*, 1950; *O caçador e as raposas*, 1953 (ensaio), etc.

LUFT, Lya. (Santa Cruz, RS, 1938). Poetisa, tradutora, cronista, romancista. Formada em pedagogia e letras anglo-germânicas. Iniciou sua vida literária como tradutora de literatura em alemão e inglês, chegando a traduzir para o português mais de cem livros. Seus primeiros poemas foram reunidos no livro *Canções de limiar* (1964); em 1972, lança mais um livro de poemas, *Flauta doce*; em 1978 publica *Matéria do cotidiano* (contos).

MACHADO, Antônio de Alcântara. (São Paulo, 1901 – Rio de Janeiro, 1935). Jornalista, formado em direito, fazia crítica literária e teatral. Foi uma das figuras mais representativa do movimento de renovação literária, iniciado com a Semana de Arte Moderna. Um dos fundadores da revista *Terra roxa e outras terras* e, mais tarde, juntos com Oswald de Andrade, lançou a *Revista de Antropofagia*. Estreou na literatura com *Pathé-baby* (1926), tornando-se um escritor paulista por excelência. Seus livros de contos *Brás*, *Bexiga* e *Barra Funda* (1927) e *Laranja da China* (1928) refletem a integração do imigrante italiano em São Paulo. Como militante político, exerceu a função de secretário da bancada paulista na Assembléia Nacional Constituinte. Eleito deputado federal em 1934 não chegou a ser empossado.

MACHADO, Brasil Pinheiro. (Ponta Grossa, PR, 1907). Poeta, professor, pesquisador, político, formado em Direito. Advogou durante alguns anos em Ponta Grossa, dedicando também aos assuntos da educação e instrução pública. Em 1940 consagrou-se professor catedrático de História do Brasil da Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná. Autor de *Quatro poemas* 1928 (poesia).

MACHADO FILHO, Aires da Mata. (Diamantina, MG, 1909 – 1985). Crítico, biógrafo, historiador, folclorista, filólogo, tradutor e jornalista. Publicou seu primeiro artigo no *Diário da Manhã*, e o segundo, no *Minas Gerais*, onde se aposentou como redator. Co-fundador de *O Diário* e de *Folha de Minas*, colaborou em outros jornais e revistas. Membro de várias academias e instituições, ganhador de prêmios literários, Aires publicou: *Educação dos cegos no Brasil* (1931); *Escrever certo* (1938); *O negro e o garimpo em Minas Gerais* (1943); etc.

MALTA, Tostes. (Aldílio). Poeta, advogado. Autor de *Adolescências róseas*, 1924 (poesia); *Cantiga ao vento* (poesia); *Revoada*, 1927 (poesia); *Dona Melindrosa*, 1929 (poesia); *Flagrante delito*, 1930 (direito); *Crônica dos livros*, 1932 e *Luz distante*, 1950.

MARANHÃO, Haroldo. (Belém, PA, 1927 – Petrópolis, RJ, 2004). Jornalista, escritor, cronista, contista, advogado. Nos anos 40, Haroldo Maranhão fundou a Livraria Dom Quixote, ponto de encontro de intelectuais. Ajudado por Benedito Nunes e Mário Faustino dirigiu a revista literária *Encontro*. Como advogado, foi procurador da Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro, cidade onde viveu por 20 anos. Haroldo Maranhão teve trabalhos publicados em Portugal, na antiga Tchecoslováquia e nos Estados Unidos. Parte de sua obra foi publicada em jornais e revistas brasileiras. Colaborou em publicações portuguesas e participou de antologia da universidade de Praga. Autor de A

estranha xícara (1968); *Chapéu de três bicos* (1975); *Vôo de galinha* (1980) e outras.

MARTINS, Cristiano. (Montes Claros, MG, 1912 – 1981). Poeta, ensaísta, tradutor, professor e jurista. Tornou-se conhecido com o livro de poesias *Elegia de abril* (1939), sob o pseudônimo de Marcelo de Sena. Publicou também os ensaios *Camões, temas e motivos da obra lírica* (1944) e *Goethe e a elegia de Marienbad* (1949) entre outros.

MATA-MACHADO, Edgar de Godói da. (Diamantina, MG, 1913 – Belo Horizonte, MG, 1995). Advogado, jornalista, professor universitário. Ao diplomar-se pela Faculdade de Direito de Minas Gerais em 1939, Edgar já exercia o jornalismo, tendo participado, em 1934, da fundação do órgão de inspiração católica *O Diário*, onde trabalhou como redator, secretário e redator-chefe. Em 1944, no Rio de Janeiro, foi redator do *Diário de Notícias* e de *O Globo*, integrando ainda o grupo fundador da Editora Agir. Membro da Academia Mineira de Letras, Edgar publicou entre outros títulos *Contribuição ao personalismo jurídico* (1954); *Direito e coerção* (1957).

MAURO, Humberto. (Volta Grande, MG, 1897 – 1983). Dramaturgo, ator, roteirista, montador e diretor de cinema. É considerado o pioneiro do cinema brasileiro. Transformando em atores os membros da família, os amigos, os habitantes da cidade, Humberto Mauro fez em Cataguases os filmes da primeira fase do cinema brasileiro. E no Rio de Janeiro, a partir de década de 30, os filmes da chamada segunda e de todas as outras fases do cinema. A imensa obra de Humberto Mauro está catalogada em mais de 300 filmes, contados os levantamentos da História do Brasil, foco central dos documentários realizados para o INCE-Instituto Nacional do Cinema Educativo. Em 1975, Humberto Mauro foi premiado com a medalha Coruja de Ouro pelo Instituto Nacional do Cinema.

MELO NETO, João Cabral de. (Recife, PE, 1920 – Rio de Janeiro, 1999). Poeta. Ingressou na carreira diplomática, exercendo diferentes funções por mais de quarenta anos em diversos países. Promovido a Ministro em 1966, chefiou nosso corpo consular na Espanha. Seu primeiro livro de poemas foi *Pedras do sono* (1942). Da obra poética de João Cabral pode-se mencionar, ao acaso, pela sua variedade, os seguintes títulos: *O engenheiro*, 1945; *O cão sem plumas*, 1950; *O rio*, 1954; *Morte e vida Severina e outros poemas em voz alta*, 1966. Em prosa, temos o livro de pesquisa histórico-documental, *O Brasil no arquivo das Índias de Sevilha; Juan Miro e Considerações sobre o poeta dormindo*. Eleito membro da Academia Brasileira de Letras em 1968.

MENDES, Murilo. (Juiz de Fora, MG, 1901 – Lisboa, Portugal, 1975). Apenas iniciou o curso de Direito. Exerceu cargo público, foi bancário, professor de Literatura Brasileira em Roma. Seu primeiro livro, *Poemas*, de 1930 foi considerado por Mário de Andrade “O mais importante dos livros do ano”. Em 1934 converteu-se ao catolicismo e introduziu um certo misticismo e uma simbologia religiosa bíblica em sua poesia. A obra que Murilo Mendes produziu é considerada como uma das importantes da literatura brasileira. Além dos livros de poemas, Murilo Mendes publicou muitos textos em prosa, como o volume de memórias *A idade do serrote* (1968) e numerosos artigos sobre artes plásticas e literatura.

MONTEIRO, Ézio Pinto. (Niterói, RJ, 1898). Contista. Autor de *Chico*, 1963 (contos com prefácio de Antônio Houaiss), colaborou em periódicos.

MONTELLO, Josué. (São Luís, MA, 1917). Jornalista, professor, romancista, cronista, ensaísta, historiador, orador, teatrólogo e memorialista. Colaborou nos principais jornais maranhenses, *A Tribuna*, *Folha do Povo* e *O Imparcial*, vindo depois a colaborar em diversos periódicos de várias capitais. Em 1947, após exercer várias funções na Biblioteca Nacional foi nomeado diretor geral da mesma. Seu primeiro romance *Janelas fechadas* é de 1941. Sua bibliografia é composta de ensaios, história, história literária, novelas, teatro, literatura infanto-juvenil, diários, além de discurso e obras de educação e

biblioteconomia. Seus romances foram traduzidos para o inglês, o francês, o castelhano e o sueco. Eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1954.

MORAES, Vinicius de. (Rio de Janeiro, 1913 – Rio de Janeiro, 1980). Poeta, cronista, crítico de arte, compositor de música popular. Formado em Letras e Direito, ingressou na carreira diplomática, abandonando-a em favor da música e da poesia. Vinicius de Moraes enquanto publicava seus livros de poemas, fazia também letras para música. Seu primeiro livro foi *O caminho para a distância. Forma e exegese*, seu livro de poesias lançado em 1935, ganha o prêmio Felipe d'Oliveira. Colaborou em vários jornais como cronista diário e crítico de cinema. Muitos foram seus parceiros musicais ou parceirinhos, como ele mesmo dizia, dentre eles podemos citar: Tom Jobim, João Gilberto, Carlos Lyra, Pixinguinha, Baden Powell, Ary Barroso, Edu Lobo, Dorival Caymmi.

MOREIRA, Vivaldi Venceslau. (Tombos, MG, 1912). Ensaísta, memorialista, conferencista, formado em Direito, membro de várias academias no Brasil e o IHGSP. Vivaldi dedicou-se a problemas sociológicos e literários. Entre algumas publicações podemos citar: ensaios - *A fruta de Mársias*, 1960; *Navegação de cabotagem*, 1963; *Uma passagem para Meipe*, 1963; discurso – *A ordem da coitadeza*, 1965; memórias – *O menino da mata e seu cão piloto*, 1981.

MOURA, Emílio de. (Dores do indaiá, 1901 – Belo Horizonte, 1971). Jornalista, professor, funcionário público, formado em Direito. Participante do movimento modernista em Minas Gerais, redator de *A Revista* (1925), primeiro órgão modernista mineiro que defendia a nacionalização da literatura. Seu primeiro livro foi *Ingenuidade* (1931), seguido de *Canto da hora amarga* (1936); *Cancioneiro* (1945).

NAVA, Pedro. (Juiz de Fora, MG, 1903 – Rio de Janeiro, 1984). Poeta, memorialista, cronista, ilustrador, médico, professor. Nava foi colaborador de *A Revista* (1925), assinando alguns poemas. Como médico, exerceu sua profissão em diversas cidades, com variadas funções, assumindo chefias e

diretorias de alguns hospitais. Pedro Nava ilustrou em 1928, o romance de Mário de Andrade *Macunaíma*; em 1937 o livro de Afonso Arinos de Melo Franco *Roteiro lírico de Ouro Preto*. Os livros de memórias e história da medicina de autoria de Pedro Nava são documentos que podem ser usados para o estudo das relações entre a profissão médica e a sociedade brasileira. Na obra memorialística podemos mencionar *Baú de ossos* (1972); *Balão cativo* (1973); *Beira-mar* (1978); *Círio perfeito* e *Galo das trevas* (1981) e os textos sobre medicina *História da medicina – Território de Epidauro* (1947) e *Em capítulos da história da medicina no Brasil* (1948).

NEVES, Manuel das. (Cataguases, MG, 1914 – 1999). Professor, cronista advogado. Após forma-se em Direito é nomeado promotor de justiça. Era professor na Faculdade de Direito de Goiânia, quando atendendo a um convite de Francisco Inácio Peixoto, retorna a Cataguases para participar do projeto do Colégio Cataguases, tornando-se diretor desta entidade de 1943 até 1955 – e também o seu professor de História. Em 1963, quando o colégio passa para o Estado, prestou concurso e torna-se catedrático em História. Paralelamente, exerceu a função de professor de História Antiga na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cataguases, e era também o conhecido advogado que defendeu presos políticos durante o golpe de 1964. Como escritor publicava suas crônicas no jornal *Cataguases*, reunidas mais tarde no livro *Reta da saudade*.

NIEMEYER, Oscar. (Rio de Janeiro, 1907). Ensaísta, memorialista, urbanista. Diplomado em arquitetura, Oscar Niemeyer é autor de grandes projetos por todo o Brasil, e em Cataguases o do Colégio Cataguases e da residência de Francisco Inácio Peixoto. Ao longo de sua carreira recebeu diversos prêmios e condecorações e é, ainda Doutor Honoris Causa do Centro de Pesquisa e Ensino de Arquitetura da Alemanha, da Universidade de São Paulo e da Universidade de Minas Gerais. Publicou diversos livros relatando suas experiências como artistas, entre eles: *Minha experiência em Brasília* (1961); *Quase memórias: viagens* (1968); *Minha vida de arquiteto* (1973).

NOLL, João Gilberto. (Porto Alegre, RS, 1946). Contista, jornalista, professor. Em 1969 muda-se para o Rio de Janeiro, onde trabalha nos jornais *Última hora* e *Folha de S. Paulo*. Em 1970, publica seu primeiro conto na antologia *Roda de fogo*, organizada por Carlos Jorge Appel, de Porto Alegre. João Gilberto Noll foi revisor da Cia Editora Nacional, em São Paulo onde fica pouco tempo, retornando ao Rio de Janeiro, onde escreve sobre teatro, literatura e música no jornal *Ultima hora*. Em 1980, publica seu primeiro livro *O cego e a dançarina*. Recebeu o prêmio Revelação do ano da Associação Paulista de Críticos da Arte, e vários prêmios internacionais; teve livros lançados na Inglaterra, foi bolsista e professor convidado na Universidade de Berkeley – EUA. Obras do autor: *A fúria do corpo* (1981); *Bandoleiros* (1985); *Rastros de verão* (1986) etc.

NOVAES, Israel Dias. (Avaré, SP, 1920). Cronista, ensaísta, orador, jornalista, advogado, político, advogado, membro da Academia Brasiliense de Letras, ganhador do prêmio Fagundes Varela, USP. Obras: *Papel de jornal*, 1980 (contos, ensaios e crônicas); *Um Rio e outras histórias de São Paulo*, 1969 (discurso).

NUNES, Sebastião. (São Geraldo N. Bocaiúva, MG, 1938). Poeta, editor, publicitário, formado em Direito. Poeta mineiro na linha desbocada e ferina. Seus textos se valem da linguagem escrita e da visual, da letra e do desenho. Poemas publicados: *Última carta da América*, 1968; *A cidade de Deus*, 1970; *Finis operis*, 1973; *Somos todos assassinos*, 1980 (ficção), etc. Colaborou em periódicos e participou de antologias.

OLIVEIRA, José Osório de. (Setúbal, Portugal, 1900 – Lisboa, 1964). Ensaísta, historiador literário, jornalista e funcionário público. Foi correspondente do *Boletim de Ariel*, do Rio de Janeiro, em Portugal onde se empenhou em divulgar a moderna literatura brasileira. Algumas obras: *Expressão literária do Brasil* (1938); *História breve da literatura brasileira* (1939); organizou várias antologias: *Contos brasileiros* (1944); *Pequena antologia da moderna poesia brasileira* (1944); *Ensaístas brasileiros* (1945) dentre outros.

PALMÉRIO, Mário de Ascensão. (Monte Carmelo, MG, 1916 – Uberaba, MG, 1996). Professor, romancista e político. Fundador do Colégio do Triângulo Mineiro e a Escola Técnica de Comércio do Triângulo Mineiro. Em 1947, fundou uma Faculdade de Odontologia; em 1950, a de Medicina e a Engenharia (1956). Foi deputado e embaixador. Estreou na literatura com o romance *Vila dos confins* (1956), publicou também *Chapadão do bugre* (1965); *O morro das sete voltas*, romance (inédito); *Seleta... Organização, estudo e notas de Ivan Cavalcanti Proença* (1974). Eleito membro da Academia Brasileira de Letras em 1968.

PAIVA, Ataíde Napolitano de. (São João Marcos, RS, 1867 – Rio de Janeiro, 1955). Orador, formado em Direito. Foi desembargador da Corte de Apelação do Distrito Federal (1905-1934), ministro do Supremo Tribunal Federal (1934-1937), membro da Academia Brasileira de Letras, ganhador de diversos títulos internacionais. Publicou: *Elogio de Artur Orlando* (discurso, 1918); *Discurso de recepção de D. Aquino Correia na Academia Brasileira* e obras de Direito e diversos discursos.

PAULA; Inimã de. (Itanhomi, MG, 1918). Em 1940, Inimã muda-se para o Rio de Janeiro, exerce trabalhos modestos que lhe garantem a sobrevivência. Com uma formação autodidata tornou-se um dos principais expoentes na pintura produzida no país, figurando entre os maiores paisagistas, ao lado de Guignard e Pancetti. As obras de Inimã podem ser encontradas nos mais importantes museus brasileiros, em acervos de fundações públicas e em coleções particulares de colecionadores.

PEIXOTO, Karla Santiago. (Cataguases, MG, 1961). Poetisa. Colaborou no jornal *Cataguases* e na revista *Verde Vício* de Cataguases. Publicou dois livros de poemas: *Vermelho, profissão sofrer* (1977) e *Inversus* (1988).

PEIXOTO, Lina Tâmega. Ver PELOSO, Lina Tâmega Peixoto del.

PELOSO, Lina Tâmega Peixoto del. (Cataguases, MG, 1931). Poetisa, professora, pesquisadora. Diplomada em Letras Clássicas na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Em Cataguases, juntamente com Francisco Marcelo Cabral, Lina fundou a revista *Meia pataca* (1948). Publicou *Algum dia* (1952); *Entretempo* (1984), participa das antologias *Poetas de Brasília* (1962); *Antologia dos poetas de Brasília* (1971), *Poetas mineiros em Brasília* (2002) e *Poemas para Brasília* (2004).

PEREIRA, Astrogildo. (Rio Bonito, RJ, 1890 – Rio de Janeiro, 1965). Ensaísta e militante político. O nome de Astrogildo, como ensaísta literário, está ligado a Machado de Assis, como autor de um dos melhores trabalhos sobre a obra machadiana. Colaborou em diversos jornais literários, tornando-se diretor de *O Debate* (1917). Publicou vários tipos de ensaios: *URSS, Itália, Brasil* (ensaio político, 1935); *Interpretações* (ensaio literário, 1944); *Machado de Assis* (ensaio crítico e biográfico, 1959); *A formação do PCB* (ensaio político, 1962).

PEREIRA, Geraldo Santos. (Visconde do Rio Branco, MG, 1925). Escritor, novelista, produtor, ator, diretor e assistente de direção. Escreveu *O sol dos amantes* (novela); *Ciranda barroca*, 1984.

PIMENTEL, Cyro de. (São Paulo, 1926). Poeta, crítico literário, formado em Ciências Contábeis, membro do Clube de Poesia – SP, ganhou o prêmio Pen Clube, SP, 1980. Obras: *Poemas*, 1948 (poesia); *Exílio*, 1951 (poesia); *Espelho de cinzas*, 1952 (poesia); *Breve antologia da nova poesia brasileira*, 1956 (antologia), etc.

PLATH, Oreste. Obras: *Poemario*, 1929 (poesia); *Ancla de espejos*, 1953 (poesia); *Grafismo animalista en el hablar del Pueblo Chileno*, 1941 (ensaio); *Poetas y poesia de Chile*, 1941.

POLÉVOI, Boris Nikolaievitch Kampov. (Moscou, 1908 – 1981). Escritor russo, autor de narrativas patrióticas: *Um homem de verdade*, 1946; *Anyuta*, 1977.

PORTINARI, Cândido. (Brodósqui, SP, 1903 – Rio de Janeiro, 1962). Pintor, desenhista, estudou pintura na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Após receber, em 1935, prêmio pela tela *Café*, Portinari passa a dedicar cada vez mais à criação de murais – na sua maioria encomendados pelo governo brasileiro. Em 1949 executa em Cataguases o grande painel *Tiradentes*, narrando episódios do julgamento e execução do herói, por este trabalho recebeu, em 1950 a medalha de ouro concedida pelo Júri do Prêmio Internacional da Paz, reunido em Varsóvia.

PRETA, José Catta. (Mirai, MG, 1916). Escritor. Formado em Direito tornou-se Promotor de Justiça. Autor de *Camapuã*, 1979 (romance).

REBELLO, Marques. (Rio de Janeiro, 1907 - 1973). Jornalista, tradutor, museólogo, romancista, contista, novelista, cronista, memorialista, crítico de arte, professor, membro da Academia Brasileira de Letras. Nascido Eddy Dias da Cruz, adotou o pseudônimo de Marques Rebelo. Ficou conhecido como o continuador do romance de costumes, no estilo machadiano. Dedicou-se ao jornalismo profissional no início dos anos 20. Publicou poemas nas revistas modernistas *Verde*, *Antropofagia*, *Leite crioulo* e outras. Entre seus primeiros livros, destacam-se *Três caminhos* (1933, contos); e os romances *Marafa* (1935) e *A estrela sobe* (1939). A obra mais importante de Marques Rebelo é o romance *Espelho partido*, em sete volumes, onde um dos personagens tem todas as características de seu grande amigo, o escritor Francisco Inácio Peixoto.

REGO, José Lins do. (Pilar, PB, 1901 – Rio de Janeiro, 1957). Jornalista, romancista, cronista e memorialista. Formado em Direito, exerceu a promotoria em Minas Gerais. José Lins colaborou no *Jornal do Recife*, *Jornal de Alagoas* e em jornais do Rio de Janeiro. Seu primeiro livro foi *Menino de engenho* (1932), que mereceu o Prêmio da Fundação Graça Aranha. Em 1933, publicou *Doidinho*, o segundo livro do Ciclo da Cana-de-açúcar, seguindo de outros.

Seus romances foram traduzidos na Alemanha, Argentina, Espanha, Estados Unidos, França, Inglaterra, Itália, Portugal e Coréia. Eleito para Academia Brasileira de Letras em 1955.

RESENDE, Enrique de. (Cataguases, MG, 1896 – Rio de Janeiro, 1973). Poeta, cronista, memorialista, engenheiro. Enrique de Resende já era engenheiro e com um livro de poemas editado – *Turris ebúrnea*, 1923 – quando integrou a equipe de jovens literatos que então surgia em Cataguases, ligados aos modernistas que fizeram a Semana de 22 em São Paulo. Seu nome aparece como diretor da revista Verde. Redigia crônicas para o jornal *O cataguases*. Membro da Academia Mineira de Letras é autor de obra vasta e variada. Em parceria com Ascânio Lopes e Rosário Fusco, publicou em 1929 *Poemas cronológicos*. É autor de *Cofre de charrão*, 1933; *Retrato de Alphonsus de Guimarães*, 1939; *Rosa dos ventos*, 1957; *A derradeira colheita*, 1964; *Estória e memória*, 1970. É de 1969 o livro *Pequena história sentimental de Cataguases*, uma obra que se tornou referência obrigatória quando se menciona o nome da cidade que Enrique de Resende viveu.

RIBEIRO Joaquim Brás. (Rio de Janeiro, 1907 – 1964). Ensaísta, romancista, dramaturgo, folclorista, jornalista, filólogo, crítico literário, formado em Direito. Membro da Academia Brasileira de Filologia, Instituto Histórico Geográfico e outras entidades culturais. Filho de João Ribeiro, Joaquim Ribeiro publicou *A tradição e as lendas*, 1929 (folclore); *Fogueira*, 1930 (poesia); *Aruanda*, 1961(drama), etc.

RICARDO, Cassiano. (São José dos Campos, SP, 1895 - Rio de Janeiro, 1974). Jornalista, poeta e ensaísta. Eleito em 9 de setembro de 1937 para a Cadeira n. 31, na sucessão de Paulo Setúbal, foi recebido em 28 de dezembro de 1937 pelo acadêmico Guilherme de Almeida. Aos 16 anos publicava o seu primeiro livro de poesias, *Dentro da noite*. Iniciou o curso de Direito em São Paulo, concluindo-o no Rio, em 1917. De volta a São Paulo, foi um dos líderes do movimento de reforma literária iniciada na Semana de Arte Moderna da

1922, participando ativamente dos grupos "Verde Amarelo" e "Anta", ao lado de Plínio Salgado, Menotti del Picchia, Raul Bopp, Cândido Mota Filho e outros. Formaram a fase que Tristão de Athayde classifica de nacionalista. No jornalismo, Cassiano Ricardo trabalhou no Correio Paulistano (de 1923 a 1930), como redator, e dirigiu A Manhã, do Rio de Janeiro (de 1940 a 1944). Em 1924, fundou a Novíssima, revista literária dedicada à causa dos modernistas e ao intercâmbio cultural pan-americano. Também foi o criador das revistas Planalto (1930) e Invenção (1962). Em 1937 fundou, com Menotti del Picchia e Mota Filho, a "Bandeira", movimento político que se contrapunha ao Integralismo. Dirigiu, àquele tempo, o jornal O Anhangüera, que defendia a ideologia da Bandeira, condensada na fórmula: "Por uma democracia social brasileira, contra as ideologias dissolventes e exóticas."

ROMANELLI, Kátia Bueno. Estudiosa da literatura brasileira. Mestre em letras pela USP.

RÓMULO, Romério Coredeiro de Moura. (Felixlândia, MG, 1949). Poeta, formado em Engenharia geológica, professor universitário, editor da revista *Poesia livre*. Obras: *Pedra no caminho*, 1979; *Anjo tardio*, 1982; *Amigos e amigos*, 1986; *Bené para flauta e Murilo*, 1990 dentre obras.

RÓNAI, Paulo. (Budapeste, Hungria, 1907 – Nova Friburgo, RJ, 1992). Ensaísta, tradutor e professor. A obra de Paulo Rónai, uma antologia de poetas brasileiros, *Mensagem do Brasil* (1939), publicada na Hungria, valeu ao autor um convite do Itamarati para visitar seu país, aqui chegando em 1941 e naturalizando-se em 1945. Paulo colaborou na imprensa carioca e paulista, organizou a edição brasileira de *A comédia humana*, de Balzac e foi o responsável por mais de cem traduções, sendo a mais conhecida do grande público o clássico juvenil, *Os meninos da rua Paulo*.

ROSA, João Guimarães. (Codisburgo, MG, 1908 – Rio de Janeiro, 1967). Romancista, ficcionista, contista, médico, diplomata. Após exercer a profissão

de médico por alguns anos, Guimarães Rosa ingressou na carreira diplomática e serviu o Itamarati em vários países. Em 1929, publicou seu primeiro conto: *O mistério de Highmore hall*, em 1936, venceu um concurso literário da Academia Brasileira de Letras com livro de poemas: *Magma* e, em 1937, estreou com a coletânea de contos *Sagarana*, que seria premiada, em 1946, com o Prêmio Filipe d'Oliveira. Seu prestígio como escritor não parou de crescer, projetando-o para além das fronteiras nacionais (foi traduzido ou analisado, do ponto de vista crítico, por autores franceses, alemães, italianos, norte-americanos, etc). Em 1961 recebeu o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra literária. Suas principais obras são *Corpo de baile* (novelas, 1956), *Grande sertão: veredas* (romance, 1956); *Primeiras estórias* (contos, 1962) e *Tutaméia* (contos, 1967). Eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1963, somente tomou posse em 1967, vindo a falecer três dias depois.

RUBIAO, Murilo. (Carmo de Minas, MG, 1916 – Belo Horizonte, MG, 1991). Professor, jornalista, diretor de jornal e de estação de rádio. Embora formado em Direito, destacou-se mesmo na literatura, sendo um dos precursores do realismo mágico, gênero que colocou a América Latina no mapa literário internacional. Autor meticuloso (costumava refazer partes inteiras de seus contos, mesmo depois de publicá-lo), contista de imensos recursos, deixou uma obra que, não sendo extensa, é densa e intrigante. Publicou seu primeiro livro de contos *O ex-mágico* em 1947; *A estrela vermelha* (1953); *A casa do girassol vermelho* (1978); *O homem do boné cinzento e outras histórias* (1990), teve seus principais contos traduzidos para diversos idiomas, alguns adaptados para o cinema e outros encenados, também foi o responsável pela organização do *Suplemento Literário do Minas Gerais* (1966).

SÁ, Corrêa de. Ver: BENEVIDES, Walter Corrêa de Sá e.

SABINO, Fernando. (Belo Horizonte, MG, 1923). Jornalista, editor, cronista, contista, romancista, formado em Direito. Iniciou-se no jornalismo na revista

Argus e atuou na imprensa ao lado de Otto Lara Resende, Hélio Pelegrino e Paulo Mendes Campos. Trabalhou em Nova York (1946-1948) e na Europa (1950), onde escreveu crônicas para o *Jornal do Brasil*. Foi adido cultural da Embaixada do Brasil em Londres (1964-1966). Fundou a Editora do Autor e a Sabiá, com Rubem Braga, pela qual publicou: *O homem nu* (1960); *A mulher do vizinho* (1962); *A companheira de viagem* (1965) etc. O escritor também tem se dedicado ao cinema, onde faz documentários sobre escritores brasileiros contemporâneos. Algumas de suas obras foram traduzidas para o inglês, alemão, espanhol, holandês, e alguns contos adaptados para o cinema.

SALES, Herberto de. (Andaraí, BA, 1917 – Rio de Janeiro, 1999). Jornalista, romancista, contista, autor de literatura infanto-juvenil e memorialista. Autor do romance *Cascalho* (1940), que o projetou como um dos melhores escritores contemporâneos. Abordando o problema da mineração de diamantes na Bahia, essa obra inaugurou o ciclo sobre o tema no moderno romance regionalista brasileiro. No Rio de Janeiro, para onde então se mudou e residiu até 1974, colaborou nos *Diários Associados*, na revista *O Cruzeiro* da qual foi assistente de Redação, mudou-se para Brasília, onde foi por dez anos diretor do Instituto Nacional do Livro. Escreveu, em parceria com José Conde, Adonias Filho, Ledo Ivo, Lúcio Cardoso e outros, a novela *O homem das três cicatrizes* (1949). Eleito membro da Academia Brasileira de Letras em 1971.

SALVADO, Antônio Forte. (Castelo Branco, Portugal, 1936). Poeta português. Autor de *A flor e a noite* (1955); *Recôndito* (1959), *Na margem das horas* (1960), *Narciso* (1961).

SANT'ANNA, Afonso Romano de. (Juiz de Fora, MG, 1937). Cronista e ensaísta, historiador literário, professor universitário. Formou-se na Faculdade de Letras de Belo Horizonte. Fez parte dos movimentos que transformaram a poesia brasileira, sempre interagindo com grupos inovadores e construindo sua própria linguagem e trajetória. Foi diretor da Fundação Biblioteca Nacional, quando editou a revista *Poesia sempre*, divulgando autores nacionais e

estrangeiros. Foi um dos organizadores da *Semana de poesia de vanguarda*, em Belo Horizonte, nas décadas de 50 e 60, atualmente é cronista no *Jornal do Brasil* e *O Globo*, professor no curso de pós-graduação em Literatura Brasileira da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde organizou o encontro *Expoesia*. Lançou seu primeiro livro *O desemprego da poesia* em 1962, em 1980 publica seu trabalho mais conhecido *Que país é este?*.

SCHMIDT, Augusto Frederico. (Rio de Janeiro, 1906 – 1965). Romancista, poeta, editor. Em 1928, publicou suas obras poéticas *Canto do brasileiro* e *Cantos do liberto*. Conviveu com autores modernistas, como Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Em 1931 fundou a editora Schmidt, que publicou obras importantes como *Caetés*, de Graciliano Ramos, e *Casa grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, tornando-se responsável pelo lançamento de alguns dos maiores escritores brasileiros como Jorge Amado, Marques Rebelo, Raquel de Queirós. Entre 1947 e 1964 foram publicados seus livros *O galo branco*, *Paisagens e seres*, *Discurso aos jovens brasileiros*, etc. De 1956 a 1966 foi representante do Brasil na Operação Pan-Americana, delegado do Brasil na ONU, e embaixador na Comunidade Econômica Européia. Publicou inúmeros livros de poesia, reunidos em 1995 em *Poesia completa, organizada por Gilberto Mendonça Teles*.

SILVA, Domingos Carvalho da. (Vila Nova de Gaia, Portugal, 1915 – São Paulo, 2003). Contista, ensaísta, crítico, tradutor e professor no Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Foi um dos fundadores da *Revista brasileira de poesia* (1947). Em 1948, foi secretário do Primeiro Congresso Paulista de Poesia, no qual apresentou a tese *Há uma nova poesia no Brasil*, em que sustentava a existência da Geração de 45, cuja denominação foi por ele criada. Pouco depois, com outros, fundou o Clube de Poetas. Autor de *Bem-amada Ifigênia*, 1943; *Rosa extinta*, 1945; *Espada e flâmula*, 1950 e outras obras.

SOARES, Camilo. (Eugenópolis, MG, 1909 – São Paulo, 1982). Poeta, romancista, contista, jornalista, formado em Direito. Sua primeira contribuição

literária foi publicada no *Mercúrio*, jornalzinho dirigido por Guilhermino César. Foi um dos colaboradores da revista *Verde* de Cataguases. Na época em morou em São Paulo, Camilo correspondia-se com João Cabral de Melo Neto, Vinicius de Moraes, Bueno da Rivera, Emília Moura, Carlos Drummond de Andrade. Trabalhou como redator de verbetes sobre literatura na editora da *Enciclopédia Jackson* e como repórter do jornal *A época*. Escreveu contos para a revista *Manchete*, do Rio de Janeiro. Em vida, só publicou um livro: *O soldado Nicolau* (1970), contudo, há inúmeras obras inéditas à espera de edição: *Rio tonto* (contos); *Ermida* (romance); *As viagens, Diorama para Bueri, Teoremas para Edmor* (poesia) e muitos outros manuscritos sem títulos.

SOUTO, Alexandrino de. Poeta, teatrólogo. Soube, em suas peças curtas, lançar mão de recursos destinados a bem delinear o perfil psicológico de seus personagens. Escreve num estilo agradável, elegante, a um tempo concentrado e fluente, adaptado ao linguajar cotidiano das classes educadas mas sem pedantismo. Publicou *Simplicidade e outros poematos* (1940); *A dança das folhas mortas* (1945); *O espelho e outras peças curtas* (1958), etc.

SOUZA, Afonso Felix de. (Jaraguá, 1925 – Rio de Janeiro, 2002). Poeta, romancista, ensaísta, bancário. Afonso Felix atravessou, incólume, todos os movimentos e tendências literárias após 45. Não fez concessões a nenhum modismo. Encontrou desde logo a forma e a fôrma mais adequadas à sua expressão e nelas se instalou, criando uma obra homogênea, às vezes densa e transparente, tensa e solta. Ganhou vários prêmios literários, autor dos livros: *O túnel* (1948); *Do sonho e da esfinge* (1959); *Do ouro ao urânio* (1969) e outros.

SUSSEKIND, Carlos Mendonça. (Rio de Janeiro, 1899 – 1968). Biógrafo, ensaísta, diplomado em Direito, promotor público, membro da Academia Carioca de Letras. Autor de *História do teatro brasileiro* (1926); *Lúcio de Mendonça* (1934 – biografia com Edgar de Mendonça); *Sílvio Romero – sua formação intelectual 1851-1880* (1938 – biografia) e outros.

TEIXEIRA, Maria de Lourdes. (São Pedro, SP, 1907 – 1982). Romancista, contista, ensaísta, jornalista, membro da Academia Paulista de Letras. Escreveu, entre outros, os romances *Cabra cega* e *Ciranda de pedra*, mas é em *Banco de três lugares* que conta as experiências da juventude com seus conflitos, suas descobertas nem sempre agradáveis, seu nascimento para a vida. Publicou também *Alfeu e Aretusa*, (1950, ensaio); *Graça Aranha* (1951, biografia); *Raiz amarga* (1960, romance) e outros romances.

WERNECK, Ronaldo. (Cataguases, MG, 1943). Poesia, ensaísta, tradutor, jornalista. Editor-fundador de *O Muro*, *SLD* e *Totem*, jornais do movimento de renovação literária de Cataguases e organizador do *Festival audiovisual de Cataguases* (1969-1970), ao lado de Joaquim Branco, Aquiles Branco e P.J. Ribeiro. Trabalhou no Banco do Brasil como redator e editor da *Revista Cacex*. Até 1995, foi Assessor de Imprensa e Editor de textos do CCBB – Centro Cultural Banco do Brasil. Tem poemas, traduções, artigos e ensaios publicados em várias antologias, revistas e jornais, do Brasil e exterior. Livros publicados: *Selva selvaggia* (1975); *Pomba poema* (1977); *Minas em mim e o mar esse trem azul* (1997), *Quatro tempos de mineração* (inédito) e *Cataguases é cachoeira – 100 anos de Humberto Mauro* editado pela Funarte durante o centenário de nascimento do cineasta, em 1997.

ZACH, Jan. (Slany, Tchecoslováquia, 1914). Ingressou na *Academy of Fine Arts* em Praga, capital da Tchecoslováquia, completando os estudos em 1935. Era apaixonado pela arquitetura gótica das igrejas da capital, com seus espaços e luzes, sofrendo desde pequeno influência desses dois conceitos. Em 1939, Jan foi para os Estados Unidos decorar o pavilhão da Tchecoslováquia na Feira Mundial de Nova York. Durante sua estada, Hitler invadiu a Tchecoslováquia e Jan não retornou para casa depois que o pavilhão ficou pronto. Ainda em Nova York, Jan foi convidado para vir ao Brasil para trabalhar. Aqui conheceu a canadense Judith Ella, com quem se casou em 1947. Em 1948, teve os primeiros contatos com Marques Rebelo que na época

realizava exposições das obras do escultor, sendo neste mesmo ano apresentado ao escritor Francisco Inácio Peixoto, que estava construindo uma escola casa projetada por Oscar Niemeyer em Cataguases. Jan foi convidado por Francisco Inácio para fazer um monumento para o Colégio Cataguases. Acabou por fazer em Cataguases várias esculturas, que hoje enfeitam os jardins do Hotel Cataguases e a residência de Francisco Inácio.

ANEXO
DEPOIMENTOS

Francisco Inácio Peixoto

márcia carrano

*Francisco Inácio, usina pessoal de sonhos que se tornam realidade
para voltar depois ao reino escuro de antes do sonho.
Carlos Drummond de Andrade*

Francisco Inácio Peixoto é nome que apresenta: não é para ser apresentado. Como disse Enrique de Rezende¹: "Homenagens há que mais honram aqueles que as tributam do que mesmo aqueles que as recebem". É assim que me sinto quando escrevo ou falo sobre esse escritor da *Verde*: sou quem se beneficia. Por isso sempre tive uma certa reserva para tecer comentários sobre ele. No entanto, saí dessa posição quando me apavorei ao ver, em site da internet e até em enciclopédia, a revista *Verde* e seus componentes serem mencionados, com exclusão do nome de Francisco Inácio Peixoto.

Drummond sabia que "a face límpida do criador vence as mesquinhas contingências do tempo". Foi assim que encerrou o poema de 1979 feito para comemorar os setenta anos do escritor da *Verde*. Sabia também Drummond — possivelmente — que Francisco Inácio Peixoto sempre escondia seu próprio mérito, seu valor incontestável de realizador. Por quê? Talvez por saber o próprio Francisco Inácio Peixoto, bem no fundo de si mesmo, que sua obra era de tal vulto, que "as mesquinhas contingências" um dia seriam vencidas. E já foram? Acredito que ainda não. Por quê? Complicadíssimo responder.

Então só posso mesmo falar um pouco desse homem incomum, de valor inestimável, que conheci no início de minha adolescência e que, desde então, passou a ser uma imagem positiva, exemplo de vida e de lealdade. Antes de ser o que fosse, ele era amor, justiça e verdade. São inúmeras as lembranças que tenho dele: nenhuma tem o mínimo espaço para qualquer resquício de deslealdade ou de mentira. Muito aprendi com doutor Francisco (ele não gostava que o chamasse assim), melhor dizendo, muito aprendemos com ele, todos nós. Mas, de tudo o que me ensinou, o mais importante é o que ficou gravado no coração: a integridade e a capacidade de amar é que dão a medida do valor de um homem.

Cataguases teria sido apenas mais uma cidadezinha de interior, exatamente igual a tantas outras, se nela não tivesse nascido e vivido o grande homem, sensível e realizador, que foi o escritor Francisco Inácio Peixoto.

¹ REZENDE, Enrique. *Pequena história sentimental de Cataguases*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1969, p. 140.

O HOMEM DO CADILAC PRETO

Carlos Sérgio Bittencourt
Teatrólogo

Francisco Inácio Peixoto. Chico Peixoto. Doutor Francisco. Eram os nomes do homem do Cadillac preto, um legítimo “rabo de peixe” dos anos 50. Nomes que eu ouvia e repetia com admiração e até mesmo receio, quando criança e depois aluno do seu Colégio de Cataguases. Mais tarde passou a ser apenas Chicão, com todo o respeito, mas longe dele, que eu não era besta. Quando perto, nas vezes que conversamos, era sempre Doutor Francisco. Sim, a intimidade foi pouca, e isto por culpa minha. Porque era o começo de tudo e eu sabia que alguma coisa especial estava acontecendo quando o vi — eu como aluno e ele como diretor e professor — na primeira aula de Espanhol. De paletó de tweed cinza, cachimbo na mão, postura de lorde inglês. Ali, naquela sala de aula de seu magnífico colégio projetado por Niemeyer e Lúcio Costa, ainda zozinho com o impacto da grife arquitetônica, do cromatismo visual do painel de Portinari, das rampas e corredores sem par, tive a certeza de ver a centelha da oportunidade, aquele momento em que — ainda criança — escolhemos nossa trilha do futuro. O homem e mito diante de mim, embora me intimidasse, foi como uma “chamada geral”, uma “janela” ou o “passaporte proibido” para eu também buscar a ousadia. Naquele exato momento eu sabia que nunca o veria apenas como o pai de Maria Cristina e Isabel, minhas amigas e colegas de classe. Já havia ido na casa delas, ou melhor, adentrado com deslumbramento naquele exemplo de residência modernista de Niemeyer, passeado pelos jardins de Burle Marx, visto os quadros dos mestres nas paredes brancas, tentando entender, pela primeira vez, que cidade é esta do interior mineiro que me oferecia o *agora* e o *ousado* para meu deleite pessoal. Um dia vi sua biblioteca. A biblioteca de um escritor. Um escritor de verdade, com livros publicados e um dos responsáveis pela revista *Verde*, que lançou o nome de Cataguases na história da literatura brasileira. Por isto, diante dele, meu deslumbramento criava uma barreira que me impedia maiores aproximações. Ele, o industrial do Cadillac preto dos meus olhos infantis, era agora o empreendedor, o poeta, o contista, o amigo de celebridades, o homem da *Verde*, um personagem da história, um mito. Além do mais, sua figura austera impunha uma certa distância. Somente uma vez vi aquela aura de homem severo desmanchar-se numa gargalhada ruidosa diante de uma gozação qualquer de seu

amigo Izidro Villas. “Meu Deus, o homem ri”, pensei da forma mais idiota possível, testemunhando uma faceta para mim inusitada daquele homem que agora se contorcia em risadas alegres. Flashes da memória me trazem agora sua presença na platéia da minha peça *Apaguem os lampiões*. Ele compareceu a todas as apresentações, sempre me reservando um abraço comovido no final. Era o abraço do mestre ao discípulo, quando as barreiras se dissipavam e o que ficava era a sensação estranha de orgulho mútuo. Uma sensação que já havia experimentado antes, quando interpretei diante dele e de vários medalhões da cultura da cidade e do País o poema “A Boba”, do Francisco Marcelo Cabral, nosso Chiquinho Cabral, durante o espetáculo *Carta aos Ases*. E depois nosso documentado reconhecimento a ele, quando toda a equipe do jornal literário o *Totem*, capitaneada por Joaquim Branco, entrevistou-o em sua casa, com fotos registrando o encontro da nova geração com o homem que havia detonado o início de tudo, transformando Cataguases numa cidade única no panorama cultural do País. Agora a imagem que fica é a do homem idoso afastando-se apoiado na bengala, na feliz foto de Jorge Napoleão. Naquela cena de melancolia, a poesia da despedida, numa saída de cena chapliniana. Como se ele dissesse, mordaz: “*Estou indo. Quem fica?*”

Ao poeta Francisco Inácio Peixoto

P. J. Ribeiro
Poeta

Lá vem o poeta
nos seus setent ' anos
de vida e poesia
Ao seu lado a filha,
o cachorro, o amigo de sempre.

Lá vai o poeta
no mesmo caminho de todos os dias
olhando pro chão molhado
pra verde grama, pra lama
da terra onde nasceu.

Um homem de setent ' anos.
Um poeta infinito.

De Francisco Inácio Peixoto tenho grata lembrança. Quando menino e estudante no Colégio Cataguases, ganhei algumas caronas no seu *cadillac* preto, sempre com gentileza e desprendimento: quando moço, a boa acolhida aos meus primeiros poemas publicados, e, na sua residência, franqueando a biblioteca a toda e qualquer necessidade na procura de livros de que eu necessitasse na época. Lembro-me especialmente de um – *Subúrbio branco*, de Edgar Braga, de que ele me recomendou a leitura, e de que gostei imensamente. Até hoje busco esse livro nos sebos do país, pois gostaria de possuí-lo.

Chico Peixoto foi a maior herança da *Verde* para todos os cataguasenses, pela sua presença às vezes difícil mas mesmo tempo invariavelmente qualificada.

Joaquim Branco

A HISTÓRIA DE UM MITO CASEIRO

Aquiles Branco

Fico pensando como se formam os mitos em nossa cabeça e aí vem a lembrança de Chico Peixoto. No princípio dos anos 50 eu fazia o admissão com D. Lira Cunha no Colégio Cataguases e as primeiras lembranças era de um homem diferente num carro diferente: um *cadillac* preto que ninguém tinha igual. Fiquei sabendo que ele era o diretor do Colégio e era um escritor: até aí nada. Em 56, quando foi viajar pelos países da Cortina de Ferro (na época), transformou suas impressões desta viagem em um livro chamado *Passaporte proibido*; li e gostei muito. Dai procurei conhecer outros trabalhos dele e consegui emprestado *Dona Flor*, publicado em 1943 e aí se iniciou a admiração. Logo depois, no primeiro ano científico fui seu aluno de Espanhol, iniciando-se um novo estágio na observação daquele homem que usava calça de veludo quando em Cataguases ninguém ousava nada que pudesse chamar atenção de maneira nenhuma.

Agora vejo o quanto ele nos acrescentou de conhecimento, de visão plena para a vida que se nos apresentava: convivíamos com Portinari através do painel da Inconfidência Mineira que passávamos perto para ir para as salas de aula; os professores que lecionavam no Colégio nos incentivavam para olharmos a vida na mesma direção.

Quando descíamos o caminho para casa o jardim da encosta tinha sido projetado por Burle Marx mantido num estado quase selvagem (isto foi nos anos 40 e continua até hoje).

Na parte cultural da informação ela vinha por todos os lados. No cinema Edgard (de um amigo seu) passavam duas vezes por semana, filmes de qualidade tanto do cinema americano quanto do europeu e isto tudo vinha da sua atitude em relação ao conhecimento para que não houvesse barreiras que atravancassem a educação e o saber (sabíamos que também isto tinha “o dedo” dele).

Este era o Francisco Peixoto, causador de todas as coisas boas que Cataguases pensou, mesmo sem saber que ele era o seu principal motivo. Conseguiu juntamente com os irmãos a transformação de uma cidade do

interior mineiro no berço da arquitetura do século XX. Cataguases é por si só uma cidade atípica e para melhor. Temos o respeito de todos pelo Brasil afora.

Uma vez numa de nossas publicações, fiz uma homenagem a ele com um poema gráfico sobre uma bailarina russa que ele viu nos palcos do Bolshoi — GALA. Recebi logo, logo um agradecimento com toda a delicadeza de um bilhete dele.

Porém, era um incompreendido, coisas de gênio. Sempre com um humor difícil ele queria mudar o mundo para melhor. Dono de uma timidez enorme, era o seu maior algoz; achava ter ele ficado em Cataguases para viver foi um erro (graças a Deus, ele errou), e nos dizia nos idos de 1976 numa reunião em sua casa que abandonássemos a terrinha porque ela era tudo o que não se queria ter da vida.

Graças a ele, toda a história da nossa terra está escrita nos anais do mundo e sinto que ninguém amou mais esta cidade.

Marly Carrano de Castro

19/10/2003

Nunca fui de ler muito, mas quando tive oportunidade de um contato maior com Dr. Francisco passei a me interessar pela leitura.

Emprestava-me sempre livros. *Memórias de cárcere* foi um dos primeiro. Levava-os sempre na sua “variant” branca dirigida por Lourival acompanhado de seu cão “Catapora”. Estacionava o carro, perto de minha residência e seu auxiliar levava os livros para mim. Lia-os, em poucos dias e ligava para ele. Sentia que ficava feliz e me enviava mais. Não me esqueço do dia que li a vida de “Van Gogh” e de meu rosto coberto de lágrima.

Esse período intensivo de leitura, só me foi possível devido à preparação anterior que recebi dele, quando comentava sobre os livros e os autores, de uma maneira simples e profunda, mas que me motivava. Hoje ficaria decepcionado comigo...

Comentou muito sobre *Em busca do tempo perdido* de Proust. Falou-me dos biscoitos “Madeleine”, sobre a memória gustativa do autor. Incentivou-me tanto que fui adquirindo os volumes aos poucos, pois ele os tinha, mas não traduzido. E mergulhei na emoção da leitura dessa obra.

Raul de Leoni era muito lembrado por ele. Fiquei conhecendo um pouco de suas poesias, como: *História antiga*, *Adolescência*, *Legenda dos dias*, *Diálogo final*.

Comentou comigo , depois de muito tempo, que teve receio de minha reação, quando começou emprestar-me certos livros mais realistas, pois sabia que não estava acostumada a esse tipo de leitura.